

CAÇADORES DE DEUSES

Wanju Duli

2020

Sumário

Capítulo 1: Deus e Príncipe.....	5
Capítulo 2: Mosteiro dos Deuses.....	103
Capítulo 3: Torneio dos Deuses.....	207
Capítulo 4: DAL.....	312

Capítulo 1: Deus e Príncipe

Eu tenho dois segredos que estão prestes a ser desvendados.

O primeiro segredo não é tão terrível e nem tão secreto. Diz respeito ao meu nascimento: sou da família real. O filho único do rei e da rainha do meu reino.

Muitos que moram no castelo sabem que eu sou o príncipe. Pelo menos algumas dezenas de pessoas, que juraram guardar segredo.

E por que elas precisam guardar segredo? Isso diz respeito ao meu segundo segredo, que é mais perigoso.

No meu mundo existem Deuses. Eles não são invisíveis e não estão no céu. Os nossos Deuses são pessoas de carne e osso.

Ninguém sabe ao certo quantos Deuses existem. Todo ano são eleitos os dez Deuses mais poderosos do mundo numa organização chamada DAL: os Deuses Acima da Lei. Então é razoável supor que existem pelo menos algumas dezenas de Deuses. Há quem fale em centenas.

Alguns Deuses ficam adormecidos por anos ou décadas em artefatos, sem encarnar em novos corpos. Mas o normal é que, cada vez que um Deus morre (ou um corpo que ele usa morre), ele busca um novo corpo para entrar.

Porém, Deuses só entram em fetos que ainda estão na barriga da mãe. Isso significa que, se você desejar que seu filho seja um Deus, você precisa matar outro Deus e realizar um ritual especial com a carne, o sangue e os ossos da pessoa morta.

Minha mãe fez isso. Ela era uma maga muito poderosa e foi capaz de matar um Deus. Porém, o preço do nascimento de um Deus é muito alto: ele necessariamente mata sua mãe ao nascer.

Esse foi meu destino: matei minha mãe no parto.

Ser um Deus não é nada simples. Cada corpo reage de uma forma diferente e o meu reagiu com violência.

Era como se meu corpo rejeitasse desesperadamente aquela presença estranha dentro de mim. Por isso, desde bebê eu

sempre fui muito frágil. O potencial do Deus dentro de mim era tão poderoso que meu corpo não conseguia suportar.

Os médicos que me atenderam quando eu era bebê não entendiam o que havia de errado comigo. Por isso, meu pai teve que confidenciar a eles que eu era um Deus.

Os médicos juraram guardar segredo. Nos meus primeiros anos de vida eu sempre permaneci trancado dentro do meu quarto. Sempre doente, sempre fraco.

Eu e a doença somos amigos íntimos. Sempre convivi com ela. A doença nunca me deixou e talvez jamais me deixará.

Ouvi falar que os outros Deuses experimentam algo parecido, mas nenhum é exatamente igual ao outro. Não posso afirmar, pois até então nunca tinha conhecido outro Deus pessoalmente. Num mundo tão grande, se existirem apenas dezenas ou mesmo centenas de Deuses, ainda é um número muito pequeno para tropeçarmos um no outro por aí.

E tem mais: os outros Deuses geralmente também ficam escondidos, por motivos óbvios: todos querem matá-los.

E por que querem matá-los? Pelo mesmo motivo que minha mãe matou um Deus: para roubar o poder deles e colocar num feto. Para ter um Deus para si.

Eu nunca aceitei isso bem. Para mim já é ruim o bastante ser um príncipe, porque eu me sinto diferente das outras pessoas. Mas ser um Deus é ainda pior.

Não é raro que pessoas tentem sequestrar ou matar pessoas da realeza, por dinheiro ou poder. Então um príncipe normalmente já precisaria de guarda-costas.

Mas o meu caso é ainda mais extremo, pois há muito mais gente por aí tentando matar um Deus do que um mero príncipe.

Há muitos reinos no meu mundo. Há centenas de príncipes e princesas por aí, até porque as famílias reais costumam ser numerosas para garantir um sucessor de sangue no trono.

Porém, há um número limitado de Deuses. Eles não são construções humanas e sua existência não depende da vontade humana.

Diferente de outras famílias reais, sou filho único porque minha mãe morreu no parto e meu pai não quis se casar novamente.

Guardo por meus pais uma relação de amor e ódio. Por que minha mãe quis matar e morrer para ter um filho Deus? Meu pai disse que minha mãe era muito religiosa e que esse era seu sonho. Nunca aceitei essa resposta.

Meu pai parece ter muito orgulho porque sou um Deus. Ele é obcecado por mim, por vários motivos: sou seu primogênito e seu filho único; tenho em mim a carne da minha mãe, a mulher que ele amava; sou o sonho da minha mãe, um filho Deus.

Eu odeio tudo isso. Odeio ter essa doença divina e isso é claramente culpa dos meus pais. Provavelmente eles não sabiam que eu ia ficar doente como efeito colateral da minha divindade. Entendo que eles queriam o melhor para mim.

Mas eu só queria ser uma pessoa normal. Essa é a única coisa que não sou.

Ser um príncipe já me torna anormal. Ser um Deus me torna quase um monstro.

As pessoas admiram e invejam os Deuses, mas também os temem. É um poder desconhecido e imprevisível, até mesmo para mim.

Até meus onze anos eu fiquei completamente trancado no castelo. Eu não saía nem mesmo do meu quarto. Eu recebia comida na cama e tinha aulas com professores particulares.

Meu castelo tem cinco andares. Meu quarto fica no quinto andar e até os onze anos eu ainda não havia sequer conhecido os outros andares do castelo. Eu conhecia meu quarto, o banheiro e no máximo já tinha andado pelo corredor e avistado de longe outros aposentos da casa.

É verdade que meu quarto é bem grande, bonito e confortável. Tenho tudo lá, principalmente muitos livros.

Mas eu queria conhecer o mundo. Não é óbvio? Eu não conhecia nem mesmo os outros andares do meu castelo. Queria poder ao menos andar pela minha cidade.

Eu só via imagens da minha cidade em livros. Eu escutava as histórias que meus professores contavam e me maravilhava.

Meu pai não respondia muitas das minhas perguntas, então eu tentava obter mais pistas conversando com os professores. Alguns respondiam o que eu queria saber, mas outros não.

Os livros foram uma vasta fonte de informações, mas raramente falavam sobre os Deuses. Eu queria saber quem eu era.

— Vossa Alteza não precisa conhecer o mundo — disse meu professor — não é um lugar tão interessante quanto parece.

— Não importa — eu disse — não quero ficar preso aqui para sempre.

— Sua saúde é muito frágil.

— Prefiro sair e morrer do que viver para sempre nessa prisão.

— Vossa Alteza é um Deus — dessa vez meu professor baixou a voz — seu corpo ainda está se adaptando à presença do Deus.

— Se eu continuar trancado aqui, sem pegar sol, sem me exercitar e sem ter amigos, vou ficar mais doente ainda — observei.

— Se sair, poderá ser morto — disse meu professor, com seriedade — sabe bem como seu corpo é valioso. Até mesmo uma gota do seu sangue tem potencial mágico extraordinário. Imagine quantos magos iriam querer roubar seu sangue, sua carne e principalmente seus ossos!

Eu suspirei fundo.

— Mestre Davu — pronunciei.

— Sim, Vossa Alteza.

— Eu admiro o senhor. É muito sábio. Mas o senhor já tem uma longa barba branca e muitas rugas. Quantos anos tem, se posso perguntar?

— Noventa e seis.

— Eu entendo que o senhor ache que o mundo não é um lugar interessante — observei — porque você já o viu muitas vezes. Mas eu ainda não vi nenhuma.

— Não está perdendo nada. É normal que crianças tenham curiosidades tolas, com todo o respeito. É papel dos adultos direcioná-las para as coisas certas.

— Quais são as coisas certas?

— Poder — respondeu Davu, erguendo as sobrancelhas — sua mãe, a rainha, morreu para dar-lhe esse poder. Não o desperdice.

Meu pai e meus professores pareciam achar que eu seria morto assim que botasse um pé para fora do castelo. Ou mesmo se ousasse conhecer os outros andares, já que eles não confiavam em todos os funcionários do castelo.

Era assustador pensar que alguns funcionários já trabalhavam e inclusive moravam no castelo desde antes de eu nascer e jamais tinham me visto.

Havia os mais variados rumores. O mais popular era que eu era apenas uma criança doente e fraca que jamais levantaria da cama. O príncipe nasceu com o coração e com os pulmões fracos. Provavelmente não viveria muito e nem chegaria até a idade adulta.

Desde criança eu escutava que eu morreria. Os médicos não estavam acostumados a cuidar de Deuses e não sabiam bem como meu corpo funcionava. Vários deles diziam que eu não suportaria a presença do Deus em mim e morreria logo.

Como eu tinha sobrevivido até os onze anos e passei pelas etapas mais dolorosas e desafiadoras da minha doença, meu pai já não acreditava que o Deus dentro de mim me mataria. Ao contrário, ele estava mais preocupado com os caçadores de Deuses lá fora.

“Caçador de Deus” era um termo real. Inclusive, era uma profissão. Havia centenas de pessoas que dedicavam a vida exclusivamente para caçar e matar Deuses. Mesmo que não fossem poderosos o suficiente para matá-los, eles queriam pelo menos cortar uma perna ou um braço de um Deus. Qualquer parte nossa geraria artefatos mágicos poderosíssimos. Apenas um dedo ou uma gota de sangue já valia milhões.

Ou seja, eu era uma mina de ouro ambulante. Meu pai sempre ficava junto quando um médico me consultava, pois ele tinha medo que um deles roubasse uma gota do meu sangue para vender. Meu sangue era valioso.

É claro que isso me deixava com medo. Eu não queria que minha mãe tivesse me tornado um Deus. Minha vida não teria mais paz.

Se como príncipe já seria complicado sair pela cidade sem guarda-costas, como Deus eu seria constantemente visado. Minha vida estava condenada, desde o começo. Não era uma bênção e sim uma maldição.

— Não se preocupe, filho — dizia meu pai — você é um Deus. Isso significa que um dia será muito poderoso. Não precisará temer os caçadores de Deuses, pois você terá poder para matá-los.

— Então como foi que minha mãe matou um Deus? — perguntei.

— Porque sua mãe era uma maga poderosa e famosa — explicou meu pai — você está destinado a ser um dos Deuses mais fortes porque eu contrato os melhores magos do reino para treiná-lo.

Além dos professores que me ensinavam disciplinas convencionais, como matemática, história, geografia e idiomas, eu também tinha professores magos que me ensinavam magia.

No começo meu pai guardou segredo dos magos que eu era um Deus, mas eles não eram bobos. Eles sentiam algo diferente e estranho em mim.

Essa era outra razão para preocupação: era possível guardar segredo de leigos que você era um Deus. Mas era difícil enganar magos experientes. Até porque eu ainda era uma criança e não sabia bem esconder meu poder.

Essa foi uma das coisas que meus professores magos me ensinaram: como ocultar meu “cheiro” de Deus. Como esconder minha energia. Afinal, esse era um dos poderes mais importantes que eu precisava adquirir se tinha esperança de um dia pisar no mundo lá fora.

Por isso eu me esforcei tanto para dominar essa técnica: porque eu queria sair.

Até os onze anos, eu jamais havia visto uma mulher de carne e osso. Nunca tinha sequer escutado a voz de uma. Eu só tinha contato com meu pai, médicos, professores e magos, todos homens. Eu nunca tinha sequer visto outra criança, pois os meus professores mais novos tinham pelo menos uns vinte e poucos anos. Eu não sabia como eram outras crianças ou adolescentes.

A única pessoa que me tratava de maneira mais informal era meu pai. Mas mesmo ele parecia ter certa reverência em relação a mim, por eu ser um Deus. Isso era um pouco desconfortável. Ele me tratava como se eu estivesse acima dos seres humanos comuns.

Imagine então como me tratavam meus médicos e professores. Eles já me chamavam de “Vossa Alteza” porque eu era príncipe. Mas não era só isso. Muitos pareciam ter medo de mim, porque eu era Deus. Alguns me tratavam como se eu fosse um alienígena, um monstro, um ser bizarro, principalmente os médicos.

Os médicos ficavam sempre muito surpresos com os resultados esquisitos dos meus exames. Claramente aquilo não era normal. Havia algo de errado comigo. Eles não sabiam como resolver o meu problema e também se sentiam cansados e tristes, como se meu caso não tivesse mesmo solução.

Uma vez um médico acidentalmente me cortou e meu sangue pingou no chão. O sujeito parecia um fantasma, de tão apavorado que ficou. Ele até ajoelhou-se no chão para implorar o perdão do meu pai.

O meu pai, o rei, era superprotetor. Isso já deve ter ficado claro. Minha mãe morreu para me tornar um Deus, então ele queria preservar minha vida a qualquer custo, para honrar o sacrifício dela.

Ele controlava minha vida em todos os aspectos. Proibia-me de sair do quarto. Sempre verificava se não havia veneno na minha comida. Era uma verdadeira obsessão.

Nem preciso dizer que eu era cheio de problemas psicológicos. Uma criança de onze anos devia estar brincando lá fora no sol, praticando esportes e se divertindo com os amigos. Mas eu era sozinho.

Meu pai tinha os problemas do reino para resolver e me via pouco. Então eu passava mais tempo com meus professores.

Alguns dos meus professores temiam meu pai ainda mais do que a mim e jamais ousariam desobedecê-lo. Então é claro que nenhum deles me ajudaria a fazer algo impensável como escapar do castelo.

Meus professores magos costumavam me fitar com um terror semelhante ao que os meus médicos me fitavam. Enquanto os médicos mediam a estranheza do meu corpo físico, os meus professores magos mediam a estranheza da minha energia espiritual.

Eu notava que alguns dos magos não somente me temiam, mas me invejavam. Aquilo era irritante, pois eu trocaria de lugar com qualquer um deles.

O meu pai tinha todo o cuidado para escolher médicos, professores e magos confiáveis. Todos eles passavam por um rigoroso processo de seleção, que incluía entrevistas e testes.

Eu odiava tudo aquilo. Eu sentia que nenhum professor me tratava de forma normal. Alguns me temiam ou invejavam. Outros pareciam sentir pena de mim, por eu ser tão doente e solitário. Talvez o que mais me enfurecesse fosse a pena.

Perdi a conta de quantas vezes chorei sozinho à noite no meu quarto e amaldiçoei meu destino.

De todas as pessoas que conheci até meus onze anos trancado no castelo, a que mais gostei foi um dos meus professores de magia. Ele se chamava Ekon e era meu professor mais novo: tinha apenas vinte e um anos. Nossa diferença de idade era de somente dez anos, o que nos aproximava.

Mas não era só isso. Ekon tinha uma personalidade jovial e mais descontraída. Ele me tratava com respeito, mas não era um robô como os outros. Não parecia ter medo de mim. Também não sentia inveja ou pena. Ele me tratava como eu imaginei que

ele tratasse outros de seus alunos. Ele falava normalmente, como meu pai, ou como imaginei que uma pessoa normal deveria falar.

Ele não parecia estar fingindo na minha frente. Não agia de forma exagerada ou estranha. Não era excessivamente familiar e nem frio. Era apenas... normal. E era isso que eu gostava nele.

Ekon sorria bastante, mas não era um sorriso forçado. Ele parecia gostar genuinamente de magia e passava essa paixão em suas lições.

Quando eu era mais novo, achava aborrecedor aprender magia. Era mais uma obrigação desagradável, como aprender matemática ou história.

Mas Ekon me ensinou a gostar. Ele não me dava aqueles discursos moralistas e chatos dos adultos, de que eu devia aprender magia porque ela tinha alguma utilidade maior: para me proteger, por exemplo.

Ekon gostava de magia porque a achava divertida, bela e fascinante. Isso era o bastante.

Eu me sentia mais à vontade para fazer perguntas para ele. Ou mesmo para questionar coisas que não tinham nenhuma relação com as aulas.

Eu já tinha experimentado fazer perguntas para outros professores, mas quando eu via que eles tinham medo de responder e aborrecer meu pai, eu desistia.

Ekon respeitava meu pai, mas não parecia ter medo dele. Não sentia que estava fazendo algo errado ao responder minhas perguntas.

Eu também não queria perguntar nada que não devia, pois eu gostava de Ekon e não queria prejudicá-lo. Então nossa relação era bastante cordial.

— Você já conheceu outros Deuses? — perguntei.

Eu não o chamava de “senhor” como eu fazia com os outros professores. Também pedi para que Ekon não me chamasse de “Vossa Alteza”, porque eu achava um saco. Aquele era um pequeno acordo entre nós e ninguém mais precisava saber disso.

— Não — respondeu Ekon — você é o primeiro.

— Está desapontado? — perguntei.

— Não — falou Ekon — sua energia é bem interessante. Seu futuro parece promissor.

— Por que aceitou esse emprego?

— Eu precisava de dinheiro — sorriu Ekon.

— Então você é como os outros — brinquei — que decepção!

— Bem, eu acabei de me formar na universidade de magia — explicou ele — era uma universidade cara e estou com algumas dívidas. Nem todos nós nascemos príncipes.

— Infelizmente o dinheiro não é meu, mas do meu pai — falei — porque se fosse meu, eu te daria todo o dinheiro que você precisa para quitar todas as suas dívidas agora mesmo.

— Eu agradeço. Mas não se preocupe com isso. Se der tudo certo, em poucos anos minha dívida será quitada e estarei livre.

— E o que fará depois? — perguntei, curioso.

— Tentarei um cargo de professor de magia em alguma universidade.

— Só isso? — perguntei, desapontado — não tem outras ambições? Como viajar pelo mundo?

— Viajar seria legal — disse Ekon — na verdade, eu já viajei um pouco, mas não fui muito longe. Não visitei terras exóticas, mas apenas algumas cidades próximas.

— E como foi? — fiquei interessado — são muito diferentes daqui?

— Não muito — disse Ekon — o ser humano no fundo é igual, não importa para onde se vá.

— Você parece Davu falando — falei.

— Quem é esse?

— Meu professor de matemática de 96 anos. Ele ama matemática, mas não parece muito interessado no mundo lá fora. Ele gosta mais do mundo dos números.

— Eu gosto do mundo da magia — disse Ekon — não preciso viajar muito longe para experimentar magia. Há magos poderosos aqui no reino também. Eu gosto de viajar, mas não é exatamente um sonho.

— Eu não diria que tenho exatamente o sonho de viajar — confessei — o meu único sonho é sair desse castelo. Por enquanto, até visitar o andar de baixo parece um sonho distante.

— Não é muito diferente desse andar aqui.

— Sabia que você ia dizer isso. É o que todos falam. Por que todos querem me convencer a permanecer trancado?

— Você sabe que seu pai só está preocupado com sua segurança, certo?

— Eu entendo isso — falei — odeio ser príncipe. Mas, acima de tudo, odeio ser Deus. Aposto que os outros príncipes não ficam trancados.

— Mas não é incomum que príncipes tenham aulas particulares no castelo.

— Ouvi falar que alguns príncipes podem ter aulas em colégios para nobres se desejarem. Eu já pedi isso para meu pai, mas ele não deixa.

— Você sabe que pode aprender mais com aulas particulares — disse Ekon — então por que prefere ter aulas numa turma com outras pessoas? Os nobres que matriculam os filhos nesses colégios às vezes o fazem porque não têm dinheiro para pagar professores particulares.

— Eu só quero uma desculpa para sair de casa — confessei — não estou tão curioso assim para ter aulas lá fora. Mas não seria ruim conhecer outros meninos da minha idade. E meninas. Como elas são?

— Quem?

— Meninas, mulheres. Nunca vi uma.

— Sério? — perguntou Ekon, surpreso.

Senti-me um pouco constrangido. Eu não gostava muito do olhar que meus professores me lançavam quando eu revelava fatos embaraçosos como esse. Isso me fazia parecer ainda mais um ser alienígena e digno de pena.

— Mulheres são legais — Ekon respondeu apenas — a voz é agradável. Os cabelos, os vestidos, é bom de ver. Algumas também usam perfumes.

— Só isso? — perguntei — Ekon, eu já li centenas de livros nesses últimos anos. Sei muito sobre mulheres, ao menos teoricamente. Não é possível que isso seja tudo o que há para saber.

— O corpo delas é diferente do nosso — disse Ekon — já viu desenhos em livros?

— Um pouco.

— Então você sabe. Tem alguma pergunta?

Parei para pensar.

— Você tem namorada? — perguntei.

— No momento não — ele respondeu — mas já tive.

— É bom amar? — perguntei — quero dizer, estar junto com uma pessoa. Sentir-se amado.

— É bom.

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Há mulheres aqui no castelo — observou Ekon — nem mesmo elas você viu?

— Não.

— Quer que eu chame uma nesse andar enquanto você observa escondido?

Fiquei surpreso com a sugestão. Era raro que Ekon me sugerisse fazer coisas proibidas.

— Não quero colocá-lo em risco — falei — se meu pai descobrir, ele irá demiti-lo.

— “Demiti-lo” é um termo muito gentil — Ekon sorriu — você quis dizer que ele vai mandar me matar.

— Há esse risco — confessei — mas acho que meu pai não é esse tipo de pessoa. Você teria que me ajudar a fugir do castelo para ser morto. Não acho que ele te puniria tanto por apenas me mostrar uma mulher de longe.

— Foi apenas uma sugestão. A escolha é sua. Estou disposto a assumir o risco. Acho que seria divertido. A questão é se você está disposto a assumir. Não é exatamente algo que colocará sua vida ou identidade em risco, não concorda?

Aquilo era verdade. Ninguém iria me matar com aquele ato tão simples. Além do mais, eu iria me esconder.

Ao descobrir aquele lado rebelde em Ekon, também descobri o meu.

— Tudo bem — eu disse — eu topo. Irei me esconder aqui no meu quarto. Você a chama para o corredor. Mas não deixe que ela chegue perto.

— Está com medo? — brincou Ekon.

Naquele momento, confesso que senti raiva. Não gostei de ver Ekon me tratar como um idiota.

Acho que Ekon percebeu a minha raiva, pois seu sorriso imediatamente se apagou.

— Não se preocupe — ele garantiu — ela vai ficar bem longe. Eu já volto.

Ele saiu do quarto.

Alguns segundos depois, meu coração acelerou. Aquela não era apenas uma brincadeira inocente.

E se meu pai flagrasse Ekon? E se ele o matasse? Ekon era o mais próximo de um amigo que eu tinha naquele inferno. Eu não queria perdê-lo.

Mas não tive muito tempo para ter arrependimentos. Pouco tempo depois, escutei uma voz feminina no corredor. Ou o que imaginei ser uma voz feminina, pois já tinham me dito que na maior parte das vezes a voz delas era mais aguda e meio diferente. O que ouvi pareceu se encaixar na descrição.

— Eu não posso vir para o quinto andar! — a voz era meio sussurrada — Sua Majestade não permite mulheres aqui!

— É bem rápido — disse Ekon.

Ainda dentro do meu quarto tentei espiar, mas era difícil enxergar. Estava muito longe. Inicialmente, vi apenas um vulto.

— Por favor, me acompanhe — pediu Ekon.

— Mas o que você quer? — a voz dela era um misto de preocupação e irritação — se me pegarem aqui, eu vou ser demitida!

— Fique aqui por um momento. Sim, aqui está ótimo. Prometo que será bem rápido.

Daquele ângulo consegui avistar a mulher, embora ainda estivesse meio longe. Ela vestia um tipo de uniforme e tinha os

cabelos presos num rabo de cavalo. Parecia ter entre vinte e trinta anos.

Meu coração acelerou. Foi um pouco emocionante, pois parecia que eu estava vivendo a história dos personagens dos livros que eu lia. Até aquele momento, mulheres eram apenas lendas distantes dos meus livros. Então elas existiam mesmo.

Não que um dia eu tivesse duvidado. Mas era sempre incrível ver mais uma prova de que havia mesmo um mundo lá fora, diferente do meu.

— Lá embaixo tem muita gente e eu queria conversar com privacidade — explicou Ekon — só queria dizer que estou apaixonado desde a primeira vez que te vi aqui no castelo.

Meu queixo caiu. Eu estava preocupado que Ekon tivesse problemas em inventar uma desculpa para trazê-la para o quinto andar. Mas que diabos?

Ela não disse nada num primeiro momento.

— Como é? — ela perguntou, ainda sem acreditar.

— É sério — insistiu Ekon — eu juro. Você é linda. Como é seu nome?

— Maha — ela respondeu, ainda aturdida.

— Meu nome é Ekon. Sou professor de magia do príncipe.

— Do príncipe...? — ela ficou surpresa — ele está doente, não está? Sua Alteza está bem?

— Você quer mesmo conversar sobre isso agora? — perguntou Ekon.

Ele aproximou o rosto, como se fosse beijá-la. Eu me apavorei. Pude imaginar a cena seguinte, em que ela daria um tapa na cara dele, como acontecia nos livros.

Para meu espanto, o tapa não veio. Ela aproximou o rosto também, aceitando o beijo.

Aquilo não podia ser real. Cenas assim não aconteciam na realidade. Apenas nos livros, certo?

Ali estava um mundo que eu desconhecia. Era demais para mim. Eu tapei a boca com a mão. Estava me segurando com todas as forças para não emitir nenhum som. Ela não podia saber que eu estava olhando.

Ekon não era feio. Ela não era feia tampouco. Imaginei que Ekon fez aquilo para me proporcionar um pequeno espetáculo. Fiquei agradecido, mas ele estava se arriscando demais por minha causa. Aquilo me preocupava.

Eles continuaram se beijando por algum tempo. Eu não conseguia desviar os olhos. Senti algo estranho.

Até que ela o afastou gentilmente.

— Preciso ir — ela disse.

— Está certo — ele disse — conversamos depois?

Ela não respondeu. Apenas desceu as escadas com pressa.

Ekon foi até o meu quarto tranquilamente, com um grande sorriso no rosto. Eu também não conseguia parar de sorrir.

— Não acredito...! — foi a única coisa que consegui dizer.

Pensei que eu conhecia Ekon. Ele era meu professor há um bom tempo.

Naquele momento, vi meu professor de magia com um novo olhar. De repente, ele se tornou o herói galã dos livros que eu lia. Eu nunca o havia visto desse jeito.

Quando ele voltou para meu quarto, consegui pronunciar mais algumas palavras.

— Não sabia que você era tão corajoso — observei.

— Nem eu — confessou Ekon — inventei essa história na hora.

— Foi na hora mesmo? — perguntei, impressionado.

— Sim, quando estava na frente dela. Estava pensando em inventar que algo estava quebrado ou sujo para fazê-la caminhar até o fim do corredor, mas não pude pensar em nada. Essa foi a melhor forma que botei para mantê-la ali parada por algum tempo. Para que você pudesse enxergá-la.

— Acabei vendo mais do que você pretendia. Então você não gosta dela? Era tudo mentira?

— Eu nem a conheço! — Ekon riu — desci para o quarto andar e a escolhi porque estava mais perto. Mas ela é bonitinha. Eu me diverti com esse beijo.

Fiquei sem palavras. Meu coração ainda estava disparado.

— Eu o ofendi? — perguntou Ekon, meio preocupado —
passei do ponto?

— Não é bem isso — respondi — só não sei se eu estava
preparado para ver. Foi inesperado.

— Imagino. Você nem mesmo esperava ver uma mulher
hoje. E acabou vendo tudo isso. Me desculpe.

— Não precisa se desculpar. Foi um dia interessante.

Mas não foi interessante o que aconteceu depois.

Um funcionário do castelo viu quando Ekon chamou Maha
para ir até o quinto andar e os denunciou. Meu pai não mandou
matar ninguém, mas demitiu os dois no ato.

Fiquei arrasado. Não sabia que a demissão de Ekon mexeria
tanto comigo.

Eu não fiquei triste somente por ele, mas por ela também.
Eu sabia que a culpa era de Ekon. Ele teve a ideia, ele a
executou.

Ainda assim, ele fez aquilo por mim. Então mesmo que eu
não tivesse culpa, senti um pouco de dor.

Meu pai foi conversar comigo depois de tudo. É claro que
ele reconheceu que a culpa foi de Ekon. Ainda assim, ele
entendeu que eu apoiei a história toda e não gostou.

Aproveitei para fazer um drama na frente dele. Eu chorei.
Fazia muito tempo que eu não chorava na frente do meu pai.
Achei que era um bom momento, para tentar comovê-lo.

— O senhor expulsou o meu melhor professor! — exclamei
— ele era uma das únicas razões para eu aguentar essa vida
miserável. Não tenho mais motivos para viver essa vida maldita.
Eu vou me matar!

Eu jamais tinha ameaçado tirar minha própria vida antes.
Percebi que aquilo assustou meu pai de verdade.

Afinal, ele só me mantinha preso no meu quarto para tentar
preservar minha vida. Se eu mesmo a tirasse, seria tudo em vão.

Ele levou a sério o que eu disse. Não achou que eu estava
apenas fingindo, para chantageá-lo.

Qual era a verdade? Eu não estava pensando seriamente em
me matar, mas senti vontade de dizer aquilo. Porque eu estava

realmente desesperado. Mesmo que eu não me matasse, eu estava pensando em fazer algo para assustá-lo, como derramar um pouco do meu precioso sangue, que valia ouro.

— Está bem — disse meu pai — o que você quer?

Ele estava disposto a negociar. Eu precisava aproveitar.

— Quero estudar numa escola normal — respondi — posso ter escolta na ida e na volta. Não me importo de continuar preso no castelo no resto do tempo. Só quero poder sair para as aulas durante a semana.

Ele pareceu pensar no assunto. Fiquei surpreso. Não imaginei que ele consideraria seriamente meu pedido.

— Então faremos isso — ele disse, por fim.

— Mesmo? — perguntei, sem acreditar.

— Seus professores de magia me disseram que você já consegue ocultar sua energia de Deus de forma satisfatória — disse meu pai — então ninguém lá fora vai desconfiar que você é Deus. Talvez nem mesmo um mago poderoso.

Quanto a isso eu não tinha certeza. Mas é claro que eu não iria argumentar.

— Além do mais, seus exames médicos estão estáveis — proseguiu meu pai — você está menos doente do que no ano passado. Sente-se bem para sair de casa?

— Sim, eu me sinto muito melhor.

Aquilo era uma mentira. Eu me cansava facilmente e sentia falta de ar. Além disso, não era raro que eu tivesse dores de cabeça, dores no corpo e outras sensações desconfortáveis.

Mas eu não podia revelar isso. Naquele momento meu pai precisava acreditar que minha saúde estava melhor e que eu era um mago capaz de ocultar minha energia de Deus.

— Apenas me prometa uma coisa — disse meu pai — você não irá revelar para ninguém que é um Deus. Nem mesmo para amigos íntimos.

— É claro que não — falei, como se fosse óbvio — eu sei que minha vida está em jogo.

Além do mais, eu não acreditava realmente que eu faria amigos nessa escola. Passei minha vida toda isolado e imaginei

que eu seria um aluno extremamente tímido e não teria coragem de falar com ninguém.

— É melhor você também não contar que é príncipe.

— Por que não? Eles vão descobrir cedo ou tarde.

— Esconda enquanto puder.

— Por que tudo isso?

— Para a sua proteção — disse meu pai — se alguém descobrir que você é príncipe e Deus, saberá exatamente onde te encontrar. Todos sabem onde fica o castelo. Se descobrirem que você é Deus mas não souberem que é um príncipe, basta retornar para seu quarto e estará seguro.

Eu não concordava totalmente com aquela lógica, mas se aquele era o preço de obter permissão para sair, resolvi obedecer.

Eu não queria ser chamado de mentiroso. Mas o que eu podia fazer? Eu definitivamente não suportava mais permanecer preso no castelo.

— Pai — eu baixei os olhos — todos morrem um dia. Do que você tem tanto medo?

— Eu já perdi sua mãe. Não quero te perder também.

Eu sabia que era isso.

— Isso é muito injusto — falei — ter todo esse peso em cima de mim. Se ela não tivesse feito isso...

— Se ela não tivesse feito, não seria sua mãe — concluiu meu pai — ela sempre foi assim: corajosa, aventureira, pronta a morrer por uma causa em que acreditava. Por isso eu a amava e ainda amo.

— Não tentou impedi-la?

— Nenhum ser no mundo seria capaz de pará-la.

— Eu sou um Deus — lembrei — um dia ninguém será capaz de me parar também. Nem mesmo você.

— Não me importo. Só quero que fique vivo até lá.

— Acho que há outras coisas mais importantes do que meramente ficar vivo.

— Você fala como sua mãe. É mesmo filho dela.

Ele falou aquilo com uma pontada de orgulho. Não me corrigiu.

Eu não entendia meu pai. E nem queria entender.

Ficou acertado que eu começaria a frequentar a escola dali alguns dias.

Meu pai não foi pessoalmente me matricular, é claro. Afinal, ele era o rei e todos o reconheceriam. Ele mandou um nobre do castelo fingir ser meu pai. Ele me matriculou como se eu fosse um nobre qualquer e não um príncipe.

É claro que meu pai me matriculou na melhor e mais cara escola do reino. Portanto, todos os meus colegas seriam gente rica da nobreza, todos com títulos.

Aquilo não me importava nem um pouco. Eu não conhecia outras crianças ou adolescentes, nem ricos e nem pobres. Eu só queria sair um pouco de casa.

Finalmente chegou meu primeiro dia. A tão aguardada segunda-feira.

No dia anterior, um funcionário do castelo encheu meu cabelo de trancinhas. O meu cabelo era longo, mas como eu só permanecia no meu quarto nem sempre eu cuidava tanto do meu cabelo.

Agora era diferente. Eu sairia para o mundo pela primeira vez.

Eu tinha a pele negra bem escura, como meu pai. Olhos negros, cabelos negros e crespos. Em geral, pessoas da realeza e da nobreza tinham a pele mais escura. Era um sinal de status. Inclusive, diziam que quanto mais escura sua pele maior era sua aptidão para o poder mágico. Não cheguei a debater longamente essa questão com meus professores, mas seria interessante saber a opinião das pessoas de fora sobre isso.

Inclusive, havia o boato de que quase todos os Deuses que faziam parte da DAL, a Ordem dos magos mais fortes do mundo, tinham a pele negra bem escura, o que aticava a imaginação das pessoas para confirmar a teoria. Outros diziam que os negros da nobreza tinham mais dinheiro para mandar matar um Deus e roubar o poder deles. As teorias variavam.

Teoricamente, eu vivia no melhor dos mundos: era negro, príncipe e Deus. O que poderia dar errado? Sem dúvidas eu já chamaria atenção pela minha aparência ligeiramente exótica. Ficaria um pouco na cara que eu vinha de família rica só por causa da minha cor e das minhas vestes, mas afinal, todos no meu colégio viriam de famílias ricas. Portanto, achei que eu não deveria me preocupar.

O espetáculo já começou às cinco da manhã de segunda-feira. Tomei um banho e vesti o uniforme emperquitado do colégio. Fiquei tão nervoso que nem consegui dormir direito naquela noite.

Eu ia ver pessoas. Dezenas, centenas delas. Inclusive meninos e meninas da minha idade. Aquilo era surreal.

A primeira parte emocionante do dia começou quando eu desci para o quarto andar pela primeira vez na vida. Eu nunca tinha descido escadas antes. Achei que fosse cair.

Meu pai estava ao meu lado. Mesmo assim, eu me assustei quando todos aqueles funcionários curiosos olharam para mim. Vários homens e mulheres que estavam no quarto andar fazendo coisas diversas.

A maior parte deles jamais tinha me visto, nem de longe. Só ouviam rumores sobre o príncipe doente que nunca saía de seu quarto. Deviam achar que minha saúde estava melhor, mas não estava.

Meu pai deu um belo discurso e os fez acreditar nisso.

— Para aqueles que ainda não o conhecem, esse é meu filho, Dakarai. Ele vai começar a frequentar a escola de nobres hoje.

Ele não precisava ter dito “escola de nobres”. Era óbvio que se eu ia para alguma escola seria para lá.

Todos me cumprimentaram com respeito, com “Vossa Alteza” para lá e para cá. Fiquei muito constragido de ver aquele bando de gente fazendo reverência para mim.

Não foi diferente nos outros andares. As cenas se repetiram. Eu reparava como os funcionários corriam para dar uma boa espiada em mim. Estavam todos curiosos.

Mas eu não podia culpá-los. Certamente, se eu estivesse no lugar deles, eu também estaria curioso. Imagine trabalhar num lugar por onze anos, sabendo que havia um príncipe doente no último andar que você nunca viu. Até que um dia ele finalmente sai do quarto. Era realmente um grande acontecimento.

Nunca imaginei minha vida como um espetáculo. Eu só me sentia miserável. É verdade que meu tempo não foi desperdiçado. Aprendi muito com as aulas dos meus professores e tive muito tempo disponível para ler.

Mas, fora isso, eu preferia ter sido uma pessoa normal, que podia ver o sol e o céu.

Finalmente, saí do castelo. Era o momento que tanto esperei.

Eu tinha uma janela no meu quarto. Às vezes pegava um pouco de sol, vento ou até chuva. Mas de lá eu não conseguia enxergar absolutamente nada do mundo, fora uma paisagem verde e vazia, sem mais nada de especial.

Infelizmente, aquele dia estava nublado e um pouco frio. Era um dia feio. Porém, para mim foi o dia mais belo do mundo.

Na minha cabeça, fantasiei incontáveis vezes o dia em que eu finalmente botaria o pé para fora do castelo. E na minha mente aquele seria um dia lindo e ensolarado.

Houve uma época que eu nem acreditava mais que sairia. Talvez minha condição de Deus me matasse antes.

Mas não foi o que aconteceu. Eu saí. Lá estava eu, pisando na grama com meus sapatos novíssimos.

Eu estava feliz, muito feliz. Não transbordando de felicidade. Era uma alegria educada. Dei apenas um sorriso discreto para meu pai e ele sorriu de volta para mim.

— Haji irá te levar e buscar na escola todos os dias — explicou meu pai — ele é nosso cocheiro. Está com nossa família há vinte anos e é de absoluta confiança.

Haji fez uma reverência. Era incrível como havia todas aquelas pessoas importantes vivendo no castelo que eu nunca tinha nem mesmo visto ou ouvido falar. Era como se eu fosse um estrangeiro na minha própria casa.

Haji parecia ter em torno de quarenta anos. Simpatizei com ele. Mas imaginei que eu não teria com ele o mesmo tipo de relação que tive com Ekon. Ele parecia o tipo de pessoa que mantinha um distanciamento respeitoso.

Subi na carruagem e Haji fechou a porta.

Eu estava morrendo de nervosismo. Quando a carruagem saiu do castelo, vi o mundo pela janelinha. E que mundo!

Havia pessoas, casas, mercados. Tudo como mostravam meus livros. Tudo como sempre sonhei.

Parecia mesmo um sonho. Não parecia real.

Quinze minutos depois, quando a carruagem parou na frente de uma imponente construção, eu ainda estava perdido no mundo dos meus devaneios.

— Chegamos, Vossa Alteza — avisou Haji — virei buscá-lo às quatro da tarde.

— Muito obrigado, Haji — falei.

E desci da carruagem.

Aquela informação me assustou um pouco. Eram quase sete da manhã. As aulas começavam às sete. Então seriam nove horas de aulas. Aquilo era demais. Será que eu aguentaria?

Eu normalmente tinha em torno de sete ou oito horas de aulas diárias, mas eram aulas particulares. Era bem diferente, porque eu podia ter aulas sentado na minha cama se quisesse, e poderia fazer intervalos conforme eu desejasse.

Naquele novo mundo eu precisaria me submeter às regras do local. Aquilo seria difícil.

Entrei no local, amedrontado. É claro que ninguém me reconheceria como príncipe. Ninguém fora do palácio (e até aquele dia, nem mesmo algumas pessoas do próprio palácio) conhecia minha aparência. Meu nome também nunca foi divulgado.

Tudo que o povo sabia era que o rei tinha um filho com idade semelhante à minha e que estava tão doente que não podia sair da cama. Não sabiam exatamente minha idade (poderia ser qualquer coisa entre 9 ou 13 anos). E provavelmente achavam que minha doença era tão grave que seria inimaginável que eu

fosse capaz de sair caminhando por aí. Até onde eles sabiam, sempre fui um paciente terminal esperando para morrer. Eu apenas tinha vivido um pouco mais que o esperado. Ainda aguardavam minha morte.

Por mim tudo bem. Era melhor assim, pois eu não levantaria suspeitas. Eu só estava escondendo ser um príncipe para atender aos caprichos do meu pai, pois eu não gostava de mentir. Aquela era uma escola de nobres, então não seria tão absurdo assim ter o príncipe como novo aluno. Era comum em outros reinos.

Seria muito mais fácil me apresentar logo como príncipe e aguentar os olhares curiosos e impressionados apenas no primeiro dia. Depois eles iriam se acostumar.

Infelizmente eu seria obrigado a fazer as coisas da forma mais difícil. Tinha enganado aquela escola respeitável ao me matricular daquele jeito. Bem, a culpa era do meu pai. Se algo desse errado quando a verdade viesse à tona, ele que teria que lidar com as consequências.

Eu não duvidava que seria questão de tempo até que descobrissem minha identidade. Será que eu seria capaz de esconder por meses? Talvez anos?

Pensando bem, e se reconhecessem meu cocheiro e minha carruagem? Alguém já devia ter visto Haji antes.

Eu precisava falar com meu pai sobre aquilo o quanto antes. Naquele instante, eu via tantas coisas que podiam dar errado que desconfieei que fossem descobrir quem eu era em questão de semanas.

Olhei para mim mesmo. Eu não estava usando nenhum anel, colar e nem nada que me denunciasse como membro da realeza. Mas eu precisava ficar atento. Aqueles nobres eram inteligentes. É claro que os pais dos alunos deviam se encontrar com o rei de vez em quando. Aquilo era um pesadelo. Em que eu estava me metendo?

Já comecei perdido. Subi e descí escadas e não encontrei minha sala. Precisei perguntar.

É claro que eu perguntei para um homem. Ainda não tinha coragem de falar com uma mulher. Mas imaginei que em breve

eu superaria aquela barreira. Talvez em questão de horas ou dias. O problema era o começo. Depois fluiria melhor.

Acreditando nisso, entrei na minha sala.

As salas não tinham muitos alunos. Aquilo era um alívio. Minha sala tinha vinte alunos. O que, para os padrões da nobreza, já era bastante. Era normal uma sala com dez. Mas como aquele colégio era muito conceituado, eles abriam mais vagas, para dar oportunidade para mais alunos.

Quando entrei, todos olharam para mim. Eu queria sair correndo de lá.

Felizmente, a professora me salvou. Ela me apresentou para a turma de forma bastante natural. Não foi muito traumático.

Mesmo assim, eu não esperava que a professora fosse uma mulher. Isso me deixou nervoso.

“Aguarde mais um tempo e você já conseguirá conversar com mulheres normalmente, como se fossem homens” eu repeti para mim mesmo, em pensamento.

— Dakarai teve aulas particulares em casa. É a primeira vez que vem para um colégio. Então espero que todos o recebam bem.

Ter aulas particulares em casa não era incomum entre a nobreza. Aquilo não sugeria que eu tivesse ligação com a realeza. Apenas que minha família tinha muito dinheiro. Talvez minha família estivesse mal de grana atualmente e por isso resolveram me mandar para um colégio. Imaginei que no máximo pensariam isso. Eu não levantaria suspeitas.

Bastava que eu não agisse como se tivesse permanecido trancado em casa até aquele dia. Isso sim seria meio estranho, embora não totalmente comprometedor. Caso isso fosse descoberto, bastava eu dizer que estive muito doente. O que não era mentira.

Fui me sentar na minha cadeira. Meus colegas ainda me olhavam e sussurravam. Imaginei que aquela fosse uma situação normal, já que eu estava começando as aulas no meio do ano. Eles estavam apenas curiosos.

Descobri que a professora se chamava Iniko. Ela dava aulas de matemática. Parecia ter uma didática melhor do que Davu. Afinal, Davu nunca pareceu ter muita paciência para ensinar crianças. Já aquela professora parecia dar aulas para nós com alegria e responder perguntas idiotas.

Sinceramente, achei algumas perguntas ridículas. Aqueles alunos estavam muito atrasados com a matéria. Eu precisaria ter aulas com aquele bando de lesmas?

Mesmo assim, fiquei quieto. Tive vontade de dizer que já sabia de tudo aquilo, mas não tive coragem. Eu não queria que me achessem metido.

Quando aquele período terminou, um menino sentado ali perto veio conversar comigo.

— Aulas particulares, hã? Qual o título do seu pai?

Eu já devia esperar uma pergunta assim. Eu já tinha lido em livros que era comum que os nobres perguntassem uns aos outros seus títulos de nobreza.

Eu devia mentir um título bem alto. Eu já havia estudado os títulos nobiliárquicos nas minhas aulas convencionais, mas confesso que nunca prestei muita atenção, pois aquilo não me interessava.

Bastava pensar em qualquer título que estivesse abaixo de príncipe e a farsa seria mantida. Foi o que pensei. Falei o que me veio na cabeça.

— Arquiduque — respondi.

Ele e meus outros colegas que escutaram soltaram uma exclamação audível.

— Não pode ser — disse o garoto — qual é o seu ducado?

“O quê? Ducado?” pensei, confuso. Eu não tinha preparado uma resposta para isso.

— Que mentiroso! — exclamou outro garoto — não está na cara que ele está mentindo?

Todos olharam para esse segundo menino, que veio na minha direção.

— Meu pai é grão-duque — anunciou ele, obviamente orgulhoso — e conhece os arquidukes. Qual é o nome do seu pai?

“Maldição!” pensei, nervoso.

— Meu pai é apenas duque — corriji — falei errado. Desculpe.

— “Apenas duque” — imitou o garoto, com voz zombeteira — como se fosse pouco! Meu pai também conhece vários duques. Diga logo o nome do seu pai e saberemos se está mentindo.

Eu estava suando de nervosismo.

— Deixe o novato em paz, Issa — falou uma menina — o título do pai dele deve ser tão baixo que ele nem sabe direito o nome dos títulos. Deve ter errado por ignorância e não por arrogância.

— Até parece — Issa riu — quando eu tinha um ano já sabia falar o título de nobreza do meu pai. Quando me perguntavam aos dois anos, eu dizia: “Meu pai é grão-duque” para quem quisesse ouvir.

“E daí?” pensei, furioso.

Tive vontade de dizer: “Quando eu tinha dois anos eu estava ocupado demais quase morrendo porque sou um Deus!”, mas é claro que eu não disse nada.

Uma coisa era descobrirem que eu era príncipe. Mas eu jamais poderia revelar que era Deus, ou seria caçado e morto. Eu ainda era muito novo para manifestar meus poderes protetores de Deus, então era mais seguro manter segredo nos próximos anos. Nisso meu pai tinha razão.

Havia pessoas ruins no mundo. Eu conseguia afirmar isso olhando para aquele tal Issa. Os livros diziam que pessoas matavam por dinheiro mas eu não acreditei, porque meus professores eram gentis.

Mas agora eu acreditava. E senti medo. Não duvidei que aquele cara, mesmo tendo minha idade, não hesitaria em matar por um título.

— O que você quer que eu diga? — perguntei, ligeiramente irritado — que meu pai é marquês? Conde? Qual resposta vai te deixar satisfeito?

Issa não gostou. Ele me fitou com frieza.

— Não use “você” para se referir a mim — ele corrigiu — pois está na cara que o título do seu pai é inferior ao do meu. O meu pai tem o título mais alto dentre os pais dos alunos dessa sala. Por isso todo mundo aqui me respeita e me trata pelo menos por “Vossa Graça”.

Eu não me segurei. Tive que rir. “Vossa Graça”, aquele imbecilzinho?

— Por que está rindo? — perguntou Issa, irritado.

— Aquela garota não te chamou de “Vossa Graça” — observei.

— “Aquela garota” é minha namorada — disse Issa, parecendo ainda mais orgulhoso ao informar isso do que ao informar que seu pai era grão-duque — então eu permito que ela me trate como desejar. Além do mais, o pai dela é duque. Trate-a com respeito também. Não a chame de “aquela garota”. Ela tem nome.

— Sou Latrice — ela se apresentou — seu pai pode até não ser duque, mas estou impressionada com a cor da sua pele. Sem dúvida você vem de linhagem nobre. Dá para atestar isso só de olhar.

Issa não gostou do comentário. Ele tinha a pele negra, como todos naquela sala, mas a dele não era tão escura quanto a minha.

— Hoje em dia não se pode mais descobrir títulos meramente pela cor da pele — comentou Issa — há muitos nobres falidos desde a última guerra. As coisas mudaram. Há até uns brancos ladrões que compraram títulos. Só roubando mesmo para branco se tornar nobre.

— Não é correto que nobres namorem — observei — já que liga tanto para títulos, devo lembrá-lo que todos os livros retratam o namoro como um ato típico de plebeus. As famílias

de nobres arranjam o casamento e o casal só se beija no leito de núpcias.

Aquele comentário fez a turma inteira rir. Até mesmo Issa ficou de bom humor depois dessa.

— Quais livros você andou lendo, seu filho de escudeiro? — zombou Issa — os livros do seu bisavô? É verdade que os livros de algumas décadas atrás mostravam as coisas dessa forma, mas os tempos evoluíram. Para seu governo, eu e Latrice já somos noivos. Iremos nos casar aos quatorze anos, conforme o costume. Então não é errado namorarmos.

“Filho de escudeiro” era um xingamento típico entre nobres, já que escudeiro é o menor título nobiliárquico.

— Nós já estamos prometidos em casamento desde que nascemos — explicou Latrice — porque nossas famílias se conhecem muito antes disso.

Achei aquilo fascinante. Parecia uma história romântica, como nos livros. E eles pareciam realmente satisfeitos de serem noivos.

Em todos os aspectos, era como se eu realmente tivesse pulado da realidade claustrofóbica do meu quarto para dentro do mundo de fantasia dos livros. E aquele Issa era tão caricato com sua arrogância que parecia realmente um personagem.

Acho que ele não entendia porque eu o fitava com um sorriso no rosto.

— O que você quer, filho de escudeiro? — ele se aborreceu — tem mais alguma coisa pra dizer?

Imaginei que a partir de então eu seria o “filho do escudeiro”, já que me neguei a revelar meu título. Ou melhor, eu o revelei de maneira tão confusa que ninguém acreditava mais na minha palavra.

— Sim, eu tenho — falei — eu conheço esse brasão que você usa. É da Casa de Bokassa, não é?

Issa pareceu impressionado.

— Nada mal para um filho de escudeiro — ele disse — tem certeza que seu pai não é conde?

— Esse é um tipo de trote que vocês aplicam nos calouros?
— perguntei — é por isso que você não para de me atormentar?

— Está bem, está bem — disse Issa — se você tem tanta vergonha do título do seu pai, pode escondê-lo. Não dou a mínima. Só fiquei curioso para saber se o título era maior que o do meu pai. A cor da sua pele me enganou por um momento.

Olhei ao redor. Realmente, minha cor de pele era a mais escura de toda a sala. A linhagem da minha família era de alta hierarquia, tanto do lado da mãe como do pai. Eu não tinha muita noção do que o tom da minha pele representava, até entrar naquela sala.

Então era por isso que todos estavam agitados e me fitavam daquele jeito. Agora fazia mais sentido.

A aula seguinte, que era de história, acalmou um pouco os ânimos. Dessa vez era um professor homem ensinando.

Ele ensinava bem. Mas eu também já sabia a maior parte das coisas. Dessa vez resolvi fazer umas perguntas difíceis para me exibir. E funcionou. Meus colegas ficaram impressionados.

Issa não me olhava com bons olhos. Estava na cara que ele não gostava de mim.

Issa invejava o tom escuro da minha pele. Invejava meus conhecimentos inesperados, como saber as perguntas de história ou sobre o brasão da família dele. E eu o estava deixando maluco de curiosidade porque não revelei o título do meu pai.

E não era só o “título do meu pai”. Eu também tinha um título. Mas agora sim que eu não queria revelar. Queria deixá-lo maluco por mais um tempo.

Aquele primeiro menino que inicialmente me perguntou meu título veio conversar comigo de novo após aquela aula. Mas dessa vez em voz mais baixa, para que outros não se metessem.

— Desculpe — ele me disse — não devia ter perguntado o título do seu pai em voz alta. Eu devia imaginar que Issa armaria confusão.

— Não se preocupe — falei — não me importei com aquilo.

— Meu nome é Jabari — ele se apresentou — o seu é Dakarai, certo?

Eu me sentia aliviado por ao menos não precisar mentir meu nome.

— Exato.

— Por que resolveu vir para um colégio no meio do ano?

— Deu vontade — respondi.

— Não duvido que teve aulas particulares — disse Jabari — você parece saber bastante.

— Por que você duvidaria? — perguntei, estranhando — eu tenho cara de mentiroso?

— Bem, seu pai é arquiduque mesmo? — perguntou Jabari, desconfiado.

— Não exatamente — confessei — mais ou menos.

— Ele era arquiduque, então — concluiu Jabari — mas teve que vender o título. E você teve que vir para cá estudar.

— É isso que as crianças de onze anos da nobreza conversam? — perguntei, cansado — só sobre títulos? Parece entediante.

— Não só sobre isso — falou Jabari — por que pergunta? Não me diga que nunca conversou com meninos da nobreza antes?

Por que aqueles malditos não paravam de me questionar? Aquilo parecia um interrogatório. Seria complicado fazer amigos naquelas condições. Talvez fosse melhor simplesmente ser mal educado e ignorar todo mundo. Seria a melhor forma de manter meu segredo. Ou melhor, manter meus dois segredos.

Mas se fosse para ignorar a todos, não era melhor ficar em casa? Se fosse para ser xingado, era melhor ter aulas particulares no conforto da minha casa e na privacidade do meu quarto.

Era desconfortável assistir aulas naquelas cadeiras duras e usando aqueles uniformes. Ir para um colégio não era tão divertido quanto imaginei.

Além do mais, eu jamais pensei que meus colegas seriam tão estúpidos. Nos livros, os alunos conversavam sobre autores de livros de literatura clássica e não criavam picuinhas sobre títulos nobiliárquicos. Na realidade, as pessoas eram muito mais superficiais e deselegantes do que na ficção.

— Já conversei — menti — mas só com parentes próximos. Sempre fui mais caseiro. Aulas particulares, leituras no quarto. Sempre gostei mais de ficar em casa.

— Isso dá para notar! — observou outro menino sentado perto, que escutou nossa conversa — aquele seu comentário sobre casamento arranjado foi hilário. Você realmente parece ter vindo de uma cápsula do tempo, diretamente do século passado.

— Vocês não leem muito? — perguntei, curioso.

— Nós lemos — ele respondeu — mas não literatura antiga! É estranho para um menino de onze anos ser tão apaixonado por livros, mesmo sendo da nobreza. Eu gosto de jogos. Meu nome é Fabumi.

— Então, Fabumi, você sabe que horas esse colégio oferece comida? — perguntei — eu vim sem tomar café da manhã pensando que eles iam oferecer, mas agora estou com fome.

— Café da manhã? — perguntou Fabumi, rindo — nenhum colégio oferece café da manhã! De que mundo você veio?

Alguns colegas nossos ouviram somente essa parte da conversa e riram, porque Fabumi elevou a voz. Fiquei um pouco embaraçado.

Latrice também escutou e caminhou até onde eu estava sentado.

— O colégio nos oferece almoço ao meio-dia — ela me informou — mas são recém nove da manhã. Estou com pena de você. Pode pegar um dos bolinhos que minha cozinheira preparou para o lanche.

Ela me ofereceu. Talvez fosse educado recusar, mas eu estava com fome. Eu aceitei e agradeci.

A expressão de Issa foi risível. Ele não conseguiu nem mesmo disfarçar a indignação diante da cena.

Issa estava ardendo de ciúmes porque Latrice tinha interesse em conversar comigo. Ela até me ofereceu um lanche. Mas eu fiquei com vergonha de comer na sala, na frente de todos, e resolvi guardar para mais tarde. Eu nunca tinha comido na frente de ninguém antes, então não queria que a primeira vez fosse com todos aqueles olhos pousados em mim.

Eu ainda não entendia porque meus colegas estavam tão curiosos a meu respeito. Não podia ser só pela cor escura da minha pele. Devia ser algo mais. O que eu estava fazendo de errado que levantava tantas suspeitas?

Após a aula de geografia saímos para o intervalo. Jabari e Fabumi me convidaram para que eu passasse aqueles minutos com eles. Fiquei muito agradecido. Pelo jeito eu tinha acabado de fazer dois novos amigos. Foi mais rápido do que imaginei.

Nós três nos sentamos numa mesa para lanchar juntos. Eu desembulhei o bolinho de Latrice com cuidado e comi com mais delicadeza ainda, com mordidas pequenas, para que os pedaços não se espalhassem. Afinal, eu estava em público. Não queria correr o risco de me sujar.

Enquanto isso, os dois comiam seus lanches de forma normal.

— Por que está comendo tão devagar? — perguntou Fabumi, estranhando — é para durar mais tempo? Achei que estivesse com fome.

— Não quero me sujar — confessei — eu não tenho o costume de comer em público.

Os dois se entreolharam e seguraram o riso.

— O que foi? — perguntei, preocupado.

— Dakarai, você é... engraçado — disse Fabumi, simplesmente.

— Ele é um cavalheiro — corrigiu Jabari.

— Não aceito ouvir isso de nobres — falei — o que estou fazendo de errado?

— Tudo! — disse Fabumi, feliz da vida — você não sabe mentir! Está na cara que você está escondendo alguma coisa. Estão todos comentando isso.

— Como o quê? — perguntei.

— Olha só o seu jeito de falar, cara! — disse Jabari — mesmo nós nobres usamos gírias de acordo com nossa idade. Você fala como um velho. Cita livros de velhos. Isso é bizarro!

— Só tem uma explicação — disse Fabumi — se você fosse branco, eu iria sugerir que você é um plebeu fingindo ser nobre.

A sua interpretação é muito exagerada. Mas a cor da sua pele, cara. Você só pode ser nobre. Aposto que seu pai era mesmo um arquiduque, vendeu o título e vocês agora estão muito pobres. É isso?

Aquela conversa toda me preocupou muito. Eu não esperava que aquele pessoal fosse tão sagaz e observador.

É lógico que eu agia e falava como um velho. Nunca tive contato com meninos da minha idade. Eu só conversava com meu pai e com meus professores velhos de cabelos brancos. O mais novo com quem tive contato foi Ekon. Mas ele não era muito de usar gírias. Ele tentava agir como adulto para ser respeitado pelos mais velhos.

Foi somente ao estar ao redor dos meus colegas que eu reparei a verdade por trás do que eles diziam. Eu era um menino de onze anos com alma de velho. Eu só tinha lido livros antigos, que eram livros que meu pai recomendou. E os livros recomendados por ele foram os que meu avô deu para meu pai, que foi rei antes dele.

Ou seja, eu conhecia os autores favoritos da realeza. Mas não sabia nada sobre os jovens da minha época.

— E tem outra coisa — observou Fabumi — não quero ser rude e eu entendo que Latrice seja linda, mas você não tem muito jeito com mulheres, né? Você praticamente gagueja quando ela fala com você. Quando aceitou o bolinho, você evitou encostar na mão dela e segurou como se fosse ouro.

— Mas vocês são chatos, hein? — falei, incomodado — vocês analisam cada movimento meu? Não acham que estão exagerando? Eu sou apenas um aluno qualquer que entrou no meio do ano. Um cara que sempre gostou de ficar em casa e não tem muito jeito com situações sociais. Aceitam essa explicação?

— Até quando você fala “cara” soa estranho — insistiu Fabumi — como se fosse um velho tentando falar de forma descolada.

— Não me encham — falei, dando uma grande mordida no bolinho, o que fez com que ele se esfarelasse.

Eles riram da minha cara de novo, mas logo se desculparam.

— Você é legal — disse Jabari — não merece ser tratado como Issa te tratou. A gente te fala essas coisas de brincadeira. Mas Issa realmente não gostou de você.

— Isso eu percebi — falei.

— Se não quiser problemas com ele, basta não chegar perto de Latrice — sugeriu Fabumi.

— Se ela vier falar comigo, não vou ignorar — falei — é verdade que vocês falam com Issa se referindo a ele por “Sua Graça”?

— É claro que não! — Jabari sorriu — se ele fosse, sei lá, o príncipe, aí seria outra história. Ninguém pode se dirigir a um príncipe sem falar “Vossa Alteza Real” antes.

Comi o resto do meu bolinho em silêncio. Não queria fazer perguntas sobre isso para não levantar suspeitas.

Mas mesmo que eu não tivesse feito perguntas, o próprio Jabari prosseguiu o assunto.

— Um príncipe já estudou no nosso colégio, sabiam? — perguntou Jabari, empolgado — algumas décadas atrás.

— Sério? — perguntou Fabumi, impressionado — deve ter sido emocionante. Aumenta muito o conceito do colégio ter um príncipe como aluno.

— Sem dúvidas — falou Jabari — é uma pena que o príncipe atual do nosso reino esteja doente demais para vir para cá. Aposto que se ele estivesse saudável nosso colégio seria a primeira escolha.

— Ele deve ter mais ou menos a nossa idade agora — disse Fabumi — eu não entendo porque o rei não teve mais filhos.

— Porque a rainha morreu — respondeu Jabari — talvez ele não tenha se casado de novo porque a amava muito.

— Será? — perguntou Fabumi.

Eu preferia não me meter naquela conversa.

Quando retornamos do intervalo, Issa quis conversar comigo em particular.

— Me desculpe por te chamar de mentiroso — ele disse.

Estranhei de imediato o tom dele.

— O que foi agora, Issa? — perguntei, desconfiado.

Eu o conhecia há apenas poucas horas, mas eu sentia como se já o conhecesse há muito tempo. E eu sabia que ele não se desculparia de graça. Alguma coisa tinha acontecido.

— Vi seu registro na diretoria da escola — falou Issa — e confirmei que seu pai é realmente um arquiduque. É um conhecido do meu pai. Eu o conheço também. Meu pai o respeita bastante. Eu sinto muito por ter sido rude.

Dessa vez eu me irritei.

— Você olhou meu registro? — perguntei, indignado — isso é confidencial. Você não tinha o direito!

— Eu sei — disse Issa — e sinto muito por isso também. Sua linhagem é bastante respeitável. É bem impressionante.

— Sinceramente, eu não me importo com o que você acha.

— Se vinha de uma família de tão alta hierarquia, por que mentiu mais cedo? — ele perguntou, confuso — quero dizer, por que tentou fingir que era de hierarquia mais baixa?

— Eu não vim para esse colégio para exibir minha hierarquia — falei — eu vim para... interagir com pessoas da minha idade. Tive aulas particulares em casa por muito tempo. Eu não aguentava mais.

— Eu entendo isso — falou Issa — também tive aulas em casa por um período. Dakarai, posso te propor uma coisa?

— Vamos ouvir.

— O que acha de largar Jabari e Fabumi e começar a andar comigo? É vergonhoso um filho de arquiduque andar com um filho de um barão e de um visconde.

— Issa, eu vou repetir, porque eu acho que você ainda não entendeu — falei — eu não ligo para seu jogo de hierarquias. Eu sequer sabia de quem esses dois eram filhos e isso não me interessa.

— Por que não? — perguntou Issa, confuso — quem não se interessa por hierarquias geralmente vem de hierarquia baixa. Mas você é diferente. Não precisa ser como eles. Veja só a cor da sua pele! Você é filho de arquiduque e tem pele de alta nobreza. Você tem a vida ganha. Por que se meter com esses perdedores? Você já está prometido a alguma dama?

— Não estou.
— Por que não?
— A aula já vai começar — observei — podemos conversar
isso outra hora.

— Aulas só servem para que possamos exibir nossos conhecimentos — disse Issa — o nosso nascimento determina nosso futuro. Ter aulas ou não, que diferença faz?

Eu não respondi. Ele me observou por mais tempo, como se estivesse procurando alguma coisa em mim.

— Por que não trouxe lanche? Por que não trouxe material escolar?

— Eu não sabia o que eu precisava trazer — confessei, com sinceridade — então não trouxe nada. Pensei que o colégio fornecia tudo: todas as refeições do dia e também livros, lápis e cadernos.

Issa riu com gosto.

— É assim mesmo que um nobre deve pensar — disse Issa, em tom de aprovação — suas atitudes condizem perfeitamente com seu sangue. É assim que se faz.

A cada segundo eu detestava Issa com mais força. Eu só queria sair de perto dele.

Foi um alívio voltar para a aula. Tivemos aula de astronomia. E depois dessa, uma aula de música.

No começo resolvi exibir meus conhecimentos, mas meus colegas ficaram tão impressionados que eu calei a boca. Issa também estava puxando meu saco além da conta e eu não estava gostando nada disso.

Felizmente eu não o vi no intervalo para o almoço. Então fui almoçar com Jabari e Fabumi. Contei para eles como Issa me tratou depois que “descobriu” que eu era filho do tal arquiduque.

— Então você é mesmo de alta hierarquia! — exclamou Jabari, impressionado.

— Por favor, parem com isso — falei — não aguento mais.

Eu não suportava o olhar impressionado e respeitoso que eles me lançaram dessa vez. Eles até estavam conversando

comigo com mais reserva, sem o tom amigável de antes. Odiei isso.

Eles me contaram que ouviram falar do meu pai. O tal arquiduque que meu pai verdadeiro inventou que eu era filho.

Eu também já tinha ouvido falar dele. Pelo que entendi, meu pai devia ter pedido autorização a ele para inventar aquela história. Eu só torcia para que ninguém consultasse o arquiduque a esse respeito, ou seria uma enorme tragédia.

Mudamos o assunto para falar de música.

— Você é muito bom em teoria musical — observou Jabari.

— Tive um bom professor particular — respondi, simplesmente.

— Quem? — perguntou Fabumi, interessado — conheço alguns ótimos professores particulares de música.

É claro que eu não revelaria o nome dele. Ele era o professor mais conceituado do reino e quem cobrava mais caro. Talvez até um arquiduque tivesse dificuldade para pagar.

Aliás, meu professor de música normalmente não dava aulas particulares, porque ele era muito requisitado. Ele só aceitou me dar aulas porque foi um pedido do próprio rei.

Então nem ferrando que eu ia dizer o nome do cara. Eu me neguei a responder.

— Você é muito misterioso — falou Fabumi, desconfiado.

— Não quero mentir para vocês — falei — então prefiro simplesmente não dizer. Meu pai tem algumas boas conexões.

— Imagino — disse Jabari.

E o assunto morreu aí.

Tive um outro encontro desagradável com Issa depois do almoço. Mas dessa vez ele estava irado.

— Seu mentiroso miserável!

Ele começou a conversa dessa forma. Estava me tratando de forma completamente diferente de antes.

— Eu não sei o que você fez — disse Issa — eu fui almoçar em casa e falei com meu pai sobre essa história. Você não é filho do arquiduque coisa nenhuma!

Não fiquei preocupado. Eu só estava de saco cheio.

— Sai da frente da porta, Issa — falei — quero entrar na sala.

— Eu irei revelar a sua farsa para todos.

E foi exatamente isso que Issa fez. Ele imediatamente declarou que eu havia mentido e burlado o sistema do colégio.

Mas ele não revelou que ele foi espiar o sistema sem autorização. Muito conveniente.

Meus colegas já estavam cansados daquela história. Alguns nem se importavam mais.

— Issa, chega! — disse um colega meu — isso já passou dos limites.

Ninguém se importou com as explicações. Eles ficaram satisfeitos de saber que eu era apenas um aluno estranho. E cada filho de nobres tinha coisas a esconder. Era natural. Muitos deles eram corruptos e ladrões, então não era estranho que um filho de nobre se recusasse a contar certas coisas sobre os pais.

Havia muitos escândalos de famílias: filhos ilegítimos, divórcios não reconhecidos pela Igreja e muito mais. Isso era só o começo.

A maior parte dos meus colegas achava que eu estava envolvido em algum escândalo menor e sem muita importância. Mesmo assim, Issa disse que estava determinado a descobrir o que era e, nas palavras dele, “me desmascarar”.

Aquele foi um longo dia. No fim do dia, até Latrice, a tal noiva dele, também já estava cansada daquela história.

— Esquece isso, meu bem — disse Latrice — Dakarai é apenas um garoto bonito e misterioso. Aceite isso. Não importa a hierarquia dele mais, porque ele já provou seu valor como um rapaz cheio de segredos e isso é sexy.

Obviamente, Issa não gostou.

— Ele não é bonito! — protestou Issa — você só ficou impressionada com a cor escura da pele dele. Vocês, mulheres, são muito superficiais.

— E você é muito profundo, falando de hierarquias sem parar — zombou Latrice — sua obsessão com hierarquias é engraçadinho no começo, mas depois fica meio cansativo. Você

não sabe falar de outro assunto? Pelo menos Dakarai tem amplos conhecimentos em várias áreas.

Issa ficou irritadíssimo.

— Por que faz isso? — ele perguntou — por que está me humilhando na frente do meu rival?

Latrice gargalhou.

— Se você o reconhece como rival, já o colocou no mesmo nível — disse Latrice — então ele não é mais seu rival. Ele já te derrotou.

Issa deu um tapa na cara de Latrice.

Eu levei um susto. Aquilo foi completamente inesperado. Imaginei que não fosse uma atitude digna de um nobre.

A última aula já tinha terminado e não havia mais professores na sala. Mesmo assim, ainda estávamos dentro do colégio. Foi bem chocante.

— Nosso noivado acabou, seu verme — rosnou Latrice.

Ela cuspiu na cara dele e saiu da sala.

Issa ficou tão chocado com a reação dela que num primeiro momento não se mexeu.

Porém, ninguém tirou com a cara dele. Ninguém falou uma única palavra. Até que ele saiu da sala.

É claro que Issa ia me culpar. Ia dizer que o noivado dele acabou por minha culpa. Mas eu não queria saber daquela porcaria.

Meu cocheiro já me esperava na entrada do colégio. Torci para que ninguém o reconhecesse e nem a carruagem. Felizmente, ninguém reparou.

Mas foi apenas sorte. Quando voltei para o castelo, chamei meu pai para uma conversa urgente.

Ele queria saber como foi meu primeiro dia de aula, mas eu estava mais preocupado com outros assuntos.

Ele me prometeu que a partir do dia seguinte seria usada outra carruagem e que nosso cocheiro iria “se disfarçar”. Era mais fácil trocar o cocheiro, mas meu pai só confiava em Haji para aquele trabalho importante. Então resolvi aceitar.

Contei sobre Issa e toda a questão envolvendo meu registro falso como filho de um arquiduque verdadeiro.

— Meus colegas conhecem esse arquiduque — observei — você nem desconfiou que isso pudesse acontecer?

— Não se preocupe — ele disse — ele não dirá nada. Isso já foi combinado. Ele é leal a mim.

Ou seja, o arquiduque sabia que o príncipe estava frequentando o colégio, mas manteria segredo de todos. Aquilo era irritante.

Aquele primeiro dia foi péssimo. Issa estragou tudo. E eu ferrei com a vida dele também, embora não tenha sido intencional. Mas ver Latrice cuspiendo na cara dele não me deixou mais feliz.

No dia seguinte eu soube pelas fofocas que o noivado dos dois tinha sido oficialmente rompido.

Issa estava furioso, mas Latrice parecia feliz da vida por ter se libertado daquele relacionamento.

E o que eu temia aconteceu: ela começou a dar em cima de mim.

Ela não fez nenhum movimento, mas passou a conversar comigo repetidamente. Issa assistia a tudo e odiava o que via. Mas não dizia nada.

Pelo menos aquilo teve um lado bom: depois de Latrice falar comigo tantas vezes perdi o medo de conversar com mulheres. Eu descobri que não era uma coisa de outro mundo. Eu já estava me acostumando com a presença de mulheres ao meu redor, incluindo colegas e professoras.

Fazia apenas uma semana desde que tive minha última aula com Ekon, mas eu já estava com saudade dele. Eu relembrava com saudades da minha época de aulas particulares. Eu aprendia muito mais e de forma mais eficiente.

Mas eu não podia pensar nisso. Voltar a ter aulas particulares significava ter que me trancar novamente no castelo. Eu não queria isso.

Pouco me importava se Issa descobrisse que eu era príncipe. Aquilo não mudava nada.

Meus colegas só não podiam descobrir que eu era Deus. Isso sim seria meu fim. Se isso fosse descoberto eu teria que... fugir. Para sempre.

Era isso que meu pai queria evitar. Por isso ele tinha tanto medo. Ele não queria que eu passasse a ser marcado na lista dos caçadores de Deuses para ser perseguido por eles.

No meu terceiro dia de aula tive um acesso de tosse. Tive que sair da aula, de tão mal que fiquei.

Além de tudo, eu estava estressado. Não estava dormindo direito por causa da situação com Issa.

Na sexta-feira tivemos aula de ginástica e eu desmaiei.

Issa finalmente descobriu meu ponto fraco: minha saúde era frágil. Eu torcia para que ninguém conectasse minha saúde frágil à doença do lendário príncipe. Aquilo seria minha sentença final.

Estranhamente, ninguém fez a relação. O rumor sequer foi levantado. Provavelmente porque nem se falava mais naquele tal príncipe doente. Afinal, eram onze anos de doença trancado em casa. Não havia mais o que falar. O assunto foi esfriando ao longo dos anos, já que novos rumores não surgiram.

Até porque, na cabeça da maioria o príncipe tinha uma doença tão debilitante que ele nem devia ser capaz de levantar da cama. Era inimaginável que o príncipe pudesse sentar numa sala de aula normalmente.

Alguns meses se passaram. Eu estava me saindo muito bem no colégio. Não demorou muito para que eu obtivesse a média mais alta da turma. Não porque eu estivesse estudando muito, mas porque todos aqueles anos de aulas particulares deixaram sua recompensa. Eu não atribuía aquela conquista a um esforço meu, mas ao dinheiro do meu pai.

E, convenhamos, era uma sala com vinte alunos. Não era difícil ser o primeiro.

Mesmo assim, meus professores ficaram bem impressionados com meu desempenho. Meus colegas também. Minhas notas chamaram até atenção de alunos de outras turmas e de outros anos.

Mas não era só isso. Boatos a meu respeito já rolavam solto. Desde meu primeiro dia de aula eu me tornei motivo de suspeita. Primeiro por causa daquela mentira ridícula sobre eu ser filho de um arquiduque muito conhecido. Raios, todos sabiam que eu não era filho do cara, porque muita gente conhecia o sujeito. Então ficaram todos intrigados para saber por que raios eu tinha mentido. Ninguém havia descoberto ainda. Nem mesmo Issa, apesar de seus esforços. E pior: o arquiduque não deu queixa, o que sugeria que ele apoiava a farsa.

Como Issa era orgulhoso, teve uma época que ele deixou de ir atrás disso e de se importar comigo. Ele apenas me ignorou. Latrice cansou de mim e me ignorou também, pois obviamente ela só deu em cima de mim por alguns dias para irritar Issa. Mas eles não voltaram. Imaginei que nunca voltariam depois daquele tapa.

Poucas semanas após o início das minhas aulas, eu acabei me acostumando com aquele mundo estranho. Aos poucos tentei consertar meu jeito esquisito de falar, para não botar fogo nos boatos. Mas de vez em quando eu ainda pronunciava umas pérolas e citava autores de livros tão antigos que às vezes nem os professores conheciam e diziam que aquilo era da época dos pais deles. Essas situações sempre geravam risadas dos meus colegas.

Eu era um sujeito antiquado. Eu ainda agia de forma estranha em certas situações sociais que eu não estava acostumado. Mas o pior era a minha doença.

Simplesmente não havia como disfarçar isso. A doença só piorava a cada dia.

Por um momento pensei que o ar da rua e me mexer um pouco faria com que eu me sentisse melhor. Mas isso não aconteceu. Eu raramente conseguia participar das aulas de ginástica. Não conseguia correr por muito tempo também, ou realizar qualquer atividade física intensa.

Meu pai forneceu meus atestados médicos e fui liberado dessas aulas. O imbecil do Issa foi atrás dos meus atestados para

tentar descobrir que raios de doença eu tinha. Eu fiquei furioso com ele.

— Isso é privado! — exclamei para ele um dia — diz respeito somente a mim, seu maldito!

É claro que Issa tinha consciência do que estava fazendo. Ele sabia que não se deve espiar os exames médicos dos outros. Mas ele fez de propósito, porque ele me odiava.

— Os seus exames não fazem sentido algum — Issa me disse — você tem uma doença que não existe. Primeiro você esconde a identidade do seu pai e agora isso. Do que você tem tanto medo, Dakarai?

Ele me fitou de forma intensa quando disse isso. Por um momento, apenas por um breve instante, desconfiei que ele tivesse descoberto tudo.

Mas... não. Se ele soubesse, ia se gabar na minha cara. E ele não fez isso.

— Não ouse procurar meus médicos e tentar suborná-los — ameacei — eles são leais a mim.

— Eu sei — falou Issa — porque eu já fiz isso e não consegui subordar nenhum deles. Como é que alguém não pode ser comprado? Quem é você?

É claro que Issa estava maluco. Ele estava acostumado a comprar todo mundo, a conseguir tudo que queria.

Mas não dessa vez. Porque ninguém iria trair o rei do seu país. Ninguém que sabia a verdade se atreveria a abrir a boca ou poderia pagar a traição com a vida.

Infelizmente, teve um dia que minha situação de saúde piorou muito. Tive febre e depois fui ao banheiro vomitar.

Issa me seguiu. Aquele filho de uma...!

Quando saí do banheiro, minha aparência estava péssima. Eu estava quase desmaiando.

Eu sentia muita dor. Eu amaldiçoava minha condição de Deus.

— Você vai morrer? — Issa me perguntou.

— Não sei — respondi.

No final do dia, fui levado para um hospital. Era um hospital de nobres, todo chique, mas meu pai não poderia ir lá. Teve que mandar outra pessoa para me pegar.

Informei ao colégio que eu ficaria sem frequentar as aulas por um tempo. Nas semanas seguintes, voltei a ter aulas apenas em casa.

Foi bom dar um tempo. E matei a saudade de alguns dos meus professores particulares.

Porém, assim que minha saúde melhorou, senti falta das minhas aulas no colégio. Era legal lá também.

Se ao menos Issa não estivesse presente...!

Foi bom retornar após um mês e ver meus dois amigos preocupados comigo.

— Tudo bem, Dakarai? — perguntou Jabari.

— Estou muito melhor — falei.

— Ainda bem — disse Fabumi — Issa andou espalhando por aí que você disse para ele que ia morrer.

Senti uma onda de raiva. Conteí a história real e o que eu realmente disse.

— Eu sabia — falou Fabumi — aquele miserável.

Eu não entendia como uma pessoa podia ser tão ruim com outra. Issa parecia ter inveja de mim, mas era algo mais.

Mas foi só no ano seguinte que eu comecei a ter um vislumbre do verdadeiro terror que me aguardava.

Estávamos com doze anos. Entrou um novo aluno na nossa turma chamado Shaka.

Eu o achei assustador assim que o vi. Shaka era alto, forte e parecia muito mais velho para sua idade. Sinceramente, eu teria dado a ele uns quinze anos, no mínimo.

Shaka era filho de um duque e idolatrava Issa porque ele era filho de um grão-duque. Assim como Issa, Shaka venerava as hierarquias. Então eles se deram muito bem.

Ou melhor, não era uma relação de amizade. Shaka servia Issa. Era como se fosse seu guarda-costas e puxa-saco particular.

Shaka era inteligente e tirava notas melhores que Issa. Ele tinha até mesmo uma aparência mais atraente que Issa. Mesmo

assim, Shaka aceitava obedecê-lo cegamente. Eu sabia que aquilo ia acabar mal, pelo menos para mim.

Logo em seus primeiros dias lá, reparei que Shaka ficou interessado em Latrice. É claro que sim, pois ela era a garota mais bonita da nossa turma. E ele estava a fim de chegar nela. Não sei se chegou de fato.

Só sei que quando Issa descobriu mandou que ele se afastasse imediatamente de Latrice, já que ela havia sido sua noiva e cuspiu nele.

Para a completa surpresa de todos, Shaka obedeceu de imediato e nunca mais se aproximou de Latrice. Segundo o próprio Shaka: “Há muitas outras mulheres no mundo, então não vale a pena perder Issa por ela”.

— Ele está maluco — Jabari comentou comigo — esse Shaka é mais perigoso que o próprio Issa.

Eu só saberia o quanto muito em breve. Assim que descobri que Shaka vinha de uma família tradicional de caçadores de Deuses.

— Caçadores de Deuses? — perguntou Jabari, curioso — o que é isso?

— Como é que você não sabe? — perguntou Fabumi, surpreso — você nunca ouviu falar na DAL, a Ordem que reúne os Deuses mais poderosos do mundo?

— É claro que já — disse Jabari — mas ninguém seria tão estúpido a ponto de tentar caçar os Deuses mais poderosos.

— Eu acho que Shaka se encaixa perfeitamente na definição de estúpido — opinou Fabumi.

E o pior de tudo era que Shaka estava convencendo Issa a segui-lo.

Nos meses seguintes, aqueles dois pararam com a conversinha sobre hierarquias e só falavam sobre Deuses.

A conversa era a pior possível: os Deuses eram aberrações e mereciam morrer todos. Os humanos triunfariam diante da tirania dos Deuses.

— Isso é só conversinha — Fabumi nos contou — em geral quem caça Deuses só quer saber do dinheiro. Se você vende

sangue, carne ou ossos de Deuses, enfim, qualquer parte, até unhas ou cabelos, você ganha um dinheirão. Então eles criam um discurso pretensamente nobre para justificar a sede por dinheiro.

— Acha mesmo que esses dois só estão interessados no dinheiro? — perguntou Jabari, desconfiado — eu acho que é só uma parte do que eles estão atrás. Eles também querem fama e poder.

— Pode ser — disse Fabumi — não me peça para entender a cabeça de imbecis.

Não importava o motivo: os dois eram perigosos.

Issa não era tão esforçado assim nas aulas, mas Shaka era completamente obcecado pelos deveres de magia. Ele teve aulas particulares de magia desde pequeno, para aprender a ser um caçador de Deuses no futuro.

Shaka ensinou algumas coisas para Issa também, que considerava igualmente a profissão de caçador de Deuses como uma carreira promissora.

Aquilo era compreensível: eles tinham nascido numa família de alta hierarquia e por isso se importavam com hierarquia. Mas como eles não eram Deuses, não aceitavam estar numa posição inferior. Portanto, odiavam Deuses e queriam matá-los, pois não aceitavam alguém acima deles.

Era algo bem idiota para pensar, mas fazia todo sentido.

Eu não pedi para ser príncipe e nem Deus. Se eu fosse apenas humano e um plebeu, não acho que eu seria obcecado em matar nobres ou Deuses. Eu ia querer sobreviver, é claro. Ia querer comer e trabalhar. Mas passar a vida caçando Deuses, por inveja? Eu não conseguia me ver fazendo uma coisa dessas.

Aqueles dois eram apenas nobres entediados. Não dava para acreditar.

Mesmo assim, comecei a temer Shaka. Eu fugia dele como do fogo do inferno.

Ele treinou magia de caçadores de Deuses na infância, então ele podia ser capaz de me rastrear. É verdade que também fui

treinado pelos melhores professores para aprender como suprimir minha energia de Deus, ou minha aura.

Sendo assim, no fundo nosso embate já havia começado. Mas era uma luta silenciosa e cega. Somente eu sabia que lutávamos. Shaka não sabia que havia um Deus tão perto. Como poderia saber? E talvez tenha baixado sua guarda.

Mesmo assim, eu preferia não me arriscar. Se eu chegasse muito perto dele, capaz de ele desconfiar. Shaka era mais sagaz do que eu gostaria.

Mais um ano se passou. Estávamos com treze anos.

Era incrível que eu tivesse conseguido chegar a essa idade mesmo com minha doença. Não foram anos fáceis.

Infelizmente, minha condição não estava melhorando. Eu tinha esperanças de que quando eu chegasse à idade adulta o meu poder de Deus se estabilizaria e a doença iria embora. Mas era melhor eu não nutrir grandes esperanças a esse respeito.

Eu precisava entender que a doença já fazia parte da minha existência. Eu devia aprender a conviver com ela, ficar em paz com ela. E aceitar até mesmo a perspectiva de que piorasse no futuro.

Quando aceitei isso, senti um misto de paz e desespero, o que é algo bem estranho de se sentir.

Naquele ano entrou uma nova aluna na nossa turma: Bibsbebe. Ela era filha de um marquês. Ela era muito inteligente e realmente feroz por notas.

Eu tinha as melhores notas da turma daqueles últimos dois anos. Porém, poucos meses depois, ela me ultrapassou facilmente. Fiquei chocado.

Nunca me esforcei muito para estudar, porque as aulas particulares que tive já davam conta do recado. Aquela foi a primeira vez que me senti realmente desafiado e passei a estudar com afinco em casa para ultrapassá-la.

Não que eu me importasse muito com notas. Era só porque era a primeira vez que eu arranjava alguma diversão.

Mesmo pessoas como Issa e Shaka, apesar do perigo que representavam, não eram realmente ameaçadores. Eram apenas irritantes.

Quando eu me esforcei de verdade, consegui notas melhores que Bibsbebe. Ela ficou furiosa. Para minha surpresa, foi tirar satisfações comigo. Foi até a minha mesa.

— Como você estuda? — ela me perguntou, impressionada.

— Tenho professores particulares — respondi.

— Eu também. Quais são os seus professores?

Aquilo eu não poderia revelar. Senão ela saberia que meu pai podia pagar os professores mais caros e melhores do reino.

— Me desculpe, mas não posso dizer — foi minha resposta.

Ela me fitou desconfiada.

— Eu ouvi sobre você — ela disse — você não revela o título do seu pai. Está sempre doente. Lê autores de séculos atrás. Fala que nem um velho.

— Eu não falo que nem um velho! — exclamei, ofendido — eu apenas passei muito tempo tendo aulas sozinho em casa, na companhia de adultos. Mas nesses últimos anos já me acostumei com o modo de falar dos jovens.

— “O modo de falar dos jovens” — imitou Bibsbebe, achando graça — como se você mesmo não tivesse apenas 13 anos.

— Quer saber de uma coisa? — perguntei — se é para conversar que nem adolescente, só papagaiando sobre títulos e tecidos de roupas caros, prefiro falar sobre os autores clássicos como um velho.

— Que arrogante — disse Bibsbebe — você não tem outros hobbies além de ler e estudar? Não tem amigos? Ou só conversa com seus pais e professores? Acha que só adultos estão à sua altura?

— Eu tenho amigos.

— Sim, eu já te vi com o gordinho e o magrinho.

— Hein? — perguntei, confuso.

— Aqueles nossos dois colegas com pais de títulos desprezíveis.

— Eles são pessoas muito mais interessantes que você, que só se importa com notas — retruquei.

— Espere, o que você está vestindo? — ela segurou no tecido da minha camisa — é seda?

Levei um susto e me afastei imediatamente.

— Não me toque sem a minha permissão — falei, com seriedade.

— O que é isso? — ela riu da minha cara — você acha que é rei ou algo assim?

— Estou vestindo o uniforme.

— Sim, mas tem um tecido chique por baixo. Parece ser caro.

— Você falou mal dos meus amigos — falei — e eu não vou revelar o nome dos meus professores. Nossa conversa acabou.

Bibsbebe me observou com atenção.

— Ouvi falar que você tem medo de mulher — ela comentou — é verdade?

— Quem está espalhando essas mentiras ao meu respeito? — perguntei, ofendido.

— As pessoas dizem que você fala apenas brevemente com as professoras e alunas do sexo feminino.

— É apenas impressão.

— Você reagiu exageradamente quando encostei em você.

— Só quero que me deixem em paz: todos, homens e mulheres — falei — parem de se meter na minha vida.

— Querido, isso aqui é um colégio. Todo mundo se mete na vida de todo mundo. Se não gosta disso, volte a ter aulas particulares em casa.

— Aposto que você ia adorar isso — eu disse — porque só se eu sair do colégio você vai conseguir ser a primeira da turma de novo.

Ela não gostou. Eu dei um sorrisinho.

Issa andava insuportável naquele ano. Ele resolveu pegar no pé de Fabumi.

Fabumi sempre foi meio gordinho e Jabari um pouco mais magro do que o esperado para meninos da nossa idade. Issa

fazia comentários desagradáveis sobre o peso dos dois de vez em quando. Nenhum de nós simpatizava com aquelas brincadeiras sem graça.

Porém, naquele ano, após as férias, Fabumi retornou com pelo menos uns dez quilos a mais. Issa não parava de comentar sobre isso, quase todos os dias. Era irritante, era detestável. Eu tinha vontade de socá-lo.

Mas eu não podia me meter numa briga. Se eu e Issa saíssemos no tapa e meu sangue escorresse, a probabilidade de Shaka conseguir captar minha energia de Deus através do sangue era muito alta.

Qualquer fluído corporal podia me denunciar. Por isso, sempre que eu estava doente, com o nariz escorrendo, eu tomava imenso cuidado. Mas em particular a energia do sangue me denunciaria mais fortemente do que qualquer coisa. Era no sangue, na carne viva e nos ossos que pulsava meu maior poder de Deus.

— O que a Bibsbebe queria com você? — Jabari me perguntou, curioso.

Contei para os dois. Fabumi suspirou fundo.

— Ela tem razão numa coisa, Dakarai — disse Fabumi — você não tem hobbies. Você só lê e estuda.

— Ler é um hobby — justifiquei.

— Sim, mas você podia tentar outra coisa — sugeriu Fabumi — como praticar um esporte.

— Não posso — falei — por causa da minha saúde.

— É mesmo — falou Fabumi — me desculpe.

Houve um minuto constrangedor de silêncio em que os dois nada disseram. É claro que eles estavam muito curiosos para saber qual era minha doença, mas todos sabíamos que eu jamais revelaria aquilo.

— Que tal irmos para minha casa hoje no fim da aula? — sugeriu Fabumi — hoje é sexta. Podem até dormir lá se quiserem.

Aquele foi um convite inesperado.

Parece que Jabari e Fabumi já tinham ido para a casa um do outro algumas vezes. Eles já eram amigos antes de eu conhecê-los.

Porém, era a primeira vez que me convidavam. Já éramos amigos há dois anos e nos víamos apenas no colégio.

Até então, eu sempre ia direto do colégio para o castelo. Será que estava na hora de arriscar algo novo?

Senti medo. E se eu ficasse doente na casa de Fabumi?

— Não sei — eu disse — não estou muito bem hoje.

— Você nunca está bem — observou Fabumi.

— A culpa não é minha! — protestei.

— Eu não disse isso — falou Fabumi — mas pode ficar tranquilo. Se você piorar, temos um médico da família que te atenderá num instante.

Aquilo não era bom. Se um médico de fora me consultasse e desconfiasse de algo esquisito, seria meu fim.

Mas eu não precisava ser tão pessimista. Não era certo que minha condição pioraria. E o mais provável era que o médico achasse minha condição muito esquisita, mas dificilmente iria cogitar que eu fosse um Deus. Aquela era uma possibilidade tão remota que somente um médico excepcional levantaria tal hipótese.

Acabei aceitando. Os dois celebraram.

— Vou pedir para meu cozinheiro fazer um jantar fantástico — garantiu Fabumi.

Quando a aula terminou, disse para os dois que eu avisaria meu cocheiro que só retornaria para casa no dia seguinte.

Fabumi e Jabari me seguiram até a carruagem, mas eu não permiti.

— Perdão — falei — devo ir sozinho falar com ele.

Avisei Haji e depois retornei.

— Você não confia em nós, não é? — comentou Jabari, meio desapontado — não permite nem mesmo que olhemos o rosto do seu cocheiro.

— Ele... prefere manter o anonimato — contei.

Eu e Jabari entramos na carruagem de Fabumi. Fiquei surpreso com o tamanho da casa de Fabumi. Era bem maior do que eu esperava e havia muitos funcionários.

Fabumi rapidamente avisou os cozinheiros para que preparassem algo especial. Em seguida, subimos as escadas até seu quarto, que também era bem grande, embora não tanto quanto o meu.

Senti-me muito feliz de estar lá. Era a primeira vez que eu ia para a casa de amigos. Conteí isso a eles. Fabumi sentiu-se lisonjeado.

— Então você só fica em casa quando não está no colégio? — perguntou Jabari — se gosta tanto de ler, por que não lê um pouco do lado de fora? Precisa ficar sempre enfiado no seu quarto?

— Minha condição de saúde pode piorar se eu me aventurar demais — eu disse — apenas frequentar o colégio já é uma aventura que exige muito de mim.

Eu tossi algumas vezes. Os dois se entreolharam.

— Não se preocupem — eu disse — não é contagioso.

Alguém bateu na porta. Quem entrou foi uma garota bonita poucos anos mais velha que nós.

— Fabu, tem uma correspondência para você... ah, perdão. Não sabia que seus amigos tinham vindo.

— Não tem problema — disse Fabumi, levantando-se — você já conhece Jabari. Esse é Dakarai.

— Dakarai? — ela olhou para mim com curiosidade — Ah! Dakarai.

— Prazer em conhecê-la — apressei-me em dizer.

— O prazer é meu — ela sorriu.

Ela entregou a correspondência para Fabumi e fechou a porta.

— Quem...? — perguntei.

— Minha irmã — informou Fabumi, prontamente.

— Sua irmã? — fiquei surpreso — não sabia que tinha irmã!

— Sim, ela estuda no nosso colégio. Tem quinze anos.

Eu não soube o que dizer. Além de ser bonita, ela usava um penteado atraente com tranças e um vestido bem arrumado com fitas.

Não tive coragem de comentar nenhuma daquelas coisas. Achei que fosse inapropriado, então eu apenas fiquei quieto.

Fabumi abriu a sua correspondência.

— É um novo jogo de cartas que chegou pelo correio — informou Fabumi — querem jogar comigo?

Fabumi gostava muito de jogos de cartas e tabuleiros.

— Qual o nome dela? — perguntei.

— O nome de quem? — perguntou Fabumi, embaralhando as cartas.

— Da sua irmã.

— Falala.

— É um bom nome — falei — você já tinha falado de mim para ela? Ela falou meu nome de um jeito que deu a entender que sim.

— Ah — disse Fabumi, meio sem jeito — devo ter comentado alguma coisa.

— O que, exatamente? — perguntei, curioso.

— Bem, o de sempre — disse Fabumi — os boatos no colégio.

— Ou seja, ela já sabe tudo sobre a minha vida — falei — ou pelo menos tudo que você sabe.

— Basicamente sim — confessou Fabumi — nós sempre jantamos juntos, em família. Todo dia comentamos o que acontece no colégio. Você não tem esse costume?

— Eu janto sozinho no meu quarto — informei.

Os dois ficaram surpresos.

— Por quê? — perguntou Jabari — você não janta com sua mãe e seu pai? Não tem irmãos?

Era uma pergunta meio triste de responder.

— Sou filho único — resolvi dizer — e sobre os meus pais... podemos falar disso outro dia?

Os dois me fitaram com pena. Acho que pensaram que os dois tinham morrido e que eu era um filho adotivo. Aquilo não

era incomum. Nobres que não conseguiam ter filhos costumavam adotar.

— Dakarai — disse Jabari, sem saber como começar — você sabe que estamos aqui para você. Não precisa ser tão sozinho.

— Eu sei — falei — obrigado.

Nós jogamos o jogo de cartas. No começo fiquei meio sem jeito, porque eu não fazia ideia das regras. Mas depois que aprendi me diverti bastante.

Fabumi nos mostrou outros jogos. Eu não conhecia nenhum deles. Jabari conhecia alguns. Eles ficaram bem surpresos que eu desconhecesse jogos famosos.

— Em que mundo você vive? — perguntou-me Fabumi.

Não importava o que eu fizesse: parecia que cada ação e cada palavra minha levantava suspeitas.

Mais tarde, descemos as escadas e fomos jantar na mesa da família. Conheci os pais de Fabumi. E confesso que eu dei umas espiadas na irmã mais velha dele. Ela era realmente atraente e graciosa. Ela tomava a sopa de um jeito muito delicado.

Quando voltamos para o quarto, Jabari me deu uma cotovelada na barriga.

— Você gostou da irmã do Fabumi, né, Dakarai? — perguntou Jabari.

Fiquei imensamente constrangido. Fabumi me fitou com surpresa.

— Não, quero dizer — eu gaguejei — ela é bonita. Mas... não se preocupe Fabumi, eu não fiquei olhando.

Acho que eles nunca tinham me visto tão sem jeito. E riram da minha cara. Eu não sabia onde me enfiar.

— Falala também pareceu interessada em Dakarai, não acharam? — falou Fabumi — se vocês quiserem arranjar casamento, nossas famílias podem conversar.

— Não, não! — falei, com urgência — não quero envolver minha família nisso.

— Não é incomum um namoro entre membros da nobreza nos dias de hoje — disse Fabumi — mas, tendo em vista a

moral e os bons costumes, é sempre bom que um namoro vise um noivado. Você não pensa em se casar um dia?

Aquela era uma boa pergunta. O normal era que os pais de um príncipe já arransassem um casamento para ele bem cedo, para garantir os herdeiros.

Mas eu nunca tinha conversado sobre aquele assunto com meu pai. Afinal, primeiro precisávamos descobrir se eu sobreviveria até a adolescência. E eu sobrevivi.

Só que eu era um Deus. Normalmente um príncipe se casa com alguma princesa de outro reino, para firmar alianças entre reinos. Mas se descobrissem que eu era um Deus, eu não teria mais uma vida normal. Eu colocaria minha família em risco. Então quem sabe formar uma família não fosse apropriado em primeiro lugar.

— E vocês? — resolvi devolver a pergunta — estão falando de mim, mas nenhum dos dois arranjou casamento ainda, certo?

Somente então que os dois me contaram que sim, havia algumas pretendentes em vista. Coisas de família. As famílias estavam arranjando tudo.

Fiquei sem fala.

Mais tarde, quando estávamos perto de deitar para dormir, tive outra crise de tosse. E fiquei com um pouco de febre.

Meus amigos se preocuparam.

— Quer que eu mande chamar um médico? — sugeri Fabumi.

Tive que aceitar. Eu senti que não conseguiria dormir naquela noite. Eu precisava tomar algum remédio.

O médico da família chegou alguns minutos depois. Pedi para que o médico me consultasse num quarto privado.

No começo, o médico fez apenas alguns exames de rotina, sem parecer muito preocupado. Achou que o que eu tinha não era nada.

Ele começou a se assustar quando ouviu o ritmo dos meus batimentos cardíacos.

— Isso é... muito estranho.

Agora sim que minhas batidas aumentaram. Fiquei nervoso.

— Você tem alguma doença de base? — ele me perguntou.
— Sempre fui doente, desde que nasci — contei — mas os médicos nunca descobriram o que eu tinha.

Aquela segunda parte era mentira. Meus médicos sabiam que eu era Deus. E se revelassem aquele segredo para alguém seriam enforcados no ato.

— Precisamos investigar isso mais a fundo — disse o médico — me permite fazer mais exames?

— Não — respondi, de forma ríspida — me desculpe, mas isso já está sendo investigado pelos meus médicos. Agora eu só queria um remédio para aliviar meus sintomas: parar a tosse e baixar a febre.

O médico não gostou do que eu disse.

— Os seus médicos não devem ser bons, se não descobriram nada depois de tantos anos — ele disse — mas se me permitir investigar...

— Eles sabem o que eu tenho — resolvi dizer — eu conheço minha doença. Eu apenas não posso revelar.

Finalmente, o médico me fitou, aturdido.

— Muito bem — ele aceitou essa resposta — aqui estão seus comprimidos. Tome um agora e mais um se os seus sintomas persistirem.

— Muito obrigado.

Um pouco depois, meus amigos foram conversar comigo. Eles me fitaram com desconfiança, mas disfarçaram. Eu tinha certeza que Fabumi tinha conversado com seu médico e que o médico relatou toda nossa conversa, mesmo que não fosse ético fazer aquilo.

Nós nos deitamos para dormir. Era a primeira vez que eu dormia em outro lugar que não fosse o meu quarto. Por isso eu ainda demorei um pouco para pegar no sono.

Felizmente, a febre e a tosse passaram. Consegui dormir tranquilo depois de algum tempo.

Era horrível ter que viver com toda aquela tensão, guardando segredos. Era doloroso não poder contar nem para os meus amigos.

Às vezes eu tinha vontade de contar, para acabar com aquilo. Mas eu sabia que eles seriam incapazes de guardar segredo e logo aquilo vazaria.

Afinal, meus segredos eram coisas grandes. Era o tipo de coisa que nenhuma pessoa normal conseguiria guardar por muito tempo, de tão fascinante.

Na tarde seguinte, meu cocheiro foi me buscar na casa de Fabumi. Quando cheguei no castelo, meu pai queria ter uma conversinha em particular.

— Onde estava com a cabeça? — ele foi logo dizendo — você não pode dormir na casa de amigos!

— Por que não?

— O combinado foi que você sempre retornaria direto para casa após a escola.

— E eu tenho feito isso religiosamente pelos últimos dois anos. Fui lá apenas uma vez!

— E não ficou doente?

Tive que contar o que aconteceu. Ele ficou furioso.

— Você foi atendido por um médico de fora?! — perguntou meu pai, escandalizado — sabe o que isso significa?

Sim, eu sabia. Uma coisa era descobrir que eu era príncipe. Outra coisa completamente diferente era descobrir que eu era Deus.

E aquele médico parecia muito perspicaz. Meu pai ficou tão preocupado que mandou que investigassem o médico. Se algo suspeito fosse descoberto, algo terrível poderia acontecer a ele.

— Você não vai mandar matá-lo, certo? — perguntei, preocupado.

Até aquele dia, meu pai não tinha mandado matar ninguém para guardar meus segredos. Mas eu sabia que se a situação fosse inevitável, ele não hesitaria.

— Não — respondeu meu pai, friamente — por enquanto não. Eu não gosto de mortes desnecessárias.

Nunca fui muito próximo do meu pai. Apesar de ele ser superprotetor e se preocupar tanto comigo, ele era uma pessoa

meio fria. Ele nunca tinha dito que me amava. Nunca escutei ninguém me dizer aquilo.

Por isso Jabari e Fabumi eram importantes para mim. Eram os primeiros amigos que já tive. E disseram que eu podia contar com eles.

Eu me sentia mais miserável a cada dia por ter que mentir para meus únicos amigos. Eles sabiam que eu não confiava neles. E se um dia eles me abandonassem? E se ficassem fartos das mentiras e segredos?

Senti um pouco de receio. Eu também não queria desapontar meu pai. O que eu devia fazer?

No meio da semana seguinte, Issa veio conversar comigo reservadamente no colégio. Eu não tinha interesse nenhum em conversar com ele, nem de forma pública e nem privada.

— Eu mandei seguirem o seu cocheiro — Issa me revelou — descobri o seu segredo.

Senti um frio na espinha.

Miserável! Senti a raiva subir.

— Você não tinha esse direito! — exclamei, completamente possesso.

— Não cometi nenhum crime — disse Issa — o seu cocheiro é o famoso Haji, que trabalha no castelo. Vocês desceram no castelo.

Meu mundo parou.

E agora? Como eu iria desmentir uma coisa tão óbvia?

— Você entrou no castelo — completou Issa — você nega?

Eu fiquei quieto. Issa abriu um largo sorriso.

— Não vai se defender? — ele me provocou — ou acabaram os seus joguinhos?

Eu fitei o chão. Não conseguia fitá-lo. Não sabia com que cara olhar para aquele desgraçado.

— Que pena — provocou Issa — você era tão bom em mentir e esconder. E foi tão descuidado...

Não me contive. Segurei Issa pela gola da sua camisa chique.

Ele adorou minha reação. Ele sorria maravilhado.

— Então eu finalmente consegui enfurecer o famoso Dakarai — prosseguiu Issa — o aluno misterioso que sempre tentou esconder seu título. Que estava sempre doente...

Maldição! Ele sabia. O miserável sabia!

Eu tinha sido derrotado. O que eu podia fazer?

E quando aquilo se espalhasse...? O que iria acontecer? O que meus amigos iam pensar? O que meus professores iam dizer? Como meus colegas me olhariam?

— Vamos — provocou Issa — pode me dar um soco. Vamos ver se tem coragem.

Tudo o que eu mais queria na vida era dar um soco naquele verme.

Mas eu não podia! Senão ele iria descobrir algo ainda pior. Se eu sangrasse numa briga e se Shaka estivesse perto... ele ia descobrir muito mais do que esperava. Seria um presente que eu não queria dar a ele.

Nos segundos seguintes avaliei racionalmente as possibilidades. Até que, por fim, larguei as vestes dele.

— Então isso é tudo? — Issa me perguntou — estou desapontado.

Silêncio.

— Seu pai trabalha no castelo — concluiu Issa — portanto, restaram apenas duas possibilidades: ou ele é um nobre de alta hierarquia, como um duque que costuma visitar a realeza, ou você é filho de um empregado. É isso que você está escondendo, Dakarai? No fundo você é filho de um cozinheiro ou de um faxineiro? Mas então por que você vai e volta da escola de carruagem? Quem sabe algum nobre sentiu pena de você e quis te dar uma chance na vida? Pagar seus estudos?

Fiquei estupefato com as palavras de Issa.

Sequer passou pela cabeça dele que eu poderia ser o príncipe. Era uma possibilidade tão remota e absurda que nem mesmo foi levantada.

Ele me viu entrando no castelo. Portanto, eu era filho de um nobre qualquer que trabalhava lá. Ou de um funcionário.

Isso foi o mais longe que Issa conseguiu pensar. E eu devia deixar que continuasse pensando dessa forma.

Respirei aliviado. Mas não deixei que ele reparasse no meu alívio. Ele devia pensar que eu ainda estava nervoso.

— Então isso foi tudo que você descobriu? — provoquei — que eu desci no castelo? Achei que você fosse melhor que isso, Issa. Isso foi o mais longe que conseguiu chegar?

Issa não gostou.

— Vou investigar mais — disse Issa — até ter tudo claro. Eu vou descobrir quem é seu pai, nem que eu morra.

— Que exagero — falei, achando graça — não acho que descobrir a identidade do meu pai vale todo esse esforço.

— Veremos — disse Issa.

E ele saiu.

Eu quase ri de alívio. Eu não sabia que Issa era tão burro.

Mas eu não podia ficar aliviado ainda. A notícia de que eu desci no castelo se espalhou como fogo.

Ainda não estava confirmado que eu vivia no castelo. Apenas que naquele dia eu desci lá.

Meu cocheiro era Haji. A identidade dele também foi relevada e se espalhou.

— Haji — diziam meus colegas — ele é famoso, não é mesmo?

— Sim, ele já foi cocheiro de muitos nobres.

— Espere, ele já foi cocheiro do meu pai também.

Eu apenas ouvia as conversas com satisfação. É claro que eu também estava nervoso. Por outro lado, também estava aliviado. Se depois de todas aquelas pistas eles ainda hesitavam em pensar na própria família real, eu não precisava me preocupar com aqueles estúpidos.

Meus amigos também não desconfiaram de nada.

— Você não vai nos contar o que foi fazer no castelo naquele dia? — perguntou Jabari.

— Nada especial — respondi, despreocupadamente.

— Seu pai está tentando arranjar seu casamento com a filha de um nobre do castelo? — sugeriu Fabumi.

Eles não cogitaram que eu morasse no castelo. Apenas que tinha descido lá.

Infelizmente, Bibsbebe foi mais perspicaz. Ela foi conversar comigo com um sorrisinho irritante de triunfo.

— Você mora no castelo — ela afirmou isso.

Eu não confirmei e nem neguei.

— Então é verdade — ela disse — ou você teria negado. Agora entendo porque você vai tão bem nos estudos. Seu pai deve ser um dos nobres de alta hierarquia que moram no castelo. E você deve conseguir ter aulas com os professores de lá.

Não havia como negar: dentre todos os meus colegas, foi ela quem chegou mais perto da verdade.

— Talvez — resolvi largar essa.

E Bibsbebe ficou feliz da vida com meu “talvez”. Não imaginei que ela ficaria tão satisfeita. Ela se satisfazia com pouco.

— Alguém do castelo deve saber a identidade do seu pai — ela insistiu — posso subordar os funcionários até que me digam a verdade.

— Eles não serão subornados — afirmei.

— Como pode ter tanta certeza?

— As pessoas que trabalham lá são leais e bem pagas. Não podem ser compradas.

— Quão bem pagas? — ela ignorou a parte da lealdade — eu posso pagar mais.

— Faça o que quiser.

Eu não estava muito preocupado. Eles já tinham chegado muito longe na investigação, mas havia limites do quão longe eles podiam chegar.

Ou será que algum funcionário do castelo poderia me trair? Era um risco. Mas eu não queria pensar nisso.

Será que meus colegas não tinham mais nada para fazer além de investigar a minha vida? Aquilo era irritante.

Eu não era misterioso de propósito. Era por necessidade.

Até Latrice foi conversar comigo naqueles dias. Ela estava se tornando uma bela mulher.

Ela sentou em cima da minha mesa de forma provocativa e colocou o cabelo para trás da orelha. Eu reparei nisso e mexeu um pouco comigo. Mas não me deixei levar. Eu desviei o olhar.

— Dakarai — ela pronunciou cada sílaba do meu nome com gosto — o menino misterioso que vive no castelo. O que você faz lá?

— Não é da sua conta.

Resolvi responder de forma mal educada porque eu estava me segurando para não olhar um pouco mais para o corpo dela. Eu só queria que ela sáísse de lá. Com essa resposta talvez ela desistisse.

Mas Latrice apenas alargou seu sorriso.

— Outras pessoas te seguiram — ela contou — você vai todo dia para o castelo.

Eu já esperava que algo assim acontecesse. Então eu morava lá. Era essa a conclusão óbvia.

— Essas pessoas — eu disse — deviam se preocupar com as próprias vidas.

— Não seja tolo — disse Latrice — já faz dois anos desde que você chegou, do nada. Com suas mentiras, com seu jeito estranho, tossindo, desmaiando. Estão todos curiosos.

— Eu não sou a única pessoa doente nesse colégio — retruquei.

— Não. Mas você é doente, mentiroso e estudioso.

Eu abri um livro e comecei a ler. E a ignorei.

Ela se levantou da minha mesa.

— Se você for mesmo filho de um nobre do castelo, vou considerar ser sua noiva — Latrice me informou — mas se você for o filho do faxineiro, pode esquecer.

— Eu não me casaria com você nem se você fosse princesa — eu a informei prontamente — por que não vai atrás do Issa? Ele ainda é caidinho por você.

— Eu jamais me casaria com aquele estúpido — ela disse.

— Eu acho que vocês foram feitos um para o outro — eu disse — vocês falam da mesma forma. Ou vá ficar com Shaka.

— Shaka é gostoso — disse Latrice, despreocupadamente — mas ele é amigo de Issa, então nada feito.

— “Amigo” é uma palavra muito forte. Shaka é o criado de Issa.

Eu falei tudo aquilo sem olhar para ela, ainda com os olhos no livro.

— Eu e você não precisamos ficar noivos — disse Latrice — se quiser só dar uns amassos, eu estou disponível.

Aquelas palavras mexeram um pouco comigo, mas eu me mantive firme.

— Você não quer dar uns amassos no filho do faxineiro — afirmiei.

— Alguns filhos de faxineiros são quentes — ela disse.

Aquela menina era impossível. Ela não ia desistir.

Eu apenas me levantei e saí.

Issa viu Latrice conversando comigo. Ele a viu dando em cima de mim tão descaradamente. Sentada na minha mesa, praticamente se jogando.

É claro que Issa não gostou.

— Por que tantas meninas estão obcecadas com você? — Issa me perguntou — o que você tem de mais?

— Eu é que pergunto — falei — você é mais obcecado por mim do que elas.

Issa riu.

— Se você encostar um dedo em Latrice, eu te mato — ameaçou Issa.

Eu o fitei.

— Ela não é mais sua noiva — eu disse — ela não é mais nada sua.

— Não me importo — disse Issa — não vou permitir que se aproxime dela. Mesmo se ela permitir.

Aquilo era demais.

— Você ferrou tudo, cara — eu disse — você deu um tapa nela. Ela não vai esquecer. Acabou. Como Shaka disse, há outras mulheres no mundo. Vá atrás de outra.

— Não me mande fazer nada — disse Issa.

Eu ri.

— Essa é boa — eu disse — você rouba meus registros de admissão no colégio, rouba meus registros médicos, persegue meu cocheiro e eu não posso nem te mandar ir atrás de outra mulher?

— Não encoste em Latrice — insistiu Issa — está avisado.

— Talvez eu encoste — provoquei — só para ter um pouco do que você nunca mais vai ter.

Dessa vez fui longe demais. Até eu reconheço isso.

Issa meteu um soco na minha cara com vontade. Foi um soco bem dado.

Eu caí no chão. Issa sentou em cima de mim e continuou metendo socos na minha cara.

Tentei me defender. Mas logo chegou gente para nos separar. Estávamos no corredor do colégio, então é claro que muita gente apareceu.

Nem preciso dizer que proporcionamos um bom espetáculo. A minha rivalidade com Issa era lendária. Não só na nossa turma. Os boatos voavam pelo colégio inteiro.

Quando fomos finalmente separados, botei uma mão no rosto. Ela estava coberta de sangue.

“Maldição...!”

Levei um susto e meu coração acelerou. Meu precioso sangue, que valia milhões, estava manchando o chão, a parede, minha pele e minhas roupas.

Shaka estava bem perto. Ele me fitava assombrado.

Será que ele havia percebido? Eu estava mais nervoso com isso do que com qualquer outra coisa.

Minha aura de Deus devia estar muito forte naquele momento. Se Shaka não sentisse e houvesse algum caçador de Deuses veterano no reino, capaz de me rastrear.

Fui correndo para o banheiro lavar o rosto. Eu precisava me livrar de todo aquele sangue. Depois disso, pressionei um pano contra o rosto, para estancar as feridas.

Jabari e Fabumi me acompanharam para me ajudar, mas eu nem lembro o que eles disseram. Parecia que eu estava em outro mundo.

Ainda bem que eu tinha brigado com Issa e não com Shaka. Em primeiro lugar, Shaka era alto e forte. Ele provavelmente teria quebrado meu nariz. Em segundo lugar, ele estaria muito perto para sentir a aura do meu sangue.

Como Shaka chegou só depois, ainda havia esperanças. Talvez ele não tivesse percebido.

Eu e Issa fomos para a diretoria. Tive que sentar do lado daquele cara. Foi insuportável.

— Os seus pais serão chamados para uma conversa — disse o diretor.

Meu queixo caiu. Issa deu um sorriso triunfante.

— Meu pai não pode vir — esclareci, de imediato — eu estou matriculado aqui sob circunstâncias especiais.

— Estou ciente — disse o diretor — mas nesse colégio nós temos regras. Temos o direito de expulsar qualquer um que as desobedece, não importa quem é seu pai.

— Não fui eu que desobeci as regras! — exclamei, escandalizado — foi Issa quem me bateu!

— Mas você o provocou, não foi? — disse o diretor — e revidou.

Eu tinha revidado? Eu nem me lembrava disso.

Issa estava com um corte na testa. Aquela porcariuzinha nem se comparava aos ferimentos do meu rosto. E eu agi sob legítima defesa.

Mas só por causa daquela droga meu pai seria chamado. Não dava para acreditar.

Eu já estava até vendo. Meu pai não ia gostar nada de saber da confusão que causei. E me chamaria de volta para casa.

De volta às aulas particulares, trancado no meu quarto. Ótimo. Talvez eu preferisse assim mesmo!

— Vocês têm sangue azul — disse o diretor — é vergonhoso que ajam dessa forma animalesca. Se querem resolver um problema, nobres devem marcar um duelo de pistolas de vida ou morte, como cavalheiros. Mas duelos só são permitidos para maiores de idade.

— Senhor — eu o interrompi — me desculpe, mas eu prefiro que me expulse agora do que ter que trazer meu pai.

Issa me fitou com espanto. O diretor também não acreditou.

— Posso saber o motivo? — perguntou o diretor.

— O senhor sabe quem é meu pai? — perguntei.

— Sim — disse o diretor — seu pai é um homem respeitável. Assim como eu, ele acredita na educação. Ele deverá concordar comigo que não é fugindo que se resolve as coisas. Você pode retornar para o castelo agora. Ninguém vai obrigar seu pai a vir. Mas peço que o informe da situação. Tenho certeza que, em nome da sua educação, ele concordará que essa conversa beneficiará a todos.

Eu não concordava com isso.

O que iríamos conversar, afinal? Eu e Issa teríamos que confessar que saímos no tapa por causa de uma mulher. Aquela não seria uma conversa muito instrutiva.

Mas eu não soube o que dizer. Muito bem, eu iria informar meu pai. Eu duvidava que ele concordasse em ir para o colégio. Ele tinha mais o que fazer do que resolver briguinhas de crianças.

Eu e Issa saímos da sala do diretor em silêncio.

— Você finalmente conseguiu o que queria — eu disse a ele, sem disfarçar minha raiva — está feliz?

— Ainda não — disse Issa — só vou ficar feliz quando eu me encontrar com seu pai pessoalmente.

— Se eu fosse você, não ficava tão alegrinho.

Quando voltei para casa no fim da tarde, meu pai ficou surpreso ao ver meu rosto todo machucado. Tive que confessar o que aconteceu.

Ele não ficou preocupado com o motivo da briga ou com a briga em si. Ele estava furioso apenas porque fui descuidado e permiti que derramassem meu sangue.

— Tem um filho de caçadores de Deuses no seu colégio! — exclamou meu pai — um sujeito que estudou magia e que consegue sentir Deuses. E você ousa derramar seu precioso sangue na frente dele?!

Meu pai estava irado.

— Sinto muito, senhor — eu disse — foi um erro. Não vai se repetir.

— Não foi um “erro” — disse meu pai — foi uma grande estupidez. Uma tolice completa. Se sua identidade de Deus for desmascarada agora, o que você vai fazer? Fugir? Você será morto rápido. Ainda não desenvolveu todos os seus poderes.

Ele tinha razão. Eu não fazia a menor ideia do que eu faria nessas circunstâncias.

— Eu poderia pedir a proteção da DAL — sugeri.

— A Ordem dos Deuses mais poderosos do mundo tem mais o que fazer do que proteger um príncipezinho negligente — disse meu pai.

Então era isso. Perto do poder dos Deuses, até mesmo o título de príncipe não significava grande coisa.

No meu mundo, a religião estava acima dos reis. Aquele era um golpe duro. Talvez por isso minha mãe tenha buscado o poder dos Deuses. Ela buscava algo ainda maior do que a realeza.

Mas de que servia toda aquela ambição por poder? Ela apenas causaria minha morte. Aquilo era inútil. Então foi por isso que minha mãe morreu? Não era melhor ela estar viva e com um filho normal?

Mas não adiantava falar do passado. Eu precisava lidar com a situação delicada diante de mim.

— Acha mesmo que eu não tenho mais nada que fazer do que resolver suas briguinhas infantis? Eu tenho um reino para governar!

— Eu imaginei que o senhor não ia querer conversar com o diretor — falei — prefiro mesmo que não fale. Ou prefere mandar alguém no seu lugar para prosseguirmos com essa farsa inútil?

— Então você não se importa de voltar a ter aulas particulares no castelo?

— Do jeito que as coisas estão, seria um alívio. Não suporto mais Issa. Ele só existe para tornar minha vida um inferno.

— Ele é o filho do grão-duque da Casa Bokassa, se não me engano?

— Sim — respondi — que diferença faz?

— Eu o conheço — disse meu pai — faz muito tempo que não o vejo. Não seria nada mau um reencontro.

Eu o fitei desconfiado.

— Você vai mesmo me submeter a isso? — perguntei, com receio — vai me expor na frente do colégio inteiro?

— Não era isso que você queria?

— Eu queria no começo! — protestei — queria ter sido apresentado como príncipe desde o primeiro dia. Agora, depois de dois anos, será constrangedor.

— Você se envergonha do seu título?

— Não é que eu me envergonho — eu disse — é que meus professores e colegas já me tratam de um jeito. Quando souberem da verdade, vão ficar cheios de dedos. Seria odioso. Não sei se vou aguentar.

Meu pai sorriu.

— Você que inventou de sair de casa — ele disse — agora aguente as consequências.

Não gostei.

Informei o colégio no dia seguinte que meu pai teria disponibilidade para uma reunião. Então ficou combinado que a reunião seria na sexta de manhã, às oito horas. Ou seja, eu e Issa teríamos que sair no meio da aula para participar.

Eu estava bem nervoso. Já era quinta-feira. Em menos de 24 horas eu seria desmascarado.

Issa reparou no meu nervosismo.

— Finalmente — disse Issa, assim que acabou o período de matemática e a professora saiu — vamos descobrir o que você tanto esconde.

Eu o ignorei.

Porém, eu não consegui ignorar o olhar que Shaka me dirigia. Aquilo sim me metia medo.

Eu não tinha medo de Issa. Ele era só um imbecil. Mas Shaka era perigoso. Ele e a família dele.

No intervalo, Issa veio conversar comigo em particular.

— Shaka me disse uma coisa interessante.

Senti um frio na espinha.

— Seu sangue tem uma energia estranha — Issa me informou — tem algo no seu sangue.

Eu o fitei com tanto medo que Issa me deu um sorriso triunfante.

— Então tem mesmo — disse Issa — Shaka não tinha certeza. Mas sua reação acaba de te denunciar.

— Bobagem — tentei disfarçar.

— Do que se trata? — insistiu Issa — tem relação com seu pai?

— Não — respondi, de imediato.

— Shaka adoraria analisar seu sangue mais de perto — insistiu Issa — você se importaria de nos dar um pouco?

— Nem morto — falei.

— Talvez eu deva te socar hoje de novo — disse Issa — já que nossos pais vão vir conversar amanhã. Sabe, para que eles não tenham que vir duas vezes.

— Seria uma péssima ideia — falei — se você me atacar de novo, não serei tão gentil. Você vai se dar mal.

— Por quê? — perguntou Issa — quem é seu pai? O que ele faria comigo?

— Mais do que você imagina. Uma vez é perdoável. A segunda vez não será.

Issa levou minha ameaça a sério.

— Muito bem — disse Issa, se afastando — vamos aguardar a conversa de amanhã. E então veremos.

Sexta-feira. Sete da manhã. A aula de astronomia começou.

É claro que eu não consegui prestar atenção. Meu coração estava saindo pela boca. Aquela era a atração do dia, então todos os meus colegas estavam sussurrando.

Quinze para as oito. Foi nesse momento que meus colegas se debruçaram na janela.

— A carruagem real! — exclamou alguém.

E todo mundo foi olhar.

— O rei!! — exclamou Fabumi, sem acreditar.

— Por que o rei está aqui? — perguntou Latrice — Issa, não me diga que seu pai o contatou?

— É claro que não — disse Issa, bastante tenso — Dakarai que mora no castelo. Eu não acredito que você envolveu o rei nisso!

Mesmo diante das circunstâncias óbvias, nenhum deles levantou a possibilidade mais evidente.

Eu não estava acreditando que meu pai tinha vindo na carruagem real. E abertamente! Eu achava que ele viria disfarçado e de forma discreta.

Mas isso não era a cara do meu pai. Ele era um homem corajoso. Não queria se esconder. Não via necessidade nenhuma.

Lá estava ele saindo da carruagem e trajando suas vestes reais. Ele entrou no colégio de forma espalhafatosa, acompanhado de guardas.

“Droga, pai!” pensei, furioso.

Por que ele tinha que fazer aquele estardalhaço? Eu era uma pessoa discreta. Não gostava daquelas coisas.

Porcaria! Todos os meus colegas estavam olhando para mim. Queriam alguma explicação.

Eu tentei ignorá-los, mas eu sabia que eles não iam deixar por isso mesmo.

— Dakarai — falou Fabumi, com voz trêmula — por que o rei está aqui? Por que esse monte de gente veio?

— Eu não sabia que ia vir tanta gente! — eu me defendi — isso não é minha culpa!

Eles se tranquilizaram. Achavam que eu não fazia a menor ideia do que estava acontecendo.

E não era mentira. Pensei que meu pai viria somente acompanhado de um guarda e vestido de forma discreta. Aquilo era um pesadelo.

Como o professor não iria conseguir mesmo prosseguir a aula, ele liberou a mim e a Issa. Nós dois saímos da sala.

— Seu pai já chegou? — perguntei.

— Sim, ali está ele — Issa informou.

Observei o grão-duque de Bokassa. Isso que era homem elegante! Não perdia em nada para o rei.

O grão-duque tinha uma barba perfeitamente bem aparada. Um olhar severo. Sinceramente, ele era mais assustador que meu pai. Era alto e quando se dirigiu a Issa falou com voz grave:

— Onde será a reunião?

— Na sala do diretor — informou Issa, prontamente.

Issa não me apresentou. O grão-duque também não pareceu muito interessado em mim.

Tentei encontrar semelhanças entre os dois. Talvez Issa e o pai se parecessem um pouco fisicamente, se você observasse bem.

Imaginei que Issa tivesse recebido uma educação rigorosa. Bem, eu não sabia nada sobre a vida de Issa. Não éramos amigos e sim rivais.

O grão-duque ficou surpreso com a presença do rei. Ele finalmente apareceu no corredor, escoltado por seus guardas.

— Vossa Majestade! — o grão-duque pronunciou imediatamente.

E se ajoelhou diante do meu pai. Era difícil acreditar que um homem tão respeitável quanto aquele estava se ajoelhando.

Issa ficou boquiaberto quando viu meu pai tão perto. Ele jogou-se no chão na mesma hora e se ajoelhou também. Nem sabia como agir, de tão nervoso que estava.

Eu não me ajoelhei. Eu nunca tinha participado de uma situação oficial junto com meu pai, em público. Então eu não sabia como me portar.

Meu pai não se importou que eu não tivesse me ajoelhado. Mas o grão-duque não me fitou com bons olhos diante de minha suposta insolência.

Issa puxou as minhas vestes e me jogou no chão, abaixando minha cabeça.

— Idiota — Issa me sussurrou — se ajoelhe.

Meu pai fez sinal para que eles se levantassem. Incluindo o diretor, que estava ali perto e também havia se ajoelhado.

— Não é porque você vive no castelo que pode ser insolente — Issa me sussurrou.

Eu não disse nada. Meu coração ainda estava disparado.

Eu odiei a mim mesmo. Por que eu precisava passar por aquela situação constrangedora?

Estávamos no meio do corredor. Alunos de diferentes salas, inclusive da nossa, nos espiavam por frestas da porta e das janelas.

— A que devo vossa ilustre presença em nossa humilde escola? — perguntou o diretor, com voz trêmula.

— Podemos tratar desse assunto reservadamente em sua sala — disse meu pai, tranquilamente.

— Naturalmente — disse o diretor, de imediato — por favor, me acompanhem.

E nós o seguimos.

— Onde está seu pai? — Issa sussurrou para mim, observando os homens que seguiam o rei — ele ainda não chegou? Ou é um desses?

— Seu imbecil — eu disse, num sussurro.

Ele ainda não tinha percebido. Ninguém tinha. Nem o grão-duque e nem o diretor.

Então quando o diretor disse que conhecia meu pai, ele estava se referindo ao nobre que o rei mandou em seu lugar para fazer minha matrícula. Ele não fazia a menor ideia que meu pai era o rei.

Chegamos na frente da sala do diretor. Ele nos convidou para entrarmos: o rei, o grão-duque, Issa e eu.

— Pode fechar a porta — disse meu pai.

O diretor devia estar aguardando mais alguém: o meu suposto pai. Mas ele obedeceu.

Nós cinco nos sentamos em cadeiras. Um silêncio preencheu o ar.

— Vossa Majestade — disse o diretor — suponho que tenha vindo no lugar do pai de Dakarai, que por alguma razão não foi capaz de comparecer.

— Você ainda não contou a eles? — o rei perguntou para mim.

— Não, senhor — respondi, de cabeça baixa — me desculpe.

Os outros devem ter ficado surpresos porque me dirigi ao rei por “senhor” em vez de por “Vossa Majestade”.

— Eu sou o pai de Dakarai — revelou o rei.

As reações teriam sido engraçadas se eu não estivesse tão tenso. Acho que num primeiro momento ninguém acreditou.

— Seu... filho adotivo? — o diretor ousou perguntar.

— Meu filho de sangue — respondeu o rei — meu único filho. Ele esteve muito doente nos últimos anos. Sem dúvida todos vocês ouviram os boatos.

Agora sim todos me fitavam com espanto. Foi o momento constrangedor que eu gostaria de ter evitado. Mas não havia o que fazer. Eu teria que passar por aquele incômodo em algum momento. Resolvi me conformar.

— O príncipe...? — o diretor gaguejou — o príncipe herdeiro? Seu primogênito?

Aquilo já estava ficando irritante. Meu pai também parecia estar perdendo a paciência. Ele nunca foi um homem muito paciente.

— É, que seja — disse meu pai — o que foi que ele fez?

Ninguém sabia por onde começar. Afinal, ninguém queria acusar o filho do rei de nada.

— Perdão, Vossa Majestade — quem se prontificou foi o grão-duque — meu filho estúpido bateu no seu. Foi uma briga infeliz de adolescentes. Espero que o perdoe. A culpa é exclusivamente de Issa.

É claro que Issa queria protestar, mas ele ficou completamente calado. É óbvio que ele não ousaria bater boca com o rei.

Mas será que ele ousaria bater boca com o príncipe? Eu queria ver do que Issa era feito.

— Bem, está perdoado — disse meu pai — isso é tudo?

— Eu entendo que Vossa Majestade seja muito ocupado — disse o diretor — e não queremos ocupar muito de seu tempo...

— Então estamos entendidos — falou meu pai — terminamos aqui?

— Sim, Vossa Majestade — disse o diretor, prontamente.

Aquilo foi rápido. Nem eu imaginei que seria tão depressa.

Com certeza meu pai me xingaria quando eu voltasse para casa, porque eu o trouxe para aquela reunião inútil.

E meu pai se retirou do colégio com tanta pompa e elegância quanto entrou.

O grão-duque também se retirou. Não sem antes fazer uma reverência para mim.

— Vossa Alteza Real — ele disse — é uma honra finalmente conhecê-lo.

— A honra é minha, senhor — eu respondi.

Fiquei muito embaraçado porque aquele homem respeitável me fez reverência. Eu queria sumir.

Quando eles foram embora, só ficamos eu e Issa sozinhos no corredor.

Eu fitei Issa com discrição. Porém, assim que Issa percebeu meu olhar, ele se jogou no chão. Ele exagerou na reverência, tocando a testa no chão.

— Mil perdões, Vossa Alteza Real! — exclamou Issa, de modo dramático — eu não fazia a menor ideia...!

— Esqueça — eu apressei-me em dizer — levante-se.

Seria realmente vergonhoso se alguém o visse com a testa no chão diante de mim. Eu olhei para os corredores nervoso, para ver se havia alguém nos arredores. Felizmente, não havia ninguém. Mas se ele continuasse ajoelhado podia aparecer alguém.

— Não! — disse Issa — eu peço desculpas por tudo. Meu Deus, eu bati no príncipe!

— Você está falando muito alto! — eu disse — por favor, baixe a voz. Ninguém se importa. Nem meu pai se importou. Então...

— Sua Majestade foi misericordiosa — insistiu Issa — ele poderia ter me enforcado se desejasse. Ele tem o poder para isso!

Aquilo era verdade. Se meu pai quisesse poderia ter enforcado Issa. Ele teria bons motivos.

Eu nem tinha pensado nisso. Sequer se passou pela minha cabeça. Eu odiava Issa, mas provavelmente não o suficiente para desejar que ele fosse enforcado.

Se Issa tentasse me matar, era outra história.

— Esse assunto acabou — insisti — vamos esquecer. Está tudo perdoado.

Eu só queria acabar com aquele drama, mas pelo jeito Issa não queria.

Para a minha surpresa, vi lágrimas nos olhos dele.

— Vossa Alteza! — ele pronunciou, muito alto — obrigado por poupar minha vida! Prometo que nada disso vai se repetir.

— Droga, Issa — falei — para com esse drama, tem gente olhando. Se levanta de uma vez!

Agora não eram apenas lágrimas. Ele começou a chorar como um bebê.

Por que ele estava se humilhando daquele jeito? Ele ligava seriamente para hierarquias? Achei que ele só fazia pose.

— A partir de agora serei seu humilde servo — disse Issa.

— Não! — exclamei — eu não quero isso!

Sinceramente, eu preferia que ele socasse minha cara do que aquilo.

Por causa do drama de Issa, dos gritos e das lágrimas, é claro que alunos saíram das salas e foram assistir ao espetáculo.

Todos entenderam rapidamente a situação, já que Issa não parava de gritar “Vossa Alteza!” como se fosse um maluco.

Até que os professores chamaram os alunos de volta para suas salas e o show terminou.

Issa enxugou as lágrimas e levantou-se quando nossa professora nos chamou também.

É claro que ninguém estava em condições de assistir aulas. A professora tentou ensinar alguma coisa, mas ninguém estava prestando atenção.

Até que a professora desistiu de dar a aula e disse:

— Pelo que entendi, a verdadeira identidade de Dakarai foi finalmente revelada e todos estão assombrados com isso. Eu também estou. Devemos todos tratá-lo com o maior respeito a partir de agora. Sempre dirigir-se a ele como “Vossa Alteza Real”.

— Isso não é necessário, professora — eu a interrompi.

— É claro que é, Vossa Alteza — insistiu a professora — aqueles que desobedecerem a essa regra serão submetidos a medidas disciplinares.

A professora saiu da sala. Disse que os professores fariam uma reunião de emergência para lidarem com a presente situação.

Eu não fazia a menor ideia que a presença do príncipe no colégio ocasionaria uma “reunião de emergência”. Aquele bando de nobres frescos!

Quando a professora saiu, é claro que todos os olhares se voltaram para mim. Eu só queria morrer. Meu Deus, no que eu fui me meter?

Ninguém fez nenhum comentário engraçadinho do tipo “Agora descobrimos seu segredinho”. Pelo contrário, num primeiro momento houve um silêncio longo e constrangedor.

Até que vários colegas meus se levantaram e, um a um, se ajoelharam diante de mim, me chamaram pelo título e se desculparam por qualquer bobagem apenas ligeiramente desrespeitosa que tinham dito ou feito.

Bibsbebe me disse:

— Vossa Alteza, sinto muito por ter agido de forma estúpida, competindo por notas. Está claro que Vossa Alteza é muito mais inteligente que eu.

Latrice se esparramou no chão, como Issa tinha feito. Ela também estava com lágrimas nos olhos.

— Vossa Alteza, perdão por ter agido de forma extremamente desrespeitosa. Peço desculpas por ter sentado na sua mesa, por ter tentado encostar na sua mão e por ter sensualizado de forma inapropriada. É claro que Vossa Alteza irá se casar com uma princesa. Não irei mais me aproximar.

Quando chegou a vez de Shaka fiquei particularmente incomodado. Aquele cara enorme me fazendo reverência e se desculpando. Nunca imaginei que viveria para ver isso.

Ele parecia ter se esquecido completamente da história do sangue e Issa também. Diante da atual situação, aquela questão parecia insignificante.

Toda aquela comoção me confirmou que eu definitivamente odiava hierarquias. E estar quase no topo das malditas hierarquias era ainda mais irritante.

O que eu havia feito para merecer tantas reverências? Eu só havia... nascido.

Mas o pior foi ver meus dois amigos se ajoelhando e pedindo desculpas. Meu Deus, desculpas pelo quê? Eles sempre foram tão legais comigo. Por que devia haver aquele distanciamento?

— Perdão, Vossa Alteza, por eu ter agido com tanta familiaridade e intimidade — disse Fabumi — não foi apropriado eu convidar Vossa Alteza para minha casa daquela maneira. Eu deveria ter organizado uma recepção mais adequada...

Que bobagem! Eu não sabia o que dizer. Eu queria que ele parasse com aquelas desculpas, mas eu não conseguia.

Fabumi e Jabari ainda estavam ajoelhados diante de mim. Em vez mandá-los levantar, fiz algo melhor. Eu me sentei no chão diante deles e os abracei.

— Vocês são meus melhores amigos — eu disse — obrigado por serem meus amigos, mesmo sem saber quem eu era. Não há do que se desculpar.

Fabumi até mesmo derramou algumas lágrimas de emoção diante da minha declaração. Acho que outros colegas meus também derramaram lágrimas com a cena emocionante.

Mas outros não gostaram. Eu ouvi os sussurros. Certamente acharam que o príncipe tinha agido de forma inapropriada.

Mas eu só queria que eles se ferrassem. Todos eles que estavam sussurrando. Afinal, o que eles sabiam?

Quando voltei para casa naquele dia, meu pai não queria saber de conversa. Ele estava de saco cheio.

— Estou ocupado — foi o que ele me disse.

Eu o deixei em paz. Ele estava até mesmo ocupado para me dizer que a reunião tinha sido uma perda de tempo.

Para meu alívio, houve o intervalo do fim de semana para os ânimos se acalmarem. Na segunda-feira imaginei que todos já estariam mais calmos.

Mas não foi bem assim. Minha presença não passou despercebida quando cheguei.

Recebi muitas reverências e “Vossa Alteza” conforme eu passava pelos corredores. Inclusive de pessoas que eu nem conhecia.

Estavam todos sussurrando e me espiando. Que chatice!

Eu estava seriamente cogitando voltar para minhas aulas particulares se aquilo continuasse por muito tempo.

Entrei na sala e cumprimentei meus dois amigos. Quando eles disseram o “Vossa Alteza” eu os mandei parar.

— Eu os proíbo de se dirigirem a mim dessa forma — falei.

Falando desse jeito, talvez eles me obedecessem.

Jabari levantou as sobrancelhas.

— Tem certeza? — perguntou ele, incerto.

— Absoluta — eu disse, me sentando — não aguento mais tanta gente puxando meu saco.

— Que alívio — Fabumi finalmente sorriu — acho que eu não conseguiria falar isso no fim de cada frase.

— Foi a coisa mais estúpida que a realeza já inventou — falei.

Nós três rimos. Finalmente quebramos o gelo entre nós.

Novamente, sussurros na sala. Certamente achavam que o príncipe estava agindo de forma deselegante. Não achavam que eu devia rir daquela forma em público.

Era melhor eu ir me acostumando: agora tudo que eu fizesse seria analisado de perto.

Assim que Issa entrou na sala, me fez uma reverência.

— Precisa de alguma coisa, Vossa Alteza? — ele me perguntou — um copo d'água? Uma massagem nas costas?

— Não, estou ótimo, obrigado — eu respondi, de forma ríspida.

Será que Issa estava fazendo aquilo para me irritar ou ele realmente queria me fazer algum favor? Era difícil dizer.

O professor de história chegou para dar a primeira aula. Assim que entrou, ele me fez uma reverência e me chamou de Vossa Alteza. Meu Deus, que chateação. Até os professores.

Mas o pior não foi isso. Aquela era uma aula sobre as casas reais do nosso reino e o professor me fazia perguntas o tempo todo para confirmar se estava explicando as coisas de forma correta.

Ele não estava me testando. Ele estava realmente inseguro para dar aquela aula, com medo de dizer bobagem. É claro que eu havia estudado e inclusive decorado as linhagens dos meus antepassados, já que eu era o príncipe. Mas eu não me importava se o meu professor errasse algum nome de algum antepassado meu ou tropeçasse em algum detalhe irrelevante. Eu não dava a mínima.

Todos ficaram impressionados com minhas explicações. Se alguém por acaso ainda tinha a mais leve dúvida de que eu era de fato o príncipe, aquela dúvida terminou depois disso.

Até que, lá pelo fim da aula, eu comecei a tossir.

No começo ouvi uns “Saúde, Vossa Alteza”. Mas depois eu tossi tantas vezes que até eles desistiram de me dar saúde, o que me deixou muito grato.

O professor até parou a aula, de tão preocupado que ficou. Certamente, se ele não soubesse que eu era o príncipe, jamais teria parado a aula se me visse tossir daquele jeito. Ele teria apenas pedido para eu sair da sala.

Mas ele não podia pedir para que o príncipe saísse. Por isso, eu mesmo me prontifiquei.

O professor pediu para que Fabumi me acompanhasse lá fora, caso eu piorasse.

Continuei tossindo no corredor.

— Você está bem? — perguntou Fabumi, preocupado.

— Vou ao banheiro — eu disse.

Peguei um lenço de papel. Porém, quando eu o coloquei na boca, eu gelei: o lenço estava vermelho.

Sangue. Meu sangue. Fiquei apavorado.

— Dakarai? — perguntou Fabumi, preocupado.

Mostrei o lenço vermelho. Ele também ficou assustado.

— Você precisa de um médico — disse Fabumi, com urgência.

Não me lembro o que aconteceu depois. Só sei que desmaiei. Acordei numa cama da enfermaria, com Fabumi e Jabari ao meu lado.

Eles me contaram o susto que eu dei para todo mundo. Eu demorei para acordar. A nossa aula parou e muita gente saiu para me ver.

Lá estava eu dando outro espetáculo. É claro que ninguém queria que o príncipe morresse na escola. Eu estava sob a responsabilidade deles.

Foi então que eu me lembrei de uma coisa.

— O lenço com o sangue — eu disse — onde você botou?

— Não me lembro — disse Fabumi — por quê?

— Por favor, procure o lenço — insisti — veja se está em alguma lixeira.

Fabumi obedeceu. Ele saiu e retornou alguns minutos depois.

— Não achei — ele confessou — ele deve ter caído no chão quando você desmaiou. Alguém deve ter botado fora. Por quê?

Eu não podia contar aquilo. Nem para eles.
Agora eles já sabiam que eu era príncipe. Mas aquele não era um segredo cuja revelação ameaçaria minha vida.

Mas o outro sim. Eu não podia dizer que Shaka jamais poderia chegar perto do meu sangue.

Havia uma chance de Shaka ter roubado meu lenço. Se ele levasse um pouco do meu sangue para que os pais dele, caçadores de Deuses, examinassem, era alta a chance de que ele confirmasse quem eu realmente era.

E se aquilo fosse conhecido, eu sabia o que aconteceria comigo depois. A minha hierarquia não me protegeria nesse caso.

— Esqueçam — eu disse, apenas.

Mas eles não aceitaram essa resposta.

— Estamos preocupados — disse Jabari — você tem essa doença desde que nasceu, não é mesmo? Ela é grave? Pode te matar?

— Não sei — falei — talvez.

— Você está fazendo tratamento? — perguntou Fabumi.

— Não há tratamento — respondi — é uma doença antiga, mas os sintomas variam de pessoa para pessoa. Então não há como saber o que vai acontecer ao certo. Muita gente é curado dessa doença ao atingir a idade adulta. Então talvez não haja o que ser feito, a não ser esperar.

Os dois pareceram mais aliviados com minha explicação. Ao menos agora eu não os havia deixado completamente no escuro.

— Então daqui alguns anos você pode se curar — disse Fabumi.

— Espero que sim — falei — mas já estou preparado para conviver com minha doença para sempre, se for necessário. Eu convivo com ela até hoje. Já me conformei.

— Desculpe perguntar isso nesse momento, mas sua mãe realmente morreu no parto como dizem os rumores? — perguntou Fabumi.

Eu estranhei a pergunta.

— Sim — respondi.

— Sinto muito — disse Jabari.
— Dakarai — falou Fabumi, preocupado — acho que sei qual é a sua doença.

— O quê? — perguntou Jabari, surpreso.
— É só um palpite — disse Fabumi — e é um palpite muito estranho. Mas...

Eu não queria que ele falasse. Será que Fabumi tinha descoberto? O segredo que eu tentei esconder por tanto tempo.

— Não, pare — eu disse — não diga nada. Vamos conversar sobre isso depois. Agora eu não estou em condições.

— Está certo — disse Fabumi — desculpe.

Minha vida estava tão estranha.

Eu sempre imaginei como seria quando meus segredos fossem revelados. Ficava pensando nisso de vez em quando.

Até que um deles veio à tona. Foi doloroso. Mas depois passou.

O outro seria muito mais doloroso.

— Você poderia ter nos contado, sabe — disse Jabari — que você é príncipe. Nós teríamos guardado segredo.

— É claro que teríamos — disse Fabumi.

— Sinto muito — falei — eu estava com medo. Meu pai me proibiu de contar e eu não queria desobedecê-lo.

— Por que Sua Majestade proibiu? — perguntou Fabumi.

Eu fiquei quieto por alguns segundos. Mas depois não aguentei mais.

Eu tinha traído a confiança deles por não contar que eu era príncipe. Eu não queria desapontá-los de novo.

É claro que esse segredo era muito mais importante. Minha vida estava em jogo. Mas eles eram meus únicos amigos. Eu não poderia confiar a eles minha vida?

Eu decidi que podia. E que devia.

Afinal, o que é uma vida? É apenas um sopro. O fato de eu ser príncipe não mudava isso em nada.

Várias vezes eu já pensei que eu fosse morrer, por causa da minha doença. A morte já era uma velha amiga. Eu não devia temê-la.

— Você sabe a resposta, Fabumi — falei — meu pai me proibiu de revelar minha identidade por causa da minha doença.

— É o que estou pensando? — perguntou Fabumi.

— Provavelmente.

— Diga logo, Fabumi — disse Jabari — o que você acha que é?

Fabumi me fitou com preocupação.

— Tudo bem — eu disse — pode dizer.

— É uma magia muito antiga — disse Fabumi — um feitiço. Possivelmente o feitiço mais difícil do mundo. Eu ouvi falar que a rainha era uma maga muito poderosa.

— Então você sabe — confirmei.

— Infelizmente, esse feitiço exige que se pague com a vida — disse Fabumi — uma mãe que gera um Deus sempre morre no parto.

— Um Deus? — perguntou Jabari, impressionado.

— Eu já ouvi falar que alguns Deuses sofrem de uma doença grave na infância — disse Fabumi.

— Como você sabe disso tudo? — perguntou Jabari, surpreso.

— Eu pesquisei — disse Fabumi — eu gosto de magia e quando eu era criança minha mãe me contava lendas sobre Deuses antes de eu ir dormir. Então houve uma época que eu procurei em bibliotecas o que pude encontrar sobre o assunto. Eu estava curioso. Achava fascinante, só isso. Nunca pensei em me tornar caçador de Deuses. Ao contrário, sempre admirei os Deuses.

— Infelizmente, alguns consideram os Deuses uma ameaça para a humanidade — falei — há quem ache que os Deuses podem abusar do próprio poder, matar ou governar todos os humanos. Até agora isso nunca chegou nem perto de acontecer. Mas o medo faz com que pessoas ajam de forma estúpida. E por isso surgiram os caçadores de Deuses.

— Por isso e porque eles querem dinheiro — falou Fabumi — já que o sangue e partes do corpo de Deuses valem uma fortuna.

— Então foi por isso que você perguntou do lenço — concluiu Jabari.

— Não é só por isso — falei — é porque os pais de Shaka são caçadores de Deuses. Ele mesmo já estudou um pouco da magia dos caçadores. Se ele pegar o lenço com meu sangue, pode descobrir minha natureza.

— Você é realmente...? — perguntou Jabari.

— Infelizmente eu sou — respondi, de forma amarga — minha mãe fez essa besteira.

— Não diga isso! — falou Fabumi — os Deuses são fascinantes! Eles são os magos mais poderosos do mundo! Têm poderes incríveis.

— É uma maldição — falei — se as pessoas erradas descobrirem, vou ter que me tornar um fugitivo. Jamais terei uma vida normal. Não que eu esperasse ter uma vida normal como príncipe. Mas ser Deus é ainda mais perigoso.

— Mas você vai ter o poder de evitar ser morto — insistiu Fabumi.

— No futuro — corrigi — eu ainda não tenho esse poder. É muito mais fácil matar Deuses quando eles ainda são crianças. Por isso as crianças Deuses são escondidas. Eu ainda estou muito vulnerável. Se os caçadores vierem atrás de mim agora, eu estou morto.

— O rei pode protegê-lo — disse Jabari.

— Não — falei — os caçadores de Deuses são uma Ordem religiosa, assim como a DAL. Os nobres não podem se meter nisso. A religião está acima da hierarquia da nobreza. As duas Ordens lutam uma contra a outra por tempos imemoriais. Na verdade, a DAL é incomparavelmente mais poderosa do que a Ordem dos Caçadores. Por isso os caçadores não tentam caçar os Deuses mais poderosos do mundo. Eles são covardes e vão atrás de crianças ou de Deuses fracos.

— Então para salvar a sua vida você vai ter que entrar para a DAL — concluiu Jabari.

— Não é nada simples tornar-se um dos dez Deuses mais fortes — falei — e receber a proteção da DAL significa tirar a

proteção de outra pessoa. Eu ainda não sei direito como isso tudo funciona. Primeiro eu preciso sobreviver. Se eu chegar à idade adulta, posso começar a pensar nisso.

— Então foi por isso que você escondeu que era príncipe — concluiu Jabari — se descobrissem que você é Deus mas não soubessem que mora no castelo, você poderia se proteger lá. Mas agora isso não é mais possível.

No dia seguinte, Shaka veio falar comigo. Eu gelei.

Normalmente Shaka mandava seus recados através de Issa e era Issa quem vinha me dizer as coisas. Mas dessa vez foi diferente. Shaka fez questão de conversar comigo pessoalmente.

— Vossa Alteza.

Não consegui identificar se ele me chamou assim em tom de zombaria ou a sério. Eu não disse nada.

Ele chegou perto. Eu não me considerava uma pessoa nem muita baixa e nem muito magra, mas perto dele eu parecia uma formiga. Ele realmente intimidava.

Mas eu não quis deixar transparecer no meu rosto que estava preocupado, embora já desconfiasse qual seria o assunto.

— Devia cuidar mais dos seus pertences.

Ainda assim, eu fiquei quieto.

Mas quando ele me mostrou o lenço com o sangue, eu não pude mais fingir que estava calmo.

— Meus pais gostaram do seu sangue — ele me informou.

— Por quê? — zombei — eles são vampiros?

— Você tem alguma ideia do quão valioso é esse lenço? — perguntou Shaka, ignorando-me — se leiolarmos, podemos conseguir alguns milhões.

— É apenas sangue seco e velho — falei.

— Não importa. É o seu sangue.

— Um príncipe sangra como qualquer outro — comentei.

— O seu sangue real não vai te salvar — disse Shaka — e você sabe muito bem disso, seu Deus imundo.

— O que você quer, Shaka? — perguntei, perdendo a paciência — quer me bater para pegar mais sangue? Ou quer me matar?

— Ambos.

— Você, sozinho?

Eu perguntei isso, mas era bem possível que somente ele desse conta. Ele não era apenas fisicamente mais forte que eu, mas sabia magia.

— Eu poderia dar conta — disse Shaka — mas eu não sou idiota. Há milhões em jogo. Além do mais, eu não sou ainda oficialmente um caçador de Deuses. É preciso ter licença para matar. Uma vez que alguém se torna Deus, não está mais protegido pelos direitos humanos e pode ser torturado e assassinado pelos assassinos e torturadores licenciados. Sabia disso?

Eu já tinha ouvido falar de algo assim. Mas ouvi-lo falar naquele tom me arrepiou.

Eu poderia ser morto. Mas torturado? Eu não tinha pensado nisso.

Mas é claro. Era inteligente deixar um Deus preso e torturá-lo antes de matá-lo. Assim seriam obtidos muito sangue, carne e ossos para vender antes de roubar completamente o poder do Deus.

Até onde eu sabia, minha mãe não tinha feito isso. Afinal, ela não queria dinheiro. Não precisava. Queria apenas o poder.

— Você não precisa de dinheiro — falei — você é um nobre. Já tem mais do que o suficiente para viver confortavelmente. Você e seus descendentes.

— Meus pais não são caçadores somente pelo dinheiro — disse Shaka — nós achamos que os Deuses são uma ameaça à soberania da raça humana. É extremamente perigoso que exista uma raça de seres superpoderosos. Humanos magos já são muito fortes. Deuses magos são uma aberração. Dizem que alguns podem matar com um sopro. Isso é anormal. Eles são armas vivas. Não podem continuar vivendo.

— Então você não quer roubar meu poder — concluí — e sim libertar o Deus. Talvez escondê-lo, trancá-lo?

Segundo os rumores, era possível trancar os Deuses em utensílios mágicos e enterrá-los, ou jogá-los no fundo do

oceano. Mas destruí-los definitivamente, de forma a encerrar o ciclo de encarnações? Seria possível?

— Não importa o que eu vou fazer — disse Shaka — não estarei cometendo nenhum crime, porque você não é mais humano. Além do mais, meus pais são caçadores licenciados. Eles podem entrar aqui a qualquer momento e... veja só. Aí estão eles.

Um homem e uma mulher muito bem vestidos cruzaram o corredor. Porém, eles não pareciam pessoas normais. Eles carregavam armas e artefatos mágicos.

No entanto, eles não me atacaram. Apenas me cumprimentaram respeitosamente.

— Não queremos criar nenhuma comoção no colégio, Vossa Alteza — disse a mulher — portanto, eu sugiro que nos acompanhe sem resistência.

— Se resistir, podemos matar seus colegas por acidente — avisou o homem.

Aquilo não parecia ser real.

Naquele exato momento, lembrei do dia que saí do castelo pela primeira vez, dois anos atrás. Senti que tudo que eu via parecia apenas um sonho. Ou uma história dos livros que eu lia.

Mas aquilo era real. Será que eu estava tendo um flashback porque eu iria morrer?

Sempre imaginei como seria quando descobrissem meus segredos.

Seria doloroso? Eu morreria?

Sim, foi doloroso. E naquele momento eu estava conversando com meus futuros assassinos.

Possivelmente eu teria poucos minutos ou segundos de vida pela frente.

— Vocês não podem matar meus colegas — eu disse, tentando disfarçar o tremor da minha voz — vocês só têm licença para matar Deuses, não humanos.

Será que eu estava conversando apenas para ganhar mais alguns segundos de vida? Como eu era patético.

Mas eu tinha apenas treze anos. Será que era errado temer a morte?

— Tem razão — disse o homem — mas eu não disse que nós os mataríamos de propósito. Acidentes acontecem. Faz parte da nossa profissão e acontece o tempo todo. Profissionais não são punidos por acidentes, pois um pequeno número de mortes acidentais a cada ataque está previsto por lei.

— Então vocês não deveriam me atacar dentro de um colégio, onde há um risco muito maior de mortes acidentais de inocentes — falei.

— E correr o risco de perdê-lo? — perguntou a mulher — você já estava desconfiando do lenço de papel. Era só questão de tempo para que fugisse.

— Vocês não se importam que pessoas morram — falei — não se tornaram caçadores “em nome da soberania da raça humana”. Vocês não são heróis, apenas assassinos. Se matar Deuses não os torna assassinos, matar civis “acidentalmente” em seus ataques os torna.

A mulher riu.

— Adolescentes são sempre idealistas — ela disse — vocês querem salvar o mundo e condenam os atos dos adultos. Mas o mundo ideal de vocês, onde há heróis e pessoas nunca morrem, não existe e nunca existirá. Você ainda é uma criança e por isso não sabe de nada. Pessoas morrem. Pessoas matam. Não importa se você é humano ou Deus. Esse é o mundo que nós vivemos. O mundo já é ruim o bastante sem Deuses, mas é pior com eles. Os Deuses só se importam com a própria existência. Eles só querem passar de um corpo a outro para continuar existindo, como parasitas. Os humanos são suas presas.

— Eu não escolhi me tornar um Deus — falei — mas você tem razão: quero continuar existindo, não importa o que eu seja. Eu não quero morrer. Eu acho que tenho o direito de continuar vivendo, como qualquer outro ser vivo nesse mundo. Você não pode me matar sob a justificativa de que posso me tornar um Deus superpoderoso e assassino um dia.

— Você precisa ser morto antes que esteja fora de controle — disse a mulher — enquanto ainda é uma criança.

— Me desculpe, mas eu sou egoísta — falei — e não vou ceder minha vida voluntariamente em nome de algo tão incerto.

— Já acabaram de conversar? — perguntou Shaka, impaciente.

— E você, por que está aqui ainda? — perguntei, irritado — você pode “morrer acidentalmente” se for pego no meio do ataque.

— Não ligo — falou Shaka — sempre quis conhecer um Deus. Sempre quis ver um deles sendo morto. Aceito dar minha vida por isso.

— Então você é um pouco mais do que um nobre imbecil que só liga para dinheiro e hierarquia — falei — não sei se te respeito por isso ou se fico com pena porque você não dará sua vida por um ideal mais nobre.

— Para qual “ideal nobre” você quer dar sua vida, Dakarai? — zombou Shaka.

— Ainda não sei — confessei — por enquanto, eu quero pelo menos sobreviver por mais tempo para poder pensar sobre isso um dia.

Assim que eu terminei de falar, escapei por pouco de ser atingido por uma faca. A mulher tentou me esfaquear!

Não sei como eu consegui desviar. Instinto?

Não. Era algo mais. Algo dentro de mim desviou do ataque.

Era a primeira vez que aquilo acontecia: eu não tinha me mexido sozinho. Algo dentro de mim havia me movido.

Seria... o Deus dentro de mim?

Mas não era possível. Até aquele dia, eu jamais tinha manifestado nenhum tipo de poder divino. Por que logo ali?

Talvez porque até então eu jamais tivesse me envolvido em uma situação séria de vida ou morte. Nunca corri o risco de ser assassinado.

Mas o meu corpo sentiu que aquela era uma ameaça real. Então eu me desviei.

Mas não era eu. Era o Deus dentro de mim.

Mas o Deus não era eu? Ou eu era apenas um corpo, um hospedeiro do parasita?

Será que o Deus apenas usava meu corpo para seu proveito? Para continuar existindo, como um vírus?

Ele iria apenas me exaurir e me matar? Mas, se fosse assim, eu não devia mesmo ser morto? Os Deuses não deviam ser mortos?

Mas como se matava um Deus? Se você destruía apenas a pessoa, ele passava para outro corpo.

Foi só naquele instante que me dei conta que talvez minha mãe soubesse coisas que eu ainda não sabia. Talvez houvesse um motivo maior para ela ter me passado aquele poder. Não somente uma sede pelo poder em si.

Mas não era hora de pensar em nada disso. Primeiro eu precisava ficar vivo.

A mulher tentou me dar outra facada. Dessa vez ela conseguiu.

Ela enfiou a faca no meu braço. Não foi grave. Mesmo assim, eu gritei.

O meu corpo inteiro pulsou. Senti uma forte ânsia de vômito. Algo parecido com o que eu sentia quando estava doente.

O Deus em mim detectou a ameaça, mas ele ainda era muito fraco. Talvez ele ainda não conseguisse fazer muita coisa para me salvar.

O sangue escorreu pelo meu braço. Eu me senti tonto. O homem encostou um pano no chão, para sorver cada preciosa gota.

Confesso que senti muita raiva quando ele fez isso. Estávamos numa luta de vida ou morte e ele estava preocupado em roubar minhas gotas para conseguir dinheiro.

Porém, não era apenas dinheiro. Ele podia usar as gotas para obter poder mágico. Para potencializar seus ataques. Talvez tivessem me atingido no braço de propósito. Queria pegar sangue fresco, pulsando energia de Deus, antes de me matarem.

O meu grito chamou a atenção dos alunos. Alguns saíram das salas. Ele observaram assustados enquanto aqueles dois nobres bem vestidos me atacavam.

Será que eles entenderam o que estava acontecendo? Eles entenderam que aqueles dois usavam trajes e armas de caçadores de Deuses?

— Dakarai! — gritou Fabumi.

Ele veio na minha direção.

— Não venha! — gritei de volta — é perigoso!

Fabumi não se importou. Ele se aproximou de mim.

— Seu braço! — disse Fabumi.

— Não foi nada — falei, embora eu sentisse meu braço pulsando de dor — não se preocupe. Apenas... saia daqui!

— Não vou sair! — disse Fabumi, decidido.

Ele não havia entendido a situação? É claro que sim.

Baixei a guarda. Para a minha surpresa, Fabumi me segurou por trás. Ele prendeu meus braços.

O que raios estava acontecendo? Fabumi era forte. Eu não conseguia me soltar.

— Muito bem, Fabumi! — gritou Shaka, empolgado — vamos matar essa abominação!

Foi então que eu entendi tudo.

Fabumi não sabia tanto sobre Deuses porque ele “estava curioso” ou porque era fã de lendas antigas.

Ele também desejava se tornar um caçador de Deuses. Assim como Shaka.

Eu contei a ele que era Deus. Falei para ele do lenço de papel. Talvez ele tivesse contado tudo para Shaka. Traidor!

Mas eu nem tive tempo de sentir raiva.

Poucos segundos depois, caí no chão. Eu estava solto.

Quando olhei ao meu redor, surpreso, vi Issa e Fabumi lutando. Issa estava socando Fabumi.

— Tire essas suas mãos imundas do príncipe! — ele exclamou.

— Que diabos você está fazendo, Issa? — perguntou Shaka, irado.

Shaka sempre foi o fiel servidor de Issa. Shaka já tinha contado a ele sobre os Deuses. Àquela altura, Issa já devia saber que eu era Deus. Então, por quê?

— Acima de tudo, eu sirvo meu rei — explicou Issa — eu não me importo com seus Deuses.

Issa levantou uma esfera escura e lançou-a no ar. Por um momento pensei que era uma bomba e levei um susto.

Ela fez um barulhão, mas não provocou estragos. Um mar de fumaça tomou o ar. Eu comecei a tossir e não enxergava nada.

— Fuja, Vossa Alteza! — gritou Issa.

Eu obedeci de imediato. Eu não sabia o que estava acontecendo e nem queria entender.

Eu não sabia mais quem era amigo ou inimigo. Eu só poderia confiar em mim mesmo.

Desci as escadas correndo e Tateando. Não sei como, mas consegui sair do colégio.

Eu corria pelas ruas, com o coração disparado. Eu sabia que aqueles dois caçadores iriam me perseguir.

Chamei uma carruagem e entrei nela.

— Para o castelo! — exclamei — depressa!

Com as mãos trêmulas, procurei por dinheiro dentro da minha bolsa.

Nunca tive o prazer de passear a pé pela cidade. Meus poucos minutos correndo pelas ruas não serviram para apreciar a paisagem.

Não demorou muito para que a carruagem chegasse ao castelo. Eu corri até lá.

Mas eu era burro. Por que eu fui para o castelo? Seria o primeiro lugar onde me procurariam.

No fundo, eu sabia o motivo: por toda minha vida, eu só tinha ido para dois lugares: para o castelo e para o colégio, com a única exceção do dia que fiquei na casa de Fabumi.

Fabumi. Aquele traidor desgraçado! Até o miserável do Issa era melhor que ele.

Issa salvou minha vida. Mas não adiantaria muito se eu morresse em seguida.

Corri pelo castelo, subindo as escadas. Eu só queria entrar no meu quarto e me esconder na minha cama. Fugindo, como sempre. Como o covarde que eu era.

Mas o que eu podia fazer? Eu ainda não podia lutar.

Infelizmente, com meu ato eu havia colocado todos os moradores do castelo em risco. Eu não tinha coragem para ir a nenhum outro lugar. Eu jamais tinha ido.

Para mim era mais fácil morrer em casa do que me aventurar para além dos portões.

Um dia eu já tive coragem. Sim, aquele longínquo dia em que eu consegui sair de casa pela primeira vez.

Mas aquilo era passado. Eu havia me deparado cara a cara com a morte quando levei aquela facada.

Eu ia morrer. E eu estava tremendo de medo.

Eu não queria morrer. Não importava que eu fosse um Deus. Eu não tinha força para defender a mim mesmo.

— Pai! — eu soquei a porta do quarto dele — pai! Sou eu! Onde você está?

Droga!

Ele finalmente abriu a porta.

— O que você quer? — ele perguntou, com raiva — estou ocupado. Eu tenho um reino para governar! Eu... pelo céu e pelo inferno, você está sangrando!

— Os pais de Shaka tentaram me matar — expliquei, em poucas palavras — eles estão me perseguindo. Logo estarão aqui. O que eu faço?

— O que você faz, seu idiota?! — gritou meu pai — você se manda daqui! Isso tudo é culpa sua, ouviu bem? Foi você que quis sair do castelo. Você revelou sua identidade como príncipe e como Deus! Você não ouviu os conselhos do seu pai, para ficar trancado em casa até atingir a idade adulta. Você nunca me escuta! Sempre acha que tem razão. Pois aí está. Agora lide com as consequências e morra, como sempre quis. Não era você que preferia morrer a continuar preso aqui dentro?

Eu não estava acreditando no que ouvia.

— Você é meu pai! — gritei — você não me ama? Não fez tudo isso para me proteger? Por que vai me abandonar agora?

— Eu não te amo — ele disse — eu amava sua mãe. Mas ela morreu por você, seu maldito! Por você!

Foi então que eu entendi. Meu pai não me amava. Ele me odiava. Porque, de certa forma, eu matei minha mãe.

— Saia daqui! — insistiu meu pai — vá fugir dos caçadores bem longe de mim! Agora todos sabem quem você é. Esse é seu destino.

Senti lágrimas correndo nos meus olhos.

— O que está fazendo aí parado, imbecil? Quer colocar minha vida em risco? Agora você é uma maldita bomba-relógio. Você não tem a força para me proteger. Somente para me matar.

Aquelas palavras eram duras. Mas ele estava certo. Eu não podia continuar no castelo. Precisava fugir logo dali.

Mas para onde eu iria? Quais outros lugares existiam no mundo além do meu colégio e do meu castelo?

Infelizmente, não tive tempo de pensar. Alguns segundos depois, os caçadores chegaram.

Lá estavam eles: magos poderosíssimos cobertos de sangue.

Certamente eles tinham atravessado a segurança do castelo, matando pelo caminho todos que tentavam impedi-los.

Sempre pensei que nossa segurança era poderosa. Mas eu estava enganado.

Onde estavam nossos magos? Onde estavam meus professores magos? Bem, eu não andava tendo muitas aulas particulares ultimamente, já que eu frequentava o colégio.

Eu fitei aqueles dois caçadores. E morri por dentro.

— Podem me matar — eu disse — mas, por favor, não matem meu pai.

No segundo seguinte, meu pai caiu no chão.

A mulher puxou a faca.

— Fraco — ela disse, apenas — sua mãe, a rainha, era uma maga fantástica. Mas esse fraco nunca soube magia. Ele era um

governante extraordinário. Um rei forte. Mas como mago sempre foi inútil.

Eu me abaixei. Segurei na mão do meu pai, coberto de lágrimas.

— Filho inútil.

Foram as últimas palavras do meu pai antes de fechar os olhos para sempre.

A mulher riu.

— Você matou o rei! — eu gritei — você será morta! Isso é traição!

— O rei protegeu um Deus — ela disse — então a morte dele é justificada. Afinal, por que você está chorando por esse velho? Ele somente te xingou, até o fim. Ele sempre te mantinha trancado no castelo. De que ele serviu? Ele disse que não te amava. Eu ouvi tudo.

— Ainda assim, ele tentou me proteger — falei.

— Não adiantou nada — disse a mulher — porque você vai morrer agora.

Ela tentou enfiar a faca no meu peito. Porém, não completou o gesto.

A faca apenas arranhou minha pele. Escorreu um filete de sangue.

A mãe de Shaka caiu no chão, atravessada por uma espada. Morta.

O que vi a seguir só podia ser um sonho.

Uma mulher alta entrou pela janela. Aquela que carregava a espada.

Ela usava roupas lindas. Nelas havia um emblema escrito “DAL”.

O homem fitou a mulher com horror.

— Ah! — pronunciou a mulher alta — é apenas um caçador.

E, no segundo seguinte, ela o decapitou com a espada.

A cabeça do homem caiu no chão. E depois o corpo tombou.

— Uma criança Deus — ela disse, ao olhar para mim — qual o seu nome, garoto?

— Dakarai — respondi, tremendo de medo.
— Fuja — disse a mulher — mais caçadores virão.
— Para onde eu vou? — perguntei, assustado.
— Para o Mosteiro dos Deuses — ela respondeu — é lá que treinam os novos Deuses, para que aprendam magia e possam se proteger.

— Onde fica esse lugar?

— No Reino do Nada.

Achei que fosse piada. Mas pelo jeito era esse mesmo o nome do lugar. Ela não parecia propensa a brincadeiras. Muito menos naquele momento.

— É longe? — perguntei.

— Fica a alguns dias daqui — ela disse — depende do seu meio de transporte. Eu sugiro que você parta agora. Um de seus cocheiros ainda deve estar vivo. Eu cuidarei dos feridos aqui.

— Certo — eu disse — obrigado.

Eu me virei para sair do quarto. Porém, ela me chamou.

— Espere — ela disse — leve isso.

Ela me deu um colar com uma pedra vermelha.

— É um amuleto de proteção da DAL — informou a mulher — é carregado magicamente. Agora, vá!

Eu corri, com o colar na mão.

Desci as escadas com o coração pulsando. Conforme eu atravessava os corredores, via cadáveres.

Eu não tinha tempo para cuidar dos feridos. Aquela mulher me garantiu que cuidaria deles. E eu senti que podia confiar nela.

Afinal, que escolha eu tinha? Eu estava tão perdido que naquele momento aceitaria os conselhos de qualquer um.

Mas ela era minha salvadora. Agora eu tinha uma dívida não somente com Issa, mas também com ela.

Quando saí do castelo, corri procurando por um cocheiro. E, para minha sorte, encontrei exatamente quem eu desejava.

— Haji!

Haji estava assustado. Cuidava de um ferido. Mas ele mesmo não parecia machucado.

— Descobriram que sou Deus — contei a ele — eu preciso fugir dos caçadores. Agora.

— Onde está o rei? — perguntou Haji, assustado.

Eu não respondi. Haji entendeu o significado do meu silêncio e não perguntou duas vezes.

— Suba, Vossa Alteza! — disse Haji — para onde vamos?

— Para o Reino do Nada.

— Onde fica isso? — perguntou Haji, confuso.

— Se você não sabe, como vou saber? — perguntei, desesperado — por enquanto, apenas saia do pátio do castelo. É o primeiro lugar onde vão me procurar. Fique longe daqui e do meu colégio. De preferência, saia da cidade. Lá fora, descobriremos onde fica o Mosteiro dos Deuses.

— O Mosteiro dos Deuses — pronunciou Haji, tentando sentir o gosto daquelas palavras — nunca ouvi falar.

Haji era um cocheiro excepcional. Sua fama era lendária. Ele conhecia qualquer lugar do nosso reino. Bastava falar o nome e ele te levaria lá, sem nem precisar consultar um mapa.

Mas Haji raramente saía do reino. Ele não conhecia muito as terras fora dele.

Estava na hora de uma pequena aventura: para mim e para ele.

— Vossa Alteza, está ferido — ele observou.

— Não é nada — eu disse.

E nós seguimos viagem.

Fui descuidado. Eu não levei nada. Tinha apenas minha bolsa. Não peguei água e nem comida. Mas eu não senti nem fome e nem sede nas primeiras horas.

Eu apenas derramei lágrimas em silêncio na solidão da carruagem. Pelo menos lá dentro eu tinha privacidade de chorar.

Meu pai estava morto. Mas se a mulher estava lá assistindo tudo, por que ela não o salvou? Por que ela salvou apenas a mim?

Ela era da DAL, a Ordem dos Deuses Acima da Lei. Ela era uma Deusa. Então talvez ela só se importasse em salvar a vida

de Deuses e não de humanos. Ela disse que cuidaria dos feridos do castelo. Eu podia mesmo confiar nela?

Se era assim, será que ela era muito diferente da mãe de Shaka, que queria matar Deuses, em nome dos humanos? Mas ela matava humanos também.

Senti uma forte dor de cabeça. Eu queria dormir um pouco, depois de tanto estresse e adrenalina, para descansar. Mas dormir era a última coisa que eu conseguiria fazer.

Coloquei o colar no pescoço. Aquela pedrinha vermelha tinha um formato vagamente semelhante ao de um coração.

Eu não conseguia tirar aquela mulher da cabeça: a mulher alta com o emblema da DAL nas vestes.

Ela matou aqueles dois como se não fosse nada. A força dela não era desse mundo.

Um dia, talvez, eu também obteria uma força que não era desse mundo. Se eu conseguisse sobreviver mais alguns anos.

Só mais alguns anos.

Capítulo 2: Mosteiro dos Deuses

— Vossa Alteza.

Pelo jeito ele já estava me chamando há algum tempo. Finalmente, eu abri os olhos.

— Perço perdão por acordá-lo. Nós chegamos na próxima cidade.

Eu bocejei. Não conseguia acreditar que havia dormido. Pensei que nunca mais seria capaz de dormir.

Eu nem mesmo conhecia minha própria cidade e lá estava eu num lugar completamente desconhecido.

Haji me ajudou a descer da carruagem.

— Seu braço — ele disse.

— Não se preocupe — falei, baixando a manga da camisa — já parou de sangrar. Onde estamos?

— Numa pousada.

— É seguro? — perguntei, preocupado — não seria melhor nos escondermos?

— É uma pousada de conhecidos meus — informou Haji — eles são de confiança. Não ficaremos muito tempo aqui. Somente o bastante para que eu descubra a localização de nosso destino final.

Resolvi confiar nele. Bem, se eu não confiasse, em quem eu ia confiar? Meu pai sempre teve Haji em alta conta.

Meu pai. Ele não estava mais nesse mundo. E eu? Por quanto tempo ainda estaria?

Minha mãe e meu pai morreram para que eu vivesse. Então eu precisava honrar esse sacrifício e me esforçar para ficar vivo.

Já era noite. Eu não sabia por quanto tempo havíamos viajado, mas devia ter sido por longas horas.

Nós dois entramos na pousada. Quem nos recepcionou foi uma mulher baixa e gorda, com cerca de cinquenta anos, vestindo um avental por cima do vestido longo.

Ela imediatamente abraçou Haji. Pelo jeito eles se conheciam e não se viam há muito tempo.

— Você está igual — ela disse a ele — não envelheceu um só dia. O que o traz a Trilha dos Heróis?

Aí estava um nome bem impactante para uma cidade. Eu já tinha ouvido falar nela, é claro. Não é um nome que se esquece com facilidade. Era um cidade relativamente próxima do nosso reino. Talvez não fosse a primeira escolha de busca se algum caçador fosse atrás de nós. Então provavelmente estávamos seguros. Por enquanto.

Meu reino se chamava “Maior Sonho”. Também era um bom nome. “Sou o príncipe de Maior Sonho” não soava mal.

Trilha dos Heróis também era um reinado, como a maior parte das cidades. Eu sabia o nome do rei, mas não sabia nada sobre os príncipes de lá.

— Só estamos de passagem — explicou Haji — ficaremos pouco tempo. Eu gostaria de dar uma olhada nos seus mapas, se você não se importa. Procuo um lugar.

Quando Haji disse “estamos” e “ficaremos”, a mulher finalmente reparou em mim. Ela me fitou com curiosidade.

— Vossa Graça — disse ela, com uma breve reverência.

“Vossa Graça” era uma forma segura de se dirigir a um nobre se você não fazia ideia do título.

E como ela sabia que eu era um nobre? Ela conhecia Haji, então devia saber que ele era cocheiro. Somente nobres tinham dinheiro para pagar um cocheiro tão renomado quanto ele.

Eu usava vestes de tecido fino, embora elas estivessem meio empoeiradas e rasgadas no braço, depois de toda aquela confusão no colégio e no castelo.

Mas, acima de tudo, o que devia ter me denunciado era a cor da minha pele. Mesmo entre nobres, era raro alguém com a pele em tom tão escuro quanto a minha. Ela só era mais comum entre a realeza e a alta nobreza.

A cor da minha pele era um problema se eu queria me esconder.

Percebi que Haji havia reservado dois quartos. Pensei em dizer a ele que somente um quarto para nós dois era o bastante, mas era tarde demais.

Era uma pousada simples, mas não era pobre. Era bonita e limpa. Fiquei satisfeito com meu quarto. Era pequeno, mas a cama era confortável. Era o bastante.

Quando me sentei na cama, reparei o quanto eu ainda estava com sono. Mesmo após ter dormido durante quase todo o trajeto. Afinal, na carruagem eu dormi sentado e com certo desconforto. Devo ter acordado algumas vezes.

Haji me avisou que em breve me trariam o meu jantar. Depois disso, eu poderia dormir.

— Amanhã vamos comprar uma roupa para Vossa Alteza — disse Haji — a sua está rasgada. Além disso, você pode ser facilmente reconhecido com ela.

Ainda bem que eu ainda tinha bastante dinheiro na minha bolsa. Mas aquele dinheiro só duraria por mais algumas semanas. Era melhor que encontrássemos o tal mosteiro antes disso.

Haji estava confiante que acharia o lugar em breve, assim que consultasse alguns mapas. Eu resolvi confiar nele.

Meia hora depois, me trouxeram um prato com um ensopado de carne, batata e cenoura. Era uma comida bem comum. Nem se comparava com os pratos finos que eu recebia no castelo.

Mas eu não me queixei. Eu estava sem comer nada desde o café da manhã. Além do mais, não achei a comida ruim.

Assim que terminei de comer, deitei na cama e apaguei.

Nem tive tempo de pensar sobre o que havia acontecido e o que me aguardava. Eu estava totalmente exausto.

Só acordei quando o sol já havia nascido, com batidas na porta.

— Vossa Graça?

Era a voz de Haji.

Eu me levantei, ainda meio sonolento, e abri a porta.

— Perdão por acordá-lo — disse Haji — posso entrar um pouco?

— É claro.

Quando ele entrou, eu fechei a porta. Convidei-o a se sentar numa cadeira, enquanto eu me sentei na cama.

— Não posso chamá-lo de “Vossa Alteza” em público — ele explicou — alguém poderia ter me ouvido do corredor.

— Não me importo — eu disse.

Sinceramente, eu não dava a mínima. Por mim, ele me chamaria por “você”, mas eu sabia que ele não aceitaria isso. Haji era totalmente leal ao meu pai e apegado a regras.

Haji abriu alguns mapas diante de mim.

— Procurei pelo Reino do Nada — ele disse — mas não encontrei nada parecido. Aquela Deusa te disse que o local ficava a alguns dias de viagem de Maior Sonho, não é?

— Foi o que ela disse.

— Poderia ser qualquer uma dessas cidades — ele apontou — há duas possibilidades: ou “Reino do Nada” é um apelido para alguma delas ou, a opção mais provável, é uma cidade escondida que não está no mapa.

— Existe algo assim? — perguntei, curioso.

— Existem muitas cidades assim — falou Haji — assim como existem cidades marcadas no mapa que não existem. Elas se chamam “cidades de papel” e é um recurso utilizado por cartógrafos para evitar cópias não autorizadas de seus mapas.

— Muito inteligente — comentei — mas e então? Como faremos para achar nossa cidade escondida?

— Vou comprar mais mapas no mercado. Não é seguro que eu saia por aí perguntando sobre o “Reino do Nada”. Vai levantar suspeitas. Está na cara que esse é um local especial.

Nós tomamos café da manhã na pousada. Depois disso, fomos visitar os mercados.

Foi mágico caminhar pelas ruas. Era a primeira vez que eu prestava atenção nos mercados e nas pessoas.

Reparei alguns olhares voltados na minha direção. Algumas pessoas realmente me encaravam ou me fitavam com espanto.

— Haji — eu o chamei em voz baixa — as pessoas estão me olhando ou é impressão minha?

— Não é impressão — respondeu Haji.

— Achei que estava ficando paranoico — falei — é por causa do meu uniforme?

— Não — disse Haji — é por causa da cor da sua pele. Mesmo assim, é melhor que você compre logo uma roupa nova. Principalmente uma que cubra a maior parte do seu corpo.

Nós entramos numa das lojas. O vendedor cumprimentou Haji com alegria. No entanto, assim que o vendedor me viu, seu tom de voz mudou.

— Vossa Graça — ele disse de imediato, com seriedade — em que posso servi-lo?

Estava tão na cara assim que eu era nobre?

Escolhi uma roupa discreta, de tecido não tão caro. Haji sugeriu que eu comprasse um conjunto que cobrisse também meus cabelos e uma parte do meu rosto.

Eu já saí de lá vestido com minha roupa nova, que era muito mais confortável que meu uniforme. Só fiquei com um pouco de calor, por causa do sol.

Haji me explicou que meu penteado, com aquelas trancinhas, também era algo que me identificava como nobre. Ou seja, eu respirava nobreza dos pés à cabeça. Aquilo não era bom.

Mas bastava que não me identificassem como membro da realeza. Eu não me importava que descobrissem que eu era nobre.

Haji comprou alguns mapas no mercado. Nós voltamos para a pousada e os estudamos.

— Nada — disse Haji, desapontado — eu vou dar uma olhada na biblioteca. Aguarde-me aqui.

Eu o esperei no meu quarto da pousada, ainda tentando achar alguma pista naquele monte de mapas.

Eu até queria ter ido junto com Haji para a biblioteca, mas ele me sugeriu que eu não fosse. Quanto menos eu transitasse pela cidade melhor.

Olhei para aqueles mapas por tantas horas seguidas que chegou um momento em que eu já estava alucinando. Em certo ponto, deitei a cabeça em cima deles e quase dormi. Devo até ter cochilado por alguns minutos.

Estranho. Eu já tinha dormido tanto. Mas parecia que meu corpo ainda precisava de descanso.

Parei para pensar. Quando a mãe de Shaka me deu aquela primeira facada, senti uma força dentro de mim. O Deus deve ter usado muita energia para me desviar.

Seria por isso que eu estava tão exausto? O Deus usou energia na luta, mesmo que não tivesse feito praticamente nada. Então eu precisava dormir mais que o normal para recuperar as forças.

Fitei minha mão. Por que eu era assim tão fraco? Ah, tudo que eu queria era me tornar adulto logo. Era insuportável ser um Deus criança tão fraco e tão vulnerável. Eu só criava problemas para meus guardiões.

Um dos mapas ficou um pouco manchado.

— Droga — sussurrei para mim mesmo.

Acho que babei nele enquanto cochilei. Haji tinha usado um bom dinheiro para comprá-los. Eu não queria estragar.

Tentei remover a mancha com meu dedo e é claro que não adiantou nada. Mas naquele momento senti um tipo de energia estranha.

Resolvi experimentar algo.

— Deus — pronunciei — me mostre onde fica o Reino do Nada nesse mapa.

Para minha surpresa, meu dedo se moveu imediatamente até um local bem específico.

Não havia nada naquela parte. Ficava ao norte de uma cidade chamada “Salto do Vento”.

Eu nunca tinha ouvido falar nessa cidade. Ela era meio isolada. Não havia outras cidades perto dessa. Além disso, a população era minúscula.

Achei que era um bom candidato.

Quando Haji voltou, estava com uma expressão cansada e desapontada.

— Não adianta — ele disse — não consigo encontrar.

— Eu encontrei — informei a ele, orgulhoso.

— Como? — perguntou Haji, surpreso.

Mostrei a ele uma região do mapa sem absolutamente nada.

— Como sabe que é esse o lugar? — perguntou Haji.

— Eu apenas sei — respondi — eu... senti.

Era meio difícil explicar que o Deus dentro de mim tinha me mostrado.

Aquele Deus era eu, não é mesmo? Eu me sentia meio desconfortável com a ideia de que eu estava sendo possuído por um Deus, que me usava para seu benefício. Eu preferia pensar que eu e ele éramos a mesma pessoa e estávamos em perfeita sincronia.

Haji analisou o mapa.

— Vamos levar alguns dias para chegar — ele concluiu — quer partir agora?

A ideia de viajar mais longos dias na carruagem não me animou muito.

— Já está escurecendo — falei — vamos dormir aqui na pousada mais essa noite. Partiremos ao amanhecer.

— Tem certeza? — perguntou Haji — os caçadores de Deuses já devem estar no seu encalço.

— Vou apostar na sorte — falei — ninguém vai desconfiar que viemos para Trilha dos Heróis. Eles vão tentar me procurar antes em outras cidades mais próximas de Maior Sonho.

Naquela noite eu jantei com grandes esperanças. Depois daquela intuição sobre a localização do Reino do Nada, eu estava de bom humor.

Eu não sabia quase nada sobre meus poderes de Deus. Quando eles começariam a despertar? Como eu devia usá-los? Imaginei que me ensinariam tudo isso no tal Mosteiro dos Deuses.

Fui deitar muito animado. Eu não queria ficar pensando em coisas tristes. Não queria lembrar do passado recente, pois isso me fazia sentir uma dor no coração.

Eu queria confiar que a partir dali as coisas começariam a dar certo.

Meus olhos ficaram pesados poucos segundos após deitar. Imaginei que seria outro daqueles dias em que eu pegaria no sono muito rápido.

Porém, um som me fez despertar. Ouvi um barulho perto da porta. Sentei-me na cama.

— Haji...?

A porta se abriu. Eu ouvi alguns passos.

Aquilo era estranho. Haji não faria isso. Ele não entraria no meu quarto sem autorização. Ele bateria na porta muitas vezes e falaria muitos “Vossa Graça” até resolver pensar em abrir a porta.

Eu me levantei. Acendi uma vela.

Porém, assim que fiz isso a vela caiu e logo se apagou.

Uma figura pulou para cima de mim. Uma figura humana.

Era um homem. Ele estava armado.

Meu coração disparou. Eu era só uma criança. Não conseguiria lidar com um homem adulto.

Tentei afastá-lo, mas não fui capaz. Fui atingido por uma faca no braço esquerdo.

Era o mesmo braço do meu ferimento anterior, que ainda não estava completamente cicatrizado.

Senti o sangue quente escorrendo. Eu me apavorei.

O pânico foi tão grande que eu não consegui fazer nada. Eu estava tremendo. Não conseguia reagir. Tentei gritar, mas a voz não saiu.

Quando consegui emitir um som, o homem tapou a minha boca com a mão.

— Quietos — ele sussurrou — ou eu te mato.

Eu não movi um músculo.

— Escute aqui, seu Deus nojento — ele disse — é melhor ficar calado. Eu só vou drenar seu sangue. Se você se comportar, eu te deixo vivo.

Aquilo era uma mentira. Havia caçadores de Deuses que tiravam sangue e cortavam dedos antes de matar. Mas eu nunca tinha ouvido falar de um que tirava apenas o sangue e deixava

sua vítima viva. Não vender os ossos, que valiam muito mais, seria um desperdício.

Eu não era idiota. Ele achava que eu iria esperar calmamente até que ele tirasse todo meu sangue? Se ele fosse estúpido o bastante, podia até me matar por acidente fazendo isso.

Mas havia caçadores estúpidos. Geralmente eram os mais fracos. Eram caçadores que não sabiam quase nada de magia e que só iam atrás dos Deuses por dinheiro.

Eles não sabiam fazer o ritual de roubar o poder do Deus. Só magos fortes conheciam o ritual. Por isso, se você quisesse capturar um Deus e o vender para um desses magos fortes, só receberia o dinheiro se o Deus ainda estivesse vivo.

Eu não senti que aquele cara fosse capaz disso. Eu tive medo porque eu sabia que ele não ia apenas me capturar. Ele ia me matar por acidente, porque ia fazer as coisas de qualquer jeito.

O cara rompeu uma artéria do meu braço com uma faca e o sangue jorrou com um jato forte. Não aquele sangue vermelho escuro das veias, mas sangue vermelho vivo.

Ele recolheu o sangue num pote. E eu fiquei tonto só de olhar. Quase desmaiei.

Alguns segundos depois, ouvi o som do pote de vidro se quebrando no chão.

Avistei a iluminação de uma lamparina. O homem saiu de cima de mim. Dois homens travaram uma luta de socos, empurrões e facas.

Até que os sons terminaram.

— Vossa Alteza? Está bem?

Era Haji. Ele foi até minha direção, preocupado.

— Estou — respondi, com voz fraca — mas não paro de sangrar...

Haji percebeu que uma artéria do meu braço tinha se rompido.

— Não se mexa — ele disse — pressione com esse pano. Não pare de pressionar por uns dez minutos.

Eu obedeci. Ainda estava muito trêmulo.

Meu coração estava batendo de um jeito muito estranho e desesperado. Como se o Deus em mim ainda estivesse tentando repelir um inimigo invisível.

— Você se machucou? — perguntei.

— Não — respondeu Haji — eu tive sorte.

— Esse cara... você o matou?

— Infelizmente sim — disse Haji — eu não gosto de matar pessoas, mas eu precisava protegê-lo. Era arriscado demais deixá-lo vivo.

Olhei para o chão. Finalmente pude ver o rosto do cara. O sujeito tinha levado várias facadas no peito. Fiquei impressionado. Se fosse eu dando facadas, nem teria forças para que a faca penetrasse, ou a faca prenderia nas costelas.

— Será que virão mais caçadores? — perguntei, preocupado — talvez eles estejam num grupo. Os outros podem vir atrás do companheiro morto.

— Por via das dúvidas, é melhor partirmos agora — disse Haji, levantando-se — irei pegar minhas coisas e algumas provisões para a viagem. Farei isso o mais rápido possível. Não saia daí.

Eu obedeci.

Haji retornou em pouquíssimos minutos, com tudo pronto. Ele me ajudou a arrumar minhas coisas, já que meu braço estava ferido.

Nós saímos da pousada e fomos até a carruagem. Ainda bem que nossos cavalos estavam bem alimentados para a longa viagem que teríamos pela frente.

— Continue pressionando o ferimento — recomendou Haji — não pare até que o fluxo de sangue cesse.

— Eu sei — falei.

Entrei na carruagem e iniciamos nossa viagem.

Alguns minutos depois, eu afastei a pequena cortina que me separava do lugar em que o cocheiro se sentava.

— Haji?

— Sim, Vossa Alteza.

— Você disse que teve sorte, mas eu te vi lutando — falei — você não se feriu e matou aquele cara com a maior facilidade.

— Eu fui treinado em lutas com espadas e facas na juventude — explicou Haji — eu pensava em seguir carreira no exército.

— Por que mudou de ideia? — perguntei.

— Minha mãe ficou doente — explicou Haji — meu pai e meus irmãos morreram na guerra e não havia ninguém mais para cuidar dela. Por isso eu resolvi me tornar cocheiro. Era uma forma rápida de conseguir dinheiro e eu poderia passar mais tempo com minha mãe.

— O que aconteceu com sua mãe?

— Ela viveu mais quinze anos — explicou Haji — e depois morreu.

— Por que não foi para o exército depois disso?

— Não sei — respondeu Haji — eu queria servir no exército na época da guerra. Depois que a guerra terminou, minha vontade esfriou um pouco. Eu nunca gostei particularmente de armas. Só queria servir porque eu era um jovem saudável e achei que era meu dever dar minha vida pelo rei.

— No final, você ajudou mais o rei como cocheiro do que se tivesse servido no exército — concluí.

— Provavelmente sim — concordou Haji — infelizmente não consegui proteger a vida de Sua Majestade.

— Mas você protegeu a minha — eu disse — obrigado, Haji.

— É meu dever, Vossa Alteza.

Percebi que Haji disse isso com um tom de voz bastante solene.

Guardei no coração esse momento. Provavelmente Haji esteve aguardando uma ocasião como essa por sua vida toda. Ele tinha o desejo sincero de ser útil à família real. E ele havia literalmente arriscado sua vida por mim poucos minutos atrás.

Ele podia ter simplesmente fugido. Ele não tinha obrigação nenhuma de me salvar. Ele nem mesmo estava presente no mesmo quarto quando aquele cara me atacou.

Mas Haji escutou e partiu em meu socorro, sem pensar duas vezes. Ele não hesitou e nem pareceu sentir medo. Fez o que tinha que ser feito.

Agora eu devia minha vida a três pessoas: Issa, a Deusa misteriosa e Haji.

Era desconfortável ter tantas dívidas assim. Era desconfortável ser salvo.

Eu também queria poder salvar a vida de alguém. Imaginei que Haji devia estar sentindo uma sensação extraordinária naquele momento.

Ser útil para alguém! Dar a vida por alguém. Se aquele não era o objetivo mais supremo da existência, eu não saberia dizer qual era.

Decidi que eu queria sobreviver. Sim, eu precisava viver até chegar à idade adulta, para poder honrar os esforços de todos aqueles que me salvaram.

Mas era mais que isso: eu queria um dia obter o poder de um Deus. Se um dia eu fosse forte como um Deus, eu teria o poder de salvar a vida de muita gente.

Somente nesse dia eu poderia sentir a mesma sensação que Haji sentiu ao me salvar.

Essa passou a ser minha meta: tornar-me forte para poder ajudar pessoas. Não parecia uma ideia ruim.

Eu estava cheio de adrenalina após aquilo tudo. Eu havia travado uma luta de vida ou morte. Depois eu assisti outra luta de vida ou morte. E meu braço estava ferido, latejando.

É claro que dessa vez eu não conseguiria dormir. Por isso, após alguns minutos de silêncio, voltei a conversar com Haji.

— Você já tinha matado alguém antes? — perguntei a ele.

— Sim — respondeu Haji — não é algo de que me orgulho.

— Nem se for para salvar a vida de alguém?

— Nesse caso, é aceitável — disse Haji — alguém tem que fazer esse trabalho sujo.

— Não é um trabalho sujo — falei — é admirável arriscar a vida por alguém. Principalmente se for por alguém que ama.

— Todo ser humano merece ser amado — disse Haji — todo ser merece viver.

— Você é uma pessoa religiosa? — perguntei, intrigado.

— Tive educação religiosa na juventude — explicou Haji — minha mãe também era muito religiosa. Hoje em dia já não sou tão envolvido com religião. Mesmo assim, acho que a religião tem muitos bons ensinamentos.

Haji era uma pessoa mais interessante do que eu pensava.

— Você teve uma mãe — observei — eu te invejo. Não sei como é ter uma mãe.

— Eu conheci a rainha — disse Haji — tive a honra de servi-la. Foi uma das pessoas mais admiráveis que já conheci.

Senti um aperto no peito. Aquelas palavras me trouxeram alegria, mas também tristeza.

— Obrigado, Haji, de verdade — falei — pode me falar mais sobre ela? Como ela era?

— Eu servi Sua Majestade por nove anos — disse Haji — como seu cocheiro. O rei sempre gostou de passar mais tempo no castelo, mas a rainha era diferente. Não suportava ficar trancada. Ela saía quase todo dia. Eu a levava para todo tipo de lugar.

— Para onde ela ia? — perguntei, curioso.

— Para eventos — respondeu Haji — ela não perdia nada. Tinha uma curiosidade insaciável. Costumava frequentar as reuniões da comunidade científica: palestras de físicos, químicos, biólogos, ela as via todas. Ela até já me convidou para ver algumas, porque ela não queria me deixar esperando do lado de fora.

— Meu pai não ficava com ciúmes? — perguntei — você tinha mais ou menos a idade da minha mãe e até hoje você é um sujeito bem atraente.

— Muita bondade sua dizer isso, Vossa Alteza — Haji deu um leve sorriso — o rei sempre teve plena confiança em mim, o que é uma honra. Eu jamais trairia essa confiança.

— Eu ouvi dizer que minha mãe tinha uma personalidade bem alegre e sociável — comentei — sei que ela era fiel ao meu pai, mas tem certeza que ela nunca deu em cima de você?

— Assim Vossa Alteza me embaraça — brincou Haji — eu jamais diria nada que manchasse a memória de Vossa Majestade.

— Então ela deu! — exclamei, triunfante — o que foi que ela fez? O quão longe vocês foram?

— Nada aconteceu — garantiu Haji — no máximo, ela segurava no meu braço ou me abraçava quando bebia um pouco além da conta. Isso é tudo.

— Muito interessante — falei, achando graça — e você nunca se casou?

— Já fui casado por poucos anos, mas me divorciei. Minha esposa tinha ciúmes da minha mãe. Dizia que eu era obcecado por ela. Frequentemente eu desmarcava coisas com ela quando a condição de saúde da minha mãe piorava, mas ela não aceitava isso. Dizia que eu devia dar prioridade a ela. Nós discutíamos tanto por causa disso que acabamos nos separando.

— Então é por isso que você gosta de cuidar de mim? — perguntei — você passou a vida toda cuidando de sua mãe doente. Agora que ela morreu, você tem um príncipe doente para cuidar.

— Nunca tinha pensado nisso — confessou Haji — mas quando Vossa Alteza coloca as coisas dessa forma, faz sentido.

Eu ri.

— Você é um cara legal, Haji — falei — legal pra caramba. Pelo amor de Deus, você acabou de salvar minha vida! Você desistiu de sua carreira para cuidar da sua mãe. Desistiu até de um casamento. Você está pronto a desistir de qualquer coisa para fazer o bem. Não existem mais pessoas como você hoje em dia. Você parece aqueles heróis de livros antigos, de romances de cavalaria.

— Que exagero, Vossa Alteza — disse Haji — nunca pensei em mim mesmo dessa forma. Eu apenas levava uma vida pacata como cocheiro.

— E eu acabei com sua vida pacata — sorri — mas não fiz de você um herói, pois um herói você sempre foi. Posso te pedir uma coisa?

— Qualquer coisa, Vossa Alteza.

— Qualquer coisa mesmo?

— É claro.

— Pare de me chamar de Vossa Alteza.

Haji ficou em silêncio por alguns segundos.

— Esse é um pedido difícil — disse Haji.

— Eu sei — falei — por isso mesmo que eu fiz.

Haji ainda pensou por um momento.

— Se Vossa Alteza faz realmente questão...

— Se “você” faz realmente questão — corrigi.

— Se você faz... — Haji parou de falar no meio da frase — não sei se vou conseguir, Vossa Alteza. É muito difícil.

Eu gargalhei.

— Não é difícil quase morrer por minha causa — falei — mas é difícil não me chamar de “Vossa Alteza”. Eu gosto de você, Haji. Gosto mesmo. Nunca conversamos muito nos dois anos em que você me levava e buscava no colégio. Que desperdício. Agora podemos recuperar o tempo perdido.

— Se você insiste...

— Viu só? — eu disse, triunfante — você consegue!

Notei que Haji ficou ligeiramente embaraçado. Eu dei tapinhas no ombro dele e sorri.

— Vou tentar dormir um pouco — avisei — ainda estou meio agitado, mas vou tentar descansar.

— É claro.

— Se você ficar cansado e quiser parar, me avise.

— Acho que consigo ficar acordado até amanhecer — disse Haji — será mais seguro para nós.

— Você que sabe.

Fechei a cortina. Bocejei.

Foi um pouco difícil pegar no sono. Mas eventualmente eu consegui dormir.

Acordei com raios de sol penetrando na janela.

— Haji — pronunciei, ainda sonolento — já amanheceu.
— Sim, eu vi.
— Não quer parar um pouco?
— Estamos quase chegando na próxima cidade — ele disse — lá poderemos descansar.
— Não sabia que você estava indo para uma cidade.
— Camélia não fica muito longe daqui — explicou Haji — não precisaremos desviar muito da nossa rota original. Acho que vale a pena pararmos lá.
— Tudo bem.

Mesmo assim, resolvi conferir no mapa.

Haji estava certo. A localização de Camélia era boa. Perderíamos apenas poucas horas de viagem indo lá. Era um bom negócio.

— Será que é seguro ficarmos num hotel? — perguntei — e se formos vistos?

— Vou procurar uma estalagem discreta. Permaneceremos aqui no máximo um dia.

Desde que o caçador de Deuses me atacou, eu estava com medo de parar em cidades.

Mas Haji estava comigo. Ele me protegeria se algo acontecesse. Eu confiava nisso.

Foi maravilhoso chegar em Camélia. Era uma cidade linda, como sugeria seu nome: cheia de jardins.

Diferente do meu reino e da cidade em que estivemos antes, Camélia era uma cidade pequena. Era altamente improvável que algum caçador de Deuses nos procurasse lá. Simplesmente não fazia sentido irmos lá.

Haji encontrou uma estalagem pequena bem rápido. Não era seguro ficarmos no melhor hotel da cidade, mesmo que tivéssemos dinheiro para pagar. Certamente, caso nos procurassem naquela cidade, o primeiro lugar para procurar o príncipe seria no melhor hotel.

Uma moça jovem e sorridente nos atendeu. Ela usava um belo vestido laranja e um lenço no cabelo.

— Sejam bem-vindos!

Aquela era uma cidade tão provinciana que eles nem deviam reconhecer nobres. Aliás, nem deviam cogitar que um nobre se hospedaria lá.

Achei ótimo, porque não precisaria ser chamado de “Vossa Graça” e seria tratado como uma pessoa normal.

Ela tinha a pele um pouco mais clara. Até mesmo seus cabelos não eram totalmente negros, mas de um tom castanho escuro.

A moça se ofereceu para levar nossas bagagens, mas Haji disse que não precisava.

— Seria melhor que ficássemos no mesmo quarto dessa vez — sugeriu Haji — caso uma situação parecida a de ontem à noite se repita. A não ser que você faça questão de ter um quarto só seu, para ter mais privacidade.

— Podemos ficar no mesmo quarto — decidi — não quero nos colocar em risco por causa de algo tão trivial quanto privacidade.

Aquele quarto era ainda menor que o quarto da pousada, mas era limpo e simpático. Tinha duas pequenas camas separadas. Tinha um cheiro meio estranho, mas não era exatamente ruim. Só um pouco abafado.

Eu abri as janelas, para ventilar.

— Posso dormir um pouco? — perguntou Haji.

— É claro! — eu disse — você ficou acordado a noite toda. Precisa descansar.

— Pode me acordar ao meio-dia?

— Sem problemas. Enquanto você dorme, vou ler um pouco na recepção.

— Obrigado.

Fiquei feliz porque Haji ia finalmente descansar. Foi bom irmos para Camélia, pois assim tínhamos camas e podíamos ter refeições decentes.

Mas quando fui ler meu livro no sofá da recepção, não consegui prestar muita atenção na leitura. Eu tinha outras coisas na cabeça.

Meu sangue tinha sido derramado na noite anterior. Mais que isso: ele havia jorrado. Aquilo por si só poderia atrair muitos caçadores de Deuses, mesmo que eles não soubessem da minha existência.

Aquele cara que me atacou parecia ser um caçador solitário. Não devia fazer parte de nenhuma Ordem de caçadores. Então não achei que houvesse risco de ir atrás dele.

Mas meu sangue era um perigo. Podiam me encontrar através dele.

Será que estávamos arriscando demais?

Cada vez que eu ouvia o barulho do vento na janela, eu me assustava. Achava que era um caçador de Deuses.

Pelo menos um de nós conseguiu descansar tranquilo.

Chamei Haji ao meio-dia. No final, só consegui ler poucas páginas do livro. No resto do tempo fiquei perdido em pensamentos.

Nós almoçamos na própria estalagem. A mesma moça da recepção cozinhou algo para nós. Para mim aquilo era novidade: ela fazia tudo. Diferente do meu castelo, em que havia dezenas de pessoas para desempenhar apenas uma função: dezenas de cozinheiros, dezenas de faxineiros.

O almoço foi ótimo. Eu e Haji conversamos enquanto comíamos.

— Acha arriscado sairmos para conhecer a cidade? — perguntei.

— Precisa comprar alguma coisa no mercado? — perguntou Haji.

— Nada específico.

— Bem, eu não planejo parar em mais nenhuma cidade até chegarmos em Salto do Vento — disse Haji — então talvez seja uma boa ideia comprarmos algumas comidas e suprimentos para a viagem.

Fiquei satisfeito por termos uma desculpa oficial para conhecer o mercado.

É claro que eu estava com medo de morrer. Não queria correr o risco de ser atacado por um caçador. Mas nós

estávamos tomando algumas precauções de segurança. Estávamos numa cidade pequena e hospedados numa estalagem discreta. Eu estava disfarçado. Então eu não via tanto perigo.

Ou ao menos era assim que eu queria pensar, pois era conveniente para mim.

Passsei onze anos da minha vida trancado no quinto andar do castelo e mais dois anos indo somente do castelo para o colégio. Eu estava ávido para ver o mundo.

— Eu estava pensando — comentei — meu pai morreu. Algumas pessoas no castelo morreram ou ficaram feridas. Aquele lugar deve estar um caos. Agora que o rei e a rainha não estão mais nesse mundo, quem será que vai governar agora?

— Seu parente mais próximo — respondeu Haji, de imediato.

— Não tenho irmãos — falei — e, até onde sei, não tenho tios. Meu pai tinha um irmão que morreu na guerra. Minha mãe também teve irmãos que morreram na guerra. Aquela guerra maldita! Ainda bem que eu não nasci numa época de guerra.

— Guerras costumam acontecer mais ou menos a cada três décadas — disse Haji — então talvez você ainda tenha a oportunidade de ver uma.

— Espero que não. Por que os Deuses não impedem as guerras, se são tão poderosos?

— Reis também são poderosos e poderiam impedir guerras — falou Haji — mas há outras coisas em jogo.

— Eu sei. Haji, você conheceu meu avô? O pai do meu pai.

— Conheci.

— Eu nunca o vi pessoalmente. Ele não mora mais no castelo. Mas ele é o único que consigo pensar que seria um bom candidato para ser rei.

— Ele não iria querer — disse Haji.

— Sei que ele abdicou da coroa por vontade própria — falei — depois que a esposa dele morreu, ele se retirou para as florestas e foi ser monge. Acho que tenho uma família interessante.

— Não tenho dúvida disso.

— Espero que meu avô aceite ser rei de novo — falei — pois se ele não aceitar, pode ocorrer uma briga feia de parentes pelo trono.

— Há outro candidato mais provável para rei — disse Haji.

— Quem? — perguntei.

— Você.

Eu ri.

— Eu sou um fugitivo — falei — há caçadores de Deuses tentando me matar. É claro que não posso simplesmente voltar agora e me tornar rei.

— Não precisa ser agora — disse Haji — mas daqui alguns anos.

— Um rei Deus — eu disse — imagino que eu não seria o primeiro. Mas se o rei Deus for inteligente, vai manter sua condição de Deus em segredo. Eu sou burro e estraguei tudo.

— Primeiro você precisa estabilizar sua condição e dominar seus poderes — disse Haji — mas se você se tornar um Deus realmente forte, não faz diferença que saibam que você é Deus, pois ninguém terá o poder de matá-lo. A identidade dos membros da DAL é conhecida publicamente por alguns exatamente por esse motivo.

— Você parece saber bastante sobre Deuses — comentei — mas se eu for tão forte quanto um membro da DAL, vou querer entrar para a DAL e não ser rei. Não tem graça nenhuma ser rei. Vou ter que lidar com situações políticas chatas. Vou ter que usar uma roupa feia e uma coroa. Não terei tempo para nada e vão me chamar de “Vossa Majestade”. Patético! É muito mais emocionante ser membro da Ordem dos maiores magos do mundo. Há somente uma Ordem como essa, mas há dezenas de reinados e reis.

— As pessoas não fazem coisas apenas porque elas são mais emocionantes — disse Haji — a pergunta certa que você deve se fazer é: como eu vou ajudar mais gente, sendo um rei ou sendo um membro da DAL?

— Tem razão, Haji — falei — você é muito sábio. Fui muito superficial em minha análise. Mas essa é uma pergunta difícil de

responder. É claro que eu posso fazer a diferença na vida de muita gente sendo rei. Poderei ajudar muitos pobres do meu reino. Em comparação, o que será que poderei fazer como mago da DAL? O que será que os Deuses fazem lá?

— Também não sei — confessou Haji — eles são um tipo de sociedade secreta, então não divulgam todas as suas atividades. Mas acredito que você terá a oportunidade de descobrir.

— Deve haver boatos sobre isso no tal Mosteiro dos Deuses — falei — não vejo a hora de ir para lá. Até agora, eu só conheci um Deus. Quero conhecer mais.

— Foi ela que te deu esse colar?

Coloquei a mão no meu próprio colar. Eu raramente o tirava do pescoço.

— Gostei de ver, Haji — falei — você está me fazendo mais perguntas pessoais.

— Perdão.

— Não precisa se desculpar. Eu não me importo que pessoas que eu gosto me façam perguntas pessoais. Sim, foi a Deusa que me deu esse colar. Ela disse que era um amuleto de proteção.

— Tem certeza que pode confiar nela? — perguntou Haji — e se for um utensílio mágico que permite que ela te rastreie?

Aquilo nem tinha se passado pela minha cabeça. Pensando bem, eu era meio ingênuo.

— Ela salvou minha vida — falei — mesmo se com esse colar ela possa me rastrear, não acho que ela tenha interesse em me matar. Se ela tivesse, teria deixado que a caçadora de Deuses me matasse. Ou ela mesma tinha feito o serviço.

Haji ficou pensativo quando eu disse isso.

— Nem sempre as pessoas são lógicas — ele disse — ela pode ter outras intenções. Mas você tem razão: nesse momento, não consigo pensar em nada. Não faz tanto sentido desconfiar dela. Mas fique alerta. Nem todos os Deuses são bonzinhos.

— Mesmo eu sendo um Deus também?

— Mesmo nesse caso — falou Haji — pessoas não são gentis com outras só porque são pessoas. Também há inveja e competição entre Deuses. Por enquanto você é apenas uma criança Deus e não representa uma ameaça. Mas pode ser diferente no futuro.

Aquilo fazia todo sentido.

— Deuses matam Deuses? — perguntei.

— É claro — disse Haji — com mais frequência do que seria razoável.

Talvez eu não estivesse tão seguro no Mosteiro dos Deuses quanto eu pensava.

Aliás, eu só estava indo para lá porque a Deusa me recomendou. E se fosse uma armadilha? Aquilo nem tinha me ocorrido.

Mas se eu não fosse para lá, para onde eu iria? Não fazia muito mais sentido ir para um lugar onde eu pudesse treinar meus poderes? Onde minhas dúvidas sobre minha natureza de Deus seriam respondidas? Onde eu estaria entre meus semelhantes?

Era um risco. Porém, um risco que eu estava disposto a correr.

Também foi um risco sair do castelo. E eu estava sofrendo as consequências. Ainda assim, apesar dos bons e maus momentos que tive no colégio, eu não me arrependia de ter saído. Aquilo já fazia parte do que eu era.

A morte do meu pai era uma tragédia. Eu me sentia responsável. Mas eu não queria passar minha vida toda corroído pela culpa.

Se fosse para culpar alguém, eu devia culpar minha mãe, por ter me tornado um Deus.

— Haji — falei — você sabe por que minha mãe matou aquele Deus? Sabe por que ela quis me tornar Deus?

— Não — disse Haji — não conversávamos sobre essas coisas.

Então aquela questão ainda permanecia um mistério.

Quando terminamos de almoçar, eu e Haji fomos até o mercado.

O mercado de Camélia nem se comparava com o mercado de Trilha dos Heróis. Havia pouquíssimas lojas.

Ainda assim, era um mercado bonito. Era agradável andar por lá.

Mas assim que chegamos, logo descobrimos que era uma péssima ideia passear à luz do dia naquela cidade. Nós nos destacávamos demais.

Todos tentavam vender coisas para nós, porque éramos os “forasteiros ricos”. Eles só não faziam ideia do quanto.

Uma adolescente poucos anos mais velha que eu estava vendendo frutinhas numa cesta. Tinha duas tranças e usava um vestido até os joelhos. Ela era bonita. Fiquei com pena da bela menina pobre e resolvi comprar umas frutas. Tirei algumas moedas do bolso.

Porém, quando ela viu meu rosto levou um susto.

— Um príncipe! — ela exclamou, apontando para mim.

Meu coração disparou.

Mas... como ela sabia?

Haji reparou na minha expressão de pavor. Ele colocou uma mão no meu ombro, para me tranquilizar.

— Ele não é um príncipe — disse Haji, com firmeza.

— Mas ele é tão negro! — disse a menina, fascinada — nunca vi ninguém com a pele tão escura antes!

— Ter a pele escura é comum no nosso reino — disse Haji, tranquilamente — nós viemos de longe. Gostaríamos de comprar umas frutas.

— Ah... tudo bem — disse a menina, voltando a si.

Respirei aliviado. Se Haji não estivesse ali, provavelmente eu teria me apavorado além da conta e aquilo levantaria suspeitas.

Nós compramos as provisões necessárias para nossa viagem e até um pouco mais do que precisávamos. Decidimos que passaríamos aquela noite na estalagem e iríamos embora de manhã bem cedo.

Aquela não seria a primeira vez que eu dormiria no mesmo recinto que outra pessoa. Já tinha feito isso na casa de Fabumi. Portanto, não fiquei muito preocupado se demoraria para dormir. E, de fato, eu dormi bem rápido.

Acordamos antes do nascer do sol e iniciamos nossa viagem.

— Sem ataques de caçadores essa noite — comentei com Haji.

— Tivemos sorte — ele disse.

Essa era realmente a verdade: tivemos sorte. Só isso.

Passamos quase o dia inteiro viajando. Foi muito desconfortável. Eu não aguentava mais ficar dentro daquela carruagem.

Quando caiu a noite, estávamos no meio do nada. Mesmo assim, resolvemos parar.

Não consegui dormir. Tive medo que nos atacassem. Eu nem mesmo teria um enterro apropriado se morresse no meio daquele lugar cheio de vento e areia.

Em compensação, quando seguimos viagem no dia seguinte eu dormi em boa parte do trajeto.

Quando caiu a noite novamente, Haji resolveu fazer uma fogueira ali fora. Não estava ventando tanto dessa vez. E conseguimos ter uma janta mais decente.

— Esse lugar é meio assustador — comentei — é tão silencioso.

— O que está achando de conhecer o mundo? — perguntou Haji.

— Emocionante e aterrorizante — respondi — era muito mais confortável ficar trancado no meu quarto. Mas acho que existem coisas mais importantes que o conforto.

Consegui ver a lua. Foi belo vê-la no meio daquele imenso nada. Ela me deu mais coragem.

A comida ficou pronta e Haji me serviu uma tigela.

— Comida quente — eu segurei a tigela — que maravilha!

Depois de comer várias refeições seguidas frias, eu passei a valorizar comida quente.

— Haji, quantos anos você tem?

Ele desviou os olhos da própria comida e olhou para mim.
— Quarenta e três — ele respondeu.
— Então temos uma diferença de idade de exatamente trinta anos — concluí.

Lembrei de Ekon. Eu e ele tínhamos exatamente 10 anos de diferença de idade. Ele devia estar com 23 anos. Eu me perguntava onde estaria.

— O que você sabe sobre Deuses? — resolvi perguntar.

— Não muito — disse Haji.

— Todo ano a DAL divulga a nova lista de Deuses mais poderosos do mundo — comentei — sabe qual é o critério de seleção que eles usam?

Achei que Haji não saberia, mas perguntei mesmo assim. Para a minha surpresa, ele disse:

— Essa é fácil. Todos sabem disso.

— Menos eu! — protestei.

— Todo ano eles fazem o Torneio dos Deuses.

— Nunca ouvi falar — confessei.

— É um torneio famoso. Mas só convidados especiais podem assistir.

— Mesmo se forem humanos? — perguntei.

— Sim, alguns membros da realeza e da nobreza já foram convidados — disse Haji — mas isso não é muito comum.

Senti algo estranho.

— Minha mãe já foi convidada?

— Sim — respondeu Haji.

— Você já foi convidado?

— Bem, eu já a levei até um desses torneios uma vez. Mas eu não tinha ingresso. Esperei do lado de fora.

— Então eles lutam uns contra os outros para decidir quem são os mais fortes? — perguntei.

— Imagino que sim — disse Haji.

— Será que minha mãe conhecia o Deus que ela matou? — perguntei — de repente ela o conhecia e não gostava muito dele. Então resolveu roubar seu poder.

— Não faço a menor ideia.

Naquele instante, pensei numa coisa.

— Será que tem uma forma de eu acessar a memória das minhas vidas passadas? — perguntei — esse Deus dentro de mim já habitou muitos outros corpos. Mas ele sou eu. Então talvez tenha uma forma de eu descobrir qual foi o último corpo que ele habitou antes de mim. Quem sabe eu até acesso as lembranças dessa pessoa.

— Seria fascinante — disse Haji — espero que te ensinem a fazer isso naquele mosteiro.

Não nutri muitas esperanças. Essa parecia ser uma forma de magia bem avançada.

Terminei de jantar. Fiquei olhando para minha tigela vazia por alguns segundos, perdido em pensamentos.

Pensei em outra coisa.

— Um Deus pode beijar um humano? — perguntei.

— Por que não poderia? — perguntou Haji.

— O sangue de um Deus é precioso — falei — mas outros fluidos corporais de um Deus também têm poder, como saliva. Uma menina poderia vender minha saliva?

Haji achou graça da minha pergunta.

— Eu acho que essa deve ser sua menor preocupação — ele disse — e sua saliva estaria misturada na dela. Não sei se pagariam muito.

— Tem razão — concordei.

— Tem outra questão que me preocupa mais — disse Haji — você disse que sentiu onde era a localização do Mosteiro dos Deuses. Estamos fazendo essa viagem com base em sua intuição. Tem certeza que ela está correta?

— Não tenho certeza — admiti — mas é a melhor pista que temos. Também estamos procurando esse mosteiro só porque a Deusa disse para eu ir lá. São vários tiros no escuro.

Após mais uma noite de sono desconfortável, seguimos viagem pela manhã.

Foram mais longas horas enfurnado naquela carruagem. Eu sempre gostei de andar os quinze minutos de carruagem na ida e na volta do colégio. Após alguns dias seguidos em que fiquei

longas horas dentro da carruagem, eu já não estava gostando tanto dela.

Até que avistei uma cidade no horizonte. Pouco antes do pôr do sol.

— É Salto do Vento? — perguntei.

— Só pode ser — falou Haji — não há outras cidades perto dessa por quilômetros.

Quando finalmente chegamos, pensei em perguntar: “Cadê a cidade? Mas isso é mesmo uma cidade?”

Eu achei Camélia uma cidadezinha minúscula. Mas Camélia era uma cidade enorme perto daquilo.

Acho que dava para contar nos dedos os moradores da cidade. As casinhas isoladas.

— Vamos ter sorte se acharmos algum hotel por aqui — disse Haji — imagino que se alguém administrar um hotel nessa cidade iria à falência.

Foi o que eu pensei também.

Porém, para a nossa surpresa, havia sim um hotel. Menor que a estalagem de Camélia, mas ainda assim era um lugar para ficar.

Não havia ninguém na recepção. Tentamos chamar, mas ninguém apareceu.

Tivemos que esperar quase meia hora até que surgiu alguém.

Era um homem de sessenta e poucos anos, muito magro, com um bigode e usando um chapéu de palha.

Assim que olhou para nós, ele disse:

— Com certeza vocês vieram aqui porque procuram o Reino do Nada.

“Como você sabe?” era a pergunta inútil que não precisava ser dita. É claro que forasteiros exóticos como nós não teríamos aparecido lá por qualquer outro motivo.

— Muita gente vem aqui em busca desse reino? — perguntou Haji.

— Só as pessoas bem vestidas — explicou o sujeito — vocês irão se hospedar aqui ou vão seguir viagem?

— Estamos exaustos — disse Haji — gostaríamos de alugar um quarto.

— As refeições estão inclusas — informou o proprietário.

A estadia era muito barata e a comida ainda estava inclusa?

Eu logo entendi porquê. O quarto era meio capenga. Havia pulgas e percevejos nos colchões e nos lençóis. E a comida tinha um gosto meio esquisito.

No final, mesmo após pagarmos a estadia, resolvemos que iríamos embora mais cedo.

— Não vão passar a noite? — perguntou o proprietário, desapontado.

— Não, me desculpe — disse Haji — estamos com um pouco de pressa.

Não ficamos mais do que algumas horas na cidade. Não havia mercado. Não havia nada lá para olhar.

A vantagem de passar a noite numa cidade em vez de passá-la na carruagem ou ao relento era ter um colchão confortável e comida quente. Então se era para termos um colchão cheio de insetos e uma comida sem o mínimo de higiene, não fazia sentido ficar.

Foi duro viajar por mais uma noite, após tantos dias de cansaço. Mas seguimos nosso caminho.

— Aquele homem disse que o Reino do Nada não é muito longe daqui — disse Haji.

Eu quis acreditar nisso. Mas ainda vagamos por um bom tempo.

— Pelo menos agora nós sabemos que ele fica perto — falei — meu palpite estava certo.

Algumas horas depois, avistamos uma pessoa em cima de um cavalo. Ele viu nossa carruagem e foi em nossa direção.

— Boa tarde, viajante — Haji cumprimentou, cordialmente.

— Boa tarde — disse o rapaz — procuro pelo Reino do Nada.

— Nós também.

— Então não vá naquela direção — o rapaz apontou — porque eu vim de lá e não tem nada.

— Viemos de Salto do Vento — disse Haji — então acho que só nos resta duas direções para procurar.

Eles decidiram seguir jornada juntos e foram conversando no caminho. Eu apenas escutei tudo de dentro da carruagem, sem me pronunciar.

Haji falou no plural: “nós”. Portanto, o viajante devia saber que Haji estava acompanhado. E a presença da carruagem dava uma boa pista.

No entanto, o viajante não fez perguntas ao meu respeito. Eles apenas conversaram normalmente sobre muitas coisas.

Pela voz, suspeitei que ele fosse um adolescente, apenas ligeiramente mais velho que eu.

Mas ele parecia um adolescente muito maduro e independente. Estava sozinho de cavalo no meio do deserto. E parecia conhecer muitas cidades, pelo que escutei da conversa.

O rapaz tinha um sotaque particular. Além do mais, ele não falava como um nobre. Ele usava alguns termos de plebeus.

Haji não era nobre, mas ele falava com certo refinamento. Afinal, ele servia nobres. Aquele não parecia ser o caso daquele rapaz. Ele devia ter nascido entre plebeus e sempre vivido entre eles.

Com exceção dos funcionários do castelo, que também tinham certo refinamento, eu nunca tinha conversado com um plebeu antes. Portanto, eu escutava a conversa dos dois com bastante fascínio.

— Venho de uma cidade remota — explicou o rapaz — você não deve conhecer. Chama-se Santo Amor.

— É um belíssimo nome para uma cidade — disse Haji.

— Também acho — ele disse — somos um povo muito religioso. Nossa cidade é pequena, mas é cheia de igrejas. Nós brincamos que lá temos mais igrejas do que casas. E você, de onde vem?

— Bem...

O rapaz riu da hesitação de Haji. Ele tinha um riso caloroso.

— Tudo bem, não precisa dizer — falou o rapaz — afinal, você está indo para o Reino do Nada. E muitos que vão até lá

desejam manter o anonimato, pelos mais variados motivos. Imagino que também não vá me contar seu nome, mas eu vou contar o meu. Sou Mablevi. Meu nome significa “não engane”. Até hoje tento viver para fazer jus ao meu nome e tornar-me aquele que não engana.

Aquele garoto parecia muito interessante. Mais interessante do que meus colegas nobres.

— De onde venho nós não nos preocupamos muito em esconder nossos nomes ou origem — explicou Mablevi — porque ninguém se importa muito com nossa cidade. Minha família também não tem muitos recursos. Não haveria nada que roubar. Já o seu caso é diferente. Você tem uma carruagem. E não se trata de qualquer carruagem. Eu entendo dessas coisas. Meu pai já trabalhou na construção de carruagens e eu conheço alguns materiais. Essa madeira é bem cara. É ébano.

— Isso mesmo — confirmou Haji, parecendo bastante satisfeito.

Por alguns minutos, os dois conversaram sobre diferentes tipos de madeira e eu fiquei completamente perdido na conversa. Um nobre não sabia dessas coisas. Nós não fazíamos esse tipo de trabalho manual.

Sempre me julguei muito inteligente. Li muitos livros e tive aulas com os melhores professores do reino. Mas eu não sabia coisas básicas da vivência comum. Escutando a conversa daqueles dois, eu me sentia um ignorante.

Se me largassem um dia no meio do deserto ou mesmo no meio de uma floresta, eu provavelmente não sobreviveria mais que poucos dias. Mas imaginei que aquele rapaz se viraria numa boa. Afinal, ele estava literalmente sozinho no meio do deserto e parecia se virar muito bem.

Eu não consegui enxergá-lo direito por trás da cortina da carruagem. Eu apenas ouvia a conversa com atenção e crescente interesse.

— E suas roupas — observou Mablevi — eu não entendo muito de tecidos chiques, mas você se veste como um nobre.

Eu entendia um pouco sobre tecidos chiques, principalmente por causa das conversas idiotas dos meus colegas.

Mablevi estava errado. Haji não se vestia como um nobre. Suas roupas eram arrumadas e o tecido era de qualidade, mas havia uma clara distinção entre o tipo de roupa que usavam os funcionários dos nobres e os próprios nobres.

Inclusive, não era bem visto que um plebeu se “disfarçasse” de nobre, mesmo que arranjasse dinheiro para comprar roupas caras. Tínhamos regras sociais não ditas de que somente nobres podiam se vestir como nobres, para exibirem sua classe social.

Mablevi não devia ter visto muitos nobres antes, se achava que as roupas de Haji eram chiques.

— Não sou nobre — disse Haji — mas eu trabalho para nobres.

— Faz sentido — disse Mablevi — você é o cocheiro. Em minha cidade se fabricam carruagens, mas só para exportação. Ninguém em Santo Amor anda de carruagem. Até cavalos são caros para nós. Tive que economizar muito para conseguir esse. Já os seus dois cavalos são puro-sangue.

— A carruagem e os cavalos não são meus — explicou Haji — mas sim do senhor a quem sirvo.

— E o seu senhor está dentro dessa carruagem? — perguntou Mablevi, curioso.

— Sim, mas deve estar dormindo — respondeu Haji — ele está cansado, pois fizemos uma longa viagem.

— Imagino — disse Mablevi — eu também não aguento mais ficar em cima desse cavalo. Ainda bem que comprei uma sela. Fico imaginando o que um nobre de uma terra distante veio fazer aqui nesse fim de mundo.

— Você parece gostar muito da sua cidade — comentou Haji — também fico imaginando o que veio fazer aqui. Por que comprar um cavalo e ter todo esse trabalho.

— Nunca fiz muito o tipo aventureiro — disse Mablevi — mas sempre tive que viajar para vender os produtos do meu pai. Não sou exatamente um fã de viagens, mas não me importo de andar por aí. Já me acostumei.

— Você não está levando muita bagagem — disse Haji —
essa parece ser uma viagem de outro tipo.

— Você é um bom observador — disse Mablevi.

— Digo o mesmo — falou Haji.

A conversa parou por aí, pois o som de uma explosão encheu o ar.

Eu não fazia a menor ideia do que estava acontecendo. A carruagem parou. Ouvei o som de relinchos de cavalos.

Tentei abrir a cortina, mas havia muita fumaça. Pensei em sair da carruagem, mas Haji colocou a mão na porta, me bloqueando.

Entendi que eu não deveria sair. Havia algum perigo iminente e eu só iria atrapalhar Haji se eu sáísse. Eu sabia que ele era um exímio combatente. Resolvi confiar nele.

Meu coração estava disparado. Eu suava.

Ouvei vozes desconhecidas lá fora. Vozes de mulher.

Depois disso, o som inconfundível do combate. A poeira baixou um pouco e eu consegui espiar pela fresta da cortina.

Haji travava uma luta de facas com uma mulher. Ela usava roupas escuras e cobria a boca com um lenço. Aquele tipo de traje não era incomum no deserto, mas havia algo mais.

Ela usava armas de caçadora de Deuses. Mas era assustador pensar que havia uma delas tão perto de nosso destino.

Então ela sabia sobre o Reino do Nada? Ou ela apenas sentiu meu poder de Deus? Como? Eu não estava mais sangrando.

Foi então que eu vi a outra luta. O rapaz lutava contra outra mulher de preto.

Ele usava um turbante na cabeça e vestes largas e brancas. Atacava com uma cimitarra, espada de lâmina curva comum em desertos.

O rapaz sabia lutar. E ele devia ter quase a minha idade.

Eu me senti um inútil. Mesmo sendo príncipe, eu não fui treinado em lutas. Estive sempre doente, então meu pai não julgou que fosse apropriado.

Eu sempre precisaria ser salvo por alguém. Não podia me virar sozinho. Eu era um peso.

Minha única esperança era que no futuro eu fosse tão forte como Deus que nem precisasse saber lutar. Minha magia seria suficiente.

Mas Haji e Mablevi enfrentavam dificuldades. Aquelas duas mulheres pareciam fortes.

Até que Mablevi foi atingido no rosto. Um pouco de sangue escorreu.

Foi apenas naquele momento que eu senti uma sensação extraordinária. Algo que eu jamais havia sentido antes.

Meu coração disparou ainda mais. Senti uma energia. Aquele sangue... havia algo naquele sangue!

Mablevi tocou o próprio rosto e sua mão ficou vermelha. Com a mão direita cheia de sangue ele tocou o rosto da mulher.

Na mesma hora, o rosto dela se dissolveu e ela morreu. Só restou o crânio.

Senti um arrepio.

O corpo da mulher desabou no chão.

Quando a outra mulher viu aquilo, sua expressão foi de horror. Mablevi avançou em direção à outra mulher, com sua mão vermelha.

A mulher tentou fugir. Antes que ela fizesse isso, Haji lançou uma faca no ar, que cravou nas costas dela e atravessou seu coração.

A segunda mulher caiu morta.

Suspirei fundo. A luta tinha finalmente terminado.

Haji foi até a carruagem com urgência. Ele abriu a porta.

— Como está? — Haji me perguntou.

— Não fui atingido — informei — e você?

— Também não — disse Haji — mas Mablevi sim.

Mablevi foi até onde eu estava, com o rosto ainda coberto de sangue.

Nós dois fitamos um ao outro com espanto.

Agora que ele estava tão perto, coberto de sangue, eu entendi.

— Quem é você? — Mablevi me perguntou primeiro — a cor da sua pele. Eu nunca tinha visto algo assim, com todo o respeito.

— Você é um Deus — eu afirmei — eu sinto isso no seu sangue. E você usou magia de Deuses para matá-la.

Mablevi não negou. Haji o fitou surpreso.

— Sim, eu sou um Deus — confessou Mablevi — e essas duas eram caçadoras de Deuses. Achei que elas tivessem me sentido. Mas agora não sei se sentiram você ou a mim.

— Como sabe que eu sou...? — perguntei.

— Agora que o vejo de perto, consigo sentir — disse Mablevi — não subestime meu treino. Eu estudei magia.

— Eu também.

— Quantos anos você tem? — perguntou Mablevi.

— Treze.

— Eu tenho quinze. Já estou mais avançado na caminhada. O poder do Deus cresce em mim a cada dia. No futuro você também vai sentir mais.

— Você está sangrando — disse Haji, oferecendo a ele um pano limpo.

Mablevi aceitou o pano e limpou o rosto.

— Você está bem? — perguntei.

— Foi só um arranhão — disse Mablevi, mostrando o corte — saiu muito sangue, mas o corte não foi fundo.

— Ainda bem.

— Conheço um pouco de magia de cura — disse Mablevi — os meus ferimentos curam com mais rapidez. Ainda estou aprendendo e espero ficar melhor nisso no futuro.

O cavalo de Mablevi se aproximou e ele acariciou seu focinho.

— Está tudo bem, Halifa?

Senti mais uma sensação estranha.

Sempre fui criado no isolamento do meu quarto. Nunca tive contato com animais, nem mesmo cachorros ou gatos. Eu nunca nem mesmo havia encostado nos dois cavalos puro-sangue da minha carruagem.

Por quê? Porque eu os via apenas como um meio de transporte e não como seres vivos. Não porque eu era uma pessoa terrível, mas porque ninguém nunca me ensinou a interagir com outros seres.

Eu ainda estava recém aprendendo a interagir com seres humanos. Mas quando vi Mablevi expressar tanto amor por seu cavalo, eu entendi que havia diversos tipos de amor no mundo.

Ninguém nunca disse que me amava. Nem mesmo meu pai. Os funcionários do castelo me serviam, por dever ou respeito. Mas amor?

Eu já tinha visto Haji alimentar os cavalos. Ele parecia gostar deles. De vez em quando até falava com eles, em poucas palavras, ou dava tapinhas no pescoço deles.

Mas aquilo era diferente. Mablevi estava sangrando e estava preocupado com o cavalo. Ele o fitava como se o cavalo fosse um ser humano.

Naquele momento, eu me senti um lixo. Eu era apenas um nobre arrogante. Não sabia nada sobre o mundo.

Eu não olhava para a grama ou para uma árvore e via um ser vivo. Era apenas uma coisa.

Senti medo de mim mesmo. Eu era uma pessoa insensível? Tornei-me frio por não ter recebido amor?

Mas eu ainda tinha treze anos. Quem sabe no futuro eu ainda aprendesse a amar.

Ouvi falar que minha mãe era uma mulher bastante amorosa e alegre. Mas meu pai nunca foi assim. Ele era meio irritado e frio. Por que será que minha mãe se apaixonou por ele?

Casamentos costumavam ser arranjados na realeza. Então eu não sabia até que ponto minha mãe amou meu pai. Sabia que ela era leal a ele. Mas será que houve amor?

Meu pai amou minha mãe de verdade. Mas eu não sabia como havia sido com ela.

— Dakarai? — perguntou Haji, preocupado.

Haji raramente me chamava pelo nome. Mas eu estava devaneando.

Mablevi olhou para mim.

— Então seu nome é Dakarai — disse Mablevi.

— Desculpe — falou Haji — saiu sem querer.

— Não tem problema — eu disse.

Eu não me importava que Mablevi soubesse meu nome. Eu não sabia o motivo, mas eu confiava nele. E não só porque ele era um Deus. Eu já havia simpatizado com ele antes de saber disso. Antes mesmo de olhá-lo. Apenas ao ouvi-lo falar.

A aparência de Mablevi era interessante. Ele parecia um andarilho do deserto, principalmente com aquelas roupas. Ele dizia que não era fã de viajar, mas parecia estar muito acostumado a isso.

Ele era o segundo Deus que eu conhecia. Aquilo era importante.

— Você já tinha visto outro Deus antes? — perguntei a ele.

— Não — respondeu Mablevi, com sinceridade — você é o primeiro.

— Você é meu segundo — brinquei — já vi uma mulher da DAL.

Mablevi me fitou com espanto.

— Da DAL? Tem certeza que ela era da DAL?

— Havia o emblema da DAL nas vestes dela — expliquei.

Mablevi parou para pensar por alguns segundos.

— Você é nobre — ele concluiu — já foi convidado para algum Torneio de Deuses?

— Não, nunca — confessei — mas minha mãe sim.

— Então você é um nobre de altíssima hierarquia — disse Mablevi — mas isso já se pode desconfiar, pela cor da sua pele. Eu já ouvi falar que é um passatempo de nobres botar Deuses nos filhos.

Não gostei do tom dele. Era um tom de desprezo.

— E você, como se tornou um Deus? — perguntei.

— Eu venho de uma cidade religiosa — explicou Mablevi — não sei se você estava dormindo ou não quando eu e seu cocheiro conversávamos. Mas é tradição termos um Deus em nossa cidade. Ninguém do meu povo tenta matá-lo, pois todos o respeitam. Quando ele morre de causas naturais, passa para

outro habitante do meu vilarejo. Tem sido assim por tempos imemoriais.

— Eu nunca tinha ouvido falar nisso.

— É claro que não. Para os nobres, a religião só serve para ter mais status e poder. Por isso eles matam Deuses: para roubar seu poder. Aposto que foi assim que você se tornou Deus.

Eu não respondi. Mas meu silêncio foi o bastante como resposta.

— Eu sabia — disse Mablevi — sabia que é diferente ter um Deus dentro de si que foi assassinado ou um que morreu de causas naturais e cedeu seu poder voluntariamente?

— Que diferença faz? — perguntei, confuso.

— Se o Deus não entrou em você voluntariamente, mas foi forçado, ele pode se rebelar — explicou Mablevi — ele pode tentar te matar. Aposto que você é doente desde criança.

Eu não estava acreditando no que ouvia.

— Sim — falei — mas eu achei que era normal que os Deuses fossem doentes na infância, quando o corpo deles ainda estava se adaptando.

— Isso não é verdade — disse Mablevi — eu nunca tive nenhuma doença estranha. Apenas doenças comuns de pessoas da minha faixa etária. O Deus dentro de mim é calmo e cede seu poder voluntariamente. Mas o Deus dentro de você provavelmente tenta matá-lo.

— Não pode ser — falei — ele já tentou me salvar várias vezes. Evitou que eu morresse por uma facada.

— Tem certeza? — perguntou Mablevi — talvez ele apenas queira sobreviver por mais um tempo para realizar algum objetivo. Quem o matou?

— Minha mãe — respondi.

— Nesse caso, ele já se vingou — falou Mablevi — porque sua mãe morreu no parto. Estou certo?

— Todas as mães de Deuses morrem no parto — informei.

— Nem todas — disse Mablevi — minha mãe não morreu. Ela está viva até hoje, porque o Deus cedeu seu poder voluntariamente.

Eu me sentia péssimo. Senti que até aquele dia tinha vivido uma mentira.

— E agora? — perguntei, completamente perdido — o que eu faço?

— Não há o que ser feito — disse Mablevi — não se preocupe. A culpa não foi sua. Você não pediu para ter esse poder. Eu também não pedi. Independente se o Deus entrou em nós voluntariamente ou não, essa é a sina que todos os Deuses carregam.

— Pelo menos seu Deus não está tentando matá-lo! — falei.

— Isso é verdade. Mas eu também sou perseguido por caçadores de Deuses, como você.

— Eu tenho um inimigo dentro e fora — falei — então em quem eu posso confiar?

— Calma — disse Mablevi — sua mãe já morreu. Seu Deus já se vingou. Então talvez ele não esteja mais tão furioso.

— Eu estou sempre doente! — exclamei — isso não é prova suficiente de que a vingança dele ainda não terminou?

Estranhamente, naqueles últimos dias eu não estive muito doente. Mas foi só falar naquilo que eu comecei a tossir incontrolavelmente.

Seria psicológico? Ou o Deus estava dando um alô e informando: “Sim, eu estou aqui agora e quero mesmo te matar”?

Mablevi observou meu acesso de tosses com certa preocupação.

— Você não é o único nessa condição — ele me disse — assim como eu, você está se dirigindo para o Mosteiro dos Deuses, certo? Para receber treinamento. Tenho certeza que lá você conhecerá outros Deuses que compartilham seu destino trágico.

— Se você também está indo para lá, é melhor nos apressarmos — disse Haji — não podemos ficar aqui parados. Outros caçadores podem vir.

— Mablevi — eu disse — você consegue sentir outros Deuses, certo? Você não sente a presença dos Deuses nesse mosteiro?

— É claro que não — disse Mablevi — eu ouvi dizer que no mosteiro eles usam uma poderosíssima barreira de proteção, para que os Deuses não sejam captados por caçadores. Para nosso azar, isso também vai dificultar nossa busca. Mas não vamos desistir. Não devemos estar longe do Reino do Nada.

Resolvemos seguir viagem. Voltei para dentro da carruagem, enquanto Haji sentou-se lá fora para comandar os cavalos. Mablevi também voltou a sentar-se em sua cela.

Novamente, senti uma pontada de inveja porque Mablevi tinha um amigo. Talvez fosse mais fácil ter um amigo animal do que uma pessoa. Cavalos eram fiéis. Amigos humanos podiam nos trair.

Eu pensei em Fabumi e senti uma sensação ruim. Será que Jabari tinha me traído também? Eu não me lembrava de tê-lo visto naquele dia.

Pensei que tinha amigos. Mas eu precisava me acalmar e aceitar que minha vida não seria normal.

Meu consolo era que havia outros anormais como eu. E em breve eu me juntaria a eles.

Eu conseguia olhar para Mablevi e ver nele um irmão. Ainda assim, certa distância nos separava.

Mablevi não era um nobre e não parecia simpatizar muito com nobres. Além do mais, ele parecia achar que minha mãe tinha feito algo muito errado ao matar aquele Deus.

Ou seja, ele tinha dois motivos para não me fitar com bons olhos. Eu desejava ser amigo dele, pois admirei Mablevi. Ele era inteligente, independente, cheio de habilidades. Sabia cavalgar, lutar, entendia de carpintaria e técnicas de sobrevivência no deserto. Era um aventureiro elegante e interessante, que vinha de uma misteriosa cidade religiosa, com tradições respeitáveis e antigas.

E eu? Eu era apenas um riquinho mimado. Eu não sabia sequer fazer as coisas normais que nobres normalmente sabiam

fazer, como caçar ou andar a cavalo, porque passei a maior parte da minha vida trancado.

E sobre a Deusa que conheci, eu me sentia ainda mais distante dela do que de Mablevi. Afinal, ela era da DAL, a Ordem dos Deuses mais fortes. Ela era inatingível.

Toquei a pedra do colar no meu pescoço. Será que aquilo me trazia mesmo proteção?

Eu afastei a cortina.

— Onde você ouviu falar no Reino do Nada? — perguntei.

— É tradição que os Deuses de meu povo treinem no Mosteiro dos Deuses — explicou Mablevi.

— Por que nunca ouvi falar nisso antes? — perguntei — quem me falou sobre o mosteiro foi a Deusa da DAL.

— Seus pais não deviam saber muito sobre Deuses, porque seu nascimento foi fruto de violência — disse Mablevi.

Senti um pouco de irritação nas palavras de Mablevi e fiquei quieto.

— Desculpe — disse Mablevi — nada disso é culpa sua. Você não deve ser culpado pelos pecados de sua mãe.

— Eu vejo uma torre — disse Haji.

Nós olhamos naquela direção. Havia realmente uma cidade.

— Finalmente! — celebrou Mablevi — é o Reino do Nada.

Havia várias casinhas brancas lá. Mas quase não se via pessoas na rua.

— Agora nós precisamos ser discretos — disse Mablevi — não podemos sair perguntando sobre o Mosteiro dos Deuses para qualquer um.

Mas é claro que nossa chegada não passaria despercebida. Principalmente no meu caso, que entrei de forma espalhafatosa, de carruagem.

Um homem de trinta e poucos anos, vestido de branco, veio na nossa direção.

— É melhor que não tenham vindo criar problemas para nós — o homem disse, de imediato — se não têm nada a fazer aqui, é melhor saírem.

— Não queremos causar problemas — disse Haji.

— Eu sei que não querem — falou o homem — e sei o que buscam. O que acham de conversarmos fora da cidade, para não criarmos mais comoção?

Os habitantes nos fitavam com espanto.

Nós concordamos e saímos da cidade acompanhados daquele cara.

Ele também estava em cima de um cavalo. Assim que saímos, ele nos informou:

— Irei levá-los ao Mosteiro dos Deuses. Depois disso, se um de vocês tiver que sair, peço que o faça de forma discreta. Não entrem mais na nossa cidade.

Aquilo era um pouco exagerado. Mas eu entendia a irritação dele.

Nos últimos anos, ou possivelmente nas últimas décadas, deviam chegar Deuses na cidade com certa frequência procurando pelo tal mosteiro. Isso atraía caçadores de Deuses. Imaginei que habitantes da cidade já tinham sido feridos ou mortos por esses ataques no passado.

Por isso aquele homem era cauteloso. E não sem razão.

Nas horas seguintes, nós apenas seguimos o homem em silêncio. Nós nem mesmo conversamos entre nós.

Eu estava quase cochilando na minha carruagem quando finalmente chegamos.

A noite já tinha caído. Havia algumas luzes discretas pelo mosteiro, então consegui enxergar alguma coisa.

Eu fiquei emocionado. Olhei para aquele mosteiro enorme, quase tão grande quanto meu castelo.

Porém, diferente do meu castelo, aquele não era um lugar rico. Era apenas uma construção cinzenta, de pedra bruta, no meio do deserto.

Mesmo assim, era belo. Aquele lugar me atraiu de forma irresistível.

Lá dentro devia haver muitos Deuses. Como eu. Eu não me sentiria mais sozinho. Senti-me confortado só de pensar.

Haji desceu da carruagem. Eu iria guardar aquele momento na memória de forma preciosa. Aliás, Haji sempre descia da

carruagem de forma elegante. Ele era um cara refinado, mesmo sem ter sangue de nobre. Não me admirava que Mablevi tivesse desconfiado que ele tinha sangue azul.

Eu, por outro lado, de azul só tinha o sangue mesmo, porque eu me sentia meio inútil. Meus conhecimentos sobre brasões da família real não valeriam muito naquele lugar.

Será que aqueles que tinham um Deus assassinado dentro de si eram discriminados? Aquilo se passou pela minha cabeça.

Os Deuses deviam considerar a si mesmos seres especiais. E eu, que tipo de ser eu era, considerando o que minha mãe havia feito? O quão comum seria fazer o que minha mãe fez?

Deuses não são mortos facilmente. É mais fácil que um Deus ceda seu corpo voluntariamente para outro. Pensando por esse lado, será que eu era um caso raro?

Eu já me sentia diferente por ser príncipe, Deus e por ter a pele tão escura. Eu não precisava de mais essa diferença para me destacar. Será que até entre os Deuses eu seria visto como uma aberração?

Mas eu não queria pensar em nada daquilo. Eu queria apenas me emocionar por estar finalmente entrando naquele mosteiro lindo e antigo.

Haji abriu a porta da minha carruagem. Mablevi assistia toda aquela frescura com um leve sorriso no rosto.

De repente, eu me senti um idiota. Sempre achei normal sair de uma carruagem e ter a porta aberta para que eu sáísse quando eu ia para o colégio. Todos os meus colegas nobres iam para a escola dessa forma.

Mas ali, na frente daquele mosteiro e perto de Mablevi, eu me sentia ridículo. Senti vergonha.

Por que eu não disse para Haji que ele não precisava mais abrir a porta para mim? Eu poderia ter dito isso em qualquer momento daqueles últimos dias. Eu sabia abrir a porta sozinho.

Mas eu não disse. Porque eu tinha vivido daquela forma e era o que eu sabia. Eu nem me dei conta que era algo tolo.

O homem de branco que nos acompanhava bateu na porta do mosteiro. Esperamos um instante e a porta se abriu.

— Novos alunos — o homem de branco disse, simplesmente.

Quem atendeu foi um homem careca e de barba branca que devia ter pelo menos uns oitenta anos.

Ele fitou a mim e a Mablevi por poucos segundos e assentiu.

— Podem entrar — disse o homem do mosteiro.

Bastou olhar para nós e ele já confirmou que éramos Deuses. Ele não precisou de nenhuma outra prova. Ele sentiu. Tive certeza que não haveria como enganá-lo.

— Dakarai — disse Haji — hoje eu irei dormir tranquilo porque cumpri meu dever. É hora de dizer adeus.

Fitei Haji. Ele devia estar muito feliz por ter conseguido me levar até um lugar seguro e atender o desejo do meu pai. Por treze anos meu pai lutou para me manter seguro. Os esforços dele não foram em vão.

— Quando vamos nos ver de novo? — perguntei.

— Não sei — disse Haji — você saberá onde me encontrar. Estarei onde sempre estive. Em breve descobrirei como anda a situação e a qual senhor deverei servir agora. Mas saiba que sempre serei leal a você. Se um dia precisar de mim, estarei a sua espera. Mas se demorar muitos anos para voltar, poderei te fazer uma visita.

— Obrigado — eu disse.

Só “obrigado”? Eu queria dizer muito mais que isso. Queria dizer que ele salvou minha vida. Que eu confiava nele mais do que em qualquer outro.

Mas eu não disse nada disso. Queria até mesmo abraçá-lo, mas não fui capaz de dar nenhum passo.

— Pode levar meu cavalo? — pediu Mablevi — eu agradeceria se pudesse deixá-lo com meus pais em Santo Amor. Não fica muito longe daqui.

— É claro — disse Haji — mas não sei quem são seus pais.

— Todos se conhecem em Santo Amor — explicou Mablevi — é uma cidade pequena. Todos sabem o nome do meu cavalo e irão reconhecê-lo só de olhar. Dê as boas notícias aos meus

pais, de que achei o mosteiro e estou seguro. Se não for pedir demais.

— Ficarei feliz de fazer isso — falou Haji, sinceramente — é um prazer poder ajudar. Não tenho mais nenhum compromisso agora, além de voltar para minha terra.

Haji amarrou o cavalo de Mablevi na carruagem. Sentou-se, acenou para nós e seguiu viagem.

Ainda continuei a fitá-lo no horizonte no minuto seguinte.

Mablevi colocou a mão no meu ombro. Da mesma forma que o próprio Haji já tinha feito uma vez.

— Não tenha medo — Mablevi me disse — você tem a mim. Não estará completamente sozinho.

— Não estou com medo — eu disse, embora não fosse totalmente verdade.

— Estamos todos com medo — disse Mablevi — porque somos Deuses e somos sempre perseguidos. Esse é nosso destino.

Destino. Aí estava uma palavra forte.

Sempre achei mesmo que meu destino fosse morrer. Bem, é o destino de todos. Mas pensei que eu fosse morrer cedo. Então eu nunca ousei planejar minha vida muito a frente.

Casamento, hobbies, ocupação. Aquelas coisas não se passavam pela minha cabeça, porque eu estava preocupado demais em ficar vivo.

E ainda estava. Agora era a hora de aprender a desenvolver meus poderes de Deus para que eu conseguisse sobreviver pelos próximos anos.

Mas só de estar dentro das paredes daquele mosteiro eu já me sentia protegido. Lá dentro devia haver muitos Deuses fortes. É verdade que eles erguiam uma barreira para se proteger de caçadores. Mas mesmo se não erguessem, imaginei que eles fossem poderosos o bastante para destruir os caçadores facilmente.

Isso era verdade em relação aos Deuses veteranos. Nós, novatos, ainda precisávamos de proteção. Até que adquiríssemos nossa própria independência.

Talvez um dia eu fosse capaz de proteger um Deus novato, fraco e assustado. Aquele pensamento me deu forças. Eu seria útil para alguém um dia. E talvez não fosse somente admirado, mas também amado. Não por uma coisa inútil como um sangue azul, mas por algo que realizei fruto do meu próprio esforço e dedicação.

O homem careca de barba branca fechou a porta. Estávamos dentro do mosteiro.

— Sou Hamidi — ele disse — serei um dos seus professores.

— Então teremos aulas? — perguntei.

— Em breve — disse Hamidi — isso não é um colégio ou universidade. É um mosteiro, então as coisas acontecem de forma um pouco diferente. Irei mostrar os quartos de vocês. Acompanhem-me.

Eu e Mablevi o seguimos por aqueles corredores vazios e silenciosos. Subimos algumas escadas.

Até que chegamos aos dormitórios. Não teríamos quartos privados. Teríamos que dividir com outros.

— Normalmente só aceitamos estudantes aqui a partir dos dezoito anos — explicou Hamidi — mas nós abrimos exceções para os Deuses mais novos que são perseguidos. É dever de um Deus ficar escondido até os dezoito anos, antes de vir para cá. Mas nos casos em que isso é impossível, aceitamos também adolescentes.

— Pensei que a idade mínima fosse dezesseis — disse Mablevi — eu irei completar dezesseis em breve e pensei que era melhor já vir.

— Nós mudamos a idade mínima porque muitos Deuses chegavam para nós com poucos poderes — explicou Hamidi — é aos dezoito que geralmente os maiores poderes começam a despertar.

Fiquei aliviado. Então não era absurdo que eu ainda não tivesse nenhum poder.

— E você? — perguntou o professor — quantos anos tem?

Pelo jeito, todos lá nos tratavam por “você”. Bem, era melhor eu ir me acostumando. Eu não seria mais tratado como nobre. Afinal, não era isso que eu queria?

— Treze — respondi.

— Treze? — perguntou o professor, impressionado — você será nosso aluno mais novo. Além de vocês dois, somente Ramla está abaixo dos dezoito anos. Ela tem dezessete.

Eu não esperava por isso.

No colégio eu só interagia com crianças da minha idade. De repente, eu teria que lidar com jovens adultos.

Mas tudo bem. Até os onze anos eu havia convivido somente com adultos. Não seria o fim do mundo.

O que eu não gostava é que eu seria olhado de forma diferente. Será que os mais velhos iam tirar sarro de mim porque eu só tinha treze anos?

Talvez fosse melhor esconder a minha idade. Sim, eu faria isso.

Quando o professor nos mostrou nossas camas e saiu do dormitório, eu perguntei para Mablevi:

— Acha que se eu mentir que tenho quinze anos eles vão acreditar?

Mablevi analisou meu rosto.

— Você quer fingir que tem a minha idade? — perguntou Mablevi — é, acho que talvez acreditem. Basta que você diga isso com convicção.

— Então, que assim seja — decidi — tenho quinze anos.

Eu odiava mentir. Mas eu queria me proteger. Eu tinha quase certeza que eu seria um alvo de piadas se descobrissem minha verdadeira idade. Talvez com quinze eu já sofresse preconceito. Mas pelo menos Mablevi estaria ao meu lado com a mesma idade para dividir meu sofrimento.

Que inferno. No meu colégio passei pelo desconforto de esconder que eu era príncipe e Deus. E lá estava eu escondendo coisas de novo.

Dessa vez todos sabiam que eu era Deus, então quanto a isso eu não precisaria me preocupar. Eu ia mentir somente minha idade. E eu não contaria que era príncipe.

Não, de jeito nenhum. Muitos dos Deuses não deviam ser nobres. Se eu revelasse que era príncipe, também podia sofrer preconceito por isso.

Será que um dia eu ia conseguir viver minha vida de forma verdadeira? Sem precisar mentir para mais ninguém. Eu aguardava ansiosamente o dia em que isso aconteceria.

Raios, eu não contei nem para Mablevi que eu era príncipe. Aquela amizade não tinha começado bem.

O nosso dormitório tinha quatro camas. Isso significava que iríamos dividir quarto com mais dois.

Não demorou muito para que os dois chegassem.

Levei um susto. Eles eram enormes! Ou melhor, eles eram apenas jovens normais, com cerca de vinte anos. Mas eles eram altos e tinham barba. Eu não estava acostumado a ver jovens de barba. Assim eles pareciam mais velhos e isso me intimidava um pouco.

Talvez eles deixassem a barba crescer exatamente porque queriam fingir ser mais velhos e impor respeito.

— Quem são esses novatos? — um deles perguntou — chegaram agora? Qual é a idade de vocês? Dez anos?

Eu sabia. Ele já estava implicando com nossa idade.

— Quinze — corrigiu Mablevi, prontamente.

— Mesma coisa — disse o sujeito — por que vieram para cá tão cedo? Estão sendo perseguidos? Ou brigaram com papai e mamãe e queriam fugir de casa?

— Eu venho de Santo Amor — explicou Mablevi — eu tinha a informação de que a idade mínima para vir era dezesseis.

— Em outras palavras, você é um caipira — concluiu o cara — as notícias não chegam na sua cidade minúscula. Já faz pelo menos uns vinte anos que as regras mudaram e ninguém da sua cidade ficou sabendo? Impressionante.

Aquilo era ruim. Aquele cara era do tipo que implicaria com qualquer um, por qualquer motivo.

Ele era diferente de Issa num ponto: o negócio de Issa era só a questão das hierarquias. Mas aquele sujeito na nossa frente estava pronto a xingar por qualquer motivo.

Concluí que mesmo se eu fosse uma pessoa perfeita, eu não iria escapar das brincadeiras dele. Mas eu não precisava auxiliá-lo e dar-lhe motivos adicionais para implicar comigo.

— Meu nome é Kaikura — ele apresentou-se — e esse é meu amigo Hasani.

Observei os dois com mais atenção. Kaikura tinha uma aparência mais selvagem e assustadora. Hasani, ao contrário, vestia-se com mais cuidado.

— Meu nome significa “belo” — contou Hasani — como podem adivinhar, eu faço muito sucesso entre as mulheres.

De fato, Hasani era bastante atraente. Já Kaikura, embora não fosse exatamente feio, não combinaria com a palavra “belo” tampouco.

— Sou Mablevi. E esse é meu amigo Dakurai.

— Dakurai — eu o corriji.

— Ah, desculpe — disse Mablevi.

Os outros dois riram.

— Então ele não é seu amigo — concluiu Kaikura — ele nem mesmo sabe seu nome. Por que vieram juntos, se não se conhecem? De que cidade você é, “Dakurai”?

Senti uma onda de raiva. Não respondi. Ignorei-o.

Kaikura não gostou de ser ignorado.

— Ei — ele tocou no meu ombro — estou falando com você.

Ele me virou. E foi somente quando fez esse movimento que vi meu rosto.

Kaikura recuou. Ele tirou a mão de mim como se ela tivesse pegado fogo.

— Meu Deus! — exclamou Kaikura, assustado — quem é você?

— Por quê? — perguntei, confuso.

— A sua pele — disse Hasani, também impressionado — eu nunca tinha visto alguém tão escuro antes. Você é nobre? De que cidade vem?

— Não posso revelar — falei.

Os dois se entreolharam.

— Não me diga que você é um Deus Maldito? — perguntou Kaikura.

— O que é isso? — perguntei.

— Ouí falar que é comum entre magos da alta nobreza matar Deuses e roubar seu poder — disse Kaikura — não me diga que seu poder de Deus é roubado?

O que eu mais temia aconteceu: eles iriam me julgar pelo ato da minha mãe.

— É claro que não — respondi, de imediato — ele foi cedido por vontade própria.

— Tem certeza? — perguntou Kaikura, duvidando.

— Deixa ele, Kai — falou Hasani — se ele está dizendo isso, vamos acreditar. Ele não teria nenhum motivo para mentir.

— Ele teria — disse Kaikura, desconfiado — ele não quer dizer de que cidade veio. Isso é muito suspeito.

— Quantos alunos Deuses há nesse mosteiro? — perguntei, curioso.

— Talvez uns trinta — respondeu Kaikura — por quê?

— E quantos deles são Deuses Malditos? — perguntei.

— Dois — respondeu Kaikura — Ramla, outra novata, é uma das malditas.

A garota de dezessete anos.

— O outro é Idi — falou Kaikura — mas ninguém implica com ele, porque ele é um dos estudantes mais fortes. Aliás, ele é o mais forte dentre nós. Então ninguém se aproxima.

Então era só isso que eu precisava fazer para adquirir respeito e proteção: tornar-me muito forte.

Como se fosse fácil.

— Qual é a idade de vocês? — perguntei — e são de que cidade?

— Você não revelou o nome da sua cidade e quer saber a nossa? — perguntou Kaikura — eu e Hasani somos de Trilha dos Heróis. É uma cidade famosa.

— Eu conheço — contei, orgulhoso — já fui para lá. É mesmo uma bela cidade.

Os dois pareceram contentes com o elogio.

— É a cidade mais bela do mundo! — disse Hasani, empolgado — eu e Kaikura fomos colegas no colégio. Temos vinte e um anos.

— E os dois se tornaram Deuses — observei — como?

— Essa é uma pergunta meio pessoal — avisou Kaikura — não saia perguntando isso por aí para os alunos.

— Desculpe — falei — mas você mesmo me perguntou se eu era um Deus Maldito. Isso não foi meio rude?

— Foi — admitiu Kaikura — mas no meu caso, eu quis ser rude de propósito. Só estou avisando para que você evite ser rude sem querer.

— Obrigado pelo aviso — zombei.

— Meu avô era Deus e quis passar o poder para seu neto — explicou Kaikura.

— No meu caso, era um amigo da família — disse Hasani — esses acordos são muito comuns. Tem gente que vende o poder do Deus, mas o mais provável é que ele seja passado para alguém que o Deus queira.

Aquilo nunca me ocorreu. Para quem eu ia querer passar o meu poder? Será que um dia eu teria que tomar uma decisão como essa?

Meu futuro era uma escuridão, cheio de incertezas. Eu não gostava de pensar muito a frente, porque primeiro eu queria conseguir ficar vivo.

— Não sei muito sobre a história do meu nascimento — confessei — é complicado.

— Complicado por quê? — provocou Kaikura.

Eu não podia dizer que minha mãe tinha morrido. Aquilo seria um forte indicativo de que eu era um Deus Maldito.

— Porque as opiniões sobre os Deuses na minha família são... divergentes — resolvi dizer.

— Nobres sempre complicam as coisas — disse Kaikura — há muitas brigas de família. Você é nobre, não é?

— Bem... eu sou — não adiantava negar aquilo. A cor da minha pele me denunciava.

— Qual é o seu título? — perguntou Hasani, curioso.

Eu já tinha enjoado daquela pergunta.

— Por que quer saber? — perguntei, desconfiado.

— Por nada — falou Hasani — só por curiosidade.

— Você conhece os títulos da nobreza? — perguntei.

— Não muito — admitiu Hasani.

— Então não adianta nada eu te dizer — falei.

— Se você responder, eu posso pesquisar — brincou Hasani.

— Passei a minha vida toda ouvindo essa pergunta — falei — eu não gostaria de ter que responder isso até aqui no mosteiro.

— Tudo bem — Hasani aceitou essa resposta — mas me responda outra coisa então: você é de Maior Sonho, não é? Você tem o sotaque de lá.

— Não sou — falei, de súbito — eu sou de...

Droga, eu precisava inventar o nome de alguma cidade. Pensei em qualquer cidade grande que ficasse perto de Maior Sonho.

— Sou de Torre Remota — respondi.

— Tenho um tio que mora lá — contou Hasani — já visitei uma vez. Não é nada mal. Mas tem certeza que você já não morou um tempo em Maior Sonho? Eu já fui lá também e as pessoas falam como você.

— Sim, eu já morei um tempo lá, mas não muito — resolvi dizer.

— Hmm — disse Hasani, interessado.

— Qual é a sua idade mesmo? — perguntou Kaikura.

— Quinze — respondi, imitando uma voz grave.

— Você parece mais novo — falou Kaikura — talvez você fique mais alto depois. Tive um colega que só foi ficar alto com dezessete.

— Deixando isso de lado — falou Mablevi, que já devia estar escandalizado com aquele monte de mentiras — como são as aulas? Como eles dividem as turmas? É por idade?

— Não — falou Hasani — é por poder mágico. É claro que vocês dois, por serem mais novos, vão ficar na turma de nível mais baixo. Mas isso porque é difícil manifestar algum grande poder antes dos dezoito anos. Depois dessa idade, o crescimento do poder varia.

Então ficaríamos na turma de Ramla, a outra Deusa Maldita. Eu estava curioso para conhecê-la.

— Há cinco turmas, com uns cinco ou seis alunos em cada — explicou Kaikura — vocês ficarão na turma cinco. Eu e Hasani estamos na turma três.

— Imagino que o tal Idi esteja na turma um — comentei.

— É claro — disse Kaikura — é a turma dos bonzões do mosteiro. Ninguém mexe com eles.

— E o que acontece quando você já está bem avançado na turma um? — perguntou Mablevi.

— Você recebe um certificado e um selo de proteção — disse Kaikura — pode sair pelo mundo. Dificilmente um caçador será capaz de matá-lo.

— E depois disso, eles entram para a DAL? — perguntei.

Kaikura e Hasani riram quando eu perguntei isso.

— Há dezenas de Deuses, garoto — falou Hasani — provavelmente centenas. Não, eu já ouvi boatos de que há mais de mil. E sabe quantos são escolhidos para a DAL?

— Dez — respondi.

— Exato — falou Hasani — Idi é muito forte, mas nem mesmo ele tem chance de entrar para a DAL. Nós temos professores poderosíssimos, mas nem mesmo eles têm muita chance. Temos cinco professores, um para cada turma. Mas nenhum deles nem chegou perto de passar no teste da DAL.

Um dos nossos professores já participou do Torneio, mas foi derrotado facilmente. Entende o que estou dizendo?

— Sim... — respondi.

Ou seja, a chance de eu um dia me tornar um membro da DAL era zero.

— Já conheci um membro da DAL — revelei.

— Impossível — falou Kaikura — eles não se mostram facilmente.

— É verdade — insisti — ela me deu esse colar.

Os três analisaram meu colar com curiosidade.

— Não sei o que é isso — confessou Kaikura — tem uma energia estranha nele, mas isso não quer dizer nada.

— Estou com fome — disse Hasani — vamos descer para jantar?

— Vamos — disse Kaikura — e vocês, novatos, precisam falar com o abade para pegar um serviço.

— Um serviço? — perguntei, curioso.

— Sim, ou vocês acharam que iam estudar aqui de graça? — perguntou Kaikura — eu sei que você é nobre e não está acostumado a trabalhar, mas aqui você vai ter que dar duro. Vai ter que trabalhar cozinhando, lavando pratos, limpando o chão e os banheiros. Só para começar.

Levei um susto ao saber disso. Nunca na minha vida eu imaginei que teria que lavar um banheiro. Era difícil pensar na minha própria morte, mas era mais difícil ainda pensar em mim mesmo tendo que fazer serviços domésticos.

Os dois riram da minha cara.

— Pobre coitado — falou Hasani — se precisar de umas dicas de como esfregar o chão, pode falar comigo que eu irei lhe explicar as melhores teorias. Mas não vou lavar em seu lugar.

E os dois saíram do quarto, rindo.

Mablevi olhou na minha direção.

— Você começou a mentir e não parou mais — ele me disse.

— Odeio mentir — falei.

— Não parece.

— Não tivemos muita sorte com nossos colegas de quarto — falei.

— Você não precisa ter medo deles — falou Mablevi.

É claro que eu tinha. Eu estava sozinho pela primeira vez na vida. Eu não tinha mais meu pai. Não tinha mais Haji. O que eu ia fazer?

Antes de jantar, eu e Mablevi fomos conversar em particular com o abade para pegarmos tarefas.

O abade era tão velho que parecia ter uns cem anos. Ele não parecia nem escutar e nem ver direito. Tivemos que repetir algumas perguntas várias vezes.

— Vocês dois vão trabalhar na cozinha amanhã — ele nos informou — estejam na cozinha às dez da manhã.

— Sim senhor — eu disse, prontamente.

Ele olhou para mim. Mas eu não sabia se ele estava vendo direito.

— Sinto muito — o abade me disse.

— Pelo quê? — perguntei.

— Eu sinto a presença de um Deus Maldito em você — disse o abade.

Senti um frio na espinha. Ainda bem que Mablevi já sabia daquilo, ou eu teria sido prontamente desmascarado.

— Não se preocupe — disse o abade — você não é o primeiro e nem será o último. Há outros na sua situação.

— Eu sei — falei.

— Não pretendo revelar sua condição — falou o abade — mas saiba que magos poderosos podem perceber. Seus professores provavelmente saberão. E alguns alunos da turma um.

Era melhor eu me preparar. Aquela farsa não seria mantida por muito tempo.

Dizem que mentiras têm pernas curtas. Eu estava com medo de encarar a verdade.

Quando saímos da sala do abade, eu disse para Mablevi:

— Não conte para Kaikura e Hasani por enquanto. Quero mais um tempo.

— Como quiser — falou Mablevi — não sei como eu me sentiria se estivesse em seu lugar. Já é difícil ser um Deus sem ser maldito.

— Os Deuses Malditos são mais poderosos que os Deuses comuns? — perguntei.

— Que eu saiba não — falou Mablevi — o que o faz pensar isso?

— Idi está na turma um — falei.

— Deve ser apenas uma coincidência.

Mesmo assim, fiquei intrigado.

— Há Deuses Malditos na DAL? — perguntei.

— Como vou saber? — perguntou Mablevi.

Pensando bem, não fazia mesmo sentido. Um Deus Maldito poderia tentar matar seu hospedeiro. Então por que ele seria mais forte? Pela lógica, seria mais fraco.

Mas como Haji tinha me dito, nem tudo seguia uma lógica simples.

Toquei no meu colar com a pedra vermelha. Será que aquela Deusa da DAL era maldita?

E uma pergunta mais importante: será que um dia eu a veria outra vez?

Eu queria revê-la. Ela era minha salvadora. E era uma Deusa, como eu.

Eu e Mablevi descemos para jantar no refeitório. Muitos já tinham terminado de comer, mas ainda restavam alguns alunos. Eu os observei com interesse, mas sem encarar demais.

Alguns eram meio assustadores. Não sei se eu achava isso porque eu sabia que eles eram Deuses ou porque eles eram mais velhos.

A comida era bem simples. Como chegamos tarde, ficamos apenas com os restos. Estava meio frio.

— Aposto que sua comida de nobres era melhor que essa — provocou Mablevi.

— Pare com isso — falei — não precisa ficar me lembrando o tempo todo que sou nobre. Aqui todos somos iguais.

— Estão olhando para nós — observou Mablevi.

— É claro — falei — somos novatos.

— Ou talvez seja por sua causa — falou Mablevi — além de ser muito novo, você tem a pele muito escura. Você se destaca.

Antes de dormir, passamos para pegar uniformes. Lá todos usávamos uma roupa branca simples. Sinceramente, aquela roupa parecia ser feita de pano de chão. Nunca usei um tecido tão grosseiro.

Quando eu disse isso para Mablevi, ele riu da minha cara.

— Como você é fresco — ele disse.

Eu nunca me achei fresco. Ao contrário, eu sempre me queixei dos privilégios dos nobres.

Porém, foi quando perdi meus privilégios que me dei conta do quanto eu era apegado a eles.

A cama não era ruim. Consegui dormir sem problemas.

Acordamos bem cedo para a primeira aula. Não tomamos café da manhã no refeitório. Havia apenas uma maçã para cada, que eles distribuíram.

— É isso nosso café da manhã? — perguntei, desapontado — só uma maçã?

— Lá vai o nobre reclamar — disse Kaikura — vá se acostumando. O mosteiro vive de doações. Agradeça por termos o que comer hoje.

Era uma realidade que eu não conhecia.

Depois de comermos, os três foram no banheiro para tomar banho.

— Vocês vão tomar banho... juntos? — perguntei, escandalizado.

— É só nesse horário que eles disponibilizam água quente — falou Kaikura — se quiser tomar banho frio, você pode tomar a qualquer hora.

— Vou tomar mais tarde — decidi.

— Lá vai o nobre de novo com suas frescuras — disse Kaikura.

— Plebeus não têm o mínimo de pudor? — perguntei.

— Ouviram isso? — perguntou Kaikura, divertindo-se — ele está nos chamando de “plebeus”! Foi esse mesmo o termo que ele usou.

Fiquei confuso.

— Como vocês chamam a si mesmos? — perguntei.

— Pessoas — respondeu Kaikura — seres humanos. Foram os nobres que inventaram esse termo pejorativo para se dirigir a nós.

Eu não sabia daquilo.

Eu aguardei no quarto. Quando os três saíram do banho, já vestidos, Mablevi veio conversar comigo em particular.

— Não precisa ter vergonha — falou Mablevi — cada um toma seu próprio banho, distante um do outro. Há uma privacidade relativa.

— Privacidade relativa — eu repeti, sorrindo — prefiro privacidade absoluta.

Já foi difícil aprender a dormir no mesmo quarto que outros. Tomar banho juntos já era demais.

— Eles só tomam banho juntos porque é a hora da água quente — insistiu Mablevi.

— Dane-se a hora da água quente — falei.

— Você diz isso porque ainda é verão — falou Mablevi — quero ver como vai ser no inverno.

— Não ligo.

— Meu pai serviu na guerra — falou Mablevi — sabe como era na guerra? Os soldados têm que fazer suas necessidades na frente de todos.

— Não estamos na guerra — argumentei.

— Deixa eu adivinhar — falou Mablevi — você ainda não tem pelos no corpo. Você está preocupado que aqueles dois vejam isso e descubram sua idade.

— Eu tenho pelos no corpo! — exclamei, ofendido.

— Tá bom, não precisa gritar — Mablevi riu.

— Vamos logo para a aula — falei, para encerrar o assunto — onde vai ser nossa aula?

— Na capela.

— Não há salas de aula aqui?
— Talvez, mas esse é um mosteiro. Não deve ter salas para todos.

Eu e Mablevi fomos juntos para a capela. Quando chegamos, já havia quatro alunos e o professor. Ou seja, fomos os últimos a chegar.

— Os alunos novos! — comentou o professor, empolgado — por favor, apresentem-se para a turma!

Era fácil se apresentar para poucas pessoas. Não me senti intimidado.

Mablevi prontificou-se a começar.

— Meu nome é Mablevi, tenho 15 anos e venho de Santo Amor. Preciso dizer mais alguma coisa, professor?

— Não, está bom assim — disse o professor — alguém tem alguma pergunta?

Como ninguém perguntou nada, Mablevi se sentou e eu me levantei. Era a minha vez de me apresentar. Parecia fácil. Senti-me encorajado.

— Sou Dakarai. Tenho 15 anos e sou de Torre Remota.

A única daquelas informações que estava correta era meu nome. O meu sonho era que um dia chegasse uma época da minha vida em que eu poderia parar de mentir.

Bem, eu estava mentindo porque queria. Mas era para minha proteção.

Uma garota levantou a mão para fazer uma pergunta.

— Você é nobre? — ela perguntou.

— Sim — respondi.

— Qual o seu título? — ela prosseguiu.

Meu Deus! Socorro!

— Meu pai é visconde — soltei essa.

— Meu pai é conde — ela disse.

— Você está acima de mim na hierarquia — zombei — parabéns.

— Ninguém liga para títulos aqui — ela disse — só perguntei por curiosidade. Sou novata também. Meu nome é Ramla.

A Deusa Maldita, em pessoa.
— Ouvi falar de você — falei.
— Mesmo? — ela perguntou — estou lisonjeada.
Mas ela não parecia lisonjeada. Ela tinha uma voz meio monótona.
— Sou Hakizimana, o professor de vocês — disse nosso professor, interrompendo nossa conversa — tenho 34 anos e venho de Milho Verde.
— Milho Verde? — perguntei, sem me conter — esse é o nome de uma cidade?
— Uma cidade famosa — disse o professor, orgulhoso.
— Famosa pelos milhos? — perguntei, sem conseguir me segurar.
— Sim — disse Hakizimana — mas também é famosa porque lá ocorreu uma carnificina. A Primeira Guerra dos Deuses.
Eu nunca tinha ouvido falar daquilo.
— Os corpos mortos e carbonizados pareciam espigas de milho — explicou o professor — por isso o nome da nossa cidade.
Que terrível.
— Muitos novos Deuses nasceram lá, porque foi lá que muitos morreram — explicou o professor — então não se espantem quando souberem que um novo Deus veio dessa cidade. É verdade que hoje em dia muitos se aproveitam e vendem milho. Os habitantes querem que a cidade tenha uma atmosfera mais alegre. Infelizmente até hoje ainda existem escombros de casas destruídas.
— Professor, você já contou essa história mil vezes — comentou um aluno, entediado — que tal começarmos a aula?
— Eu estava contando para os novatos ouvirem — disse Hakizimana — Mablevi e Dakarai, vocês têm alguma pergunta?
Muitas. Eu nem saberia por onde começar.
— É possível que um Deus tenha acesso às memórias de suas vidas passadas? — perguntei.

O professor ficou surpreso com minha pergunta. E meus colegas também.

— É uma pergunta difícil — falou Hakizimana — muitos Deuses não têm interesse em suas vidas passadas, da mesma forma que muitas pessoas não têm interesse em saber quem foi seu bisavô ou tataravô.

— Mas alguns Deuses têm interesse — afirmei — para esses, é possível?

O professor não respondeu imediatamente.

— Somente se o Deus quiser revelar — falou Hakizimana — mas essa é uma magia muito avançada. Quando estiver na T1, você poderá perguntar para seu professor.

— Quanto tempo ficamos em cada turma? — perguntei.

— Depende da velocidade de aprendizado do aluno — ele disse — em geral, pelo menos um ano.

Ou seja, eu estaria com 17.

— Mas como vocês têm apenas quinze anos, o mais provável é que permaneçam pelo menos uns dois ou três anos aqui comigo na T5.

Esper. Eu precisaria permanecer uns 6 ou 7 anos naquele mosteiro?

Mas até que fazia sentido. Eu precisava esperar atingir plenamente a idade adulta para poder me proteger. Então eu provavelmente estaria com uns vinte anos quando saísse de lá. Na melhor das hipóteses.

Subitamente, senti uma sensação de claustrofobia. Depois de ficar onze anos trancado no meu castelo, eu teria que passar mais sete anos trancado naquele mosteiro?

Era esse meu destino? Ficar trancado?

Senti falta de ar.

— Dakarai? — perguntou meu professor — você está bem?

Não, eu não estava. Eu parei de respirar. Eu desmaiei.

Quando acordei, eu estava na enfermaria do mosteiro. Mablevi estava ao meu lado.

— Como se sentiu? — ele me perguntou.

— Melhor — falei.

— Que belo espetáculo você deu em seu primeiro dia — falou Mablevi — estão todos comentando.

Era a última coisa que eu queria. Mas eu não devia esperar menos de um mosteiro com apenas trinta alunos. É claro que todos ficariam sabendo de qualquer coisa que acontecesse. Aquele lugar devia ser um ninho de fofocas.

— Se você pretende esconder que é um Deus Maldito, não está fazendo um bom trabalho — ele disse.

— Fale baixo! — eu disse — eu não desmaiei porque quis.

— Nossos colegas brincaram, dizendo que você desmaiou diante da ideia de passar mais dois ou três anos na turma do Hakizimana.

— Ele não é um professor ruim — falei — só achei meio forçado ele tentando ser engraçado com a piada do Milho Verde.

— Não foi uma piada.

— Então a tal guerra dos Deuses realmente aconteceu? — perguntei.

— Sim — disse Mablevi — só que a cidade não se chama Milho Verde. Ela se chama Maior Sonho.

Levei um susto.

— Espere um pouco — falei — isso não pode ser. Eu sei que minha cidade entrou em guerra muitos anos atrás. Os irmãos do meu cocheiro e dos meus pais morreram nessa guerra. Mas não foi uma guerra de Deuses.

— Foi sim — falou Mablevi — encobriram o motivo real da guerra. Os Deuses estavam envolvidos.

Fiquei furioso.

— Então todos os meus professores de história censuraram a história real? — perguntei, escandalizado.

Meu pai sempre controlou o que eu aprendia. Mas por que ele escondeu isso de mim?

Estranho. Não lembro de ter escutado sobre isso no colégio tampouco. Será que aquela parte da história era censurada em todo reino?

— Então você é de Maior Sonho — falou Mablevi.

Deixei aquela informação escapar sem querer.
— Não divulgue isso — pedi.
— Por que não?
— Não é necessário — falei.
O único lado bom daquilo tudo é que fui liberado de trabalhar na cozinha naquele dia. Porque passei mal.
Mas no dia seguinte eu não escaparia.
À noite eu entrei no banheiro sozinho para tomar banho de água gelada. Não foi exatamente agradável.
Quando saí do banheiro usando meus trajes brancos, Kaikura e Hasani me aguardavam.
— Então você desmaiou na aula hoje — observou Kaikura — por que você desmaiou?
— Senti falta de ar — respondi.
— Eu ouvi o que aconteceu — insistiu Kaikura — você desmaiou depois que o professor contou a história do Milho Verde. E depois que ele respondeu sua pergunta sobre vidas passadas. Ele disse alguma coisa que te fez sentir mal?
— Não foi nada disso — falei — eu só não gosto de ficar trancado. Eu me senti claustrofóbico ao saber que vou ter que ficar tanto tempo trancado no mosteiro.
— Então é só isso? — Hasani riu — estão todos cheios de teorias malucas. Achavam que você tinha se sentido mal ao ouvir falar da guerra. Ou que tinha alguma memória estranha de uma vida passada de seu Deus.
— Nós não ficamos apenas trancados — Kaikura tranquilizou-me — podemos sair para o pátio de vez em quando.
— É um alívio ouvir isso — falei.
Aquilo já me animava um pouco.
Um pouco depois, comeci a tossir.
— Você tá legal? — perguntou Kaikura.
— Tô — respondi — eu só preciso de... ar.
Eu saí do quarto. Fui tossir lá fora. Depois eu voltei.
— Perdão — falei.
Ninguém disse nada num primeiro momento.

— Se cuida, cara — disse Kaikura — fica tomando esses banhos gelados...

Eu não respondi.

Era difícil dizer se minha vida era um inferno de fato ou se eu a tornava um inferno.

Eu estava agindo que nem meu pai: mentindo. Era culpa dele que tinha me ensinado a mentir.

E era culpa dele ter me ensinado a botar a culpa nos outros. Raios!

Na aula do dia seguinte, ninguém comentou nada sobre meu desmaio. Só perguntaram se eu estava bem. E a aula prosseguiu normalmente.

Naquele dia trabalhei com Mablevi na cozinha pela primeira vez. Eu era péssimo. Não sabia fazer coisas básicas, como cortar tomates. Ainda bem que ele me ajudou.

Eu era tão ruim que cortei meu dedo com a faca. O meu dedo sangrou.

— Droga!

Estanquei o sangue bem rápido. Eu estava a salvo de caçadores de Deuses dentro do mosteiro. Porém, cada vez que eu expunha meu sangue, era mais fácil que outro Deus pudesse me ler.

Ou seja, se tivesse outra pessoa perto além de Mablevi, podiam ter descoberto que eu era um Deus Maldito.

Uma semana se passou. Todo dia eu tomava meus banhos gelados solitários. Ainda não tinha me acostumado às tarefas na cozinha.

A partir da segunda semana, saí da cozinha e comecei a varrer os corredores. Aquela atividade era um exercício físico intenso. Eu não estava acostumado com aquelas coisas.

Por isso, comecei a tossir com a poeira. E senti falta de ar.

No dia seguinte, me mandaram de volta para a cozinha. Eu não faria mais as tarefas que exigiam mais esforço físico.

A partir do segundo mês de aula, estavam todos comentando que eu estava sempre doente.

Tudo bem ficar doente por alguns dias. Até por algumas semanas. Mas um mês era demais. Eu não ficava bom nunca.

Todos me aconselhavam a consultar um médico, mas eu não queria. Eu já sabia qual era meu problema.

Reparei que Ramla também ficava tossindo na capela de vez em quando. Às vezes, éramos os dois tossindo.

Mas os meus sintomas eram ainda piores que os dela. Aquilo ficou cada vez mais claro para mim.

Já fazia dois meses desde que eu tinha chegado no mosteiro. E eu não melhorava.

Kaikura e Hasani não comentaram nada. Mas os boatos já começavam a se espalhar.

Até que a própria Ramla me chamou para conversar reservadamente no fim de uma aula. Num dia em que os meus sintomas foram particularmente péssimos.

Inicialmente ficamos os dois quietos. Até que ela disse o que eu esperava:

— Você é um Deus Maldito, não é mesmo? Como eu.

Como eu poderia dizer não?

— Você está enganada — foi minha primeira reação.

— Você conhece as circunstâncias do seu nascimento? — ela me perguntou.

— Sim.

— Conte-me.

— Não vou contar.

— Dakarai.

— Cale a boca! — gritei.

Eu gritei muito alto. Certamente fui ouvido.

E depois que eu gritei, eu corri.

Só fui parar de correr ao entrar na igreja central. Eu fechei a porta e chorei.

Derramei lágrimas baixinho, de forma discreta. Eu não sabia se tinha alguém lá.

Olhei para aquele teto enorme. Aquela igreja era linda. Era a primeira vez que eu entrava.

Eu não sabia se eu tinha permissão de estar lá.

Eu não recebi uma educação religiosa.

Eu já tinha estudado alguma coisa de história da religião. Mas eu nunca rezei. Nunca aprendi o que era Deus. Meu pai nunca me ensinou essas coisas.

Eu era Deus. Então não fazia sentido rezar para um Deus maior que todos nós, certo?

Ainda assim... por que eu tinha que passar por tudo aquilo?

Ficar trancado no castelo. Ficar trancado no mosteiro. Eu não queria aquelas coisas para a minha vida.

Eu não sabia o que eu queria. Mas eu sabia o que eu não queria.

Eu não queria ser um Deus. Será que havia uma forma de eu me livrar daquele poder?

Era fácil desistir de ser um príncipe. Eu poderia vender meu título. E ter uma vida retirada em qualquer lugar.

Mas, até onde eu sabia, era impossível desistir de ser Deus.

Será que existia algum ritual para me libertar daquele poder?

Sim, havia apenas um: morrer. Se eu morresse, estaria livre.

Mas eu não queria morrer.

Levantei os olhos. Um rapaz olhava para mim.

Num primeiro momento, ele apenas me fitou em silêncio.

Por fim, ele disse:

— Não desperdice suas lágrimas. Lágrimas são como sangue: perdê-las enfraquece seu poder.

Ao dizer isso, ele saiu da igreja e fechou a porta.

Quem era aquele desgraçado?

Até parei de chorar, de tanta raiva que fiquei. Por fim, eu me acalmei.

Ramla não conversou mais comigo sobre esse assunto. Nem sobre esse e nem sobre nenhum outro, por um bom tempo.

A situação estava cada vez mais delicada.

Um ano se passou. Eu estava com 14 anos.

Nada mudou. Não é exagero dizer que nem mesmo Kaikura e Hasani ousaram tocar no assunto da minha doença durante aquele período.

Estava na cara que eu era um Deus Maldito. Todos no mosteiro sabiam disso.

Mas ninguém tinha coragem de me perguntar. Acho que ouviram o boato dos meus gritos, na ocasião em que conversei com Ramla. Ou ela mesma espalhou.

Aquele assunto se tornou um tabu.

Ninguém perguntava mais sobre minha doença. Eles apenas aceitaram.

Mas agora todos sabiam que havia exatamente três Deuses Malditos no mosteiro.

Em breve seríamos somente dois. O famoso Idi iria se formar em breve.

Eu só o havia visto uma vez, naquele longínquo dia na igreja. O dia em que ele fez aquele comentário humilhante sobre minhas lágrimas.

Eu não tinha interesse nenhum em falar com ele. E nem com Ramla.

No começo pensei que ter contato com outros Deuses Malditos me faria sentir melhor, mas isso não era verdade.

Eu não queria aceitar que minha mãe tinha feito uma besteira. Para mim, ela ainda era uma mulher extraordinária.

Nunca conheci minha mãe, pois ela morreu no parto. Mas meu pai, Haji e outros funcionários do castelo a idolatravam. Então na minha mente ela sempre foi uma pessoa quase perfeita.

Como admitir que ela havia cometido um erro? Eu sempre odiei o fato de ela ter me tornado Deus. Mas sempre tive a esperança de que ela tivesse feito isso por um motivo maior.

Porém, a cada dia que passava, eu acreditava menos nisso.

Era difícil acreditar que havia pessoas ruins no mundo. Aquelas distantes pessoas ruins, que tornavam o mundo um pesadelo.

Infelizmente, as pessoas ruins estavam muito perto de mim. Perto demais, a ponto de ser insuportável.

Minha mãe era ruim. Provavelmente meu pai também. E eu... sim, eu era ruim.

Eu havia gritado com Ramla sem necessidade. Naqueles tempos, eu ignorava quase completamente meus colegas de quarto.

Kaikura e Hasani pararam com as piadinhas.

Nas minhas primeiras semanas no mosteiro, eles viviam brincando amigavelmente com o fato de eu ser nobre. Com o fato de eu ser menor de idade. E muitas outras coisas.

Mas assim que minha doença ficou óbvia e eu comecei a fitá-los com aquele olhar de “Ouse dizer uma palavra sobre isso”, eles se calaram.

Até mesmo Mablevi começou a ficar distante.

Eu estava sozinho. Completamente.

Será que eu me achava melhor que os outros? O cara incompreendido. Ou apenas sentia pena demais de mim mesmo.

Ninguém seria capaz de entender a minha dor. Nem mesmo outros Deuses. Porque meu caso era o pior de todos: eu era um Deus Maldito!

Espere. Então os outros Deuses malditos me entendiam, certo?

Não. Os sintomas de Ramla não pareciam tão terríveis quanto os meus. E Idi era poderoso e adulto. Já devia estar lidando bem com sua doença, ou ela devia estar quase desaparecendo.

Portanto, eu continuava a ser o cara incompreendido e solitário. A única pessoa sofredora desse mundo. E era assim que eu queria ser visto.

Eu estava sofrendo sozinho, mas era incapaz de dizer uma palavra. Não conseguia pedir ajuda. Eu era muito orgulhoso.

Para completar, eu era o pior da minha turma.

Sim, isso está correto: minha turma tinha seis alunos e eu era o pior de todos.

No meu colégio antigo, na minha velha turma de vinte alunos, eu era o melhor da turma. Porque só estudávamos disciplinas como matemática, história e idiomas.

Lá era diferente. No mosteiro nós praticamente só estudávamos magia. E eu tinha apenas 14 anos. Eu menti minha

idade e todos estavam intrigados, se perguntando porque eu ainda não tinha manifestado nenhum poder.

Eu estava muito atrasado. Até Mablevi, com seus 16 anos, já conseguia fazer algumas coisas.

Todos me olhavam com pena. O pobre Deus Maldito, que está sempre doente e não consegue despertar sequer um poder mágico.

Porque meu Deus queria me matar e não iria permitir nenhum tipo de proteção.

Um dia, meu professor veio conversar comigo.

No começo eu disse que não queria. Mas ele insistiu. Por fim, aceitei.

Nós conversamos um dia na capela, depois da aula. Quando todos já tinham saído.

Era até mesmo difícil olhar para ele.

— Dakarai — disse Hakizimana — eu não queria falar nada que te fizesse sentir desconfortável. Mas se você não for honesto comigo, não vou poder te ajudar.

Fazia sentido. Para falar a verdade, senti um pouco de pena do meu jovem professor.

Ao longo de um ano, ele fez de tudo para me ajudar. Mas eu não colaborei. Eu o deixava no escuro.

Ele tentava me ajudar a despertar os meus poderes, mas era tudo em vão. Não havia nada.

Aquilo nunca tinha acontecido antes.

— Eu sei que você tem apenas 16 anos — ele disse — os poderes de Deus só começam a ficar mais fortes por volta dos 18. Então não se culpe. Às vezes essas coisas acontecem.

— Quatorze — eu o corriji.

— O quê?

— Eu menti — confessei — tenho apenas 14 anos. Eu entrei no mosteiro com 13.

Ele ficou surpreso com aquela revelação. O mistério havia sido desvendado.

— Não conte para ninguém — eu pedi — não quero ser discriminado por isso.

Bem, eu já estava sendo discriminado por não ter despertado nenhum poder de Deus ainda. Era difícil dizer o que era pior.

— Obrigado por me contar — disse meu professor — não irei contar para os outros.

— Minha mãe matou um Deus — revelei — ela morreu no parto. Eu estou sempre doente... por motivos óbvios.

Meu professor não fez nenhuma expressão de surpresa. É claro que era surpreendente que eu admitisse aquilo tão diretamente. Mas no fundo todos já sabiam.

— Você não precisa se sentir menos que os outros — disse Hakizimana — nem pela sua idade e nem pela condição do seu nascimento.

— Eu sei — falei — mas é horrível estar doente o tempo todo. Eu sou doente desde que nasci. Minha doença vai mesmo melhorar quando eu me tornar adulto?

— Provavelmente sim.

— O Deus sempre vai tentar me matar?

— Não — disse meu professor — com o tempo, sua condição irá se estabilizar. A condição de Ramla já melhorou um pouco desde que ela completou 18 anos.

Aquela era uma boa notícia.

— Professor.

— Sim?

— Eu estou com medo.

— Ser um Deus é viver com medo. Mas não podemos deixar que esse medo seja tudo que somos.

Ter aquela conversa me ajudou um pouco. Mas só por um tempo.

Achei que eu ia me sentir melhor quando estudasse no mosteiro. Eu estaria entre meus iguais.

Mas eu me sentia cada vez mais discriminado. E cada vez mais miserável com minhas próprias mentiras.

Quando chegou o inverno, houve um dia particularmente frio. Decidi que não tomaria banho naquele dia.

Porém, o dia seguinte foi ainda pior. Eu senti tanta raiva que naquele dia, pela primeira vez, resolvi tomar banho junto com meus três companheiros de quarto.

Eu entrei no banheiro com irritação. Eles ficaram surpresos, tanto por eu ter entrado lá como pela minha raiva.

Eu tomei meu banho quieto. É verdade que a água quente me acalmou um pouco.

Não fiz aquilo apenas pela água quente. Era uma tentativa de me aproximar dos meus companheiros de quarto sem usar palavras.

Porém, como ninguém disse nada, resolvi começar a falar:

— Podíamos acender uma fogueira, esquentar água numa panela e ter nossa própria água quente, sem depender desses inúteis.

— Acender uma fogueira onde? — perguntou Mablevi — dentro do quarto?

— Lá fora — eu disse.

— Você quer sair lá fora no frio só pra isso? — zombou Kaikura — e imagine o tempo que íamos perder. Temos que fazer nossas tarefas domésticas, ir às aulas e estudar. Não sobra tempo pra muita coisa. Se temos água quente que nos trazem todo dia, por que desperdiçar?

— Realmente — reconheci — faz sentido.

— Mas sabe o que é um verdadeiro desperdício? — perguntou Kaikura — você.

— O quê? — perguntei, sem entender.

— Veja só a cor da sua pele — disse Kaikura — é escura como a noite. E você sempre a esconde.

— Não gosto que me olhem de forma diferente — eu disse.

— Você tem a cor de pele da realeza — comentou Hasani — eu só ouvi falar de reis com a pele da cor da sua.

— Ou nobres de alta hierarquia — acrescentei.

— Que seja — disse Hasani — mas concordo que é um desperdício esconder.

— O que vocês querem que eu faça? — perguntei, aborrecido — que ande pelado por aí?

— Você já ouviu falar que os magos mais poderosos do mundo têm a pele escura? — perguntou Kaikura.

— É verdade, já ouvi esse boato — disse Hasani — dizem que todos os membros da DAL são negros.

— Não sou um mago poderoso — eu disse — não despertei ainda nenhum poder de Deus.

— Não importa — falou Hasani — você pode usar a cor da sua pele pra pegar mulher.

— Pelo amor de Deus — falei.

— É sério! — insistiu Hasani — não importa qual é seu título ou sua habilidade de magia. Se você tem a pele escura, as pessoas pensam que você é um nobre e que é muito bom em magia. E as mulheres acham isso sexy.

— Eu não dou a mínima para o que as mulheres acham — falei, sem me importar.

— Por quê? — perguntou Hasani — aposto que com a pele dessa cor você sempre conseguiu pegar as mulheres que queria, certo? Ainda mais sendo da nobreza.

— Por que não apresenta umas mulheres para ele, Hasa? — sugeriu Kaikura — a única mulher com quem Dakarai tem contato é aquela tal de Ramla. Ela não é feia, mas ela não dá nem um sorriso. Está sempre com cara de morta. Outro desperdício.

— Além do mais, ela é... — começou Hasani.

Porém, ele interrompeu a frase no meio.

— Ela é o quê? — perguntei — uma Deusa Maldita?

— Eu não ia dizer isso — mentiu Hasani.

Quase me arrependi de ter puxado assunto com eles.

Eu queria me aproximar dos meus colegas de quarto. Mas aqueles dois só falavam bobagem.

Era assim que eles queriam me aproximar deles: me apresentando mulher.

Para meu desagrado, no dia seguinte eles me apresentaram mesmo uma fêmea: Mabelle, uma garota da T3, colega deles.

Ela era bonita. Mas achei que era muito areia para mim. Eles disseram que não, mas o que aqueles dois sabiam?

Eles achavam que só porque eu tinha a pele tão escura eu poderia pegar todas. Bem, pelo menos Machelle parecia um pouco interessada.

Ela foi conversar comigo em particular.

— Você é bem famoso, Dakarai — ela me disse — sabia disso?

— Se eu sou famoso, deve ser pelos motivos errados — comentei, sem muita animação.

— Há muitos boatos ao seu respeito. Todos se perguntam quais deles são verdade.

Ela estava mexendo no cabelo, atirando-o para lá e para cá. Também estava se mexendo toda.

Eu não era tão ingênuo em leitura da linguagem corporal feminina. A tradução do que ela me dizia era praticamente: “Diga-me quais boatos são verdade e eu te darei meu corpo”.

Resolvi dizer:

— Provavelmente todos os boatos são falsos.

— Mesmo? — ela perguntou — eu acho que todos são verdade.

— Por que acha isso?

— Você é um nobre, não é?

— Eu sou.

— Você é um Deus Maldito?

— Você gostaria que eu fosse? — perguntei.

— Gostaria — ela disse — acho sexy.

— Você acha sexy eu tossir o tempo todo? — perguntei — acha sexy que eu sinta falta de ar e desmaie?

Ela se sentiu um pouco intimidada por essas perguntas.

— Não quis dizer isso — ela disse — acho sexy o conceito de Deus Maldito.

Eu sentia cada vez menos vontade de conversar com ela.

— O que é esse colar? — perguntou Machelle, curiosa — sinto uma energia peculiar nele. Posso ver?

— Não — respondi, secamente.

Será que eu estava sendo muito estúpido? Eu só queria que ela desistisse e fosse embora. Seria muito deselegante que eu mesmo a mandasse embora.

— Sabia que quando dois Deuses se beijam ou fazem sexo a energia divina aumenta? — ela perguntou.

— Eu duvido que alguém faça sexo por esse motivo — comentei, de forma ainda mais seca — a não ser que seja um imbecil.

Mesmo depois de eu dizer isso, ela não se ofendeu. Meu Deus, o que eu precisava dizer mais para ofender aquela perua e mandá-la embora?

O problema era que ela era bonita demais. Até mesmo eu me sentia tentado.

Observei o corpo dela. Era um bom corpo. As vestes ressaltavam seus contornos.

Ela me viu olhando. Desgraçada!

Desviei o olhar e tentei disfarçar. Respirei fundo.

Ela interpretou corretamente minha respiração e deu um sorrisinho.

Eu me irritei. Aquilo não era uma batalha. Era uma guerra. E eu iria vencer. Eu iria resistir!

Pensando bem, por que eu queria resistir mesmo? Eu já nem lembrava.

Não importava. Eu só queria mostrar que as coisas não seriam do jeito que ela queria. E não seriam do jeito que meus amigos planejaram.

— Veja só, eu até esqueci do que a gente tava falando — ela falou — não é engraçado?

Ela deu um risinho. Eu não soube dizer se eu senti raiva do risinho dela ou se eu achei sexy. Talvez os dois juntos.

Provavelmente senti raiva de mim mesmo por ter achado sexy. Por que aqueles truques sujos e óbvios funcionavam tão bem? Era irritante.

Bem, eu já era um adolescente. Meu corpo estava começando a se voltar contra mim.

Não bastava ter o Deus infeliz me possuindo. Agora ainda havia meus hormônios jogando contra mim. Era muita coisa para lidar.

— Ah sim, lembrei do que a gente tava falando — disse Machelle.

— Que bom — comentei, sarcasticamente.

— Sabia que se dois Deuses fazem sexo, os Deuses dentro dos dois corpos conversam? — ela disse.

— Deve ser uma conversa maravilhosa — ironizei.

— Mas se os dois Deuses não se derem bem, eles podem brigar no meio do sexo — ela explicou — eles podem até matar um ao outro.

— Isso sim que é sexy — zombei — agora está ficando interessante. Conte mais. Como é que eles se matam?

— Eu não sei detalhes. Sou apenas uma moça inocente. A não ser quando eu não sou inocente. Hahaha!

— Hahaha — zombei, imitando a voz idiota dela.

— Agora que a gente já se conhece e somos íntimos em palavras, que tal os nossos corpos se conhecerem? Quero dizer, por que os Deuses dentro de nós não conversam um pouco?

— Esqueci seu nome — falei.

Eu não tinha esquecido. Eu só queria irritá-la.

— Machelle. E você é o Durukai.

— Dakarai! — berrei.

Ela tinha errado de propósito ou ela também estava me tratando como um asno?

— Darkarai — ela disse — perdão, Durkurai. Derkarai. Ai, desculpa. Eu tenho a língua meio presa.

Eu só queria morrer. Eu só queria rezar para que um caçador de Deuses surgisse, drenasse meu sangue e cortasse minha cabeça. Por que eles não apareciam quando eu mais precisava?

— Escute, Michele — eu disse.

— Machelle — ela corrigiu.

— Muito bem, Mechila — falei — eu não estou muito interessado no seu corpo. Ou melhor, não me entenda mal, você

tem um corpo digno de atenção. Mas agora eu estou lidando com outras questões.

— Que questões, querido? — ela perguntou — eu posso te ajudar a lidar com elas. Eu sempre fui meio psilóloga.

— Psicóloga — eu corrigi.

— Não, eu quis dizer... filóloga. Filósofa.

— Ah — o que mais eu poderia dizer diante daquilo?

— Eu acredito que se você quiser qualquer coisa ela pode se tornar realidade — ela explicou — contanto que você queira essa coisa com muita força. Você já ouviu falar naquelas pessoas que transformam carroças em pontes?

— Não?

— Você não sabe o que está perdendo. São os messiânicos. Não, os mecânicos! Eu quase disse “macacos”, acredita?

— Você pode ficar surpresa, mas eu acredito. Será que você não está falando de engenheiros?

— Não, eu estou falando de sexo — ela disse — sexo entre Deuses. Fazer sexo resolve qualquer problema psicológico, confie em mim. Sexo cura até dor de cabeça. Cura tosse. Cura tudo.

— Então é um milagre.

— Há rumores de que a doença dos Deuses Malditos termina subitamente depois que eles fazem sexo.

— Fascinante! — exclamei — eu tenho outra teoria. Eles provavelmente fizeram sexo quando estavam perto de chegar à idade adulta. Por coincidência, é mais ou menos o mesmo período em que a doença vai embora.

— Não, não! Você não entendeu. A doença “puft”, sumiu, do dia para a noite. Quer tentar?

— Não.

— Por que não?

— Porque — eu respondi — eu estou ocupado.

Machelle se encostou em mim e me colocou contra a parede.

— Só um beijinho — ela disse.

— Não.

— Trinta segundos.

— Não.

Ela encostou a mão no meu peito, por cima da roupa. Meu coração estava disparado.

— Fica aí fazendo pose, como se nem desse bola pra mim — ela provocou — mas você tá bem nervoso.

— Não estou — eu disse — saia.

— Você pode mentir — ela disse — mas tem uma parte do seu corpo que não mente. Vamos ver a opinião dela?

— Mulher — eu disse — se você não se afastar de mim em dois segundos, juro que eu te mato. Eu vou tentar te matar com tanta força que você vai ter que me matar para não ser morta.

Eu disse isso com tanta seriedade e firmeza que ela se afastou de imediato.

Ela me fitava sem acreditar no que tinha ouvido.

— Está bem — ela se convenceu — me desculpe. Isso não vai se repetir.

— Que bom que eu me fiz claro.

Machelle foi embora.

Eu suspirei fundo. Com mil diabos?

Olhei para o lado. Lá estavam meus três amigos assistindo tudo de longe. Estavam escondidos, mas não foi difícil flagrá-los no final.

Eles saíram de onde estavam escondidos. Os três estavam boquiabertos.

— Eu não acredito que você falou daquele jeito com a mulher mais gostosa da nossa sala! — disse Kaikura.

— Do que você está falando? — perguntei — não há apenas seis alunos na sua sala?

— Você acabou de queimar o seu filme — informou Hasani — quando as outras mulheres souberem como você tratou Machelle, nunca mais irão se aproximar de você.

— Que bom — falei — é isso mesmo que eu quero.

— Você não gosta de sexo? — insistiu Hasani.

— Não estou a fim no momento.

— Por que não? — perguntou Hasani.

— Não me enche! — eu elevei a voz — vocês são chatos, hein? Todos vocês.

— Eu não disse nada — defendeu-se Mablevi.

— Mas estava aí assistindo com eles — argumentei — e rindo.

— Você não pode me culpar por rir — falou Mablevi — a conversa de vocês dois foi engraçada.

— Tudo bem — tive que ceder — eu também tive que me segurar para não rir algumas vezes. Mas no final ficou sério. Eu não gostei. Vocês planejaram isso? Vocês pediram para que ela desse em cima de mim?

— Eu só queria te animar um pouco — defendeu-se Hasani.

— Você andava muito sozinho e irritado ultimamente — explicou Kaikura.

— Então por que vocês mesmos não conversaram comigo? — perguntei — por que tinham que envolver uma mulher que nem conheço?

— Porque cada vez que tentamos conversar você nos ignora ou nos xinga — justificou Mablevi.

Eu nem tinha percebido.

Eu estava muito preocupado sentindo pena de mim mesmo. Nem pensei em como meus amigos deviam estar se sentindo com tudo isso.

Amigos. É, talvez eles fossem meus amigos. Pensando bem, não foram eles que se afastaram de mim. Fui eu que me afastei.

E mesmo assim, eles não desistiram. Da forma desajeitada deles, ainda estavam tentando me animar.

— Eu ainda não me sinto preparado para sexo — deixei claro — então não me pressionem.

— Acho que dezesseis é uma boa idade — falou Hasani.

— Eu determino quando será minha boa idade — falei — afinal, quantos anos tem a Mabelle?

— Vinte e dois — informou Hasani.

Mablevi riu.

— Dakarai tem quatorze — observou Mablevi.

Kaikura e Hasani soltaram uma exclamação de surpresa.

— Isso é sério? — perguntou Hasani, sem acreditar.

— Eu não acredito que você contou — eu disse para Mablevi.

— É a melhor forma de eles te deixarem em paz — sugeriu Mablevi.

E realmente funcionou. Kaikura e Hasani pediram desculpas para mim imediatamente. Disseram que não sabiam que eu era tão novo. Que se soubessem não teriam me pressionado tanto.

“Não vamos mais te incomodar com isso” eles prometeram. Mas eu não acreditei.

É claro que Mabelle falou mal de mim para as outras garotas e espalhou a história. Fiquei com uma péssima fama. Além de se irritarem comigo, aconteceu algo pior: algumas ficaram com medo de mim.

Alguns dias depois, de alguma forma “misteriosa”, minha idade verdadeira acabou vazando.

Mabelle ficou chocada quando soube que eu tinha apenas 14 anos. Ela foi me procurar e se desculpar pessoalmente.

Fiquei bem constrangido com as desculpas dela, pois ela exagerou um pouco. Ela disse que não sabia que “eu ainda era uma criança” e deixou claro que não me procuraria mais.

Por que as pessoas gostavam tanto de fazer drama? Por que não me deixavam em paz?

Eu não via a hora de virar adulto, por uma série de razões. Mas parecia que os anos apenas se arrastavam.

Mais um ano se passou. Eu estava com 15 anos.

Idi saiu do mosteiro, assim como mais dois alunos de sua turma. Eles já estavam preparados para encarar o mundo lá fora. Aquele mundo assustador.

Será que eu sentia saudades daquele mundo? Eu queria tanto assim voltar para ele?

Ramla não estava mais na nossa turma. Ela passou para a T4.

Enquanto isso, eu e Mablevi continuávamos encalhados na T5.

Mas a diferença entre nós dois era notável. Mablevi já estava com 17 anos e começando a despertar certos poderes.

Eu o invejava. Não via a hora de acontecer comigo também. Minha doença continuava ruim. Quanto tempo mais eu teria que esperar?

O tempo passa dolorosamente devagar quando desejamos que ele corra.

Quando eu era criança e acreditei que eu fosse morrer em breve, eu valorizava cada dia, cada momento. Não queria que o tempo passasse.

Agora era diferente. Eu queria ter uma máquina do tempo, para me levar magicamente até os meus 18 anos.

Até então, eu era apenas objeto de zombaria e fofoca dos meus amigos, colegas e professores. E aquilo não me deixava feliz. Só fazia com que eu me irritasse ainda mais e me isolasse.

Eu ouvi falar que Idi sempre foi um pouco solitário. Inclusive, quando o encontrei na igreja naquele dia, ele estava sozinho.

Será que eu me tornaria amargo como ele? Como Ramla? Deuses Malditos pareciam ser sombrios. Afinal, eles tinham um fardo muito pesado para carregar.

Mas eu ainda não conversava com Ramla. E ela também não queria saber de conversar comigo. Afinal, eu a mandei calar a boca naquela nossa primeira conversa, só por causa de sua pergunta.

Eu me culpava um pouco por ter sido tão rude. Mas eu queria esquecer.

Eu não precisava de Ramla. Não precisava de ninguém.

Kaikura e Hasani entraram na T2. Eles não viam a hora de entrar para a T1.

— Só mais um ano — disse Kaikura — ou dois.

No meu aniversário de 16 anos, meus amigos me fizeram uma festa surpresa.

É claro que eu não esperava. Ninguém nunca tinha feito algo assim para mim.

Pensando bem, qual foi a última vez que celebrei meu aniversário?

Eu realmente celebrava essas ocasiões em solidão. Geralmente só meu pai sabia a data. Ele me dava algum presente bem caro e ficava por isso mesmo.

Mablevi me perguntou o dia do meu aniversário um dia. E eu respondi, na maior inocência, sem nem me dar conta do que eles tramavam.

Mas eles não prepararam nada comprometedor. Eles apenas roubaram algumas comidas e bebidas da cozinha e reuniram tudo no quarto. À noite, eles me receberam com uma canção de parabéns e um bolo.

E a parte mais surpreendente: eles me abraçaram.

Qual foi a última vez que recebi um abraço? Eu não sabia.

Fiquei tão emocionado que até derramei lágrimas. No começo foram lágrimas de emoção. Depois viraram lágrimas de tristeza.

Eu me desculpei por ser tão ruim com eles. Eu os ignorei e os xinguei por muito tempo. Eu os tratei como lixo. Eles insistiram que não importava mais. Era passado.

— Você era muito novo — falou Kaikura — estava passando por uma fase difícil de adaptação. A gente entende.

— Mas não entendemos totalmente — acrescentou Hasani — eu não faço a menor ideia como é ser um Deus... bem...

Todos ficaram quietos naquele momento.

— Tudo bem — eu disse — não faz mais sentido esconder isso. Minha mãe matou um Deus. Ela me contou.

Os dois ficaram fascinados com a revelação. Mablevi não, porque ele já sabia.

Todo mundo naquele mosteiro já sabia que eu era um Deus Maldito. Então não fazia mais sentido não contar.

Porém, eu não costumava admitir isso abertamente. Os dois se sentiram lisonjeados porque eu finalmente abri o jogo.

— Eu não sei porque ela o matou — prossegui — gostaria de saber. Ela já assistiu a um Torneio de Deuses uma vez. Então existe a possibilidade de que ela conhecesse esse Deus.

— Você é um nobre de altíssima hierarquia então — concluiu Kaikura, impressionado — é muito raro conseguir um ingresso para um desses torneios.

— Sim, eu sou — respondi.

Todos ficaram aguardando que eu revelasse meu título. Mas eu não ia dizer.

Era meu aniversário. Eles tinham feito todas aquelas coisas por mim. Confesso que me senti um pouco inclinado a contar-lhes mais segredos meus, para mostrar que eu confiava neles.

— Está bem — eu disse — eu sou.... por favor, não riam.

— Diga logo! — exclamou Mablevi, que também não sabia.

— Sou um príncipe.

As reações me fizeram rir. No final, quem riu fui eu.

Cada reação mais hilária que a outra. Como sempre, eles eram exagerados.

— Não é grande coisa ser príncipe — acrescentei — há muitos reinos e muitos príncipes por aí.

— Agora está explicado porque você tinha uma carruagem de ébano com cavalos puro-sangue — disse Mablevi — e porque tinha um cocheiro que sabia lutar com facas.

Kaikura e Hasani acharam tudo isso o máximo.

— Eu falei que você tinha a cor de pele da realeza! — exclamou Hasani.

— Não me diga que precisamos te chamar de “Vossa Alteza” agora? — perguntou Kaikura.

— É claro que não — eu disse — isso é apenas uma frescura da nobreza.

— De que reino você é príncipe? — perguntou Hasani.

Já que eu havia contado tantos segredos, por que não contar mais um, não é mesmo?

Eu já os conhecia há três anos. Achei que já era mesmo a hora.

— Maior Sonho — respondi.

— Meu Deus! — disse Kaikura, fora de si — é aquele reino do príncipe doente? A mãe dele morreu. Agora faz todo o sentido!

— Como sabe disso? — perguntei, intrigado.

— Nós viemos de Trilha dos Heróis, lembra? — disse Kaikura — o nosso reino não fica tão longe do seu.

— Eu ouvi boatos estranhos há um tempo, de uns novatos que chegaram — contou Hasani — falaram que o rei de Maior Sonho morreu. É verdade?

— Sim, meu pai morreu — falei.

Contei a eles o que aconteceu naquele dia: a perseguição dos caçadores e meu encontro com a Deusa da DAL.

— Como era essa Deusa? — perguntou Hasani, intrigado.

— Alta — respondi — elegante. Pele negra. Poderosa.

— Todas as Deusas da DAL são assim — observou Hasani — seja mais específico.

— Ela me deu esse colar — falei.

— Você sempre está com ele — observou Kaikura — desde que te conheci você o usa. Por que isso?

— Porque ela disse que era um amuleto de proteção.

— Posso? — perguntou Kaikura.

Tirei o colar e dei a ele. Kaikura o analisou.

— Meu amigo — Kaikura anunciou solenemente — sinto muito, mas isso não é um amuleto de proteção.

— O que é então? — perguntei, sem grandes preocupações.

— Tem um feitiço nele — concluiu Kaikura — eu só não sei dizer qual.

— Proteção — brinquei.

— Não — disse Kaikura — eu consigo sentir feitiços de proteção. Isso aqui é mais complicado. Uma pessoa com um poder maior que o meu fez isso.

— Não me diga — zombou Hasani.

— Então temos que achar um Deus com um poder maior que o dela para determinar qual é esse feitiço? — eu ri — só se falarmos com outro membro da DAL.

— E se ela for a número 1? — perguntou Mablevi, de forma misteriosa.

— Nesse caso, é mais fácil perguntar a ela — concluí — simples, não?

Peguei o colar de volta e o recoloquei no pescoço.
— Então você vai continuar usando? — perguntou Kaikura
— sem nem saber do que se trata?
— Vou — falei.
— E se esse colar te deixa doente? — perguntou Kaikura.
— Eu sempre fui doente — falei — eu não piorei e nem melhorei desde que comecei a usar o colar. As coisas estão iguais desde então. Não mudou nada.
Kaikura parou para pensar.
— Às vezes um colar é apenas um colar — concluiu Hasani.
— Duvido! — protestou Kaikura.
— Se uma Deusa bonita e poderosa me desse um colar, eu também usaria — falou Hasani — mesmo que fosse um tão brega quanto esse.
— Gosto dele — falei — eu me sinto tranquilo quando o uso.
— Por quê? — perguntou Kaikura.
— Porque ele me foi dado pela pessoa que salvou minha vida — expliquei — então eu lembro dela e me sinto grato.
— Isso é tudo? — perguntou Kaikura.
— Sim — respondi.
— Nesse caso, acho que não tem problema — disse Kaikura — ninguém conhece quem são todos os membros da DAL. Eles mudam a cada ano. Alguns continuam na DAL há muitos anos, sem nunca sair. Esses são famosos.
— Quem são? — perguntei, interessado.
— Há pelo menos três famosos — contou Kaikura — deve ter mais, mas não estou por dentro, já que estou trancado há tanto tempo aqui no mosteiro.
— Taj é um deles, certo? — perguntou Hasani.
— Sim — respondeu Kaikura — esse cara é lendário. Ele não sai da lista dos dez mais poderosos há muito tempo. E há Sabra. Ela nunca saiu do top 5, desde que entrou para a Ordem.
— Bem impressionante — falei.

— E, finalmente, há Chiamaka — contou Kaikura — ela é praticamente um símbolo da Ordem. Já estive no top 1 mais de uma vez. Não sei em que posição ela está agora.

— De vez em quando surgem uns novatos que desbancam os mais antigos — explicou Hasani — o normal é que os Deuses subam de posição aos poucos. Mas há alguns que assustam todos e saltam de posição muito rápido. É um espetáculo quando acontece. É o tipo de história que as pessoas gostam de ouvir.

Toquei no meu colar. Não importava quem fosse a mulher misteriosa. Mesmo que ela não estivesse mais na DAL, aquele colar era um símbolo de força. Eu me sentia orgulhoso de tê-lo. Era uma honra.

— Há algum Deus Maldito na DAL? — perguntei.

— Eles normalmente não divulgam esse tipo de informação — disse Hasani.

— E nenhum de vocês tem o sonho de entrar para a DAL? — perguntei.

Os três riram.

— É o sonho secreto de todo Deus — contou Kaikura — Deuses não falam muito sobre isso, porque é o mesmo que conversar com seu rival. Eu diria que o maior sonho de cada Deus é ter poder suficiente para pelo menos sobreviver. Para se defender contra os caçadores. Claro, há aqueles que ambicionam mais que isso.

— Eu ambiciono me livrar da minha doença — brinquei.

— Espero que consiga — falou Mablevi — como seu amigo, eu sofro junto cada vez que te vejo doente. É doloroso.

Nunca imaginei isso: que houvesse alguém sofrendo comigo cada vez que eu tossia.

Realmente, eu não estava sozinho. Eu não devia mais sentir pena de mim mesmo.

Mais um ano se passou. Eu estava com 17 anos. Mablevi finalmente passou para a T4, enquanto eu continuava na T5.

Ramla entrou para a T3. Ela estava se saindo muito bem. Kaikura entrou para a T1, mas Hasani continuou na T2 por mais um tempo.

A T1 era uma turma tão misteriosa que havia vários boatos fantásticos sobre ela.

Em primeiro lugar, o professor proibia que os alunos da T1 contassem o que se passava na turma para alunos de fora. Ou seja, subitamente Kaikura sentiu-se muito importante por fazer parte do “clubinho secreto”.

Ele realmente estava bastante metido naquele ano.

— Que nojento — Hasani comentou um dia — não vejo a hora de me tornar nojento também. Preciso me esforçar mais.

Kaikura, que nunca se importou muito com regras, surpreendentemente virou um garoto obediente. Ele nunca nos contava nada.

Para meu desprazer, Mabelle tornou-se outra das nojentas. Hasani não se conformava que ela tinha entrado para a T1 e ele não.

— Calma — disse Kaikura — você vai ter o seu momento.

Enquanto Hasani sonhava com a T1, eu ainda estava sonhando com a T4.

Hakizimani era um bom professor, mas sinceramente, eu não aguentava mais ter aulas com ele. Todo ano eram as mesmas aulas, as mesmas piadas.

Aquele seria meu quarto ano com ele. Acho que nenhum outro aluno havia permanecido na T5 por tanto tempo. Aquilo era minha culpa por ter ido para o mosteiro tão novo.

Eu devia ter obedecido meu pai e permanecido trancado no castelo até os 18 anos. Mas agora já era tarde.

Ramla estava com 21 anos. Ou seja, ela já era uma Deusa Maldita adulta.

Os sintomas dela cessaram completamente. Ela já não era mais doente.

Confesso que isso me encheu de esperança. Eu, mesmo aos 17 anos, ainda não tinha experimentado nenhuma melhora dos sintomas.

Mas quando Ramla tinha minha idade também era bastante doente. Então eu só precisava ter paciência.

Finalmente tomei coragem e fui conversar com ela, após tanto tempo.

— Ramla.

Ela se virou.

Ela não me evitou. Fiquei aliviado.

Ramla sempre foi uma pessoa solitária. Eu raramente a via com amigos. Ela sempre estava sozinha num canto, lendo. Parecia eu quando era mais novo.

Eu já não lia tanto. Estava mais preocupado em realizar meus treinos de magia. Os livros ajudavam um pouco nisso, mas não tanto. Havia limites de onde era possível chegar apenas com livros.

Ramla tinha uma aparência bem peculiar. Ela não era o que se poderia chamar de beldade, mas eu não a achava feia. Eu diria que ela tinha uma aparência interessante e única.

Ela tinha uma expressão meio entediada. Como se te olhasse e te achasse um idiota. Ela era inteligente. Talvez se achasse mesmo superior.

Mas quando conversava com alguém, ela o fazia normalmente. Aquilo era o bastante para mim.

Os Deuses Malditos tinham a fama de solitários e sombrios. Eu não queria ser “sombrio”. Estava feliz por ter amigos.

— Queria te pedir desculpas por aquela vez — resolvi começar assim.

Para minha surpresa, Ramla entendeu a que eu me referia.

— Isso já faz... quatro anos? — perguntou Ramla — não é meio tarde para pedir desculpas?

— Talvez, mas espero que não — respondi — ainda tenho esperanças que você me perdoe.

Ela me fitou por alguns segundos.

— Tudo bem, está perdoado — ela falou, sem emoção.

— Obrigado — aceitei aquele pedido de desculpas.

Eu tinha mandado que ela calasse a boca. Só porque ela me perguntou se eu era um Deus Maldito.

Não era algo muito legal para perguntar. Mas eu também não fui muito educado.

— Isso é tudo? — ela perguntou — posso ir embora?

— Não, espere — falei, com urgência — como você sabe, eu também sou um Deus Maldito. Como você. Estou respondendo sua pergunta de quatro anos atrás.

Ela me olhou com cara de bunda. E aguardou.

Todo mundo no mosteiro já sabia disso há muito tempo. Não era novidade nenhuma.

Não me senti exatamente encorajado para continuar, mas prossegui mesmo assim:

— Ouvi falar que você foi curada de sua doença. Que não tem mais sintomas. Queria saber se é verdade.

— É verdade — ela respondeu, apenas.

— Foi totalmente curada? — perguntei, para me certificar — você não tem mais nada mesmo?

— Não.

Ela era uma pessoa de poucas palavras. Resolvi não insistir.

— Tudo bem, obrigado. Isso é tudo.

Ela se afastou e foi embora.

Eu até fiquei um pouco aliviado quando aquilo tudo terminou. Qualquer conversa com Ramla era tensa. Ela tinha o dom de fazer com que as pessoas se sentissem desse jeito.

Naquele ano tínhamos uma novidade: uma nova aluna entrou para a T5. Era minha nova colega.

Mas isso não era tudo. Nós dois tínhamos mais semelhanças do que eu gostaria de admitir. Na verdade, nossas semelhanças eram assustadoras. Éramos praticamente clones.

A garota tinha minha idade: 17 anos. E ela era uma Deusa Maldita, com sintomas. Ela tossia nas aulas o tempo todo.

Como se não bastasse, ela era uma princesa. E ela revelou isso abertamente, sem nenhum problema.

Era a princesa de Trilha dos Heróis. A cidade de Kaikura e Hasani, que eu também já tinha visitado.

É claro que aqueles dois já tinham ouvido falar nela.

— Um dia você vai se tornar rei, não é mesmo? — Hasani me perguntou.

— Não sei — falei — por quê?

— Um príncipe geralmente se casa com uma princesa de outro reino — observou Hasani — então por que você não se casa com ela? Além do mais, ela é Deusa. Ela é como você.

— É uma ótima ideia — concordou Kaikura — vocês têm a mesma idade. Vocês são idênticos!

Ver aquela princesa era como ter a sensação desconfortável de me olhar num espelho.

— Também acho uma boa ideia — disse Mablevi — mas primeiro você tem que conversar com ela e descobrir se vocês dois se dão bem. Não adianta nada ela ser perfeita em todos os outros aspectos se você não tiver sentimentos por ela.

— Ela também tem que gostar de mim — comentei — tem que ser recíproco.

— Isso é óbvio — disse Mablevi — e você gostou dela?

— Ainda não conversamos — eu disse — mas ela é bonitinha.

— Essa é a primeira vez que ouço Dakarai elogiar a aparência de uma mulher de forma tão sincera — disse Hasani — parece promissor.

— Isso não é verdade — disse Kaikura — ele também disse que a Deusa era bonita. Aquela que deu o colar para ele.

— Eu disse? — perguntei, tentando me lembrar.

— Você sempre a elogia — disse Kaikura — o tempo todo.

— Porque ela salvou minha vida — expliquei.

— Pode ser — falou Kaikura — ou talvez o motivo seja outro.

— Esqueça a Deusa! — sugeriu Hasani — ela é da DAL. Ela é inatingível. E essa princesa está bem na sua frente. Foque-se na princesa.

— Eu nem pedi conselho amoroso nenhum! — protestei — então posso saber por que estou recebendo tantos?

— Esse é o efeito colateral de ter amigos — disse Kaikura — agora aguenta.

No final, segui o conselho e fui conversar com a princesa.
Pensando bem, eu estava mesmo curioso sobre ela.
— Tendai?
Ela olhou para mim.
— Dakarai — ela sorriu.
A nossa aula já tinha acabado e estávamos sozinhos na capela.
— Podemos conversar? — pedi.
— É claro — ela respondeu.
Ali estava uma garota me tratando de forma normal. Que alívio.
Olhando para trás, nenhuma mulher já tinha me tratado de forma normal.
Latrice, a ex-noiva de Issa, tinha obsessão por títulos e dava em cima de mim só para fazer ciúmes em Issa.
Bibsbebe só falava comigo sobre notas. E também ficou curiosa para descobrir meus segredos, só porque era divertido.
Minha interação com Machelle foi uma piada. Não é necessário comentar a respeito. Ela provavelmente só deu em cima de mim porque meus amigos idiotas pediram.
Ramla me tratava como se eu fosse uma bunda, mas ela tratava todo mundo dessa forma. Eu também não contribuí muito com aquela nossa primeira conversa.
Então, além de Tendai, a única mulher que já tinha me tratado bem foi a Deusa da DAL. E a irmã de Fabumi. Se bem que eu mal conversei com Falala. Não que eu tivesse trocado altos papos com a Deusa.
— Sei que essa é uma forma meio estranha de começar uma conversa — falei — mas o que você sabe a meu respeito?
Foi realmente uma forma esquisita de começar. Ela estranhou a pergunta.
— Você tem a minha idade — ela respondeu — e você é de Torre Remota.
— Na verdade, eu sou de Maior Sonho — corrigi — sou o príncipe de lá.

Ela ficou bastante surpresa.
— Então você também é da realeza!
A pele dela era quase tão escura quanto a minha.
— Já ouvi falar de você — ela lembrou — o príncipe doente.
Então você é...

— Sim — eu a interrompi — sou um Deus Maldito também.
Era sobre isso que eu queria conversar. Sobre seus sintomas.

Ela não pareceu muito animada com o assunto da conversa.
Mas o que ela queria que eu dissesse? “Você é princesa e eu sou príncipe. Que tal a gente se casar?”. Eu não queria que a conversa tomasse aquele rumo ainda. Primeiro eu queria conhecê-la melhor.

Eu não queria me casar com ela só por causa da aparência. Primeiro eu queria descobrir que tipo de pessoa ela era.

Eu não estava muito preocupado em saber o quanto ela sabia de matemática ou de magia. Queria saber outras coisas mais interessantes: o que ela pensava sobre os Deuses e sobre a nossa maldição, por exemplo.

— Sou doente desde que nasci — ela explicou — minha mãe matou uma Deusa e depois morreu no parto. Eu sinto falta de ar e desmaio com frequência. Minha condição nunca melhorou, até hoje.

— Você me descreveu — eu disse — minha condição é exatamente a mesma. Só que minha mãe matou um Deus e não uma Deusa.

Odiei admitir que Mablevi estava certo: pelo visto, matar Deuses era mesmo um “passatempo” da nobreza. Especialmente da realeza.

— Você sabe por que sua mãe matou essa Deusa? — perguntei.

— Não...

Tendai era perfeita demais para ser real.

Sempre busquei alguém que me compreendesse. Sofri muito por ser príncipe e Deus. Além de tudo, eu era um Deus Maldito e sofria de uma doença grave. E como se não bastasse, minha pele muito escura também chamava a atenção.

Tendai era tudo que eu era. Então por que será que eu não estava totalmente fascinado por ela?

Tendai era bonitinha e simpática. Possivelmente uma boa amiga. Alguém com quem eu poderia contar.

Mas, por algum motivo, eu não a via como esposa.

Nós conversamos por uma meia hora depois disso. A maior parte da conversa foi bem divertida e até previsível. Nós entendíamos com perfeição os sentimentos um do outro.

Contamos situações engraçadas que passamos em nossos castelos. “Sei como você se sente! Já passei por algo igual!” e coisas assim.

Pensando bem, era a primeira vez que eu conversava com uma princesa. Aquilo era mágico.

E foi bem legal. Mas isso foi tudo.

Não me importei que nos tornássemos amigos. Mas eu não iria pedi-la em casamento. Eu decidi isso depois daquela conversa.

Não faltava nada em Tendai. Ela era maravilhosa. Eu apenas não senti aquele algo a mais. Talvez o problema fosse comigo.

Ou não havia problema nenhum. Qual era o problema em sermos apenas amigos?

Não importava que fôssemos ambos da realeza e que fôssemos semelhantes em muitas outras coisas. Nada daquilo significava que tínhamos que nos casar.

Havia muitas outras princesas por aí e muitas outras Deusas Malditas. Nem por isso eu estava pedindo todas elas em casamento.

E eu tive que explicar tudo isso para meus amigos mais tarde. Eles ficaram desapontados.

— Bem, fazer o quê? — disse Kaikura — a vida é sua. Como sempre, é um enorme desperdício.

Alguns dias depois, quem veio falar comigo foi Machelle.

Eu nunca mais tinha falado com ela. Na verdade, aquela era nossa terceira conversa.

Na primeira ela se jogou em cima de mim. Literalmente. Na segunda ela se desculpou. Eu não sabia o que ela queria dessa vez, três anos depois.

— Eu não sabia que você era príncipe! — disse Mabelle, bastante surpresa.

Ela parecia bem empolgada com a informação nova. Pelo jeito, aquilo tinha se espalhado.

— E eu não sabia que você era tão boa em magia para entrar tão rápido para a T1 — retruquei.

— Eu não passei uma boa primeira impressão, né? — ela perguntou.

Eu ri.

— Essa é uma pergunta retórica? — perguntei.

— Sim, Vossa Alteza — ela brincou — você gosta que te chamem assim?

— Eu detesto — admiti.

— Que alívio — ela sorriu — porque eu odiaria te chamar desse jeito. Não que eu precise te chamar, já que a gente só conversa uma ou duas vezes a cada três anos.

— Você é da nobreza? — perguntei.

Mabelle gargalhou.

— Eu venho de uma família do fim do mundo — explicou ela — meus pais eram fazendeiros. Eu cresci tirando leite de vaca e cuidando de galinhas.

— Eu nunca imaginaria isso — falei.

Eu gostava da ideia de uma mulher que sabia mexer na terra e tinha jeito com animais. Muito mais do que uma mulher que só sabia citar autores famosos, como eu fazia antigamente.

Mas eu não disse nada disso para Mabelle, pois eu não queria deixá-la convencida.

Afinal, eu ainda estava em “guerra” com ela. Nossas conversas eram divertidas. Eram como uma competição. Eu gostava daquilo. Eu me sentia desafiado.

De repente, fiquei curiosa sobre ela.

— Como se tornou Deusa? — perguntei.

— Minha cidade é meio religiosa — ela explicou — fui escolhida, por tradição.

Era uma história parecida com a de Mablevi.

— Você sabe andar a cavalo? — perguntei, interessado.

— É claro! — ela disse.

— E manejar armas?

— Um pouco — ela disse — sei mexer com arco e flecha.

Achei emocionante.

Lembro que admirei muito os conhecimentos e as habilidades meio “rústicas” de Mablevi quando o conheci.

Seria estranho pensar em Mabelle como uma versão feminina de Mablevi? É claro que a personalidade dos dois era bem diferente. Mas aquilo me passou pela cabeça por causa das semelhanças: os dois vinham de uma cidade muito pequena, tradicional e religiosa. Receberam seu Deus de forma pacífica. E eles tinham várias habilidades manuais.

Os alunos daquele mosteiro eram mais interessantes do que eu pensava. Principalmente os que não eram nobres.

Eu conversei apenas meia hora com Tendai. Mas confesso que minha conversa com Mabelle naquele dia foi tão interessante que ficamos batendo papo por mais de duas horas.

Eu perdi a noção do tempo. Nós nos sentamos e ficamos só assim, conversando bobagem e rindo.

Descobri que eu tinha tanta intimidade para falar qualquer coisa com ela quanto eu tinha com meus três amigos.

— As mulheres também tomam banho juntas no dormitório feminino? — perguntei, curioso.

Ela era provavelmente a única mulher para quem eu teria coragem de perguntar algo assim.

Ela não se importou. Apenas riu.

— A água quente — ela disse — às vezes tomamos banho juntas sim. Não me diga que vocês rapazes também?

— Bem... sim — admiti.

— Eu queria ver isso — disse Mabelle — Hasani é bem bonito. Eu queria vê-lo sem roupas.

Confesso que senti uma pontada de ciúmes com esse comentário.

— Sim, ele é bem bonito — resolvi concordar — de corpo também.

— Você é gay? — ela me perguntou, empolgada.

— E se eu disser que sim? — perguntei.

— Eu vou gostar — ela respondeu — acho que ser gay é sexy.

— Tem certeza que você ia gostar? — provoquei.

— Não — disse Machelles — eu ia morrer de ciúmes.

Machelles aproximou o rosto. E eu a beijei.

Aquele era meu primeiro beijo na boca. Eu tinha 17 anos. Machelles tinha 25.

Nós nos beijamos por algum tempo. Quando ela finalmente afastou o rosto, ainda teve a ousadia de me perguntar:

— É seu primeiro beijo?

— Não vou responder — eu disse.

— Então é — ela disse — você me babou toda. Deixa eu te ensinar como se beija.

E ela me beijou de novo, me dando as explicações. Ela me beijou pela terceira vez, com mais explicações. Eu nem estava escutando.

Ela começou a encostar mais em mim, mas eu parei a mão dela.

— Preciso ir — menti.

— Você está fugindo — ela zombou de mim — está com medo.

— Continuamos outro dia.

Eu saí. Para mim aquilo já era emoção suficiente por um só dia.

Quando retornei para o dormitório, Mablevi reparou que eu estava meio aéreo.

— Alguma coisa aconteceu — ele disse.

— Nada aconteceu — insisti.

Eu não contei. Nem quando Kaikura e Hasani me pressionaram.

Eu gostava de ter amigos, mas às vezes eu queria ter alguma privacidade.

Era divertido que aquele segredo fosse compartilhado somente entre mim e Machelle. A não ser que ela fosse se gabar para alguém, é claro. Mas não achei que ela fosse contar.

E, realmente, ela não contou. Até fiquei surpreso.

Nós nos encontramos outro dia. Só para mais alguns abraços e beijos.

— Preciso ir — eu sempre dizia, quando a coisa começava a esquentar um pouco.

Até que um dia, ela me disse:

— Tem um quarto que posso arranjar pra gente ficar sozinho.

Ela me sussurrou isso no ouvido e eu senti um arrepio.

Tive muita vontade de dizer sim. Mas eu disse não. Ela ficou desapontada.

— Por quê? — ela me perguntou.

— Não sei — eu disse.

E eu realmente não sabia.

Mas foi bom enquanto durou: meu relacionamento secreto com Machelle.

No ano seguinte, ela recebeu seu certificado e saiu do mosteiro. Antes mesmo de Kaikura.

Eu estava com dezoito anos. Foi só quando Machelle foi embora que eu revelei para meus três amigos que ao longo do último ano eu fiquei com ela.

Nosso relacionamento não foi bem um namoro. Eu pelo menos não o considerei assim. Nós apenas nos encontrávamos, trocávamos beijos, abraços e conversávamos.

Eles ficaram surpresos com minha revelação. Afinal, Machelle era apenas a “ficante de brincadeira” que Kaikura e Hasani tinham arranjado para eu “me animar” um pouco.

Quatro anos atrás eu não queria nada com ela. Mas depois eu passei a vê-la de outro jeito. Finalmente entendi porque ela era considerada “divertida”.

E não era só isso. Eu não sabia o que Machelle faria lá fora e ela não me contou. Mas ela já tinha o poder para proteger a si mesma.

— Você amadureceu — brincou Kaikura — virou um homem.

— Se eu tivesse “virado um homem” eu teria sido curado da minha doença — observei — e isso ainda não aconteceu.

Se eu ainda me sentia doente aos 18 anos, significava que meu corpo ainda podia levar mais uns anos para se adaptar. Aquela era uma má notícia.

A boa notícia foi que eu finalmente entrei para a T4. Meu novo professor era Hamidi, aquele que havia nos recebido no mosteiro quando chegamos, cinco anos atrás. Ele tinha 85 anos.

Eu estava recém começando a despertar alguns dos meus poderes de Deus. Eu me sentia muito estranho.

Eu sentia uma energia fluindo através de mim, mas não sabia como direcioná-la.

Hamidi conversou comigo em particular no final do primeiro dia de aula. Finalmente eu não tinha mais aulas na capela. Era numa pequena igrejazinha.

— O treinamento que damos para Deuses que possuem a maldição é um pouco diferente — ele me explicou.

Ele me contou que era um treinamento mais difícil e mais desafiador, porque o Deus estava lutando contra mim. Em compensação, os frutos que eu colheria desse esforço seriam maiores.

— Isso significa que Deuses Malditos têm o potencial de se tornarem mais poderosos que os Deuses comuns? — perguntei.

— Sim — respondeu Hamidi — mas como exige mais esforço de sua parte e como o Deus está lutando contra você, pode ser que, no final, dê no mesmo. Você entende?

— Mais ou menos.

Passei a realizar algumas meditações diárias. Cada meditação tinha um objetivo diferente.

Em uma das meditações, eu tentava me comunicar com o Deus. Eu enviava mensagens para ele. Outra meditação tinha mais o estilo de luta: era como uma batalha contra o Deus.

Eu estava experimentando vários estilos diferentes de meditar, para descobrir qual funcionava melhor e com qual eu me sentia mais à vontade.

Eu devia ser gentil com meu Deus? Conversar amigavelmente? Ou lutar contra ele e submetê-lo?

Em outras meditações eu não falava especificamente com o Deus, mas tentava sentir a energia fluindo do meu corpo. Eu a direcionava para diferentes objetivos.

Eu percebi que em algumas meditações eu me sentia mais doente. Em outras parecia que eu melhorava um pouco.

— Não se deixe influenciar somente por esses resultados — meu professor alertou — sua saúde é importante, mas você terá que fazer alguns sacrifícios no meio do caminho. Você pode sentir dor agora e ter uma grande recompensa depois.

Por enquanto, todas aquelas advertências pareciam um pouco vagas.

Eu andava muito cansado com todos aqueles treinamentos. E eu ainda tinha que trabalhar na cozinha, fazendo comida e lavando pratos.

Às vezes eles me davam uns trabalhos mais leves, para preservar minha saúde. Por exemplo, eu limpava a cera de potes de velas com água quente, para que fossem reutilizados.

Mas mesmo esses trabalhos exauriam minhas forças. Por fim, me botaram para etiquetar potes de comida e garrafas.

Alguns me criticavam e achavam que o abade estava me favorecendo.

É verdade que eu era algo como a “mascote” do mosteiro. Afinal, eu cheguei lá com 13 anos, praticamente uma criança. Eles me conheciam desde pequeno. Era raro alguém chegar tão novo.

Mais um ano se passou. Eu estava com 19 anos e recebi autorização para entrar para a T3.

Era como diziam: depois que você começava a manifestar os primeiros poderes de Deus, o progresso tendia a ser muito rápido.

Naquele ano, nós nos despedimos de Kaikura. Era difícil acreditar que ele estava indo embora.

O quarto ficou muito vazio sem ele. Agora éramos somente nós três. Mas eu sabia que eventualmente teríamos um novo companheiro.

Hasani entrou para a T1. Mablevi e Ramla estavam na T2.

Aquele foi um ano difícil. A professora da minha nova turma era Isabis e ela era muito rigorosa. Aquele ano foi um inferno.

Ela exigia muito de mim. Às vezes parecia que ela era mais rigorosa comigo do que com os outros e eu entendi o motivo.

Eu era um Deus Maldito. E ela se sentia na obrigação de pegar pesado comigo para que eu conseguisse superar o inimigo dentro de mim.

Não dormi direito ao longo daquele ano. Eu não tinha tempo para nada.

Numa noite, eu chorei. Mablevi acordou e foi até a minha cama conversar comigo.

— Ninguém gosta da Isabis — disse Mablevi — não se preocupe. Você vai sobreviver a ela.

E eu realmente sobrevivi.

Mais um ano superado. Completei 20 anos.

Nós nos despedimos de Hasani. Mablevi e Ramla entraram para a T1 e eu entrei para a T2.

A professora da T2 se chamava Olabisi. Tinha em torno de 40 anos. Ela era praticamente o oposto de Isabis: parecia uma mãe.

Ela era muito gentil comigo. Tivemos várias conversas no final da aula.

Nós, Deuses Malditos, geralmente enfrentávamos mais dificuldades e tínhamos mais problemas psicológicos. Então os professores sempre prestavam particular atenção em nós.

— O que a sua mãe fez não foi sua culpa — disse Olabisi — ela teve suas razões. Não se sinta diferente dos seus colegas.

Quando todos vocês forem magos avançados, a condição de vocês não necessariamente fará diferença.

Eu e Mablevi ganhamos um novo companheiro de quarto: Oringo, um rapaz de 18 anos que entrou para a T5.

— Sou de Maior Sonho — ele nos contou — de onde vocês são?

— Que ótimo! — exclamei — como andam as coisas por lá? Quem está governando?

Eu andava sedento por notícias.

— A rainha Feechi — respondeu Oringo, prontamente.

Precisei colocar meu cérebro para funcionar: Feechi. Quem era essa? Eu já tinha ouvido aquele nome em algum lugar.

— Ah, sim! — falei — minha prima.

Ela não era exatamente minha prima. Era só uma parente meio distante. Porém, como ela era de uma idade mais ou menos semelhante à minha, eu a chamava de prima.

Eu só a tinha visto uma vez, de longe, aos 12 anos. Nem falei com ela. Nem prestei atenção. Eu não estava interessado.

Mas agora eu estava. Quando eu voltasse para meu reino, ia querer falar com ela.

— Quem é você? — perguntou Oringo, interessado.

— O príncipe — respondi, naturalmente — filho do falecido rei.

O queixo de Oringo caiu.

— O príncipe doente! — ele exclamou.

Aquilo era irritante. Eu não gostava que me chamassem assim. Eu preferia uma alcunha mais elegante, como “Dakarai, o Belo”.

— Ouvi boatos de que você era Deus — ele disse — por isso que você foi perseguido por caçadores de Deuses e eles mataram seu pai!

— Uma conclusão brilhante — ironizou Mablevi.

— Você vai tomar o trono dela quando voltar? — perguntou Oringo, empolgado.

— Não sei — respondi — acho que não. Pelo menos não agora. Tenho mais o que fazer.

Eu não sabia bem o que eu ia fazer quando saísse do mosteiro. Mas eu não queria sair do claustro do mosteiro para me encarcerar em outra prisão, no castelo.

E lá se foi mais um ano.

Aos 21 anos eu estava preocupado. Minha doença não havia melhorado.

Tendai, por outro lado, embora ainda estivesse um pouco doente, já parecia bem melhor.

O que raios ela tinha feito diferente que eu não fiz? Ou eu tinha apenas azar?

Quando tinha 21 anos, Ramla já estava completamente curada. Concluí que cada Deus tinha um tempo diferente.

Eu me despedi dos dois naquele ano: de Mablevi e de Ramla. Dei um abraço em Mablevi e apenas acenei para Ramla, já que não éramos muito próximos.

Eu havia finalmente entrado para a turma dos sonhos: T1.

Para meu espanto, o professor secreto da T1 era o próprio abade, que já estava com mais de cem anos, quase cego e bastante surdo.

Eu tinha ouvido boatos de que era ele, mas eu não acreditei.

Descobri que aquele homem era excepcional. O poder mágico dele era realmente gigantesco.

Não fazia diferença que sua visão e audição estivessem tão comprometidos. A magia fluía através dele. Era um poder tão imenso que até mesmo nós sentíamos.

Eu o respeitava muito. Eu me emocionava só de olhá-lo.

Como um homem como ele não estava na DAL? Eu perguntei isso para ele um dia.

— A DAL é para os jovens — respondeu o abade, sem parecer muito interessado — nós, os velhos, não ligamos para essas listas dos dez Deuses mais poderosos ou para as batalhas que eles travam.

Fiquei satisfeito com essa resposta. O abade não se importava com fama ou títulos.

Antigamente eu via os professores do mosteiro como perdedores, que eram fracos demais para entrar para a DAL. Mas eu já não via as coisas dessa forma.

Podia ser que houvesse sim algum professor nosso que fosse tão poderoso para fazer parte da DAL. Mas eles preferiam dar aulas do que entrar para a Ordem.

Por quê? Porque as pessoas têm objetivos diferentes. Talvez os professores achassem mais nobre a tarefa de educar novos Deuses no anonimato e ensiná-los a se proteger do que fazer parte de uma Ordem tão famosa.

Nossos professores eram como heróis anônimos. Mas às vezes eu hesitava em usar a palavra herói.

Um herói arrisca a própria vida por uma causa. Ser um Deus já significa ter a vida em risco o tempo todo. Então para que um Deus fosse considerado um herói teria que se expor muito mais que o normal.

Lembrei do meu antigo professor de magia, Ekon. O sonho dele era ser professor universitário. Será que ele tinha realizado seu sonho? Ele devia estar com 31 anos.

Quando eu era criança, eu achava entediante a ideia de ser professor. Lembro que quando Ekon me contou que queria fazer isso, eu achei chato.

Mas eu tive ótimos professores e eu vi como eles fizeram toda a diferença na minha vida e na minha educação.

Antes eu achava que entrar para a DAL era mais nobre do que ser professor no Mosteiro dos Deuses, por exemplo. Mas eu já não pensava assim.

O problema era apenas um: passei quase toda minha vida trancado. E eu não queria mais ficar trancado. Aquele parecia um motivo meio superficial para pesar tanto na minha futura decisão, mas para mim era importante.

De qualquer forma, eu entendi que os membros da DAL não eram literalmente os Deuses mais poderosos do mundo. Eram os Deuses mais fortes dentre aqueles que aceitaram ser testados.

Podia até haver monges Deuses meditando isolados em cavernas. Como meu avô, embora ele não fosse Deus.

Um dia, conversei com o abade sobre a questão das vidas passadas. Eu queria investigar a vida passada do Deus dentro de mim para descobrir porque minha mãe o matou.

O abade aceitou me ensinar a fazer isso. Porém, ele me alertou o seguinte:

— Só utilize essa técnica quando você se livrar completamente da sua doença.

— Por quê? — perguntei.

— Porque é uma magia muito pesada, que consome muita energia. Você pode até morrer se usá-la sem preparo.

— E se eu nunca me livrar da minha doença?

— Você é jovem. Tenha paciência. Apenas espere mais alguns anos. Se em alguns anos a doença persistir e essa regressão à vida passada ainda for tão importante, pesquise as alternativas. Converse com outros Deuses magos. Você achará um caminho.

Eu quis acreditar nisso.

Finalmente, completei 22 anos. Eu recebi meu certificado e meu amuleto.

Estranho. Eu não me sentia preparado. Não me sentia um mago forte.

Na verdade, o abade chegou a me sugerir que eu ficasse mais um ano na T1, porque eu ainda não dominava completamente meu poder.

A razão para ele decidir me liberar foi surpreendente:

— Eu morrerei amanhã.

— Como o senhor sabe? — perguntei, surpreso.

— Você é jovem, por isso não sabe. Lembre-se que você é Deus. Quando chegar sua hora, você também entenderá quando a morte se aproxima. Agora, eu gostaria de fazer uma pergunta.

— Sim, mestre.

— Tem alguma aluna grávida no mosteiro nesse momento? Eu consigo captar uma.

— Por que a pergunta?

— Porque eu morrerei amanhã e gostaria de passar meu poder de Deus adiante através do ritual sagrado.

Eu derramei lágrimas quando o escutei dizer isso.
Localizamos a aluna. Para minha surpresa, a aluna grávida era Tendai, a princesa.
Ela não aceitou revelar quem era o pai da criança.
Confesso que senti um pouco de inveja desse pai. Ele seria um Deus pai de outro Deus. Aquilo não era algo que se via com frequência.
O ritual foi realizado no dia seguinte.
Porém, eu não tive permissão de ver o ritual completo. Só participei de algumas partes.
Foi belíssimo.
Quando o ritual terminou, vi que Tendai estava orgulhosa.
— Seu filho será poderosíssimo — eu disse a ela — porque o nosso abade era forte o suficiente para estar na DAL.
— Eu sei — Tendai sorriu.
Alguns dias depois, eu já me preparava para ir embora do mosteiro. Estava pensando em possíveis meios de transporte quando Hamadi, um de meus professores, me avisou que já tinha tomado providências e que eu deveria aguardar mais alguns dias.
Eu obedeci. Até que, em certa ocasião, Hamadi me avisou que eu devia me aprontar para sair.
Fui esperar na frente do mosteiro. Quando minha carruagem chegou, eu mal acreditei em quem vi.
— Haji! — exclamei, emocionado.
Foi então que eu me lembrei: Hamadi conheceu Haji. Foi ele que nos recebeu na porta do mosteiro no primeiro dia. Hamadi devia ter mandado uma carta para meu cocheiro. Afinal, já era de conhecimento geral no mosteiro que eu era o príncipe de Mario Sonho.
Haji desceu da carruagem em sua elegância de costume. Lá estava o Haji de 52 anos. Como o tempo voava! Sim, o tempo dançava: às vezes era lento como uma brisa suave e outras vezes era um furacão.

Mas eu não olhei para ele e vi “um homem de cinquenta e poucos anos”. Era apenas o Haji. O Haji de sempre. Meu companheiro de jornada. O homem que salvou minha vida.

Dessa vez eu não tinha mais a velha vergonha da infância. Corri até ele e imediatamente o abracei. Algo que eu queria ter feito nove anos atrás.

E mais que isso: eu chorei. Haji também derramou algumas lágrimas.

— Senti tantas saudades! — eu disse — tenho tantas coisas pra te contar!

— Eu também — disse Haji — eu também...

Quando o abraço terminou, fitamos o rosto um do outro com um largo sorriso no rosto.

— Vossa Alteza está a cara da sua mãe! — exclamou Haji, com alegria.

— Você prometeu que não me chamaria mais assim — protestei.

— Só dessa vez — pediu Haji — eu estava com saudades de chamá-lo dessa forma.

Eu me dei conta de uma coisa.

— Estou mais alto que você! — falei — nem acredito.

Aquele nosso reencontro merecia uma celebração.

Melhor que isso: mais uma bela aventura pelo deserto em nosso trajeto para casa.

Seriam longos dias de viagem. Provavelmente o bastante para eu atualizá-lo sobre tudo que aconteceu no mosteiro naqueles últimos nove anos. Principalmente as magias que aprendi e o que eu descobri sobre os Deuses.

De sua parte, Haji me contaria tudo o que aconteceu no meu reino enquanto estive fora: as brigas da minha família pelo poder, a repercussão do episódio dos caçadores de Deuses e a influência da DAL no mundo atual.

Capítulo 3: Torneio dos Deuses

— Quando você disse que eu me pareço com minha mãe — observei — o que quis dizer com isso?

Estávamos acampando. Fizemos uma fogueira ao meio-dia e almoçamos, após uma viagem de carruagem de longas horas.

— Não sei bem — respondeu Haji — talvez o seu nariz. O formato do rosto. Os olhos.

— E isso ficou mais evidente agora que estou mais velho? — perguntei.

— Com certeza — disse Haji.

Eu servi mais um pouco de comida na minha tigela.

— Esse tempo no mosteiro custou a passar — admiti — mas agora que saí, tenho a impressão que faz pouco tempo que nos despedimos.

— Eu poderia ter servido sua comida — disse Haji.

— Não — eu disse — eu me acostumei a fazer tudo sozinho no mosteiro. Agora eu sei até cozinhar e lavar roupa.

Haji ficou bem surpreso.

— Foram nove anos, Haji — falei — eu mudei.

Tive um acesso de tosse.

— Não me diga que...? — começou Haji.

— A única coisa que não mudou foi a minha doença — falei, de forma amarga — eu já tenho 22 anos. Ela devia ter ido embora. Não entendo.

— Mas agora você já consegue usar seus poderes de Deus?

— Alguns — respondi — mas ainda não sou um mago forte. Há algo bloqueando meu progresso. E pior: cada vez que uso uma magia fico mais doente.

— O que você aprendeu? — perguntou Haji, curioso.

— Feitiços simples, nada especial — falei — eu teria aprendido isso em qualquer escola de magia comum. Mas eu tive treinamentos importantes de outro tipo. Aprendi, por exemplo, a usar o poder do meu sangue. Lembra-se de Mablevi?

— É claro.

— Naquele dia, ele fez o rosto daquela caçadora de Deuses derreter somente encostando o próprio sangue nela — falei — essa magia é mais potente quando o seu sangue é arrancado pela pessoa que você quer matar.

— Bem assustador — comentou Haji.

— Algumas magias poderosas de Deuses são assustadoras — concordei — mas são bem eficientes. Algumas são tão fortes que eu não posso usar ainda, ou morreria. Como a magia da lembrança de vidas passadas.

— Ela é realmente possível?

— Sim. Mas ainda não posso usar. Terei que esperar. Aliás, Haji, tem uma coisa que eu queria te perguntar. Sobre a guerra.

— O que seria?

— Meu professor mencionou que a guerra de Maior Sonho também foi chamada de “Primeira Guerra dos Deuses”.

Haji não pareceu muito preocupado com minha pergunta.

— Sim, ela foi chamada assim — ele respondeu.

— Por quê? — perguntei — Deuses lutaram nessa guerra?

— Deuses lutam em quase todas as guerras hoje em dia — respondeu Haji, tranquilamente — alguns deles acabam se aliando a um dos lados. E são aliados poderosos. Podem definir o curso de uma guerra.

— Mas por que essa guerra especificamente foi chamada dessa forma?

— Porque muitos Deuses se envolveram.

— Então não foi uma guerra causada por Deuses — concluí — eles apenas se meteram no meio.

— Há controvérsias — disse Haji.

— Por que eu nunca tinha ouvido falar em “Primeira Guerra dos Deuses”? — perguntei — por que censuraram isso dos livros de história e das minhas aulas?

— O rei não gostava desse termo — explicou Haji.

— Ah, então meu pai foi o responsável pelas censuras? — perguntei, com desagrado.

Eu estava cada vez gostando menos daquela história.

— Ele não queria que odiassem os Deuses — falou Haji — porque você é Deus.

— Minha mãe odiou um Deus — lembrei.

Terminei de comer e deixei a tigela no chão.

— Deixando esse assunto de lado — falei — conte-me o resto!

— Que resto? — perguntou Haji.

— Eu ouvi falar que minha prima tornou-se rainha.

— Ah, isso — falou Haji — sim, agora eu sirvo a rainha Feechi.

— E o que você acha disso?

— Ela é uma rainha... um pouco intensa.

Vindo de Haji, isso devia significar que ela era uma rainha bastante intensa.

— Posso saber o que isso significa? — perguntei.

— Ela já mandou decapitar algumas pessoas.

— Mas que diabos? — perguntei — meu pai era um rei rigoroso, mas eu nunca o vi mandar decapitar ninguém. Quem ela está mandando decapitar?

— Caçadores de Deuses — respondeu Haji.

Por essa eu não esperava.

— Digamos que isso me ajuda — falei — mas ela manda decapitá-los assim, sem mais nem menos?

— Caçadores de Deuses mataram seu pai, sem mais nem menos — disse Haji — a rainha atual decidiu que eles são uma ameaça à soberania da realeza.

— Pelo menos ela não está mandando matar Deuses — falei — você gosta dela, Haji?

— Eu sirvo minha rainha — ele respondeu — é meu dever.

— Então você não gosta — eu sorri — você é o cocheiro dela?

— Sim — respondeu Haji.

— Para onde você a leva? — perguntei.

— Para muitos lugares — disse Haji — para festas, para eventos artísticos.

— Para o Torneio dos Deuses? — perguntei.

— Sim, eu já a levei para lá — disse Haji.
— Você assistiu também?
— Não. Fiquei do lado de fora.
— Gostaria de receber um ingresso para assistir ao torneio — falei.

— Basta falar com Sua Majestade — falou Haji — certamente ela vai te arranjar um.

— Espero que sim.

Haji me fitou por um momento.

— Isso é tudo que quer? — ele me perguntou — um ingresso para o torneio? Não tem mais interesse no trono?

— Não — respondi.

— Por todo esse tempo, a rainha temeu seu retorno — explicou Haji — imaginando que quando você voltasse roubaria o trono dela.

— Bobagem — falei — não tenho interesse no poder. Pelo menos não no poder político. Apenas no poder mágico.

— Nesse caso, Sua Majestade ficará satisfeita com sua volta — disse Haji.

Ele levantou-se.

— Aonde você vai? — perguntei.

— Banheiro.

— Vou esperá-lo aqui fora — respondi.

Haji se afastou. Eu o observei sumir no horizonte.

Deitei-me na areia. O sol estava muito bom.

No mosteiro eu raramente pegava sol. Era maravilhoso poder me libertar.

Sim, eu estava livre. Finalmente!

Fechei os olhos. Passei os minutos seguintes curtindo a brisa e o sol.

Até que eu ouvi o som de passos.

Haji já estava de volta? Ele tinha ido muito rápido.

Eu me sentei. Porém, o som parecia vir de outra direção.

Meu coração começou a bater forte.

Eu estava sozinho. Onde estava Haji para me proteger com suas facas se um caçador de Deus chegasse?

Mas... espere. Eu não era mais uma criança. Eu sabia me virar sozinho.

Ou será que eu não sabia?

Eu não carregava nenhuma arma: espada, faca, canivete, nada. Nem mesmo um pedaço de pau.

Procurei ao redor. Não havia absolutamente nada com que eu pudesse me defender. Nem mesmo pedras. Eu estava ferrado.

No segundo seguinte, senti uma dor aguda no ombro esquerdo.

Fui atingido por uma flecha. Eu já tinha sido atingido por facas antes, mas por uma flecha era a primeira vez.

Tentei puxar a flecha, mas doeu tanto que não consegui. Quando me distraí com isso, um homem enorme pulou em cima de mim com uma faca.

Tentei repeli-lo com as mãos e pés, mas ele era muito mais forte que eu.

Era um sujeito careca e musculoso. Ele estava sorrindo.

— Você tem sangue de Deus — ele disse.

O sangue escorria da ferida no ombro. Toquei no meu próprio sangue.

Meu coração disparou quando eu encostei no rosto do homem com a mão ensanguentada. Como Mablevi fez naquele dia.

O sujeito caiu para trás. O rosto dele estava queimando e ele gritou.

Aproveitei a ocasião para roubar a faca dele, que havia caído no chão. Porém, eu não fui capaz de esfaqueá-lo.

Eu estava muito assustado. Eu era um covarde.

Como é que se mete uma faca numa pessoa? Como eu poderia ter coragem de esfaqueá-lo no peito, a sangue frio?

Eu não era uma pessoa assim. Eu estava suando, tremendo. Mesmo sabendo que aquele cara podia me matar, não tive coragem de matá-lo.

O cara aproveitou para se jogar em cima de mim outra vez. Ele apertou meu pescoço e tentou me estrangular.

— Desgraçado! — gritou o cara — você me deixou cego, seu Deus miserável! Eu não vou te deixar vivo!

Eu precisava usar uma magia. Qualquer uma.

Eu conhecia magias de sangue. Mas eu não tinha coragem de dar uma facada em mim mesmo e usar meu próprio sangue.

Eu não conseguia mais respirar.

Até que o cara soltou o meu pescoço. Ele caiu no chão.

Lá estava Haji, de pé, com uma faca enorme na mão. Ele havia esfaqueado o sujeito pelas costas e ele caiu morto.

— Droga! — berrei.

Dei um murro no chão.

Haji tinha me salvado. Pela terceira vez.

Eu estava agradecido porque ele me salvou. Mas eu estava furioso comigo mesmo.

Eu já era um adulto. Já conhecia magia de Deuses. Então por que raios fui incapaz de atacar o cara?

Haji ajoelhou-se perto de mim com urgência.

— Seu ombro — ele disse.

A flecha ainda estava cravada na minha carne.

— É perigoso remover a flecha — ele disse — você pode perder muito sangue. Mas não há hospitais aqui perto. Sua ferida pode infeccionar. Então...

— Puxe de uma vez! — gritei.

Ele fez isso. E eu berrei ainda mais. Eu xinguei. Meu ombro pulsava de dor.

Haji jogou água no meu ombro e lavou minha ferida rapidamente. Ele a pressionou com um pano limpo.

Eu estava respirando rápido.

— Eu te devo três vidas agora — falei.

— Esqueça isso — falou Haji.

— Não esqueço! — exclamei — de onde saem esses malditos caçadores?

— Quanto mais poderoso o caçador, mais ele sente sua energia — falou Haji.

— Eu sei — eu disse — mas eu aprendi a suprimir minha energia de Deus.

Pelo jeito, eu não era tão habilidoso quanto eu pensava. Ou aquele caçador era muito forte.

O mosteiro tinha uma barreira de proteção. Ao sair dele, fiquei mais vulnerável.

— Preciso de um mestre — concluí — um mestre Deus para me treinar. Meu treinamento não acabou ao sair do mosteiro. Lá eu só aprendi o mínimo. Meu treinamento começa agora!

— Então procure um mestre no torneio — sugeriu Haji.

Eu ri.

— Até parece que um membro da DAL terá interesse em treinar uma pessoa qualquer como eu — falei.

— Você tem dinheiro — disse Haji — até mesmo um membro da DAL precisa sobreviver.

— Eles devem ganhar algum salário na DAL — falei — eles não devem estar lá pelo dinheiro.

Mesmo assim, eu queria assistir ao torneio. Mesmo que um membro da DAL não quisesse me treinar, lá era uma boa oportunidade para conhecer outros Deuses fortes. Até Deuses que perdessem o torneio ou que estivessem na plateia serviam para treinar alguém tão fraco como eu.

Será que eu era tão fraco por ser um Deus Maldito? O Deus dentro de mim estava impedindo meu potencial? Mas então por que Idi era tão forte?

Quando eu cheguei no mosteiro, aos 13 anos, Idi já era da T1. Atualmente, ele devia ser muito forte.

Nos dias que se seguiram, eu e Haji prosseguimos em nossa viagem de volta até Maior Sonho. Ainda paramos em duas cidades no caminho antes de retornarmos.

Uma delas foi Santo Amor, a cidade de Mablevi. Eu queria procurá-lo lá.

Infelizmente, Mablevi não estava lá. Conhecemos a família dele, mas ninguém sabia para onde ele tinha ido.

— Ele veio aqui quando voltou do mosteiro. Mas depois partiu numa jornada.

“Partiu numa jornada”. Aquilo soava extraordinário.

Eu também queria partir numa jornada.

De certa forma, eu já tinha partido. E estava voltando para casa.

Sim, naquele momento eu só queria descansar um pouco. Depois eu pensaria no que fazer a seguir.

Finalmente voltei para minha belíssima cidade! Eu não me recordava que era assim tão bela.

Os mercados, as pessoas. Aquilo tudo era muito querido para mim. Maravilhosamente familiar.

E o caminho para o castelo. Quantas vezes Haji me levou por aquele caminho!

Os portões se abriram. Desci da carruagem.

Alguns funcionários do castelo me reconheceram. Eu devia estar bem diferente, então era uma surpresa que tivessem reconhecido meu rosto.

— Vossa Alteza! — alguns clamavam, surpresos.

Haji me acompanhou para dentro do castelo. Pedi para que ele fosse comigo falar com a rainha.

Entramos na sala do trono. A rainha nos recebeu com alegria.

É claro que ela ficou surpresa ao me ver. Mas pelo menos ela fingiu estar feliz.

— Querido primo! — ela clamou.

E me abraçou.

Depois disso, fitamos um ao outro. Eu nem lembrava do rosto dela. Ela devia ter mudado. Afinal, ela tinha minha idade e da última vez que a vi de longe eu tinha apenas doze anos.

Feechi tinha seus pequenos cachinhos negros perfeitamente enrolados num penteado bonito. Aquele vestido era um espetáculo. Ele arrastava no chão, de tão longo.

Ela era bonita, mas convenhamos: com aquela roupa esplendorosa, aquele penteado e aquela maquiagem, até a pessoa mais feia do mundo teria ficado bonita.

— A que devo a honra da visita? Vossa Alteza não veio roubar meu trono, não é mesmo?

Ela deu um risinho idiota depois de dizer isso.

Eu dei um leve sorriso.

— Não... por enquanto — acrescentei.

— Quando estiver a fim de ser rei, não precisa me decapitar — ela observou — basta casar-se comigo. O que acha?

— Vou pensar no assunto — brinquei.

Achei que era muito rude dizer: “Jamais!”. Eu precisava manter nosso relacionamento cordial se queria meu ingresso.

— Ouvi falar que você anda decapitando bastante gente por aí — comentei.

— Não qualquer um — ela justificou-se — somente os caras maus. Eu só mato os caçadores de Deuses que iriam te perseguir um dia. Você não se sente grato?

— Muitíssimo — resolvi dizer — obrigado por me proteger, querida prima.

— Às ordens! — ela disse, contente.

— Ou devo chamá-la de... Vossa Majestade? — acrescentei, de forma genial.

— Ai, não — ela fingiu estar embaraçada — somos primos. E você é príncipe. Então deixa isso pra lá.

— Está bem — falei — tem um assunto que eu gostaria de discutir com você.

— Pois não? — ela perguntou, meio desconfiada.

— Haverá um Torneio dos Deuses no mês que vem — falei — teria como você me conseguir um ingresso?

Ela respirou aliviada. Devia ter achado que era algum assunto mais grave.

— É claro! — ela disse — irei arranjar dois ingressos para irmos juntos!

— Três — resolvi me aproveitar — Haji também vai.

— Haji? — ela perguntou, sem entender — o cocheiro?

— Sim, ele mesmo.

— Por quê?

Ela não devia achar que um cocheiro era uma pessoa. E muito menos que merecia ir a um torneio tão importante.

— Ele salvou minha vida — falei — três vezes.

— Pois eu te salvei dezenas de vezes, após ter mandado matar tantos caçadores de Deuses! — protestou ela.

Por algum motivo, eu não a considerava minha salvadora no mesmo nível de Haji. Afinal, ela não tinha arriscado a própria vida mandando matar caçadores. Ela nem devia tê-los decapitado com as próprias mãos.

— Por isso será uma honra tê-la comigo no torneio — eu disse — mas se Haji também fosse, seria ainda melhor.

Ela fingiu pensar.

— Verei o que posso fazer — ela disse — irei solicitar um ingresso para seu cocheiro, mas não posso garantir nada. Esses ingressos são valiosos.

— Obrigado — falei — meu quarto ainda está vazio ou está ocupado?

— Está exatamente como você o deixou — disse ela — não permiti que ninguém mexesse nele. Vou mandar limpá-lo agora mesmo, para que você o ocupe.

— Sua generosidade não tem limites.

Ela sorriu, feliz da vida.

Eu já estava me cansando de bajulá-la. Mas primeiro eu precisava conseguir o meu ingresso e o de Haji.

Eu e Haji fomos para o pátio do castelo enquanto eu aguardei que meu quarto fosse limpo.

— Eu poderia limpar meu quarto — falei — eu sei limpar meu quarto. Aprendi no mosteiro como se faz limpezas. Mas estou deixando que limpem por mim.

— Não se preocupe com isso — falou Haji — agora você voltou a ser príncipe. Vai morar no castelo, mesmo que não seja rei.

— Não ficarei por muito tempo — garanti — quero arranjar um mestre Deus para me treinar. Assim que eu conseguir, partirei novamente.

Haji não parecia muito feliz.

— Espero que um dia decida ser rei — ele observou.

— Eu sei que minha prima é meio chata — falei — mas você terá que aguentá-la mais um pouco.

Haji quase sorriu, mas se segurou. Apesar de tudo, ele ainda era fiel à família real, não importava quem estivesse no trono.

Quando meu quarto ficou pronto, dirigi-me alegremente para lá.

Eu me joguei na minha cama. Aquilo sim era uma cama macia! Não aquelas camas desconfortáveis do mosteiro.

Senti que poderia permanecer lá para sempre.

Olhei para minha estante. Meus preciosos livros! Os livros que meu pai me deu.

Ao folheá-los, senti saudades dele.

Mas eu já não tinha tanta vontade de ler livros. Apenas como distração, não como obsessão.

Eu queria ficar forte. Eu precisava ser um Deus forte, para me proteger.

Uma semana depois, minha prima veio conversar comigo. Ela me deu dois ingressos.

— O seu foi fácil de conseguir — ela disse — mas eu consegui o ingresso do seu cocheiro a muito custo. Foi difícil justificar. Então valorize meu esforço.

— Eu irei valorizar. Não vou esquecer. Muito obrigado.

Ela ficou satisfeita com meu agradecimento sincero.

Subitamente, ela jogou-se na minha cama.

— Nossa, o seu colchão é tão macio! — ela exclamou — por que o colchão da minha cama não é macio desse jeito?

Eu não respondi.

— Posso dormir aqui com você essa noite? — ela pediu.

— Bem... — eu não sabia como devia responder.

Ela levantou-se.

— Eu estava brincando — ela disse — que colar lindo! Onde conseguiu?

Ela encostou na pedra vermelha do meu colar. Não gostei muito disso. Eu considerava aquele colar muito importante. Não queria que qualquer um tocasse.

— Foi o presente de uma Deusa — respondi.

— Que Deusa? — perguntou Feechi, curiosa — uma colega sua no mosteiro?

— Não. Ela era membro da DAL.

— Mesmo? Então talvez eu a conheça.

— Você costuma conversar com os Deuses da DAL? — perguntei, ligeiramente surpreso.

— Sim — respondeu Feechi, orgulhosa pelo meu interesse — o reino de Maior Sonho é oficialmente a favor dos Deuses e contra os caçadores, desde que comecei a caçar caçadores.

“Caçar caçadores” soava interessante. Eles pensavam que eram os caçadores, mas se tornaram a presa.

— Eu também ajudo a financiar a DAL — ela completou — nosso reino e a DAL agora têm uma aliança.

Aquilo soava bem.

— Isso significa que se um dia entrarmos em guerra com algum reino, muitos Deuses estarão do nosso lado — ela explicou.

Até que Feechi era inteligente.

Nos dias que se seguiram, Feechi fez questão que eu jantasse junto com ela na mesa real. Eu não estava acostumado a fazer isso. Eu nem mesmo jantava com meu pai nos velhos tempos. Estava acostumado a receber minhas refeições no quarto.

— Pare de ser antissocial — falou Feechi — e participe mais da vida no castelo. Não fique apenas enfurnado no seu quarto.

Eu odiava quando Feechi falava comigo como se fosse minha mãe. Raios, ela tinha a minha idade!

Ela fez algumas perguntas sobre minha vida no mosteiro. Eu respondi algumas delas.

— Então você gostaria de aprender a andar a cavalo e a usar armas — disse Feechi — eu te ensino.

— Você sabe? — perguntei.

— Sim.

Na semana seguinte, começaram as minhas aulas.

Feechi me ensinou como se sobe num cavalo e como se faz para manejar as rédeas. Na verdade, eu preferia que Haji me desse essas aulas. Porém, ele era muito ocupado. Tinha seu trabalho como cocheiro.

Feechi, por outro lado, parecia bem desocupada. Apesar de ser a rainha, ela deixava os deveres reais chatos nas mãos de outros. Ela só se envolvia com o que era do seu interesse.

Ela também me ensinou a lutar com espadas e facas, mas só o básico. Ela me ensinou como se segurava e como se devia mover as armas.

— Confesso que eu não sou muito boa em lutas — disse Feechi — mas eu me viro. Posso pelo menos ganhar de você.

Nós lutamos mais ou menos a sério, mas usando espadas sem fio. Ela me venceu com a maior facilidade.

Ela corrigiu o jeito que eu me movimentava. Corrigiu várias coisas. Fiquei satisfeito de aprender pelo menos esses detalhes simples.

— Você não pode andar desarmado — ela disse — tem que carregar pelo menos uma faca. Eu sempre carrego uma comigo, até para dormir. Uma rainha nunca sabe quando poderá sofrer uma tentativa de assassinato.

— E magia? — perguntei — o que sabe sobre magia?

— Tive alguns professores magos. Quer que eu te ensine alguns feitiços?

— Eu já conheço todos os feitiços clássicos — falei — a partir de agora, precisarei de um professor mais poderoso.

— Então é por isso que você quer assistir ao torneio? — perguntou Feechi — para encontrar um professor?

— Não só por isso — falei — sempre tive curiosidade de ver esse torneio. E quero me reencontrar com a Deusa que me deu esse colar. Foi ela que salvou minha vida no dia da morte do meu pai.

— Entendi — disse Feechi — então ela é uma pessoa especial para você. Como Haji. E você quer pagar a sua dívida.

Se eu queria pagar minha dívida? Eu nunca tinha pensado naquilo.

Minha esperança era pedir para que essa Deusa fosse minha professora. Mas eu sabia que isso tinha poucas chances de acontecer. Se ela ainda fosse membro da DAL, não teria tempo para treinar um aluno tão fraco como eu.

Eu estava cansado de ser fraco. Eu não sabia lutar com espadas. Não sabia usar magia. O que eu sabia fazer, afinal?

As três semanas finalmente se passaram. Chegou o grande dia do torneio.

Eu acordei bem cedo. Eu soube que o Torneio dos Deuses daquele ano ocorreria na nossa cidade. Isso só aconteceu devido aos esforços de Feechi, que dava um grande auxílio financeiro à Ordem.

Até que a atual rainha era bastante útil. Seria muito mais conveniente mantê-la no trono por mais tempo do que eu mesmo governar.

Em primeiro lugar, ela era da família. Ela simpatizava comigo e eu não exatamente a odiava. Caso um dia eu resolvesse ser rei, não imaginei que ela iria se opor tão fortemente. Talvez ela aceitasse, se eu concordasse em mantê-la numa posição de poder.

Feechi era fácil de ser lida. Ela só queria saber de poder, dinheiro e status. Bastava dar a ela o que queria e ela permaneceria minha aliada.

E eu, o que desejava? Eu estava interessado nos Deuses e na DAL. Não na realeza. Mas se a realeza podia ter tanta influência assim na DAL, talvez fosse interessante não largá-la completamente.

Haji conduziu a carruagem que nos levaria até a imensa arena na qual ocorreria o Torneio dos Deuses. Era meio bobo ter uma arena tão grande e imponente para um torneio com tão poucos participantes e espectadores. Mas tudo o que tinha a ver com a DAL era feito de forma espalhafatosa. Nisso eles tinham algo em comum com a realeza.

Quando chegamos nos portões, fomos recebidos de forma muito respeitosa. Fiquei muito contente de mostrar meu ingresso.

O quanto eu sonhei com aquele dia!

Lá dentro, eu seria apenas um mero mortal. Sim, eu era um Deus, mas ainda era fraco. Eu iria finalmente conhecer os Deuses mais fortes do mundo.

E eu também conheceria aqueles corajosos o bastante para lutar contra os Deuses mais fortes, mesmo que eles mesmos não

fossem grande coisa. Mas imaginei que para desafiar os grandões da DAL um Deus precisaria estar muito confiante.

Nós três nos sentamos num local adequado na arquibancada. Feechi estava muito preocupada em ocupar os melhores lugares, já que ela era a rainha.

Para mim, dava no mesmo. Eu aceitaria sentar até no chão só para ter a oportunidade de assistir às lutas.

— Quantas vezes você já viu esse torneio? — perguntei.

— Três — respondeu Feechi — essa será minha quarta vez.

— Por que gosta tanto de assistir?

— Porque eu gosto de poder — disse Feechi.

Então nisso eu e ela éramos parecidos.

Eu queria ter poder mágico. Eu confiava mais no poder mágico do que no poder bruto.

Mas eu não conhecia a mim mesmo o bastante para despertar minha energia. Eu tinha quase certeza que aquilo que me impedia de me conhecer era aquele Deus desgraçado dentro de mim, se metendo no caminho.

Toda vez que eu meditava ou realizava algum exercício espiritual e estava quase chegando num estado alterado de consciência especial, o Deus me bloqueava.

Aquilo não costumava acontecer tanto com os outros alunos do mosteiro. E eu me sentia infeliz.

Se era para ter um professor, decidi que precisava ser um Deus Maldito. Somente um deles poderia me orientar corretamente a melhor forma de eu lidar com o Deus dentro de mim e vencê-lo.

Mais gente chegou nas arquibancadas da arena. Mais membros da realeza e da nobreza, pois eles se vestiam com os trajes mais finos.

Olhei ao redor. Também havia alguns vestindo roupas comuns. Seriam Deuses?

Alguém passou um braço pelo meu pescoço.

— Kaikura! — exclamei, estupefato.

— Seu riquinho maldito — brincou Kaikura — aí está você todo vestido de príncipe. Quase não o reconheci.

Nós nos abraçamos.

— Como conseguiu um ingresso? — perguntei, sem acreditar.

— Idi me conseguiu um — ele explicou.

— Idi? — perguntei — ele também está aqui? Não o vejo.

Eu observei as outras pessoas nas arquibancadas.

— Ele é um desafiante — explicou Kaikura.

— Ele vai desafiar os Deuses da DAL? — perguntei, boquiaberto.

— Sim, pela primeira vez — disse Kaikura — ele finalmente tomou coragem. Acha que agora está preparado.

— Ele deve ter treinado muito — falei.

— Como um condenado. Aquele cara já era forte. Ficou ainda mais.

— Esse é Haji — eu o apresentei — e essa é Feechi.

— Vossa Majestade! — exclamou Kaikura, surpreso.

— Então esse é o famoso Kaikura — Feechi sorriu — Dakarai me falou sobre você.

— Falou, é? — perguntou Kaikura, meio sem jeito.

Ele devia estar se perguntando o que eu falei dele para a rainha. Bem, eu contei os altos e baixos. Ele já devia imaginar que ela soubesse de algumas coisas que não devia.

Depois que Kaikura soube que estava tão perto da rainha, ficou um pouco tímido. Mas isso somente nos primeiros minutos. Depois já estávamos conversando normalmente de novo.

— Vai começar! — exclamou Kaikura, empolgado — o primeiro duelo!

A plateia vibrou. Não havia muita gente na plateia, mas os poucos que estavam sabiam fazer barulho.

Senti uma grande emoção. E eu estava ainda mais feliz por ter Haji e Kaikura ao meu lado.

E melhor: uma pessoa que eu conhecia participaria de um dos duelos. Eu estava torcendo por Idi. Imagina se ele entrasse para a DAL!

Como será que dois Deuses lutavam? O truque de jogar sangue só funcionava contra humanos. Eles deviam ter refinado muito suas técnicas mágicas.

O primeiro desafiante entrou na arena: era um rapaz que devia ter a minha idade. Ele devia ser muito confiante para desafiar um membro da DAL mesmo sendo tão novo.

Houve muitas palmas.

— Sejam-bem vindos a mais um Torneio dos Deuses! — clamou a apresentadora — é a primeira vez de Jaafan conosco. Esperamos que nos dê um bom espetáculo!

Eu também esperava. Seria uma decepção se ele perdesse muito rápido.

— Eles matam nesse torneio? — perguntei para Kaikura.

— Não sei — respondeu Kaikura — boa pergunta. Imagino que não, já que os desafiantes às vezes retornam nos outros anos. Mas...

— Mas acidentes acontecem — completei.

— É.

Eu não queria ver nenhum acidente. Eu não fui para lá esperando ver mortes, mas um torneio amistoso.

Mas imaginei que eles fossem lutar a sério. Afinal, o que estava em jogo era um lugar na DAL! Certamente alguns não hesitariam em matar por isso. Não devia ser proibido.

Quando outra pessoa entrou na arena, a plateia foi à loucura.

Não eram apenas gritos de fanatismo. Alguns ali pareciam idolatrá-lo. Houve até alguns que choraram.

Quem entrou foi um homem de uns trinta e poucos anos. Ele usava uma capa esvoaçante e tinha um sorriso radiante.

Sim, o que mais chamava atenção era sua expressão de alegria. Era um belo sorriso, com dentes totalmente brancos contrastando com a pele negra.

O cabelo também era estiloso. Ele usava uns dreads presos num rabo de cavalo.

A roupa era meio colorida. Ele usava botas. Acenou para a multidão e deu um rodopio. Ele parecia se sentir totalmente à vontade lá. Nem devia estar nervoso.

Imediatamente desejei torcer por ele.

Claro, eu sentia simpatia pelo novato. Respeitava sua coragem. Mas eu desejei com todas as minhas forças que aquele cara de dreads triunfasse.

— Um pouco cedo para uma estrela? — perguntou a apresentadora e riu.

— Kendi! — exclamou Kaikura, boquiaberto — meu Deus, é Kendi!!

— Quem? — perguntei, completamente perdido.

— Esse cara é lendário! — disse Kaikura — ele tinha caído fora da DAL uns tempos atrás. E depois voltou.

— Eu amo o Kendi! — exclamou a rainha — eu o pediria em casamento. Eu o tornaria rei.

— Ele não quer? — perguntei para Feechi.

— Ainda não perguntei — disse Feechi — mas imagino que ele não queira ser rei. Os membros da DAL não querem trocar sua liberdade por nada.

Eu me perguntava quanta liberdade uma pessoa tinha depois de entrar para a DAL.

— Kendi está de volta esse ano — prosseguiu a apresentadora — ele é nosso Top 10!

Então aquele era o Número 10.

Naquele ano, o ranking de membros da DAL seria redefinido de acordo com as batalhas.

— Senhoras e senhoras, que vença o melhor — declarou a apresentadora.

Jaafan retirou a espada da bainha e Kendi fez o mesmo. Estão eles lutariam com espadas.

Imaginei que fosse um aquecimento. Os Deuses usavam armas para começar, mas depois usariam magias.

As duas espadas se chocaram, com um som metálico agudo. Depois disso, eles se separaram.

Kendi continuava com o mesmo sorriso no rosto. Jaafan estava tremendo de nervosismo, mas mantinha o rosto sério e concentrado.

Jaafan atacou Kendi, mas ele se defendeu facilmente. As espadas se chocaram mais algumas vezes.

Meu coração estava saltando no peito. Aquilo era sério! Era uma batalha séria, que definiria algo importantíssimo.

Claro, sempre tinha o ano seguinte. Aquele torneio ocorria todos os anos, então não era o fim do mundo perder.

Mesmo assim, a importância daquilo ressoava em mim. Aquela cena diante dos meus olhos.

Kendi era um membro da DAL! A famosa Ordem. Não importava que ele já tivesse saído e depois retornado. Até mesmo ser o Top 10 era algo inimaginável para mim.

Kendi parecia confiante de que iria defender seu título. Jaafan apenas atacava como um desesperado, mas Kendi se defendia de forma equilibrada.

Por fim, Kendi acertou Jaafan com a espada. Foi um corte no peito. Jaafan ajoelhou-se, sem forças.

A plateia vibrou. Eu me assustei com a quantidade de sangue.

— E agora? — perguntei, assombrado.

Eu não queria vibrar. Estava preocupado que o novato morresse.

— Ele está levantando! — disse Feechi, surpresa.

O novato atacou Kendi novamente. Porém, Kendi apenas encostou uma mão no peito dele e Jaafan desmaiou.

A batalha tinha terminado. Kendi deu um rodopio e acenou para a multidão.

Aquele sorriso. Ele devia ser um sujeito divertido.

— Ele defendeu o título — falou Kaikura, emocionado — grande Kendi!

A apresentadora foi até a arena e checou o pulso de Jaafan.

— Ele ainda está vivo — ela informou, tranquilamente — não se preocupem, ele será atendido pelos nossos médicos. Kendi venceu!

Muitos gritos.

De fato, dois paramédicos chegaram com uma maca. Eles levaram Jaafan para algum lugar.

— O que Kendi fez? — perguntei para Kaikura.
— Não sei — disse Kaikura — deve ser alguma magia misericordiosa.

Eu já tinha estudado as classes de magia no mosteiro. Uma magia misericordiosa era uma que encerrava a luta sem matar.

Era possível que Kendi tivesse forçado o desmaio de Jaafan para evitar que ele fosse morto. Aquilo era bem visto. As pessoas gostavam de magias misericordiosas.

Mas nem todos. Alguns preferiam ver sangue.

— Que sem graça — disse a rainha — eles deviam ter lutado até a morte.

— Vossa Majestade gostaria de ver isso? — perguntou Haji.

— Com certeza — disse Feechi — em uma luta de verdade tem que haver morte.

Eu sabia que Haji só matava quando havia extrema necessidade. Ele não fez nenhum comentário depois disso.

Kendi se retirou da arena sob uma salva de palmas. E a segunda luta começou logo em seguida. Eu nem tive tempo de pensar o quanto eu admirava o Número 10.

Quem entrou foi uma moça, também bastante jovem. Se eu fosse chutar, daria a ela por volta de 25 anos.

Ela não parecia tão nervosa, apesar da pouca idade. Ela foi recebida com palmas. Alguns na plateia pareciam conhecê-la.

— É a segunda vez que Fayola desafia os membros da DAL — informou a apresentadora — a primeira vez foi no ano passado.

— Ela perdeu feio — Feechi nos contou — foi esmagada pela Top 7.

Outra pessoa entrou na arena. Ela foi recebida com palmas entusiasmadas e muitos assobios.

Era uma mulher alta e elegante. Bem que meus colegas tinham dito que todas as mulheres da DAL eram elegantes.

Ela usava um short negro e botas de cano alto. Uma blusa toda brilhosa. Os cabelos crespos e negros revoltos.

— Olufemi nos deu um belo espetáculo no ano passado — disse a apresentadora — veremos o que terá a nos mostrar dessa vez.

Olufemi estava tranquila, como Kendi.

Fayola, a desafiante, usava roupas confortáveis e tinha os cabelos presos. Ela devia ter optado por roupas que facilitassem a sua luta. Considerava isso mais importante do que um belo visual.

Eu não a culpava. Se fosse no meu caso, eu preferia ganhar com uma aparência ruim do que perder com uma bela aparência.

Os membros da DAL, como deviam estar confiantes que ganhariam de qualquer forma, preferiam caprichar no visual, como se fosse um jogo.

— Já ouvi falar de Olufemi — Kaikura me disse — mas não sei muito sobre ela.

— Ela é forte — disse a rainha — não tem chance de ela perder.

A segunda luta começou.

Elas não lutaram com espadas e sim com facas. Olufemi atacou primeiro. A novata conseguiu se desviar.

A plateia fez barulho.

Olufemi tirou mais uma faca de dentro das vestes. Lutou com duas. Atacou Fayola com vontade.

Em poucos segundos, a novata já estava toda cortada e caiu no chão.

— Vitória de Olufemi! — declarou a apresentadora, antes que a mulher a cortasse mais.

Houve muitos gritos.

— Não foi uma luta boa — opinou Kaikura — Olufemi atacou de forma muito desesperada, como se estivesse com medo de perder. É etiqueta entre os membros da DAL darem uma chance para o desafiante. Pelo menos no começo. Mas ela começou a lutar a sério muito rápido.

— Ainda assim, foi bem impressionante — falei — os movimentos dela!

— Eu achei o máximo — disse a rainha — tem que cortar mesmo!

Olufemi. Então aquela era a Número 9. Assim como o Número 10, tinha defendido seu título.

A terceira luta ia começar. Eles não davam descanso! Os paramédicos já tinham tirado a moça toda cortada da arena.

Não achei que ela corria risco de morrer. Ela estava consciente. Provavelmente ia se recuperar logo. Eu me perguntava se ela apareceria de novo como desafiante no ano seguinte.

Quando o terceiro desafiante entrou na arena, eu e Kaikura gritamos.

— Idi!! — berrou Kaikura.

— Meu Deus, é ele mesmo! — exclamei — que loucura!

Idi estava mudado, mas eu o reconheci.

Sua aparência era muito mais adulta. Ele devia estar com uns trinta anos.

É verdade que eu só o tinha visto uma vez. Naquele dia, na igreja. Ele falou aquela frase rude sobre minhas lágrimas, como se soubesse grande coisa. Mas talvez ele soubesse mesmo.

Não guardei ressentimentos. Eu estava torcendo por ele.

A aparência de Idi metia medo. Ele estava todo de preto. Os cabelos pretos e crespos arrepiados. Seu olhar feroz.

Ele tinha algumas cicatrizes visíveis. Certamente, cicatrizes de batalha, que mostravam o quanto ele treinou.

Ele estava um pouco mais musculoso. Devia ter treinado não somente magia, mas força bruta. É verdade que um mago forte não precisa confiar muito nem em punhos e nem em armas. Mas eles não deixam de ser bons amigos.

Idi estava segurando uma foice. Eu me perguntei o que raios ele estava fazendo com aquilo. Não era uma arma comum. Mas se atingisse alguém no peito, produziria um bom estrago.

Idi estaria lutando para matar? Algo no olhar dele me sugeriu isso: que ele só sairia de lá ou como um assassino ou como um cadáver.

Quem seria seu oponente?

— É a primeira vez de Idi como desafiante — explicou a apresentadora — essa arma é interessante.

O membro da DAL que lutaria contra ele entrou na arena. O número 8.

Naquele ponto eu já tinha entendido que os membros da DAL eram desafiados em ordem decrescente. Para deixar os melhores espetáculos para o final.

Quem entrou foi uma mulher com uma lança. A mulher tinha os cabelos muito longos presos numa trança alta. Suas roupas também eram escuras.

— Kalifa já está na DAL há cinco anos seguidos — declarou a apresentadora — aí está outra arma muito boa!

Também tive medo daquela lança. Aquela seria uma luta assustadora.

A plateia vibrava. A rainha estava deliciada.

— Sangue, sangue! — berrava Feechi, loucamente.

Então era aquele tipo de rainha que governava nossa cidade. Bom saber. Eu iria me certificar para jamais aborrecê-la.

Eu ia perguntar para Kaikura se ele conhecia Kalifa, mas não deu tempo. Os dois iniciaram a luta antes mesmo que a apresentadora desse licença para isso.

A lança e a foice se chocaram algumas vezes. Até que Idi acertou Kalifa na coxa e o sangue jorrou.

Houve um urro da plateia. Inclusive urros de tensão. Afinal, ao mesmo tempo que alguns vibravam sob a perspectiva de Kalifa perder sua posição, outros tiveram medo.

Era uma situação delicada. Eu vibrei de alegria por Idi, mas também estava apavorado.

E fiquei mais apavorado ainda quando Kalifa se levantou e acertou a barriga de Idi com a lança.

Muitos gritos. Aquele foi um corte feio.

Eu estava trêmulo. E se Idi morresse?

Achei que era o fim da batalha, mas Idi segurou a lança e enterrou o outro lado em Kalifa. Era uma lança com as duas pontas afiadas.

Kalifa foi literalmente empalada com a lança, pois ela atravessou sua barriga e saiu pelo outro lado.

— Meu Deus — falei — Idi vai matá-la.

— Mate! — berrou a rainha — mate!!

Eu senti raiva de Feechi. Como ela podia dizer uma coisa dessas?

Eu nem conhecia a tal Kalifa. Mas ela parecia uma maga forte e respeitável. Embora eu desejasse que Idi vencesse dela, eu não queria que ela morresse.

Kalifa colocou a mão no peito. Encharcou a mão com o próprio sangue e jogou-o no rosto de Idi.

Achei que aquela magia de sangue não funcionasse numa luta entre Deuses, mas teve algum efeito.

Idi fechou os olhos. Parecia tonto. A Deusa segurou a cabeça de Idi e enterrou em direção ao chão.

Quando Idi colocou o rosto para o lado, estava com o rosto todo ensanguentado e sem alguns dentes.

Ele não conseguia mais se levantar.

— Vitória de Kalifa!

Porém, Kalifa só conseguiu se manter de pé por alguns segundos. Ela estava tonta e logo se ajoelhou, com as mãos na barriga. O sangue corria em grandes quantidades.

Vários médicos chegaram para atender os dois. A situação de ambos era crítica.

— Será que eles vão sobreviver? — perguntei.

— Não sei — disse Kaikura — se os dois morrerem abriria uma nova vaga na DAL. Algo inédito. Mas mesmo que Idi sobreviva, ele perdeu. Kalifa defendeu seu título.

— Aquela foi uma magia de sangue? — perguntei.

— Sim, ela é menos efetiva quando usada em Deuses, mas funciona — explicou Kaikura — foi uma magia misericordiosa.

— Se uma magia misericordiosa fez Idi perder os dentes, eu me pergunto o que teria ocorrido se ela tivesse usado uma magia invejosa — falei.

— Ele estaria morto — a rainha disse o óbvio.

Mas ela disse isso com satisfação. Como se lamentasse que não tivesse acontecido.

— Vamos começar o quarto duelo! — declarou a apresentadora, com animação.

Eles podiam pelo menos limpar o chão após as batalhas. A arena estava cheia de sangue.

Se os membros da DAL números 10, 9 e 8 tinham defendido seus títulos, era cada vez menos provável que os membros mais fortes fossem derrotados.

Quem entrou foi um cara gigantesco. Parecia um monstro. Devia ter mais de dois metros e uns duzentos quilos. Ele era muito musculoso e usava uma clava. Tinha uma barba desgrenhada.

Ele usava vestes igualmente rústicas. Qualquer um teria medo de batalhar contra ele.

— Essa é a quarta vez que Kirabo desafia nossos campeões — anunciou a apresentadora — ele já tem muitos fãs. Será dessa vez?

Parecia que a apresentadora estava torcendo por ele. Imaginei que eles admirassem os desafiantes persistentes, que retornavam todo ano.

Quem seria o Top 7? Feechi tinha mencionado que era uma mulher.

E de fato era. Ela entrou um pouco depois.

Ela era praticamente o oposto de Kirabo.

Devia ter apenas um metro e meio. Era bem magrinha e pequena. Eu diria que ela tinha uns vinte anos, mas devia ter mais de 30, como quase todos os outros.

Assim como os outros membros da DAL, tinha a pele negra. Os cabelos negros e crespos, muito cheios.

Ela usava um vestido sem mangas, acima dos joelhos. E botas sem salto, para não atrapalhar a movimentação.

Ela carregava uma bola de ferro. Era uma maçã com uma esfera de metal com espinhos.

— Estrela da manhã — disse a rainha — é o nome dessa arma. Ela quase matou a desafiante do ano passado usando isso.

— Não deve fazer muito efeito contra esse cara gigante — comentou Kaikura.

— Faz sim — afirmou Haji — se ela o acertar na cabeça ou no rosto.

Kaikura fitou Haji com curiosidade. Haji geralmente não fazia muitos comentários.

— Esse é seu cocheiro que sabe lutar com facas? — Kaikura perguntou para mim — eu gostaria de lutar contra ele um dia. Só de olhar para ele, já sinto uma energia interessante. Você parece ser bom, cara.

— Obrigado — disse Haji — você também. Seria uma honra batalharmos um dia.

Pensei que Haji ia negar o desafio. Ele não parecia gostar de lutas desnecessárias. Mas se fosse apenas uma luta amistosa, talvez ele não se importasse.

O quarto duelo se iniciou.

— Reta está se movendo muito rápido — comentou a apresentadora — Kirabo não conseguirá acertá-la.

Kirabo tinha uma força imensa, mas era lento. Ele atacava com a clava e quando atingia o chão até mesmo o trincava. Se aquilo acertasse um crânio mataria a pessoa na hora.

Mas Reta não estava com medo. Ela pulava como um coelho.

Confesso que espiei quando ela pulou, tentando ver a calcinha, já que ela estava de vestido. Para minha decepção, ela usava um pequeno short negro por baixo.

— Mulheres que usam short por cima da calcinha são mais trapaceiras que o pior mentiroso e que o pior ladrão — comentei, baixinho, só para Kaikura ouvir.

— Elas são piores que o pior assassino — concordou Kaikura — deviam ir para a prisão por esse crime.

Porém, a rainha escutou.

— Eu estou sem short e sem calcinha por baixo do meu vestido — revelou Feechi — estou sem nada. É mais saudável, para ventilar.

— O seu vestido é tão longo que vai até os pés — retruquei — então não faz diferença.

— Faz diferença para a minha imaginação — disse Kaikura — eu gosto de mulheres que despertam a... meu Deus, o cara morreu!

Assim como Kaikura, eu também me distraí tanto com a informação de que a rainha estava sem calcinha que eu parei de prestar atenção na arena por alguns segundos. Mas aqueles segundos foram decisivos.

Reta acertou a bola de espinhos na cabeça de Kirabo. Aquilo o matou na hora. Pedacos de cérebro escaparam para o chão.

Alguém veio recolher o cadáver. Dessa vez, apareceu alguém para limpar o chão um pouco. Fiquei aliviado.

Mas meu coração estava a mil. Um desafiante tinha acabado de morrer.

— Reta não fez nada errado — falou Kaikura — se ela não tivesse lutado a sério, quem ia morrer seria ela.

A manifestação da plateia era delirante. Muita gente gritava. Alguns de alegria e outros com horror.

Houve até mesmo três pessoas da plateia que foram embora após aquela morte. Acho que foi excessivo.

— Reta venceu — declarou a apresentadora — mas eu gostaria de expressar o meu respeito ao nosso desafiante, que continuou a lutar, ano após ano, até sua morte, sem jamais desistir.

Eu estava me sentindo meio mal. Fiquei com falta de ar.

— Está tudo bem, Dakarai? — Haji me perguntou.

Ele era rápido para notar quando havia algo de errado comigo.

— Vou melhorar — eu disse a ele — fiquei um pouco chocada. Só isso.

— Eu também — disse Kaikura — eu estava pensando em talvez, um dia, quem sabe daqui dez anos, desafiar os membros da DAL, mas agora já não sei se quero fazer isso.

Será que valia mesmo a pena arriscar a vida só para entrar para a DAL? Principalmente no nosso caso, que éramos Deuses,

e que já havíamos sacrificado tanta coisa apenas para sobreviver. Talvez não valesse a pena jogar fora aquela vida defendida com tanto sacrifício.

Meu objetivo não era entrar para a DAL. Eu queria apenas um professor que fosse Deus e mago.

Mas é claro que aquelas pessoas extraordinárias não iam querer me treinar. Eu sabia disso apenas ao olhar para elas.

Se os Números 7 a 10 eram tão assustadores, eu me perguntava como seriam os outros.

Nem houve tempo para homenagearem o morto devidamente. O próximo duelo iria começar.

Quem entrou na arena foi uma mulher apavorada. Ela devia ter quase trinta anos, mas após ver um desafiante morrer, ela devia ter se arrependido de ter se inscrito no torneio.

Mas mesmo com medo, ela foi adiante. E foi aplaudida por isso.

— É a primeira vez de Siyanda conosco — falou a apresentadora — boa sorte para ela!

Ela usava roupas brancas. Imaginei que logo iriam se tingir de vermelho.

Quem entrou depois foi um homem que recebeu muitas palmas e gritos entusiasmados. Todos os membros da DAL recebiam grandes ovações.

O Número 6 era um sujeito que gostava de exibir os músculos e cicatrizes de batalha, pois estava sem camisa. Ele usava uma calça larga com muitos rasgos e estava descalço. Tinha os cabelos desgrenhados e a barba por fazer, como se tivesse acabado de voltar da selva ou de lutar contra um urso. Ou talvez fosse essa a impressão que ele queria passar.

— Rajabu está muito sexy hoje com sua aparência selvagem — comentou a apresentadora.

— Cale a boca, mulher — retrucou Rajabu — apenas narre minha vitória.

E Rajabu começou a lutar. Ele estava sem armas. Pelo jeito, lutaria apenas com as mãos.

Siyanda usava uma espada de lâmina curva, cheia de entalhes elaborados. Mas ela não foi de muita serventia quando Rajabu meteu um soco nela e a moça caiu no chão.

— Desculpe — disse Rajabu — eu não achei que ela fosse tão fraca. Perdão, moça.

Porém, para a surpresa de Rajabu, a mulher deu uma rasteira nele, o que fez com que ele caísse no chão. Depois disso, ela tentou cravar a faca no peito dele.

Dessa vez, Rajabu segurou o braço direito dela e... arrancou-o!

O cara literalmente ficou com o braço dela na mão. No lugar, restou apenas um toco com o osso pra fora. A mulher deu um grito horrível.

— Dessa vez eu não vou pedir desculpas — disse Rajabu — você me derrubou no chão. Vou pegar o braço para mim e fazer uma arma mágica.

Ossos de Deuses tinham imenso poder mágico. Rajabu conseguiu um troféu.

— Seu animal! — clamou a apresentadora — vitória de Rajabu!

— Você não chamou Reta de animal! — ele protestou — pelo menos não matei meu adversário.

A moça sem braço, que ainda estava aos gritos, foi retirada rapidamente da arena.

— Não quero entrar para a DAL — decidiu Kaikura.

— Eu também não — concordei — só vou querer assistir aos torneios.

— Nem sei se isso eu quero mais — falou Kaikura — acho que vou ficar traumatizado depois dessa.

Houve um intervalo de quinze minutos. Afinal, já tinham ocorrido cinco lutas. Faltavam as outras cinco.

Depois de um desmaio, uma quase morte, uma morte e um membro decepado, achei que era mesmo uma boa hora para um intervalo.

A rainha parecia bem empolgada.

— Nem todos os torneios são assim tão divertidos — ela comentou — alguns são bem entediantes, sem mortes.

Difícil dizer se isso era bom ou ruim.

Cinco membros da DAL defenderam seus títulos. É claro que os cinco mais fortes também defenderiam.

— Vamos dar início ao quinto duelo! — anunciou a apresentadora — a desafiante é Sarama. É a sua segunda vez aqui.

Sarama parecia a versão feminina de Rajabu. Ela usava roupas de tecido grosseiro. E vestia a pele de um lobo no pescoço. Tinha longos cabelos desgrenhados. Portava um machado.

Decidi que eu iria torcer por ela. Ela tinha cara de quem tinha chances de vencer.

Eu já tinha ouvido falar que muitos Deuses viviam no interior das florestas ou em regiões remotas, para fugir das perseguições. E também para aprimorar o poder mágico perto da natureza.

Então ela devia ser forte. Era uma pessoa interessante.

— Tibor está muito bem vestido hoje — comentou a apresentadora — será que ele vai a algum jantar chique?

Quem entrou foi um homem completamente careca e sem barba, com cerca de quarenta anos.

Realmente, ele estava muito bem vestido com um manto de tecido fino. Parecia até um nobre.

Ele não carregava armas brancas. Somente um cajado.

Sua desafiante o atacou com um machado. Porém, ela ficou paralisada no meio do caminho.

— O que foi isso? — perguntei para Kaikura.

— Ele deve ter usado alguma magia — disse Kaikura — mas não é tão fácil fazer isso.

Tibor mantinha contato visual com ela. Ele fazia movimentos com o cajado.

Até que ela conseguiu se libertar da magia. Ela o atacou com o machado novamente.

O homem não se moveu. Só ficou parado lá. Fechou os olhos.

Ela fez um movimento com o machado, para atingi-lo nas pernas. Por um momento pensei que tivesse mesmo atingido.

No segundo seguinte, Tibor estava flutuando! Muitas exclamações de admiração.

— Seu exibido! — exclamou a apresentadora — eu também sei fazer isso!

— Então faz aí — desafiou Tibor.

— Outro dia — falou a apresentadora.

Tibor cruzou as pernas em posição de lótus. E ele ficou lá, flutuando.

Sarama tentava acertá-lo, mas era incapaz.

— Desce daí, covarde! — gritou Sarama.

— Por que você não sobe? — desafiou Tibor.

Tibor tocou fogo no chão. Os pés de Sarama começaram a queimar e ela gritou.

— Eu desisto! — berrou Sarama.

O fogo sumiu, mas já era tarde. Os pés dela já estavam com queimaduras de terceiro grau.

Ela não conseguiu sair caminhando de lá. Teve que ser levada.

Pensei que ela fosse vencer. Mas logo ela desistiu.

Mas eu não poderia julgá-la. Ela teve queimaduras horríveis.

— Tibor venceu! — declarou a apresentadora — sem nem sujar seu manto! Bravo! E agora, o sétimo duelo!

Íamos conhecer o Top 4.

O desafiante era um homem de uns trinta e poucos anos. Ele estava bem vestido e parecia tranquilo. Carregava uma espada.

A Número 4 era uma mulher com cerca de quarenta anos. Ela tinha os cabelos bem curtinhos e usava um manto longo e vermelho.

— O desafiante é Omari — disse a apresentadora — é sua segunda vez aqui. Ele irá desafiar Tamala.

O desafiante a atacou com a espada. Mas Tamala apenas segurou a espada com a mão. A espada se desfez em pó.

O homem ficou sem saber o que fazer.

— Desculpe — disse Tamala — pode usar essa faca.

Ela entregou a ele uma faca. Mas ele não aceitou.

— Não me humilhe! — berrou o cara.

E tentou atacá-la com os punhos. Mas Tamala desviou facilmente, como se dançasse.

Até que ela o segurou pelo braço. Quando ela o tocou, o braço dele começou a queimar. O cara gritou.

— Droga! Bruxa!

E, ao dizer isso, ele simplesmente saiu da arena. Era muito orgulhoso para dizer que desistia.

— Que batalha sem graça — a rainha bocejou — onde está o sangue? Onde estão as mortes?

— Agora que vai ficar bom — disse Kaikura — porque os três melhores vão lutar.

A desafiante era uma mulher usando rabo de cavalo.

— É a primeira vez de Shaniece conosco — declarou a apresentadora.

— E vai lutar logo contra o Número 3? — perguntei — coitada.

Quando o Número 3 entrou, houve uma explosão de palmas e urros.

— Taj!!!

— Taj! — Kaikura berrou junto — é o Taj! É a primeira vez que o vejo ao vivo!

Kaikura estava derramando lágrimas de emoção e não era o único.

Eu já o tinha ouvido mencionar aquele cara. Ele tinha dito que fazia muito tempo que ele não saía da DAL.

Quem entrou foi um sujeito musculoso e bem vestido. Ele tinha os cabelos também presos num pequeno rabinho de cavalo. Uma barba rala.

Era bem atraente. Não admirava que fosse famoso.

— Bonito, forte, habilidoso em magia — a rainha enumerou suas qualidades — se ele quiser ser rei, não me importo de me casar com ele.

Eu não sabia bem como expressar isso, mas aquele cara parecia estar num nível tão elevado que até casar com a rainha seria pouco para ele.

Só de olhá-lo já dava para sentir sua imensa energia.

Até mesmo a desafiante dele ficou surpresa com o adversário.

— Senhor Taj! — exclamou Shaniece — eu jamais imaginei... que eu fosse lutar logo contra o senhor!

— Está desapontada? — perguntou Taj.

— Ao contrário! — exclamou Shaniece — é uma honra que não mereço. Eu não sou tão forte. É claro que vou perder!

— Você já vai desistir? — perguntou Taj — não vai nem tentar?

— Está bem — concordou Shaniece — podemos lutar um pouco.

A mulher carregava um arco e flecha. Ela atirou algumas flechas, mas nenhuma nem chegou perto de Taj. Parecia que ele as desviava com poder mágico.

Ela desistiu do arco. Pegou uma faca e foi na direção dele.

Porém, Taj apenas segurou o braço dela, gentilmente. Shaniece pegou outra faca com a mão esquerda e o atacou.

Logo, as duas facas já estavam no chão. Ela não desistiu, pois queria proporcionar uma boa luta.

Ela o atacou com as mãos vazias. Eles tiveram uma breve luta dessa forma, que mais parecia ensaiada, de tão suave. Parecia que nenhum queria machucar o outro.

Quando Shaniece percebeu o quão forte ele era, ela o atacou para valer e com vontade.

Quando ela o feriu levemente no rosto, ele a empurrou. Shaniece caiu no chão.

Porém, quando ela se sentou, em seguida ajoelhou-se no chão e cuspiu sangue.

Parecia que, com um golpe de vento, ele havia ferido os órgãos internos dela.

A desafiante, com a boca toda ensanguentada, sorriu.

— Eu desisto — ela disse.

Houve muitos gritos da plateia. Apesar de ter sido uma luta suave, ainda assim foi uma bela luta. A desafiante não era fraca. O problema era que seu adversário era forte demais.

— Isso foi belo — falei.

— Foi bem legal — disse Kaikura.

— Eu queria mais sangue — disse a rainha.

— Taj lutou tão bem quanto eu esperava — disse Kaikura — agora eu o admiro ainda mais.

A próxima a entrar foi uma mulher careca. A desafiante usava uma túnica larga, que facilitava a movimentação. Estava descalça.

— Sanura veio nos desafiar pela segunda vez hoje — disse a apresentadora.

Quando a Número 2 entrou, eu prendi a respiração.

— É ela! — exclamei.

— Ela quem? — perguntou Kaikura.

A Número 2 era uma mulher negra, alta e elegante. Tinha os cabelos presos num coque alto. Devia ter entre trinta e quarenta anos.

— É a famosa Chiamaka! — exclamou Kaikura — sempre quis vê-la ao vivo!

— Foi ela quem me deu esse colar! — exclamei — foi ela quem salvou minha vida!

Kaikura, Haji e Feechi olharam para mim.

— Tem certeza? — perguntou Haji.

— Absoluta! — gritei, emocionado.

Senti lágrimas nos olhos. Vê-la de novo era inexplicável.

Ela estava ainda mais elegante do que eu me lembrava. O jeito de andar, de se mover, era tudo perfeito.

Ela carregava duas espadas cruzadas nas costas.

A luta começou muito rápido. A desafiante não perdeu tempo. Sanura a atacou com a própria espada. E o que se viu no começo foi apenas uma luta de espadas. Ainda assim, foi bem impressionante.

Até que Chiamaka começou a lançar facas na direção de Sanura.

Chiamaka parecia ter facas escondidas por todo corpo. Ela lançou várias, mas somente algumas atingiram Sanura.

Sanura caiu ajoelhada no chão, ensanguentada. Porém, ela se levantou.

Sanura fez surgir um vento forte que levantou muita areia. Por um momento, a poeira não nos permitiu enxergar muita coisa.

Quanto a poeira baixou, vimos uma cena de horror.

Sanura estava lá, mas todo seu corpo estava despedaçado. A cabeça decapitada estava no topo. Depois havia pedaços de mãos, pés, pernas e braços. E os órgãos internos empilhados.

Chiamaka não escapou ilesa. Mas perto do estado de Sanura, os ferimentos dela eram mínimos. Chiamaka estava com alguns cortes no rosto e nos braços.

Houve um momento de silêncio. Depois, gritos ensurdecedores.

Eu me senti morrendo por dentro.

— Vitória de Chiamaka! — a apresentadora clamou.

Mais gritos.

Eu me senti tão mal que vomitei. Eu vomitei ali mesmo, nos meus próprios pés.

— Dakarai! — exclamou Kaikura, assustado.

Eu havia derramado lágrimas de alegria ao vê-la. E agora eu derramava lágrimas de horror.

— Estou me sentindo mal — confessei.

— Isso eu posso ver — disse Kaikura — também me senti mal ao ver aquilo. Mas não tanto quanto você!

Haji também se aproximou, preocupado. Ele me deu um lenço para limpar a boca.

— Quer sair um pouco? — perguntou Haji.

— Não — falei, embora fosse uma ótima ideia — falta só mais uma luta. Não posso perder logo a última. Eu aguento.

Chiamaka. Então o nome dela era Chiamaka.

Assim que eu a vi, desejei falar com ela. Eu queria agradecer-lá. Contar que deu tudo certo no mosteiro. E perguntar qual era o feitiço do colar que ela me deu.

Mas após vê-la estraçalhar sua desafiante daquela forma, eu perdi a vontade de fazer qualquer uma daquelas coisas.

Até mesmo cogitei pedir para que ela me treinasse. Queria que ela se tornasse minha mestra. Mas ao ver aquilo, eu não queria mais.

Eu não tinha apenas medo dela. Eu tinha nojo. Horror.

É claro que admirei sua força, seu poder, sua elegância. Mas também havia algo que me repelia.

Por que ela fazia aquelas coisas? Aquilo foi mesmo necessário?

Afinal, por que ela estava na DAL?

Quando ela me salvou, matou os dois caçadores de forma limpa. Deu apenas uma espadada em cada e isso foi tudo. Não era necessário mais que isso.

Então por que aquilo tudo? Somente porque ela estava na arena? Ela quis se exhibir?

Eu não entendia. E nem queria entender.

Eu estava desapontado. E aterrorizado.

— Calma, Dakarai — Kaikura botou a mão no meu ombro — eu entendo como você se sente. Eu também estou me sentindo mal com o que ela fez. Mas fique firme. Estamos aqui.

Eu me senti um pouco mais confortado. Respirei fundo.

Até ali, já tinha havido duas mortes. A rainha nos contou que até mesmo uma morte naqueles eventos não era tão comum.

Eu só esperava que o Número 1 da DAL não nos desse outro espetáculo sombrio. Eu não sabia se ia aguentar ver algo assim de novo. Mesmo que fosse uma morte limpa.

Eu não queria ver mais mortes.

Será que a morte iria me repelir tanto a ponto de eu desejar me tornar um daqueles Deuses que se retiravam para as florestas?

Eu não aguentaria viver no mosteiro, porque eu não queria ficar trancado. E nem no meu castelo.

Mas se as únicas opções fossem a DAL ou a floresta, talvez eu escolhesse a floresta. Sim, eu podia buscar um mestre lá. E viver isolado e em paz.

E por que, ainda assim, a DAL me atraía de uma forma tão poderosa? Quase irresistível.

Decidi que eu queria entender.

Eu queria entender o que significava a morte. Não queria mais fugir dela.

Por que as pessoas morriam?

Por que nós nos sentíamos tão mal vendo a morte? Principalmente a morte violenta.

Se eu desvendasse esse mistério, talvez eu descobrisse algo muito importante sobre o mundo e sobre mim mesmo.

Será que os membros da DAL sabiam de algo que eu não sabia?

— Nosso último desafiante é Kimoni — disse a apresentadora — é a terceira vez que ele vem. Mas é a primeira vez que enfrentará a Número 1.

Observei a arena. Kimoni era um rapaz que tinha entre vinte e trinta anos. Parecia muito corajoso.

Ele não tinha barba. Tinha cabelos curtos. Parecia um tipo comum. Calça, blusa, sapatos baratos. Não se destacava em nada.

Mas havia um brilho nos seus olhos. Eu o respeitei. Eu vi um pouco da minha vontade e dos meus sonhos futuros nele.

É claro que um novato não derrotaria o Número 1. Aquelas lutas contra os cinco primeiros eram mera formalidade. Se um recém-chegado fosse derrotar alguém, era mais provável que fosse um dos cinco últimos da lista. Mesmo assim, seria um grande feito.

Mas onde estava o Top 1? O desafiante também devia estar se perguntando isso.

Subitamente, a apresentadora correu na direção de Kimoni. Ela se jogou em cima dele e o atacou com as mãos nuas.

Ela tentou estrangulá-lo. Kimoni resistia, mas era difícil.

Ele a atacou com uma faca e a apresentadora sangrou um pouco. Mas ela também riu.

Por fim, a apresentadora deu uma mordida no braço dele, arrancando um pedaço da carne.

Kimoni gritou. Ela o largou.

— Esqueci de me apresentar — disse a apresentadora — eu apresentei a todos, menos a mim, não é mesmo? Sou Sabra. A atual Número 1.

— Sabra! — gritou Kaikura, totalmente maluco — ela não sai do Top 5 há muito tempo!

— Sim, lembro que você falou dela — comentei.

Sabra usava um vestido verde e rodado, todo brilhante. Sapatos de salto. Seus cabelos tinham um penteado chique, cheio de tranças.

Depois daquele combate, as tranças estavam desarrumadas. Mas achei atraente aquele aspecto meio selvagem.

O desafiante não desistiu. Mesmo após ter um pedaço do braço arrancado, ele investiu contra ela.

Ele transformou a carne arrancada em arma. Com aquilo ele invocou um tipo de chuva de pedras, que atingiu Sabra diretamente.

Ela sangrou um pouco após ser atingida pelas pedras. Mas ela também riu.

— Ah, que delícia! — exclamou Sabra, empolgada — eu quero mais!

O desafiante a cortava com a faca e ela deixava. Sabra só ria, porque ela usava seu próprio sangue como arma.

Para a surpresa geral, Sabra usou o próprio sangue para moldar uma espada comprida e fina, de lâmina afiadíssima. Com a espada, ela cortou as pernas do desafiante.

Pensei que fosse uma ilusão, mas não era. Kimoni teve as pernas decepadas. Por um momento, pensou em usar alguma magia maluca com as próprias pernas e continuar lutando. Mas quando Sabra se apoderou de suas pernas, ele entendeu que era uma batalha perdida.

— Eu desisto! — clamou o desafiante.

E houve gritos da plateia.

Resultado: nada mudou no ranking da DAL. Todos os dez continuavam invencíveis.

— Não fique triste — Kaikura me consolou, ao ver minha expressão de horror — esse cara que teve as pernas decepadas e a menina que perdeu o braço talvez consigam usar alguma magia forte para fazer uma prótese.

— Mas não será a mesma coisa — eu disse.

— Não — concordou Kaikura — mas na vida nenhuma experiência nos deixa iguais, Dakarai. A gente sempre ganha alguma coisa e perde outras. A gente muda. E é isso que torna a vida significativa.

— Obrigado por tentar me consolar — ironizei — mas não funcionou.

Eu estava arrasado. Aquilo foi um espetáculo de horrores. Haji também não devia ter gostado muito. A única que parecia feliz era a rainha.

— Querem conversar com os membros da DAL? — convidou Feechi — eu tenho direito a falar com eles, já que sou rainha e a patrocinadora do torneio. Se quiserem, podem me acompanhar.

— Eu aceito! — disse Kaikura, empolgado.

Mas eu já não tinha certeza se desejava isso.

Dentre os dez membros da DAL, eu estava me perguntando quantos deles seriam Deuses Malditos. Mas eu tinha aprendido que não era educado fazer essa pergunta. Então talvez eu nunca soubesse.

As pessoas saíam do local calmamente. Alguns comentavam animadamente os duelos. Diziam que “esse ano foi ótimo!”.

Eu não tinha achado ótimo. Ninguém mais estava chocado além de mim?

— Dakarai — Haji encostou no meu ombro — não quer conhecer os membros da DAL?

Eu o fitei com tristeza.

— Não sei — respondi.

— Vamos lá — Haji me incentivou — você sempre quis conhecê-los, não é mesmo?

Senti-me encorajado. Haji também não devia ter gostado muito dos duelos. Mas lá estava ele me incentivando a não perder essa chance única.

Ele tinha razão. Eu resolveria meus dilemas existenciais depois. Agora não era hora para isso. Eu não podia jogar fora aquela oportunidade.

Acompanhei a rainha, Kaikura e Haji para uma parte mais afastada da arena. Lá a entrada era regulada. Mas quando viram a rainha nos deixaram passar.

Assim que entrou, Feechi começou a bater papo animadamente com alguns membros da DAL.

Nem todos os membros estavam lá. Somente alguns. Mesmo assim, era bem impressionante estar tão perto.

Ela conversava com Kendi, o Número 10, que era tão divertido quanto parecia.

— As lutas desse ano foram meio violentas — comentou Kendi — eu usei uma magia misericordiosa no meu adversário. Então, em minha defesa, posso dizer que não contribuí para a violência.

Mas ele disse isso em tom de brincadeira.

— Eu gostei desse ano — disse a rainha — foi bem emocionante.

Eu tinha uma questão na minha mente, que não tinha coragem de perguntar: será que era certo que Deuses matassem outros Deuses?

Toda a existência dos Deuses parecia estar centrada na questão da sobrevivência. Nós éramos perseguidos pelos caçadores. Então se matássemos uns aos outros não estaríamos ajudando os caçadores?

Qual era o objetivo da DAL, exatamente? Enquanto o Mosteiro dos Deuses existia para ensinar magia de proteção para Deuses, para que eles sobrevivessem no mundo lá fora, a DAL parecia ter a missão oposta: encurtar a vida dos Deuses! Por causa de algo tão idiota quanto decidir “quem é o mais forte”!

É claro que era admirável conhecer Deuses tão fortes. Mas o que eles faziam não era meio estúpido? Aqueles duelos pareciam realmente infelizes.

Perto da DAL, a missão do mosteiro parecia muito mais nobre. Até a missão da realeza parecia mais útil.

A rainha resolveu nos apresentar para Kendi.

— Esse é meu primo Dakarai, príncipe de Maior Sonho — ela disse — esse é o amigo dele. E esse é nosso cocheiro.

Reparei que ela não mencionou o nome de Kaikura ou de Haji. Talvez ela não soubesse o nome de Kaikura, mas ela sabia o de Haji e não havia mencionado de propósito. Haji não pareceu se incomodar, mas eu me incomodei.

— Prazer em conhecê-los — Kendi sorriu — o que acharam dos duelos de hoje?

— Bem impressionantes, Sir — disse Kaikura.

“Sir” era um título apropriado para os membros da DAL do sexo masculino. O equivalente feminino era “Dama”.

Eu não estava acostumado a usar títulos para me referir aos outros, já que eu era príncipe. Então eu não me sentia muito à vontade para me dirigir aos membros da DAL dessa forma, embora eu tampouco quisesse ser rude.

— Sua luta foi minha favorita — disse Haji — eu gostei de como você equilibrou as coisas. Não subestimou seu adversário, proporcionou uma boa batalha e no final foi generoso.

— Obrigado — disse Kendi — é sempre difícil saber o que fazer em lutas desse tipo. Temos que tomar decisões rápidas. Nem sempre matamos porque queremos, mas porque não avaliamos corretamente a força do oponente. Ser leve demais nos movimentos pode nos matar e ser rigoroso demais pode gerar a morte. Não é nada simples.

Eu não tinha pensado nisso. Achei que todos que tinham matado ou arrancado pedaços dos oponentes fizeram porque queriam.

Alguns sim. Mas nem todos e não em todas as ocasiões.

Como eu não disse nada, Kendi se dirigiu a mim:

— Ouvi falar de Vossa Alteza. Enfrentou problemas sérios quando criança. Foi treinar no Mosteiro dos Deuses. Como foi lá?

— Aprendi muitas magias úteis — falei — Kaikura também estudou lá.

Dessa vez Kendi fitou Kaikura com mais interesse.

— Eu também sou de lá — contou Kendi — não é tão incomum assim que Deuses treinados no mosteiro venham para a DAL. Lá recebemos uma boa base. Mas nem todos têm interesse na nossa Ordem.

— Nem todos têm interesse em morrer — resolvi dizer.

Kendi riu.

— Ser Deus significa estar em constante perigo — disse Kendi — aqui na DAL recebemos proteção. E quando os caçadores sabem que somos da DAL raramente chegam perto.

— Em compensação, vocês arriscam a vida o tempo todo nesses torneios — observei.

— Apenas uma vez por ano — falou Kendi — e se você não é da DAL precisa ficar alerta para não ser morto por caçadores nos outros 364 dias do ano.

Eu não tinha pensado dessa forma. Realmente, era uma boa lógica.

— Você quase me convenceu — eu sorri.

— O que preciso fazer para convencê-lo? — perguntou Kendi.

— Eu não quero ser convencido — falei — não estou particularmente interessado em entrar para a DAL. Na verdade, eu estava em busca de um mestre de magia.

— Um mestre, hein? — perguntou Kendi, interessado — e seria interessante que esse mestre fosse um Deus. E mais interessante ainda que fosse membro da DAL.

— Bem... — comecei — não acho que um membro da DAL teria tempo para me treinar.

— É aí que você se engana. Às vezes somos bem desocupados.

Kendi riu ao dizer isso. Simpatizei com ele.

— Tem alguém em mente? — perguntou Kendi — um membro específico da DAL que você gostaria de pedir que te treinasse? Posso falar com ele.

— Eu tenho... eu tinha — corrigi — agora que descobri quem ela é, não acho que ela vá concordar.

Kendi estava cada vez mais curioso.

— Nove anos atrás, uma maga da DAL salvou minha vida — expliquei — mas agora que eu descobri que ela é a Número 2, não sei se tenho coragem de falar com ela.

— Então é Chiamaka — concluiu Kendi — boa escolha. Eu falo com ela por você e te dou o recado. Que tal?

Parecia ótimo. Concordei e Kendi retirou-se por um momento.

— Por que tem que ser especificamente ela? — Kaikura perguntou — não pode ser outro membro da DAL?

— É claro que pode — falei — mas ela é minha primeira escolha.

— Você é muito sentimental — disse Kaikura — se quer o membro mais forte, por que não pede logo para a Top 1?

A resposta para isso era muito simples.

Kaikura estava certo: eu era muito sentimental. Eu queria Chiamaka porque ela salvou minha vida. Então eu me sentia ligado a ela.

Além do mais, ela me deu o colar. Isso me tornou mais sentimental ainda.

Kendi retornou.

— Ela não aceitou que eu desse o recado — explicou Kendi — ela quer conversar com você em particular.

Fiquei meio tenso, mas aceitei.

É claro que era mais apropriado conversarmos sobre esse assunto de forma privada. Mas ela ainda não sabia sobre o que era a conversa.

Ela provavelmente achava muito covarde da minha parte que eu pedisse para outra pessoa dar o recado. Ela achava que eu tinha que perguntar pessoalmente.

Pois bem. Eu iria fazer como ela queria.

Kendi me levou até uma sala. Chiamaka estava sozinha lá.
Kendi saiu e fechou a porta.
Silêncio. Ela não ia dizer nada?
Finalmente, ela resolveu olhar para mim.
— Quem é você?
Ela me perguntou isso de forma bastante fria. Não parecia muito interessada em conversar.
Bem, ela tinha acabado de sair de um duelo difícil. Dentre os dez, foi ela que destruiu seu adversário da forma mais horrível.
Ela não tinha cara de quem tinha feito isso para agradar o público. Imaginei que, de alguma forma que eu não entendia, aquilo foi necessário.
Eu não a culpava por não lembrar de mim. Nove anos tinham se passado. Na época em que nos conhecemos, eu era praticamente uma criança.
— Meu nome é Dakarai.
Ainda assim, ela não disse nada. É óbvio que ela não reconheceria meu nome.
— Sou o príncipe de Maior Sonho — acrescentei — você salvou minha vida no castelo no dia que caçadores de Deuses mataram meu pai.
Dessa vez ela me fitou de forma diferente.
— Acho que me lembro disso — ela disse.
Fiquei um pouco desapontado com esse comentário. Eu tinha certeza que seria uma memória vívida, assim como sempre foi para mim.
Mas eu precisava ser razoável. Ela era membro da DAL. Coisas extraordinárias como salvar vidas deviam fazer parte da rotina dela. Certamente ela não lembrava de todas as vidas que salvou ou tirou nos últimos nove anos.
— Eu queria agradecer por aquele dia — falei.
— Não se incomode — ela disse — salvar a vida de Deuses é meu trabalho.
“E tirar também” pensei, lembrando do torneio. Mas eu não expressei esse pensamento em voz alta.

— Você me deu esse colar — mostrei a ela — disse que era um amuleto de proteção da DAL.

— Ah, sim — ela respondeu, apenas.

— Alguns amigos meus acham que há outro feitiço nesse colar — prossegui.

— Não há.

Aquele parecia o fim do assunto. Se eu insistisse nisso, poderia aborrecê-la.

Não devia haver mesmo mais nada no colar. Ela não parecia muito interessada em mim.

Será que ela estava interessada na época porque pensou que eu me tornaria rei? Agora que Feechi era a rainha, eu não era mais interessante.

Fiquei desapontado que uma pessoa que eu admirava pensasse dessa forma.

— Fui para o Mosteiro dos Deuses, como você me recomendou — contei — fui treinado lá por nove anos.

Essa informação pareceu chamar a atenção dela. Eu ficava contente toda vez que eu conseguia prender seu interesse.

Chiamaka estava sentada numa cadeira perto de uma mesa com um espelho. Eu estava de pé. Ela não me convidou para sentar.

— Já consegue defender a si mesmo? — ela perguntou.

— Tive ótimos professores — expliquei — mas sou um pouco fraco. Acho que precisarei de treino adicional.

— O treino de um Deus nunca termina — ela disse — devemos aspirar a nos tornarmos cada vez mais fortes. É uma questão básica de sobrevivência. Os caçadores também se tornam mais fortes a cada dia. É por isso que a DAL existe.

— Para tornar os Deuses mais fortes? — perguntei.

— Sim — respondeu ela — se cada Deus fosse deixado por si, eles eventualmente amoleceriam e se tornariam fracos. A existência da DAL é uma motivação para que continuemos a treinar sem parar. Se pararmos, um dia seremos derrotados.

— Mas vocês matam os desafiantes — observei — matar Deuses não vai contra o objetivo da Ordem?

— Uma criança Deus tem potencial de se tornar qualquer coisa — ela explicou — e por isso defendemos sua sobrevivência. Para que ao menos ela tenha uma chance. Mas a força de um Deus só pode crescer até certo ponto.

— Então vocês matam os desafiantes que consideram fracos e sem potencial para crescer mais que aquilo? — perguntei.

— Nem sempre é simples medir isso. Mas alguns Deuses podem ser sim uma ameaça à nossa organização.

— Por que você matou sua desafiante hoje? — perguntei.

— Eu usei uma magia de ossos.

Eu já tinha ouvido falar naquela magia. A magia de sangue não era tão difícil de usar, mas a magia de ossos exigia muito mais disciplina para aprender.

— Com a magia de ossos você pode controlar outra pessoa — ela explicou — seus ossos, seus movimentos. Foi o que fiz. Mas foi uma magia tão forte que ela não aguentou. Ela se despedaçou.

Senti um arrepio.

— Então você não a cortou de propósito — concluí.

— Não — ela disse.

— Por que não usou uma magia menos arriscada?

— Nossa escolha de magias nem sempre é racional. Optei por essa porque segui minha intuição. Eu não me arrependo.

— Então você prefere matar alguém do que perder? — perguntei — é tão importante assim ser membro da DAL?

— Garoto — ela disse — o que você quer?

Acho que fui longe demais nas minhas perguntas.

— Estou em busca de um mestre para me treinar — falei.

— Eu não vou te treinar.

— Por que não? — perguntei, desapontado.

— Você se considera especial por ser príncipe?

— Não — respondi, sinceramente — não venho como príncipe e sim como um Deus fraco que humildemente pede sua ajuda.

— Suas palavras não me comovem — ela disse — eu te salvei naquele dia porque era meu dever. Eu estava perto, senti a perseguição. Isso é tudo.

Aquelas palavras foram como uma facada.

Por que eu acreditei que eu e ela tínhamos alguma ligação especial?

Só porque ela me salvou? Por ela ter me dado o colar? Porque ela era da DAL?

Ela salvava muita gente. Talvez distribuisse amuletos de proteção por aí.

Eu baixe a cabeça. Não sabia mais o que dizer.

Até que tive um acesso de tosse.

— Perdão — eu disse.

Porém, a tosse não parava. Ela me fitou firmemente.

— Eu te vi na arquibancada — ela falou — você vomitou. Você passou mal. Você não costuma ver a morte com frequência?

— Não — falei, sentindo uma sensação ruim — eu não gosto da morte.

— Por que não?

Achei aquela pergunta absurda.

— Como assim? — perguntei — você é da DAL porque quer evitar mortes de Deuses. Ninguém quer morrer.

— A morte não é bonita — ela disse — mas é necessária. Todos morrerão um dia. Até mesmo os Deuses.

— Não precisamos apressar as mortes — falei.

— Mas lutas acontecem — disse Chiamaka — mortes acontecem no torneio, em nome da supremacia da DAL e da força dos Deuses. Guerras acontecem em nomes de ideais. Isso não vai mudar. Então você precisa se acostumar com a morte, quer queira ou não. Para o seu próprio bem.

— Eu não quero gostar da morte — falei — e nem me “acostumar” a ponto de me tornar indiferente a ela. Não quero que matar pessoas vire rotina na minha vida. Eu nem mesmo sei se eu teria coragem de matar um caçador de Deuses para defender minha vida.

— Você pode não ter coragem de matar alguém para salvar sua vida — ela disse — mas precisa da coragem de matar para defender outra pessoa.

Pensei em todas as pessoas que já tinham salvado minha vida. Incluindo a própria Chiamaka.

Se todos eles fossem contra matar, eu não estaria mais vivo.

Então, isso era tudo? O objetivo de continuar vivo era matar para fazer com que outras pessoas vivessem. Aquilo era contraditório. Não parecia fazer muito sentido.

— Garoto! — ela exclamou, quando notou meu silêncio — nós matamos para comer. Uma planta, um animal, não importa. São vidas. Por que você acha que a vida de um animal é mais importante que a vida de uma planta? Por que acha que uma vida humana é mais importante que a vida de um animal?

Eu realmente não sabia onde ela queria chegar com aquela conversa.

Eu não era como Mablevi. Eu não tinha um cavalo de estimação. Eu não sabia o quão longe eu estava disposto a me sacrificar para salvar a vida de um animal que fosse meu amigo, mas eu tinha amigos humanos. E eu queria salvá-los.

— Eu não quero falar sobre isso — falei — eu repudio a morte. Não importa que seja a morte de um animal ou de um humano. Eu não aguento ver seres morrendo.

— Para os caçadores de Deuses, os Deuses não são mais humanos — ela explicou — para eles, Deuses são menos que animais. Eles são aberrações e devem ser eliminados, para não corromper a natureza. Você concorda com isso?

— Não — falei — porque eu quero continuar vivo. E tenho amigos Deuses que não quero que morram.

— Os caçadores têm outros amigos caçadores. Garoto, você só se importa com os Deuses porque você é Deus, não é mesmo?

— É óbvio — falei — se eu não fosse Deus, essa história de Deuses não teria nenhuma relação comigo.

— Eu sabia — ela sorriu de forma maldosa — você nasceu príncipe. Viveu entre nobres. Para você, camponeses, pobres,

plebeus comuns, não eram do seu interesse. Não eram pessoas. A vida e a morte deles não tinham nenhuma relação com você.

Novamente, eu fiquei sem palavras.

— Eu tinha apenas treze anos — eu me defendi — fui criado trancado no castelo. Ninguém me ensinou que eu devia amar animais ou... pobres.

Bem, agora eu tinha amigos “pobres”. Eu tinha vários amigos Deuses que não eram da nobreza. Agora aquilo tinha algo a ver comigo.

— Você é egoísta — ela disse.

— Eu sou — concordei — como todos os outros.

Mas aquilo não era verdade.

Haji, por exemplo, não era egoísta. Ele tinha sacrificado muitas coisas em sua vida para ajudar outras pessoas.

Mas eu não era como ele.

— Eu não sou da nobreza — contou Chiamaka — eu nasci pobre. Fui abandonada por meus pais e expulsa da minha cidade porque nasci com o poder de um Deus. Passei fome. Fui quase morta por caçadores incontáveis vezes. Eu me tornei tão forte porque se eu não me tornasse já estaria morta há muito tempo. Eu cresci odiando caçadores e nobres.

— Sinto muito — falei.

— Você não sente — ela disse — não faz a menor ideia como foi. Eu escutava os nobres ricos me criticando porque eu matava galinhas e cachorros para não morrer de fome. Eles, que eram ricos, podiam comer apenas vegetais. Mas eu não tinha nada. Nem uma alface. E eles me julgaram. Eles me julgaram porque eu tirei uma vida para salvar a minha! Sendo que a vida deles jamais esteve em perigo.

Novamente, eu não soube o que dizer. O mais perto que estive de passar fome foi quando eu recebia apenas uma maçã para comer de café da manhã no mosteiro.

— Eu matei pessoas! — ela prosseguiu — matei caçadores, para não morrer. Porque nasci Deusa e era perseguida. Fui novamente julgada por pessoas que não nasceram Deuses. Para eles era fácil não matar. A vida deles não estava ameaçada.

Principalmente a vida dos nobres, que sempre eram protegidos por guardas armados. Se precisassem matar alguém, os guardas matariam por eles e os nobres não precisariam sujar as mãos. Os nobres ricos iriam para o céu, porque tinham dinheiro para pagar outros para derramar sangue.

— Eu também sempre me senti diferente — argumentei.

— Por ser príncipe? — ela zombou — como é doloroso ser da realeza! Como é doloroso ter pessoas ao seu redor te chamando por “Vossa Alteza” e te bajulando! Como é doloroso ter cozinheiros e serviçais.

Ela estava claramente me insultando. Mas eu não me senti ofendido.

— Eu também me senti diferente por ser Deus — falei — eu sei como você se sente.

— Não sabe — ela insistiu — como é difícil ser um Deus nascido na realeza! Como é difícil ter um mordomo salvando sua vida e matando caçadores por você!

Sim, Haji matava os caçadores por mim. Somente por isso eu ainda não tinha sujado minhas mãos. Mas era só questão de tempo.

Eu não podia depender de Haji para sempre. Ele era uma pessoa boa e eu o obrigava a matar por minha causa. Não queria dar-lhe esse fardo para sempre.

Tive outro acesso de tosses. Eu cuspi sangue.

Dessa vez, e pela primeira vez, Chiamaka pareceu um pouco surpresa.

— Sou amaldiçoado — contei a ela.

— Eu ouvi falar que o príncipe sempre esteve doente — disse Chiamaka — então eu desconfieei que você pudesse ser um Deus Maldito.

— Eu sou — falei.

Dessa vez ela me olhou com mais atenção. Se o fato de eu ser príncipe ou Deus não a comovia, quem sabe ao menos isso a movesse.

— Há membros da DAL que são Deuses Malditos — ela revelou.

— Mas você não é — concluí.
— Não.
Suspirei fundo. Então ela não poderia me ajudar.
— Preciso ser treinado por um Deus Maldito — falei —
somente um deles poderá me ajudar a despertar meus poderes.
— Fale com Taj.
Fiquei surpreso.
— Taj? — perguntei — o famoso Taj? Um Deus Maldito? O
Top 3?
Chiamaka pareceu aborrecida com minha surpresa.
— Eu não garanto que ele vá aceitar — ela disse — mas
você pode tentar.
— Entendi — eu disse — muito obrigado!
Ela não respondeu. Estava soltando o coque apertado na
frente do espelho. Depois de fazer isso, começou a pentear os
longos cabelos crespos e volumosos com uma escova.
Fiquei hipnotizado. Ela ficava belíssima com os cabelos
soltos. Principalmente depois de soltá-los do coque, pois eles
estavam meio bagunçados de uma forma sensual.
Fiquei olhando para ela por alguns segundos.
— Você ainda está aí? — ela perguntou, de forma seca.
— Perdão — eu me recompus — eu já vou indo.
Eu saí da sala e fechei a porta.
Quanto tempo será que fiquei lá? Provavelmente tempo
demais.
Retornei para a sala em que estavam meus amigos. A rainha
conversava animadamente com Kendi e com outra mulher da
DAL. Quem era mesmo?
Reta. Sim, aquela era Reta. A Deusa baixinha que matou
aquele cara enorme com uma bola de ferro com espinhos.
Os dois Deuses estavam rindo muito e bebendo algo que
parecia álcool. A rainha e Kaikura também estavam bebendo.
Somente Haji havia colocado seu copo pela metade num canto.
Considerarei meio ofensivo que eles estivessem bebendo lá
tranquilamente e rindo, sendo que duas pessoas tinham sido

mortas há poucas horas. Inclusive, a própria Reta tinha matado uma delas.

Mas eles deviam matar tanta gente que acabava virando rotina. Eles deviam estar cansados de chorar cada morte. Não duvidei que o humor dos membros da DAL fosse bastante negro.

Será que eu queria mesmo me meter no meio daquilo?

Mas quem eu queria ser? Um ser puro e imaculado? Um príncipe ignorante sempre protegido pelas paredes do castelo e que não sabia nada sobre o mundo?

Se era para ter esse tipo de pureza, eu preferia até matar. De que adiantava eu me meter no meio de uma floresta e fugir de tudo? Sim, lá eu não iria matar ou ser morto. Mas eu estaria fugindo. Que bem eu faria para o mundo dessa forma?

Viver significava sujar as mãos. Eu precisava aceitar isso. Se eu queria ser puro, então eu devia fazer um jejum até a morte e morrer, para nunca mais tirar nenhuma vida.

Em vez disso, eu poderia honrar as vidas que tirei até aquele dia e fazer algo realmente bom para o mundo.

Mas vendo aqueles dois membros da DAL fazendo piadas sujas eu me desanimava um pouco. Eu era da nobreza. Não estava acostumado com aquelas coisas, mesmo após meu tempo no mosteiro vivendo entre pessoas comuns.

— Teve uma vez que matei uma caçadora — contou Reta — sem querer. Usei uma magia de ossos que deu errado. Ela acabou com os braços no lugar das pernas, e vice-versa.

— Você consertou depois? — perguntou Kendi, dando um grande gole no copo com álcool.

— Achei que era mais misericordioso matá-la logo — disse Reta — fiquei com pena.

— Você, com pena? — Kendi sorriu — isso é novidade.

— Nem venha fazer pose, que você não é santo! — acusou Reta — você faz sucesso entre as mulheres por causa do seu cabelo, mas elas sabem quantas pessoas você já matou?

— Elas não ligam — disse Kendi — contanto que eu mantenha o mesmo penteado. Eu quase fui publicamente

trucidado no dia que raspei a cabeça. Desde então, não descuido mais da aparência para agradar meus fãs. Ei, você voltou!

Kendi tinha finalmente reparado em mim.

— Como foi? — ele perguntou, curioso.

— Ela me sugeriu falar com Taj — contei.

— Taj? — Kendi estranhou — por que Taj? Porque... ah!

Kendi pareceu ter entendido, mas não falou em voz alta. Pelo jeito, aquilo era sério mesmo.

— Vou levá-lo até ele — Kendi prontificou-se — enquanto isso, Reta, certifique-se de que nossos convidados não fiquem seu bedida.

— Sim, Sir! — brincou Reta.

Kendi me levou até a frente de outra porta, mais ao fundo. Mas quando a abriu, reparamos que Taj não estava sozinho lá.

Ele estava beijando os peitos de uma mulher. E essa mulher era Sabra, que estava com metade da blusa aberta.

— Opal! — Kendi riu — meu Deus, que escândalo! Socorro!

Kendi parecia estar brincando. Não pareceu muito surpreso. Já devia saber do relacionamento dos dois.

— Cale-se — disse Sabra — o que você quer, seu chato?

— Tem um príncipe aqui que quer conversar um negócio sério com Taj — Kendi falou dessa forma.

Acho que só assim para eles levarem em consideração o pedido.

— Não quero incomodar — apressei-me em dizer — podemos conversar outra hora.

Mas Sabra fechou a blusa.

— Agora já estragou o clima — ela disse — podem conversar. Eu volto mais tarde.

Ela saiu da sala. Kendi também saiu e fechou a porta.

Fiquei meio constrangido.

— Desculpe — eu disse.

Mas Taj não parecia muito aborrecido. Ele parecia um cara legal, bem tranquilo.

— Não esquentar — ele disse — e você, quem seria?

Taj tinha mesmo pose de galã. Era musculoso, a barba por fazer. Não me admirava que a Número 1 tivesse interesse nele.

Eu, por outro lado, ainda tinha jeito de garoto. Ao contrário de Taj, que tinha uma aparência mais madura. Devia ter mais de quarenta anos.

— Dakarai, príncipe de Maior Sonho — apresentei-me — mas não venho como príncipe e sim como Deus. Eu treinei no Mosteiro dos Deuses e agora procuro um mestre.

— Nós não servimos a nobreza ou a realeza — explicou Taj, educadamente — somos uma Ordem independente. A rainha nos patrocina por livre e espontânea vontade. Não assinamos nenhum contrato que determine que devemos dar treinamento de magia para nobres em troca do patrocínio.

— Não é nada disso — apressei-me em explicar — eu sou um Deus Maldito. Chiamaka o recomendou para mim...

— Ela me recomendou? — ele estranhou — por que ela faria isso?

— Ela salvou minha vida quando eu era criança — expliquei — eu a procurei hoje, nove anos depois, para que ela me treinasse. Mas achamos que, devido à minha condição, um Deus Maldito seria um mestre mais adequado.

— Eu poderia dizer que isso não é problema meu — falou Taj — mas você parece meio desesperado.

— Há um motivo para meu desespero — falei — eu estou doente até hoje.

Taj ficou intrigado.

— Não se livrou ainda de sua doença de infância? — ele perguntou — quantos anos você tem?

— Vinte e dois.

— Já passou da idade. Qual será o seu problema?

— É por isso que preciso de sua ajuda — falei — para que você descubra meu problema. Com quantos anos você se livrou de sua doença?

— Dezenove — ele respondeu — pode ser que sua doença vá embora sozinha com o tempo. Já experimentou melhora dos sintomas?

— Nenhuma.

— Isso é preocupante.

— Por favor, me ajude — eu pedi.

Taj analisou meu rosto.

— Vou pensar no assunto — ele disse — onde devo te procurar?

— No castelo — informei.

— Daqui uma semana conversaremos de novo — ele decidiu — eu irei te visitar e te informar da minha decisão. Mas não se preocupe. Caso eu decida não treiná-lo, não te deixarei na mão. Irei te indicar outra pessoa.

— Agradeço muito.

Depois disso, eu me apressei para me despedir. Afinal, ele tinha uma dama esperando lá fora.

Cruzei com Sabra pelo corredor.

— Até que foi rápido — ela me disse — menino.

Ela acrescentou essa última palavra com um risinho.

Sabra tinha mesmo peitos grandes. Eles realmente saltavam para fora com aquele decote. Infelizmente eu não fui capaz de ver grande coisa quando nós flagramos os dois na sala. Era um desperdício.

Sabra me viu olhando para o decote. Ela passou os dedos pelos meus cabelos.

— Daqui dez anos, quando você crescer um pouco, quem sabe eu diga “olá” para você.

Ao dizer isso, ela voltou para a sala onde estava Taj e fechou a porta.

Sinceramente, eu me senti um idiota.

Eu devia ter aceitado transar com Machelle na época que ela ofereceu. Só porque eu era muito novo naquela época e cometi o erro de recusar, atualmente eu me sentia um pouco angustiado pela minha inexperiência. Eu não queria que aquelas Deusas gostosas me tratassem como criança.

Mas eu não estava muito incomodado com Sabra. A minha preocupação maior era Chiamaka.

Eu duvidava que ela tivesse aceitado me treinar, mesmo que ela fosse uma Deusa Maldita. O interesse dela em mim era próximo a zero.

Chiamaka não se interessava pela realeza e nem mesmo por Deuses Malditos. Ela só estava interessada em Deuses fortes.

Naquele momento, só devia ter olhos para Sabra, porque ela era a Top 1. Imaginei que Chiamaka desejasse tirar essa posição dela.

Um dia Kaikura me contou que Chiamaka já foi a Número 1 e que ela era o mais próximo que havia de um símbolo para a Ordem.

Devia ter sido um golpe duro perder a posição. Seria por isso que ela era tão amarga?

Eu não tinha certeza que aquele era o caso. Mas se Chiamaka fosse mesmo esse tipo de pessoa, o único jeito de ela olhar para mim era se eu me tornasse um Deus muito forte.

Se Taj aceitasse mesmo me treinar e se ele me treinasse de forma séria por longos anos, eu não duvidei que um dia eu fosse capaz de me tornar um membro da DAL.

Chiamaka me convenceu que a DAL era necessária: que aquela atmosfera de competição tinha um significado. Era para manter os Deuses fortes. Para impedir que a raça dos Deuses desaparecesse desse mundo.

A missão dela parecia nobre: salvar Deuses, mesmo que de vez em quando eles precisassem matar caçadores ou mesmo outros Deuses. Imaginei que aqueles sacrifícios eram necessários. Faziam parte do trabalho. O número de pessoas que eles salvavam devia ser bem maior.

Eu ainda não sabia direito o que os membros da DAL faziam. Mas parecia algo bem importante. Eu queria descobrir um dia.

Quando retornei para a primeira sala, me assustei. Kendi e Reta já estavam completamente bêbados. Eles estavam cantando.

A rainha também já estava quase cantando junto. Kaikura, por outro lado, estava dormindo sentado numa cadeira.

E Haji? Ele também parecia com um pouco de sono. Não devia ter bebido tanto quanto os outros, mas talvez fosse fraco para bebida.

— E aí? — perguntou Kendi, curioso, quando me viu.

— Taj disse que dará sua resposta daqui uma semana — contei — ele vai se encontrar comigo no castelo.

— Ótimo! — disse Kendi.

— Vossa Majestade — Haji disse — acho melhor irmos. Vossa Majestade tem uma reunião amanhã de manhã, bem cedo...

— Aquela maldita reunião! — berrou a rainha — sim, você tem razão. É melhor irmos embora.

Nós todos nos despedimos.

— Para onde você vai agora? — perguntei para Kaikura.

— De volta para minha cidade — ele disse — não fica muito longe daqui, embora eu não goste muito de viajar à noite.

— Fique no castelo essa noite — convidei.

— Mesmo? — perguntou Kaikura.

— É claro — falei.

Nós três subimos na carruagem. Haji nos levou de volta para o castelo. Conversamos no caminho. Conteí algumas coisas que Chiamaka e Taj me disseram, mas não tudo.

— Espero que ele aceite te treinar — disse Kaikura — seria o máximo.

Chegamos no castelo. Kaikura ficou impressionado. Ele nunca tinha se envolvido com a vida da nobreza. Muito menos da realeza.

Assim que entrou, ele se impressionou com o teto alto. E fez comentários sobre quase toda decoração. Sinceramente, ele percebeu coisas que eu nunca tinha reparado antes.

— Quantas escadas! — ele disse — você não se cansa de subir tantos andares?

— A gente também subia no mosteiro — falei.

— Mas aqui é maior.

Quando chegou no meu quarto, o queixo dele caiu.

— Seu quarto é maior que minha casa — ele disse — e na minha casa moram mais quatro pessoas além de mim.

Ele se interessou pelos meus livros. Deu uma olhada.

— Só tem coisa velha! Você leu tudo isso?

— Quase todos — respondi.

Era divertido ouvir os comentários dele. E ele fez o mesmo comentário de Feechi sobre o colchão.

— Agora entendi porque você reclamava das camas do mosteiro — ele falou — parece que estou sentado em nuvens!

— Que exagero — eu ri.

Quando descemos para jantar, ele também não parou de elogiar a comida.

Infelizmente, Haji não jantou conosco. A rainha não permitiu, pois ela considerava Haji apenas um empregado.

Bem, ele era nosso funcionário, mas eu gostaria de tê-lo conosco na mesa.

— Nem pensar — disse Feechi — seu amigo tudo bem, porque ele só vai ficar essa noite. Mas se favorecermos Haji, os outros empregados do castelo podem reclamar.

Senti um pouco de raiva. Feechi só era a rainha porque eu permitia. Então por que ela precisava impor as regras?

Se eu quisesse, poderia derrubá-la do trono. E Haji iria comer conosco à mesa.

Mas é claro que eu não ia me tornar rei só para comer junto com Haji. Aquilo era bobagem. Eu poderia chamá-lo para lancharmos juntos a qualquer momento. Aquela mesa real não significava nada para mim. Inclusive, sempre preferi comer sozinho no meu quarto.

Quando eu e Kaikura voltamos para o meu quarto, perguntei se ele queria dormir ali ou em outro quarto. Havia vários outros quartos vagos no castelo. Por outro lado, a minha cama era enorme. Maior que uma cama de casal comum. Não vi motivos para ele ir até outro aposento, se ali havia espaço suficiente e ainda poderíamos bater papo até cairmos no sono, como fazíamos às vezes no mosteiro.

Kaikura concordou em ficar. Por isso, ainda conversamos um pouco antes de dormir.

— Sua prima é... peculiar — ele comentou.

— Ela não é a melhor pessoa do mundo, mas poderia ser pior — falei — ela sabe que eu poderia tirar o trono dela a qualquer momento, então ela não passa do ponto.

— Não quer mesmo ser rei?

— Não — falei — quero me focar no meu treinamento agora. É claro que eu não vou ter tempo pra isso se eu for rei.

— Isso é verdade. Aliás, você não contou muito sobre sua conversa com Chiamaka. Como foi?

— Ela não se lembrava de mim — eu disse — e não pareceu dar a mínima.

— Que pena — disse Kaikura — eu lembro que você gostava dela. Você queria comer ela, né?

— Eu nunca disse isso! — defendi-me — eu me sentia grato porque ela me salvou.

— Então por que você nunca tirou esse colar? Ainda está com ele.

— Eu me sinto seguro com ele — expliquei — foi um presente de um membro da DAL.

— Então se Taj te der um colar você também vai usar?

— Ele não vai me dar um colar! — protestei — eu queria que Chiamaka me treinasse. Só pedi para Taj porque ele também é um Deus Maldito.

— Ele é? — perguntou Kaikura impressionado — eu nunca imaginaria isso. De qualquer forma, é uma grande honra ser treinado por Taj. Se ele aceitar, não jogue essa oportunidade fora.

— Sei disso.

Era uma honra ser treinado por qualquer membro da DAL.

No dia seguinte, após um café da manhã elaborado, Kaikura foi embora. Eu ainda perguntei se ele precisava mesmo ir.

— Sim — ele disse — tenho meu próprio caminho.

— Você nunca me disse o que vai fazer a partir de agora — falei.

— Eu mesmo não tenho certeza. Mas eu passei tempo demais naquele mosteiro. Primeiro eu quero curtir um pouco o mundo aqui fora. Depois vamos ver.

Eu o entendia.

Uma semana depois, recebi a visita de Taj.

A rainha o recebeu com tanta pompa como se ele fosse um rei de outro reino. Mas na verdade, até onde eu sabia, Taj nem mesmo era um nobre.

Se bem que... ele era um Deus Maldito. Aquele era um destino mais comum entre nobres. Eu me perguntava o que tinha acontecido no caso dele.

Fui conversar com Taj num dos salões do castelo. Serviram chá para nós e depois nos deixaram a sós.

Taj parecia bem tranquilo, tomando seu chá. Ele se sentou num sofá e eu em outro em frente a ele.

— Você não pensa em treinar aqui, certo? — ele me perguntou.

— Claro que não — falei.

— Ah, bom. O objetivo do seu treinamento é que adquira independência. Seria inútil com esse monte de confortos e empregados.

— Eu não faço questão de ter confortos além do mínimo que eu preciso para não ficar ainda mais doente — informei.

— É verdade, sua doença — disse Taj — não queremos que você morra.

— Não queremos — concordei.

Taj repousou sua xícara na mesinha.

— Posso te treinar — ele disse — mas não prometo que será por muito tempo.

— Muito obrigado — falei — apenas... tire essa doença de mim.

— Não prometo nada — falou Taj — farei o que está ao meu alcance. Se sua situação for além de minhas forças, teremos que conseguir outra pessoa.

— Não desista antes mesmo de tentar — falei.

— Não quero que você tenha expectativas irreais — disse Taj — mesmo sem ir muito a fundo, vendo daqui já posso sentir que sua situação não é fácil.

— O que me difere dos outros Deuses Malditos?

— Difícil dizer — disse Taj — quem matou o Deus?

— Minha mãe — respondi — mas não conheço as circunstâncias.

— Também foi minha mãe quem matou o meu — disse Taj — ela roubou o poder de um nobre. Nós éramos de classe baixa. Então ela queria que eu tivesse alguma chance na vida.

— E você teve.

— Foi difícil conviver com essa doença por 19 anos — disse Taj — eu me compadeço de seu sofrimento.

— Você não pode fazer nada mesmo? — perguntei — você é o Top 3 da DAL! Isso deve servir para alguma coisa. Você é muito forte. Não há uma forma de ameaçar o Deus em mim e forçá-lo a parar?

— Posso tentar me comunicar com ele — disse Taj — mas não garanto que vá funcionar.

— Cara, apenas faça qualquer coisa — eu disse — é melhor do que nada.

— Não é bem assim. E se eu fizer algo que o enfureça e ele te matar no ato?

Eu não tinha pensado nisso.

— Se ele quisesse me matar, já teria feito há muito tempo — concluí.

— Vamos ver quem ele é — disse Taj — segure minha mão.

Eu obedeci. Taj fechou os olhos. Após meio minuto, ele os abriu.

— Ainda está fraco. Isso não basta. Precisamos do seu sangue.

— Quanto sangue? — perguntei, preocupado.

— Um corte leve na sua palma deve bastar.

Tirei uma faca do bolso. Uma das facas que Feechi me deu.

Tentei cortar minha própria palma. Porém, não tive coragem.

— Me desculpe — falei — eu nunca fiz isso antes.

— Posso? — pediu Taj.
Eu assenti. Dei a faca para ele.
O corte doeu mais do que eu esperava. E saiu mais sangue do que imaginei que sairia.
Taj segurou minha mão ensanguentada.
— Agora sim — disse Taj.
— E se os caçadores de Deuses captarem meu sangue? — perguntei, preocupado — e se eles vierem para cá?
— Eu os mato — respondeu Taj, naturalmente.
É claro. O Número 3 da DAL estava lá. Por que eu estava preocupado?
Quando Taj fechou os olhos, resolvi fechar também. Respirei fundo.
Eu mesmo não estava captando nada. Será que estava mesmo funcionando?
Taj ainda ficou assim por mais de cinco minutos. Talvez dez.
Por fim, abriu os olhos.
— Tenho más notícias — disse Taj.
— Droga — falei — diga logo.
— Na verdade, também tenho boas notícias. Qual você quer ouvir primeiro?
— Corta essa — falei — e diga-me logo as coisas ruins.
— Na verdade, faz mais sentido eu começar contando a parte boa.
— Não interessa! — exclamei — fale de uma vez!
— Esse Deus que está dentro de você era membro da DAL. Fiquei sem fala.
— Isso é bom ou ruim? — perguntei.
— Depende — disse Taj — ter um Deus que foi membro da DAL dentro de você significa que você tem o potencial para se tornar muito forte. Então isso é bom. Mas...
— Mas...?
— Será mais difícil controlá-lo — explicou Taj — talvez até eu tenha dificuldade de domá-lo.
— Como minha mãe conseguiu matar um Deus tão forte? — perguntei.

— Talvez ela fosse uma maga muito poderosa. Ela era caçadora de Deuses?

Eu nunca tinha pensado em algo tão óbvio.

— Eu nunca soube se ela fazia parte de uma Ordem oficial de caçadores — respondi — mas sei que ela já assistiu pelo menos um Torneio dos Deuses.

— Então talvez ela tenha conhecido esse Deus lá — sugeriu Taj.

— Também pensei nisso.

— Desculpe perguntar, mas você é adotado? — perguntou Taj.

— Como assim? — perguntei — sou obviamente o filho biológico da minha mãe, se sou um Deus.

— Mas e seu pai? — perguntou Taj.

— Ele me disse que sou seu filho biológico.

— Sinto muito — disse Taj — o rei mentiu para você. O seu pai biológico é esse Deus da DAL.

Dessa vez fiquei em choque.

— E o meu pai sabia disso? — perguntei — e escondeu de mim?

— Não sei — falou Taj — eu apenas relatei o que vi. Há limitações no que consigo ver.

— Então eu não tenho apenas esse Deus na minha alma — falei — mas também em minha carne.

— Acho que podemos colocar as coisas dessa forma — falou Taj — essa deve ser a razão de ele ter mais poder sobre você.

Aquilo fazia sentido. A minha carne também era a dele. Eu era seu filho. Era como se ele continuasse a viver em mim, literalmente. De corpo e alma.

— Por que minha mãe o matou? — perguntei — ele a traiu? Ela traiu o rei com esse cara? Estou confuso.

— Não sei como te dizer isso — falou Taj — mas o seu nascimento foi fruto de violência. Ela o matou para se vingar. E roubou o poder dele.

— Não — falei, de imediato — isso não pode ser. Não acredito.

— Por que não acredita?

— Porque não faz sentido! — falei — por que esse Deus faria isso? Se ele era tão poderoso, não podia ter a mulher que quisesse? Ele não seria tão... estúpido.

— As pessoas fazem coisas estúpidas o tempo todo — disse Taj — por nenhuma razão especial. Talvez ele estivesse bêbado. Talvez estivesse furioso. Talvez... ele fosse realmente um imbecil. Há muitas possibilidades.

— Você está tentando justificar? — perguntei, com irritação — está tentando defender o Deus?

— Eu jamais faria isso — defendeu-se Taj — só estou dizendo que não é absurdo. Foi o que eu vi. Eu senti a energia claramente. É esse tipo de energia que você tem. Todo o seu ser grita violência: a sua alma e a sua carne. Nada em sua existência foi consensual. Foi tudo roubado.

Eu não gostei de ouvir aquilo. Eu me senti mal.

— Como minha mãe não conseguiu se defender desse Deus se teve o poder de matá-lo depois? — perguntei.

— Talvez ela tenha conseguido ajuda para o assassinato — sugeriu Taj — mas não acho que tenha sido o caso. Eu sinto que ela o matou sozinho. Que ela tinha o poder.

Eu não aceitava essas informações incompletas. Eu precisava saber mais.

— Talvez sua mãe e o Deus fossem namorados — sugeriu Taj — e depois romperam. E ele não gostou. Algo assim?

— Minha mãe jamais trairia meu pai, o rei — falei, com irritação — esse... Deus pode até ser meu pai de sangue. Mas meu pai real, que me criou, foi o rei!

O rei disse que nunca havia me amado. Seria por esse motivo? Ele estava com raiva daquele Deus? Daquele cara? Pelo que ele tinha feito. Mas o rei sabia disso?

— Droga! — gritei — maldição!

Coloquei a cabeça entre as mãos.

— Por favor, saia — falei — preciso ficar um pouco sozinho.

Taj levantou-se.

— Eu compreendo — ele disse — procure-me quando estiver preparado. Saberá onde me encontrar.

Eu sabia onde ficava a sede da DAL. Mas eu não estava muito preocupado com aquilo naquele momento.

Quando Taj saiu do salão, eu vomitei.

Eu sentia uma grande dor. Eu não queria ficar acordado. Queria tomar uns remédios para dormir, ou qualquer coisa que me apagassem e fizessem esquecer.

Cravei as unhas no meu braço. Eu sentia imenso ódio da minha carne.

Pela primeira vez na vida, pensei seriamente em tirar minha própria vida.

Qual era o sentido de continuar vivendo? Bem, a minha mãe vivia na minha carne. Mas também aquele cara.

Mesmo assim, eu odiei a mim mesmo. Odiei minha existência.

Um dia eu desejei que eu pudesse exorcizar aquele Deus de dentro de mim e mandá-lo para longe. Mas de que adiantava, se ele vivia na minha carne também?

A vida que eu acreditei ter era uma mentira.

Segurei a minha faca. Antes eu não tinha nem mesmo coragem de fazer um pequeno corte na minha palma. Mas naquele momento eu acreditei que seria capaz de esfaquear meu próprio coração ou meu pescoço, tamanho ódio eu sentia.

Tive medo. Larguei a faca no chão e chorei.

— Haji... Haji...

Foi tudo o que eu consegui pronunciar em meio às lágrimas.

Cambaleei para fora do salão. Era até mesmo difícil caminhar.

— Chamem Haji imediatamente! — berrei.

Eu raramente berrava com os funcionários do castelo. Eu não gostava daquelas coisas. Mas eu estava desesperado.

Eles perceberam que era sério. Em circunstâncias normais, eu teria procurado Haji. Mas eu não era capaz nem de dar dois passos.

Em poucos minutos, Haji chegou no salão e viu meu estado.

— O que aconteceu? — ele perguntou, preocupado — está se sentindo mal?

Ele viu o vômito e o sangue na minha mão.

— Haji — falei — me abrace.

Ele fez isso. Eu me senti muito melhor com esse simples gesto.

Eu confiava em Haji. Mais do que em qualquer pessoa no mundo.

A vontade de morrer foi embora. Pelo menos por enquanto.

— Sir Taj acabou de deixar o castelo — Haji me informou — o que houve?

— Eu o mandei embora — falei — ele viu dentro de mim. Descobriu quem é meu Deus.

Contei tudo para Haji. Tudo o que Taj me contou.

— Meu Deus! — Haji ficou aterrorizado — eu não sabia de nada disso!

— Pense, Haji — eu insisti — você já levou minha mãe num Torneio de Deuses. Lembra de tê-la visto com alguém?

— Agora que você falou, lembro sim — disse Haji — ela conhecia um Deus lá. Eles eram amigos, mas só isso. Não tinham outro relacionamento. Até onde eu sei. Eu era apenas o cocheiro. Não me metia nessas coisas.

— Mas minha mãe era fiel ao meu pai — falei, para me certificar.

— É claro — disse Haji.

— Não está dizendo isso só para que eu me sinta bem? — perguntei — por favor, diga a verdade.

— Essa é a verdade, até onde eu sabia.

Eu estava furioso.

— Eu pensei em tirar minha vida, Haji — falei — agora mesmo. Eu peguei aquela faca. E pensei em...

Haji segurou com força minhas duas mãos.

— Vossa Alteza — ele disse — sei que não gosta que eu te chame assim, mas agora é necessário. Eu sempre servi essa família. Eu desejo protegê-los de todo mal. Até do mal que o senhor possa infligir em si mesmo. Portanto, se pensa em ferir a si mesmo, irei segurar as suas mãos. E só irei devolvê-las ao senhor quando estiver seguro.

Inexplicavelmente, eu ri.

A situação era muito tensa e a última coisa que eu pensava era em rir. Mas as palavras de Haji foram tão afetuosas e sinceras que eu não pude evitar.

— Obrigado, Haji — falei — já me sinto melhor. Não se preocupe. Essa vontade já passou. Por isso mesmo eu te procurei. Porque sabia que você seria capaz de tirar essa ideia da minha cabeça.

— Nada disso é culpa sua — reforçou Haji — não se esqueça disso. Você é inocente. E sua mãe... bem, agora entendo melhor o motivo de ela ter feito o que fez. Ela quis se vingar. Vingança nunca é bom, mas não posso julgar como ela se sentiu. Talvez esse Deus tenha mesmo merecido.

— Ele mereceu — falei — mas acho que minha mãe não pensou bem quando roubou o poder dele e o colocou em mim. Não passou pela cabeça dela que eu poderia não gostar disso? De ter em mim a alma desse cara que... meu Deus! Eu não consigo nem pensar.

— Não pense mais — disse Haji — esqueça isso. Não faz mais diferença.

— É claro que faz! — exclamei.

— Meu pai fez a mesma coisa — contou Haji.

— Espere — falei — o quê?

— Isso é comum entre as classes pobres — explicou Haji — minha mãe foi renegada pela família dela depois que aconteceu. E os dois tiveram que se casar.

— Obrigaram sua mãe a se casar com esse desgraçado?! — perguntei, escandalizado.

— Você não faz a menor ideia das coisas que acontecem nas classes baixas — disse Haji — isso é rotina. Essas histórias

acontecem o tempo todo. Minha mãe era muito nova e teve que se casar contra a vontade. Somente porque teve um filho contra a vontade. Depois meu pai foi para a guerra. Ela deu graças a Deus por se livrar dele. Ela não chorou quando meu pai morreu. Mas chorou quando meus irmãos morreram.

— Que história triste, Haji — falei — a história da sua vida é muito mais trágica do que a minha. Perto disso, até que eu não sofri tanto.

— No começo, eu odiava meu pai — falou Haji — mas depois... não. É difícil explicar.

— Eu sei — falei — não precisa explicar.

— Apesar de tudo, ele trabalhava duro para trazer comida para a família — ele disse — dividia o pouco pão que tinha com todos os filhos. Eu tentava odiá-lo. Mas eu via como ele nos arranjava pão com tanto esforço...

— Por favor, pare — pedi — eu não quero mais escutar.

Haji parou de falar.

— Está bem, Haji, você já me ajudou — falei — e eu agradeço muito. Mas agora eu queria ficar um pouco sozinho. Pode levar minha faca, se quiser. E essas outras duas.

Tirei minhas outras facas e dei para ele.

— Se precisar de mim... — avisou Haji.

— Eu sei — falei — irei chamá-lo.

— Sinto muito se eu disse algo que o chateou — falou Haji.

— Não foi isso. Eu só quero descansar um pouco.

Quando Haji saiu, fui para meu quarto e deitei na cama. Aquela minha cama macia, que parecia como se eu deitasse sobre nuvens, como disse Kaikura.

Senti algumas lágrimas no meu rosto, que caíram sozinhas.

Aquilo ia passar. Eu ia me recuperar. Eu só estava um pouco chocada porque tinha acabado de saber.

Mas depois eu seguiria em frente. Eu não precisava ficar me martirizando pelos erros de outras pessoas.

Infelizmente, aquilo me afetava. Mas eu não podia permitir que me afetasse além do necessário.

Mas aquele foi um golpe forte. Levei mais de um mês para me recuperar. Somente depois disso que fui procurar Taj novamente, na sede da DAL.

A sede ficava numa cidade chamada Delírio Suave. Era um nome meio tolo para uma cidade, mas também divertido.

Haji me levou até lá. Não ficava tão longe assim de Maior Sonho. Em algumas horas chegaríamos.

Fomos conversando no caminho.

— Espero que Taj não tenha mudado de ideia e ainda aceite me treinar — falei — ele não tem nada a ver com meus dilemas.

Eu tinha arriscado muito dizendo para que ele fosse embora. Eu precisava de um tempo, mas o mundo ao meu redor nem sempre tinha tempo.

Apesar de eu sempre ter reclamado por ser príncipe, é verdade que eu me acostumei com as pessoas ao meu redor fazendo todas as minhas vontades.

Pela primeira vez na vida, as coisas não seriam como eu queria. Até no mosteiro eu notava que alguns me tratavam de forma meio diferente, porque sabiam que eu era da nobreza. Mas isso não ocorria na DAL.

Na DAL estavam os Deuses mais fortes e eles não se submetiam nem mesmo às vontades da realeza. Era melhor eu me acostumar com isso. Meu título não iria me beneficiar mais.

Chegamos em Delírio Suave. Era uma cidade tão bela que meu coração se abrandou.

— Os mercados! — eu apontei — Haji, pare ali!

Ele obedeceu. Nós descemos na frente de um dos mercados de rua.

— Isso está cheirando muito bem — falei — o que é isso?

— Pão de levedura recheado com carne de ovelha e condimentos — explicou Haji — eu comia isso bastante na infância.

— Então vamos comprar dois — decidi — um para mim e um para você.

Nós não tínhamos parado para almoçar. Já era de tarde e só tínhamos tomado café da manhã bem cedo. Eu estava morrendo de fome e não resisti ao cheiro maravilhoso.

Nós compramos os dois pães no mercado de rua e nos sentamos num banco para comer lá fora.

O ar da cidade era agradável. Eu via que as pessoas olhavam para nós: dois homens arrumados, provavelmente da nobreza, comendo num mercadinho comum de rua. Aquilo chamava a atenção.

Mas eu não dei a mínima. Apreciei meu pão.

— Será que o Deus que minha matou era príncipe? — perguntei para Haji.

— Por quê?

— Ele devia ser pelo menos da alta nobreza — falei — porque eu nasci com a pele bem escura.

Quando terminamos de comer, eu voltei para dentro da carruagem.

— Não quero ir para a sede da DAL agora — falei — estou cheio. Quero esperar alguns minutos. Entra aqui.

— Não posso entrar na carruagem.

— Deixa de frescura e vem aqui — mandei.

Haji entrou. Ele se sentou no assento estofado diante de mim.

— Essa é a primeira vez que eu entro numa carruagem — confessou Haji.

— Como assim? — eu ri — há quantos anos que você é o cocheiro da realeza?

— Há mais de trinta anos — respondeu Haji.

— E em todo esse tempo você nunca tinha entrado numa carruagem, nem uma única vez?

— Eu sempre me sento no banco lá fora, para conduzir os cavalos.

— Um dia eu quero aprender a conduzir os cavalos — falei — quando você me ensinar, um dia você vai andar aqui dentro e eu vou ficar lá fora.

— Nem pensar! — disse Haji.

Eu ri.

Alguns minutos depois, seguimos viagem. Haji me levou até a sede da DAL.

A sede ficava quase fora da cidade, num local meio remoto. Tratava-se de uma torre alta. Olhei para cima.

— É elegante — eu disse — se um dia, daqui dez ou vinte anos eu for capaz de entrar para a DAL, aqui será o meu lar.

— Também fiquei surpreso com a beleza dessa cidade — disse Haji — e que vista! Deve ser ainda mais magnífica lá de cima.

Eu apostava que sim.

Batemos na porta e aguardamos. Quem atendeu foi um guarda usando uma armadura e uma lança. Imaginei que ele não fosse fraco e soubesse magia, para guardar um lugar tão importante. Mas ele não parecia ser Deus.

— Identifiquem-se — mandou o guarda.

— Príncipe Dakarai, de Maior Sonho — eu disse — e meu cocheiro Haji.

— O que você quer? — perguntou o guarda.

Eu me senti um pouco ofendido. Isso lá era jeito de falar com um príncipe?

Bem, se eu queria ser tratado como os outros, ali estava.

— Taj me disse para vir até aqui falar com ele — expliquei.

— Sir Taj — corrigiu o guarda — irei verificar. Espere aqui fora.

E o cara fechou a porta na minha cara.

— Isso não foi muito educado — Haji comentou.

— Não mesmo — concordei — agora começou a ventar um pouco e está meio frio. Ele devia ter pelo menos nos convidado para entrar.

— E se fôssemos caçadores de Deuses?

— Nesse caso, acho que até aquele guarda ia dar conta de nós — falei — ele parecia forte.

O guarda não demorou muito para voltar. Ela abriu a porta.

— Entrem — ele disse.

Quando eu e Haji entramos, ele fechou a porta. Nós subimos longas escadas em espiral.

Finalmente chegamos até uma porta de madeira com um ferrolho. O guarda nos mandou entrar, mas ficou de guarda na porta. Achei incômodo.

Taj estava sozinho lá, sentado numa mesa e escrevendo em alguns papéis. Ele repousou pena e tinta na mesa.

— Bem-vindos — ele disse — achei que não viria mais. Por favor, sentem-se.

Eu e Haji nos sentamos em duas cadeiras. Aquele era um quarto pequeno e simples. Havia uma cama num dos cantos. Taj estava vestido de forma bastante à vontade, com uma calça larga preta e uma camisa branca.

— Esse é Haji, meu cocheiro — eu o apresentei.

— Não se importa se ele escutar nossa conversa? — perguntou Taj.

— De forma alguma — falei.

— Você é quem sabe — disse Taj — para mim tanto faz. De qualquer forma, não teremos muito que conversar.

— Por que não? — perguntei.

— Sinto muito, mas estou ocupado — disse Taj — muitas coisas surgiram nesses últimos dias.

— Ou seja...? — falei.

— Não vou mais poder te treinar — falou Taj — lamento. Sei que eu prometi, mas a situação de um mês atrás era diferente.

Eu havia desperdiçado uma chance de ouro. Senti-me meio idiota.

— Mas eu disse que não ia te deixar na mão — prosseguiu Taj — vou te indicar uma pessoa.

— Outro membro da DAL? — perguntei, esperançoso.

— Não — disse Taj — ele nem mesmo é Deus. Mas é um mago muito forte.

— De que adianta? — perguntei, desapontado — eu preciso de um Deus Maldito para me treinar.

— Você ficaria surpreso se descobrisse o grande número de magos fortes que existem que não são Deuses — falou Taj — deixe seu preconceito de lado e ao menos fale com ele. Você saberá quando o conhecer.

Fiquei triste, mas o que eu podia fazer?

Ele escreveu em um pedaço de papel o endereço do mago. Eu aceitei e saí de lá cabisbaixo.

— Talvez ele seja mesmo forte — Haji tentou me animar — o importante é que você consiga um mestre.

Quando eu e Haji descíamos as escadas, esbarrei numa pessoa. Era Sabra.

Para minha surpresa, ela me reconheceu.

— O que faz aqui, príncipe? — ela perguntou.

Certamente ela estava zombando de mim.

— Vim falar com Taj — informei.

— Eu também estou indo visitá-lo — ela falou — mas não exatamente para conversar. Vamos partir para a ação, pois é isso que magos fazem.

— É, certo — falei, sem interesse.

Ela reparou na minha expressão.

— Você parece chateado — observou Sabra — Taj não quis te treinar, certo?

— Não.

— Você é um Deus Maldito, como ele? — perguntou Sabra, interessada — por isso que estão conversando?

Eu não sabia se devia responder isso.

— É por isso — respondi.

— Você parece bem novo — falou Sabra — ainda está experimentando sintomas de sua doença?

— Sim — respondi — os sintomas apenas pioram.

— Eu sei como resolver o seu problema — falou Sabra.

Eu duvidei que fosse verdade.

— Como? — perguntei, sem muito interesse.

— Eu curei os sintomas de Taj — falou Sabra — depois que fizemos sexo.

Eu ri.

— Eu não estou no humor para brincadeiras — falei.
— É sério! — insistiu Sabra — quanto mais você se conecta a outro Deus, maior é sua possibilidade de cura. Há outras formas de conexão. Também pode ser pelo sangue. Mas não é muito saudável ficar derramando sangue toda hora. Pelo sexo é mais fácil.

Não dei ouvidos a ela.

— Preciso ir — falei.

— Adeus, Vossa Alteza — ela sorriu.

E foi embora.

Quando eu e Haji saímos da torre e eu voltei para a carruagem, abri a cortina que nos separava.

— Lembrei de uma coisa — eu disse para Haji — Machelle já me disse algo parecido.

— Quem é Machelle? — perguntou Haji, curioso.

— Uma Deusa que conheci no mosteiro — expliquei — eu não te contei, mas eu... fiquei com ela.

— Ficou com ela? — perguntou Haji, sem entender.

— Nós nos beijamos — expliquei — mas isso foi tudo. Ela me disse que fazer sexo podia ser uma forma de um Deus Maldito diminuir os sintomas de sua doença. Eu não dei bola na época. Mas agora que Sabra disse a mesma coisa fiquei intrigado.

— Eu nunca ouvi nada sobre isso — falou Haji — se bem que não costumo ouvir muita coisa sobre Deuses com sua maldição.

— Faz um pouco de sentido — admiti — mas só deve fazer efeito se um Deus fizer sexo com outro Deus. Se for com uma pessoa comum, a pessoa pode até usar a situação para roubar sua energia. Roubar sangue, fluidos. Não parece seguro. Teria que ser feito com alguém confiável.

Pensei por um momento.

— Você já foi casado, não é mesmo, Haji? — perguntei.

— Sim, por alguns anos — respondeu Haji.

— É legal fazer sexo? — perguntei.

Haji riu.

— Sim, podemos dizer que é legal — respondeu Haji.

E se fazer aquilo realmente aliviasse meus sintomas?

Valia a pena tentar. Mas eu não queria fazer com qualquer um. Eu já tinha vivido com aquela doença e aguentado até aquele dia. Não estava tão desesperado assim para dar fim à minha doença.

Eu queria escolher alguém em quem eu confiasse.

Mesmo que Sabra aceitasse fazer aquilo por mim, por exemplo, eu não queria com ela, por um motivo muito simples. Eu mal a conhecia. E eu não me sentiria à vontade. Ela parecia do tipo que riria da minha inexperiência. E eu não queria alguém assim para a primeira vez.

Eu não queria fazer com ela apenas para me gabar de que “fiz sexo com a Top 1 da DAL”. Eu considerava algo assim bastante inútil.

E Chiamaka? É claro que ela não queria nada comigo. E eu tinha um pouco de medo dela.

Apenas uma pessoa surgia em minha mente: a própria Mabelle.

Foi com ela que tive meu primeiro beijo. E foi bom. Eu confiava nela o bastante para ir adiante.

Eu não conseguia pensar em ninguém mais além dela. Ela era Deusa. E uma Deusa poderosa. Era perfeito.

— Haji.

— Sim?

— Para onde você está indo?

— Para o endereço do mago que Sir Taj forneceu — respondeu Haji.

— Vamos mudar a rota — decidi — preciso encontrar Mabelle.

— E você tem alguma ideia de onde ela está?

Botei o cérebro para funcionar. De que cidade ela era?

De uma cidade pequena e religiosa. Acho que ela tinha me dito o nome um dia.

— Sinos... — pronunciei — Haji, você conhece alguma cidade que comece com “Sinos”?

— Sinos da Manhã? — perguntou Haji.

— Isso! — exclamei, contente — vamos para lá.

E lá fomos nós.

Mais algumas horas de viagem. Só chegamos à noite.

Era uma cidade realmente minúscula, mas aconchegante. Cheia de animais, como imaginei: cavalos, galinhas, vacas... que divertido!

O sol já tinha ido embora. Batemos numa das casas e perguntamos por Machelle. Não fiquei surpreso quando descobri que a senhora que atendeu a conhecia.

— Ela mora naquela casa ali — ela apontou.

Eu e Haji fomos até lá. Bati na porta com o coração aos pulos.

A própria Machelle atendeu. Ela estava bem diferente.

Machelle usava um vestido simples, de garota do interior. Mas eu achei que ficava realmente lindo nela. Era um vestido verde, com babados e um laço. Ela parecia um pouco mais nova com ele.

Machelle era exatamente oito anos mais velha que eu. Então ela tinha trinta anos.

Ela usava duas tranças no cabelo. Ela me reconheceu de imediato. Ficou surpresa quando me viu.

— Daka! — ela exclamou.

E me abraçou. Como eu gostei daquele abraço!

Era só com ela que eu tinha tanta intimidade. Somente ela me chamava daquela forma.

— Gente, como você cresceu! — ela disse — da última vez que te vi você tinha... uns dezoito anos, não é?

— Sim, já faz quatro anos — falei — você não mudou nada. Continua linda.

— E você também está um gato — ela falou.

Enquanto conversávamos, Haji cuidava dos cavalos da carruagem, não muito longe de onde estávamos. Talvez ele estivesse ouvindo uma parte da conversa.

— Quem é aquele? — ela perguntou — seu cocheiro?

— Sim, é o Haji — falei.

— O cara que te salvou — ela disse.

— Fico feliz que se lembre — falei.
— Ele é bem gatinho também — ela brincou.
— Ele é — tive que concordar.
— Não concorde comigo! — ela riu — não querem entrar?
Eu tenho suco, bolo e muitas coisas boas!
— Eu aceito — falei — ei, Haji! Venha aqui.

Eu os apresentei. Foi bem divertido ver os dois conversando. Haji era um perfeito cavalheiro e Machelle era uma garota bem humorada, gentil e alegre. Ela agia de modo bastante informal e isso me deixava à vontade.

— Você senta aqui — ela apontou uma cadeira — e você aqui.

Ela fez isso para nos poupar o trabalho de escolher uma cadeira. Achei engraçado.

Ela não nos serviu somente bolo e suco, mas também leite, biscoitos e queijo. Ela literalmente encheu a mesa.

Além do café da manhã, a única coisa que tínhamos comido tinha sido aquele pão no mercado de Delírio Suave. Então eu gostei muito da generosidade dela. Experimentei tudo e ela ficou muito alegre de ver eu e Haji comendo com tanto gosto.

— Nunca bebi um leite tão bom — falei, surpreso.

— Eu tirei da Mimada poucos minutos antes de vocês chegarem — informou Machelle — é a minha vaquinha. O leite dela é tão bom porque eu a trato com muito amor. Vejam como ainda está quentinho!

Machelle informou que ela mesma preparou o bolo e os biscoitos. E que espremeu as laranjas para fazer o suco.

— Eu adoro cozinhar — disse Machelle — aquela comida do mosteiro não era boa. Por isso fiquei feliz de voltar para casa.

— Agora entendo porque você tinha tantas saudades daqui — falei.

Ela explicou que também tinha feito o queijo com o leite da vaca dela. Ela também tinha feito uma coalhada. Só de ela explicar tudo isso, deixava a comida com um gosto ainda melhor.

Alguns minutos depois, um homem de uns trinta e poucos anos entrou pela porta.

— Temos visitas? — ele perguntou.

— Sim! — exclamou Machel, com alegria.

Pensei que fosse o irmão de Machel. Mas quando os dois trocaram um beijo na boca eu entendi que não era o caso.

— Esse é Kellan — ela o apresentou — meu marido.

Kellan segurava um bebê nos braços. Machel o segurou contra o próprio peito.

— Essa é nossa primeira filha, Shani — disse Machel — em breve vai fazer um ano.

Fiquei muito feliz por ela. Machel tinha um sorriso radiante segurando aquele bebê.

Mas confesso que eu fiquei com muita inveja do marido.

Naquele momento, eu me arrependi por ser tão lento. Na época do mosteiro, em vez de apenas trocar uns beijos com Machel, eu poderia tê-la pedido em namoro. Podia ter aceitado fazer sexo. Podíamos ter feito uma jura de amor e combinado de nos reencontrarmos quando saíssemos de lá.

Mas eu não fiz nada disso. E nem ela.

Achei que Machel sempre estaria disponível quando eu quisesse trocar uns beijos com ela a qualquer hora. Mas não era bem assim.

Agora ela era casada e tinha uma filha. Eu a perdi. Eu me senti imensamente triste.

Nunca pensei em namorar e muito menos em me casar com Machel. Mas agora que eu a via casada e feliz, eu vi o que perdi.

Ainda bem que não contei a ela o motivo da minha visita. Agora eu já não tinha coragem. Muito menos com o marido presente.

Eu menti, dizendo que só estava de passagem e lembrei dela, então resolvi visitá-la. Ela acreditou.

Eles nos convidaram para dormir lá. Apesar dos choros do bebê durante a noite, eu dormi bem. Era uma cidade tranquila e eu ouvia o som de grilos à noite.

Eu e Haji fomos embora pela manhã.

— Sinto muito — Haji me disse.

Ele entendeu tudo.

— Eu devia ter me casado com ela — expressei para Haji em voz alta os meus pensamentos — perdi a minha chance. Sabe, Haji, só agora eu me dei conta que eu a amava.

Antes pensei que era só uma paixão boba de adolescentes. Mas aquilo não era verdade.

E eu sempre soube que Mabelle gostava de mim. Eu que fui idiota e não dei um passo adiante.

— Da próxima vez eu não serei tão lento — falei — quando eu encontrar uma mulher que eu goste e que também goste de mim, não vou hesitar. Senão vai aparecer outro cara.

— Calma — falou Haji — não se culpe. Você era muito novo. Ainda é.

Mas aquele argumento não me convenceu. Muita gente se casava bem nova, até mesmo na adolescência. Casamentos arranjados ainda na adolescência eram comuns entre nobres.

Para um príncipe, por exemplo, não ser casado aos 22 anos era um problema. Isso se eu quisesse me casar com uma princesa, é claro.

Mas eu não tinha planos de me casar com nenhuma princesa. Eu queria me relacionar com uma mulher aventureira, forte e corajosa, que soubesse mexer na terra, que tivesse jeito com animais.

— Vamos lá, Haji — falei, por fim — vamos para a cidade daquele mago forte. Depois eu decido essa outra questão.

Pelo jeito, eu não faria sexo tão cedo. Maldição!

Passamos quase o dia todo viajando. Era noite quando chegamos em Lírio e Rosas. Aquela cidade tinha nome de sociedade secreta.

Batemos na porta de uma das casas. Quem atendeu foi uma pessoa estranhamente familiar.

— Pois não?

Ele tinha uns trinta e poucos anos. Ele nos observou com curiosidade.

— Haji? — ele perguntou.
O mago reconheceu Haji, mas não me reconheceu.
— Ekon? — perguntei, sem acreditar.
— Vossa Alteza? — perguntou Ekon, confuso.
Eu o abracei. Ekon ficou surpreso com o abraço. Acho que eu nunca o tinha abraçado antes.
— Sou eu mesmo — confirmei — Dakarai.
— Uau! — Ekon sorriu — a que devo a honra da visita?
Lá estava meu professor de magia. Meu professor mais novo que me dava aulas no castelo e que foi expulso quando eu tinha apenas onze anos, após o incidente do beijo.
Ekon tinha beijado uma funcionária aleatória do castelo, só para que eu pudesse ver uma mulher ao vivo. Eu até já tinha esquecido que houve uma época que eu jamais havia visto mulheres. Aquela era uma memória tão distante que eu precisei desenterrar.
Antes que eu pudesse explicar, Ekon disse:
— Por favor, entrem. Fiquem à vontade.
Entrando lá, nós nos sentamos no sofá. Era uma casa simples, mas bem arrumada.
Olhei ao redor. Havia várias decorações mágicas e símbolos mágicos criativos e belíssimos. Devia ser divertido morar numa casa assim.
Nunca me preocupei muito em decorar o meu quarto de forma criativa. Era só um quarto grande e sem graça.
Ekon também se sentou.
— Sinto muito que você tenha sido expulso do castelo por minha causa — comecei assim — nem tive a chance de me desculpar.
— Não precisa se desculpar — Ekon me disse — não foi culpa sua. Eu fiz aquela brincadeira porque quis.
Haji tinha ouvido falar da brincadeira, mas não sabia os detalhes. Nós explicamos para ele.
— E graças a esse episódio, agora tenho uma adorável esposa — observou Ekon.
— Não me diga que...? — falei.

— Eu e Bolanle nos casamos — disse Ekon.

Fiquei fascinado. Era uma história de amor digna dos meus livros antigos!

— Bolanle! — Ekon chamou-a — pode vir aqui um pouco?

Ela foi até a sala. Eu ainda me lembrava da aparência dela. Como foi a primeira mulher que vi na vida, digamos que aquilo me marcou.

Ela ainda usava um rabo de cavalo, como naquela época. Mas agora não estava mais de uniforme, e sim com um vestido bonito, mas à vontade o suficiente para usar em casa.

Bolanle nos fitou com curiosidade.

— Esse é o príncipe de Maior Sonho — Ekon apresentou — Sua Alteza Dakarai. E Haji, seu cocheiro.

— Eu conheço Haji — disse Bolanle.

— Sim, ele é lendário — brincou Ekon.

Ela também ficou surpresa ao me ver.

— Pode se sentar conosco, se quiser — falei.

Bolanle aceitou e se sentou no sofá ao lado de Ekon.

— Estou feliz que você esteja vivo — falou Ekon — havia rumores de que tinha sido morto por caçadores de Deuses, como seu pai.

— Eu escapei — falei — a Dama Chiamaka, uma maga da DAL, me salvou.

— Chiamaka — Ekon pronunciou o nome — eu a conheço. Não fiquei surpreso com essa informação.

— Fui treinado no Mosteiro dos Deuses por nove anos — expliquei — e assisti ao Torneio dos Deuses desse ano.

— Nunca assisti a um desses torneios — falou Ekon — deve ser interessante.

— Foi horrível — falei — houve mortes e mutilações.

— Mesmo?

— Eu conversei com Chiamaka porque buscava um mestre de magia para me treinar — expliquei — mas ela me recomendou Taj, porque ele também é um Deus Maldito, como eu.

— Não sabia que Sir Taj era um Deus Maldito — falou Ekon.

— Mas ele não está com tempo para me treinar agora — expliquei — e me recomendou você.

Quando terminei minha explicação, Ekon me fitou.

— Mas você não sabia que era eu — Ekon concluiu — você ficou surpreso ao me ver.

— Mas agora estou feliz e aliviado — falei — pois sei que você é um mago forte e uma pessoa em quem se pode confiar. Você já era forte desde aquela época.

— Eu diria que melhorei bastante — falou Ekon — modéstia à parte, eu já venci vários torneios. Não torneios de Deuses, porque eles não deixam que humanos participem. Mas eu venci outros torneios famosos.

Ele mostrou as medalhas e certificados pelas paredes.

— Eu estava colecionando essas coisas para o meu currículo — explicou Ekon — porque eu queria uma vaga numa boa universidade.

— E conseguiu? — perguntei.

— Consegui — falou Ekon — na verdade, venci tantos torneios que as universidades estavam me disputando.

— Impressionante! — falei.

— Mas eu me entediei com a vida acadêmica — falou Ekon — eu lecionei por cinco anos. Não foi ruim. Eu aprendi muito e conheci pessoas admiráveis. Mas eu também conheci o lado podre da academia. Muitas disputas de egos, muitas briguinhas estúpidas por salários. Achei ridículo. Eu não queria isso para a minha vida. Então saí. Atualmente, eu sobrevivo apenas com os prêmios que recebo de torneios ou dando aulas particulares para filhos de nobres. Recebo vários trabalhos e não passo dificuldades. Nunca tive a ambição de ser rico, então eu sou feliz assim.

— Conseguiu quitar suas dívidas do seu curso de magia da universidade? — perguntei.

— Sim, consegui — falou Ekon — e com o dinheiro sobrando comprei essa casa.

— Que ótimo! — falei.

— Sempre tive o sonho de ensinar jovens magos — ele disse — por isso eu tive interesse na academia. Achei que era uma boa forma de realizar meu sonho e ao mesmo tempo receber um bom salário. Mas como recebo dinheiro o suficiente para viver, não me importo de dar apenas aulas particulares.

— Aqui está um jovem mago que precisa das suas lições — eu o informei — posso te pagar bem.

— Não preciso do seu dinheiro, Vossa Alteza — falou Ekon.

— Eu sei que você tem outros alunos além de mim — falei — mas sou eu que preciso de você agora, mais do que você precisa de mim. Queria saber se você poderia me fazer esse favor. Irei pagar a mesma quantia que você cobra de seus outros alunos.

Ekon fingiu pensar. Poucos segundos depois, ele disse:

— Está bem. Vou te treinar.

— Viva! — exclamei — ouviu isso, Haji? Eu finalmente encontrei um mestre!

— Que bom! — disse Haji — muito obrigado, senhor Ekon.

— Todos os meus outros alunos moram aqui nessa cidade — explicou Ekon — mas como você vem de longe, pode ficar morando aqui em casa enquanto durar seu treinamento. Tenho um quarto vago.

— Isso é muita generosidade sua — falei — irei pagar também pela estadia e pela comida.

— Não precisa, mas eu aceito — brincou Ekon.

— Então irei deixá-lo aqui — falou Haji — sei que está sob bons cuidados.

Haji pareceu aliviado. Nós sabíamos que se um caçador de Deuses surgisse Ekon seria capaz de me defender.

Haji foi embora um pouco depois. Ekon me mostrou o meu quarto. Era pequeno, mas achei que ia servir.

— Eu trouxe pouca coisa — falei.

— Se precisar de alguma coisa, me avise — disse Ekon — amanhã podemos ir juntos ao mercado e você poderá comprar qualquer coisa extra.

Aquilo era emocionante. Eu não via a hora de iniciar meu treinamento.

De manhã, após o café, Ekon me levou no mercado. Eu comprei o que precisava.

— Você cresceu — ele me observou — eu lembro de você com onze anos. E agora... que coisa, né?

Eu ri.

— Você não mudou muito — eu disse a ele.

— Reparou que estão te olhando? — perguntou Ekon.

— Ah, eu já estou acostumado — falei — é por causa da minha cor.

— Devem saber que você é da nobreza.

— Não ligo — falei.

Antigamente eu me incomodava com aqueles olhares. Acabei me acostumando a sair em público e aquilo já não me perturbava tanto.

Voltamos para a casa de Ekon. Ele sugeriu que conversássemos no pátio.

Lá havia uma boa vista. Sentamos na grama. Eu passei a mão na terra e na grama por um momento.

— Você vive numa boa cidade — falei — não é pequena demais e nem grande demais. É ideal. Maior Sonho é tão grande que às vezes me sinto meio perdido.

— Eu também me sentia assim lá — falou Ekon — por isso optei por Lírio e Rosas. Ouvi falar que havia vários magos aqui. Eu gostei e resolvi ficar. Não me arrependo. Aqui eu realmente me sinto em casa.

— Eu gosto de ver pessoas ao meu redor encontrando seu lugar no mundo — falei — eu ainda não encontrei o meu e fico angustiado. Mas tenho esperanças cada vez que vejo que é possível sim chegar a algum lugar. Não apenas vagar.

— Você é novo — falou Ekon — tenha paciência. Agora me conte o que aprendeu no mosteiro. Para eu saber de onde devo começar.

— Aprendi a meditar — falei — vários tipos de meditação. Também aprendi a sentir a energia das coisas e a controlar minha própria energia. Lembro que quando eu era criança você me ensinou a esconder minha energia de Deus. Foi muito útil.

— Eu não te ensinei meditação naquela época porque você era uma criança — explicou Ekon — embora algumas crianças se interessem por meditação, a maioria tem muita energia para gastar e não aguenta ficar sentada quieta por muito tempo.

— É, eu não teria aguentado naquela época — concordei — teria achado um saco. Até hoje, não sou tão fã assim de meditação. Mas concordo que às vezes é útil.

Tive uma crise de tosse. Uma tosse seca. Demorei para parar de tossir.

— Perdão — falei.

— Então você continua doente — falou Ekon — vamos ter que pegar leve no seu treinamento.

— Não pegue leve — eu disse — eu aguento. Quero ficar forte.

— Morrer seria contraprodutivo — observou Ekon — ficar forte não é algo que acontece da noite para o dia. Eu tive que sacrificar muitas coisas.

— Sempre pensei que assim que eu ficasse adulto eu me tornaria automaticamente forte, sem fazer nenhum esforço — falei — porque sou Deus. Mas isso não aconteceu.

— Mesmo os Deuses precisam se esforçar — disse Ekon — ser Deus já é uma boa ajuda para impulsionar seu poder, mas não é uma garantia. Há muitos magos comuns que são mais fortes que alguns Deuses. Mesmo Deuses adultos.

— Isso eu entendi — falei — então eu quero recuperar o tempo perdido. Alguns colegas meus no mosteiro se esforçavam nos treinos. Mas eu só ia para as aulas. No resto do tempo, ficava sentindo pena de mim mesmo. Eu me sentia fracassado por ser doente e por ser um Deus Maldito.

— Não sinta pena de si mesmo — disse Ekon — e faça o máximo possível, dentro de suas limitações.

Segurei um pouco de terra entre os dedos.

— Antes tudo o que eu queria era me tornar adulto — falei — e o tempo não passava nunca. Hoje em dia eu lamento que eu já tenha 22 anos e ainda seja tão fraco. Sinto que desperdicei meu tempo lá atrás.

— Vinte e dois anos não é nada — disse Ekon — eu sou seu professor agora, Dakarai. Vou fazer com que você aprenda tudo que não aprendeu em nove anos em apenas um.

— Mesmo? — perguntei, esperançoso.

— Se o seu corpo aguentar — falou Ekon — vamos começar com calma e conhecer seus limites. Mas você vai ter que se dedicar.

Ekon levantou-se.

— O que está fazendo? — perguntei — achei que eu ia meditar, ou sentir a energia de pedras. Ou...

— Você já fez tudo isso no mosteiro — falou Ekon — já conhece o básico. Você precisa ser treinado em magias de ataque. Magias que serão úteis no mundo real.

— Vou lutar contra você? — perguntei, surpreso.

— É claro — disse Ekon — está vendo outro adversário?

Ele puxou uma faca da bainha. Eu peguei também uma de minhas facas, com as mãos trêmulas.

— Pode vir — falou Ekon — não se preocupe. Você não vai me machucar. Pode atacar para valer.

Eu o ataquei com a faca. Ekon defendeu-se facilmente. Eu ataquei várias vezes, mas Ekon sempre se desviava.

Ekon fechou os olhos. E, para meu completo espanto, ele se defendia mesmo assim.

— Eu sinto sua energia — ele disse — não preciso olhar de onde vem o ataque, porque eu sinto. Um bom mago esconde sua energia. E principalmente suas intenções assassinas.

— Não estou com intenções assassinas — falei.

— Mas você não esconde o desejo de me atingir.

— Também não tenho esse desejo.

— Mas você tem alguma coisa que eu sinto — explicou Ekon — eu consigo captá-lo vindo. Em primeiro lugar, você é muito barulhento. Eu ouço o barulho do seu corpo, seus passos, o movimento do braço. E também sinto seu desejo de ser bem sucedido nesse exercício. Você precisa aprender a esconder tudo isso.

— Como?

— Em primeiro lugar, fique tranquilo — disse Ekon — sua vida é um presente de Deus. Só Deus dá a vida e só ele tira.

— Não sabia que você era religioso — observei.

— A fé é um aliado fortíssimo em batalha — falou Ekon — se você acredita em Deus e confia sua vida a ele, você perde o medo da morte e pode lutar sem preocupações.

Eu nunca tinha pensado dessa forma.

Haji era um pouco religioso, embora não fosse fanático. Seria por isso que ele era tão forte?

Não. Era mais que isso. Ele lutava por um ideal. Queria defender a família real. E por isso estava disposto a arriscar sua vida.

Ele não temia a morte. Por isso era tão forte.

— Não posso substituir a crença religiosa por outra coisa? — perguntei — o desejo de ser forte, ou o desejo de defender as pessoas que eu amo?

— Pode, mas nenhuma fé é tão forte quanto a fé religiosa — ensinou Ekon — por um motivo muito simples. Deus não muda. Mas as pessoas mudam. O desejo de ficar forte por si só não é uma motivação poderosa o bastante. Por que quer ficar forte? Isso que importa.

— Para salvar aqueles que amo — respondi.

— E se você não amá-los mais? — desafiou Ekon — Dakarai, as pessoas mudam. O amor muda. Mas Deus é o único que permanece imóvel. Por isso, o desejo de servir Deus sempre será a pedra forte sobre a qual você poderá se apoiar. Não existe motivação mais forte do que a de se martirizar pelo Deus supremo.

— Eu... não esperava que você me dissesse algo assim — falei — não lembro de você ser religioso quando eu era criança.

— Eu não era muito — confessou Ekon — naqueles tempos eu estava mais preocupado com minha carreira. Queria ser bem sucedido e ganhar dinheiro. Mas agora eu cresci e amadureci. Estou com 32 anos. Não sou velho, mas também já não sou tão jovem. Eu comecei a entender o poder da fé em Deus.

— Eu sou um Deus — falei.

— Não é dos Deuses de carne que estou falando — disse Ekon — mas do Deus supremo. Aquele que governa até os Deuses menores, como você.

— Então um Deus como eu pode servir a um Deus maior? — perguntei.

— O que você acha disso?

— Não sei. Nunca pensei seriamente sobre essa questão. Eu já ouvi falar na crença nesse Deus. Mas nunca entendi direito para que servia. Parecia-me apenas uma superstição para tolos e fracos.

— Ao contrário — disse Ekon — é uma crença para os fortes. Para aqueles fortes o bastante para desejar viver e morrer por algo.

— Não sei o que dizer — falei — para mim isso tudo não passa de palavras pomposas.

— Você já esteve perto da morte — disse Ekon — o que sentiu nesse momento?

— Medo — falei — um medo que superava qualquer coisa. Foi horrível.

— Você quer se sentir desse jeito de novo?

— É claro que não.

— Eu conheço o segredo para superar o medo da morte — disse Ekon — dê um significado para sua morte. Se você aceitar morrer por algo, pode até sentir medo nessas situações, mas não entrará em completo desespero a ponto de te paralisar.

Ekon me atacou com sua faca. Eu consegui me defender por pouco.

— Tente me sentir vindo — disse Ekon — feche os olhos.

— Não! — falei, com medo.

— Feche! — mandou Ekon.

Eu obedeci. Quando Ekon chegou, eu ouvi os sons e senti alguma energia, mas não fui capaz de me defender.

O sangue escorreu do corte do meu braço esquerdo. Mas não foi muito sangue.

Sempre tive medo que um caçador de Deuses me sentisse pelo sangue. Por isso, fiquei irritado.

— Não derrame meu sangue! — eu disse.

— Se um caçador vier — disse Ekon — eu o mato. Está bom assim?

Eu não respondi. Ekon me deu um pano para eu limpar minha ferida.

— Não fique com medo de se ferir — falou Ekon — você tem medo de morrer, de se machucar. Livre-se desses medos! Não vai conseguir lutar de verdade enquanto não superar isso.

— Eu tenho medo da dor — falei — é uma sensação desconfortável. Sempre ouvi falar que alguns Deuses são capturados e torturados. Sempre temi ser torturado...

— Não pense nisso! — exclamou Ekon, com rigor — isso só vai te tornar fraco! Aceite ser torturado. Aceite morrer! De todo coração. Se você não tiver motivos para aceitar isso, arranje um. Você acha que nasceu por alguma razão?

— Meu nascimento foi uma abominação — falei — eu não fui desejado. Meu pai foi morto. Eu sou um... monstro.

— Ótimo — disse Ekon — então ninguém sentirá falta de um monstro e você pode morrer tranquilo.

Maldito Ekon. Eu tinha lembranças de ele ser bonzinho. Mas ele estava mudado.

Ou será que ele pegou leve comigo no passado porque eu era uma criança?

Ekon não era Deus. Ele não entendia a dor de ser um Deus. Mas ele parecia ter sacrificado muita coisa para treinar e ficar tão poderoso. Eu precisava escutá-lo.

Ekon sorriu.

— Pode me ajudar a preparar o almoço? — ele perguntou — Bolanle não virá para o almoço hoje. Então seremos só nós dois.

Eu assenti.

Ekon ficou impressionado com minha habilidade de cortar vegetais.

— Eu treinei no mosteiro — expliquei.

— Imaginei que não tinha sido no castelo — falou Ekon.

Até que Ekon era bom de cozinhar. Nosso almoço ficou bem agradável.

Nós comemos tranquilamente. Quando terminamos e lavamos os pratos, Ekon disse:

— Vou te levar até o Templo.

— Que templo? — perguntei.

— Aqui na cidade temos o Templo do Fim — explicou Ekon — muitos vão lá para rezar para Deus. Acompanhe-me.

Eu aceitei.

O templo não ficava muito longe. Nós chegamos após dez minutos de caminhada.

Lá havia muitas pessoas sentadas, ajoelhadas ou até mesmo deitadas. Havia uma enorme estátua de um coração vermelho.

— O que é esse coração? — perguntei.

— É a vontade humana de dar a nossa vida por Deus — explicou Ekon — o ser humano só veio ao mundo por um único motivo: entregar sua vida em nome do Deus supremo.

— Que diferença isso faz para esse Deus, se ele é tão supremo? — perguntei — é melhor darmos nossa vida uns pelos outros.

— Você pode fazer isso — explicou Ekon — mas em nome de Deus. Porque Deus deve vir sempre em primeiro lugar.

— Como posso dar a vida por um Deus que não conheço? — perguntei.

— Porque Deus nos amou primeiro — explicou Ekon — desde o início do mundo. O amor de Deus é um amor perfeito e imortal, enquanto o amor humano é grande, mas conhece

limites. O amor do homem só será grande quando ele repousar todas as suas esperanças em Deus.

Ekon tocou sua testa no chão. Aquele mago poderoso estava se ajoelhando na frente daquele coração.

Eu já tinha visto muita gente fazendo reverência para mim. Porém, era uma reverência feita na maioria das vezes por costume ou em nome do dever. Poucos, como Haji, a faziam por amor.

Mas ali estavam reverências feitas de forma sincera. Era um amor que eu não conhecia.

— Experimente — Ekon me convidou.

Meu pai nunca me ensinou religião.

Ele tinha contratado os melhores professores de matemática, história, idiomas e até de magia. Mas nunca se preocupou em me levar para uma igreja ou templo.

Ali estava eu, experimentando a sensação de me ajoelhar.

Toquei a testa no chão para descobrir como eu me sentia. Quando fiz isso, a pedra vermelha do meu colar subiu até o meu rosto.

Foi então que eu reparei que a pedra do meu colar era exatamente igual àquela grande estátua de coração.

Será que Chiamaka era religiosa? Ela não tinha falado nada sobre isso em nossa breve conversa. E por que falaria? Ela não me considerava importante para que trocássemos uma conversa mais profunda.

Quando voltei a me sentar, Ekon perguntou:

— Como se sentiu?

— Eu não senti nada — respondi.

— Experimente meditar um pouco — sugeriu Ekon — não precisa ter nada em mente. Apenas relaxe. Esse é um lugar seguro.

Eu obedeci. Fechei os olhos e meditei.

Consegui me tranquilizar. Era bom estar lá. Eu gostava de pensar que, mesmo que eu mesmo não tivesse fé, podia ser que a fé de algumas daquelas pessoas ao meu redor me atingisse de alguma forma.

Foi uma boa meditação. Saí do Templo do Fim em paz.

— Eu preciso mesmo acreditar em Deus, Ekon?

— Faça o que quiser — disse Ekon — depende se você quer facilitar ou dificultar a sua vida. Você quer o auxílio do Deus Todo Poderoso ou prefere lutar sozinho, por orgulho? Quer fazer parte dos planos de Deus ou lutar contra ele?

— Eu não quero lutar contra ele — falei — eu apenas não me importo. Nunca entendi muito bem teologia. Acho que isso não é pra mim.

— Você diz isso porque nasceu príncipe — disse Ekon — você nunca passou dificuldades reais, além de ser perseguido por caçadores.

— Eu já fui quase morto várias vezes! — defendi-me.

— Eu não vou te obrigar a acreditar em Deus — falou Ekon — eu não vou te obrigar a nada. Você veio me procurar para te treinar e eu estou te informando que a crença em Deus, a devoção e reza a ele é uma parte clássica do treinamento de magia. O martírio por Deus é considerado o ato mais elevado para o ser humano ou mesmo por um Deus. Você já deve ter lido sobre isso nos livros.

— Uma coisa ou outra — respondi.

— Mesmo que você não entenda o que isso significa, seus antepassados entenderam — disse Ekon — e eu sugiro que você confie neles.

— Ekon.

— Sim?

— Você está falando como um velho.

Ekon riu.

— Ainda sou jovem — defendeu-se Ekon — mas não tanto quanto antes. Lembro que antigamente você se identificava comigo porque não éramos tão distantes em idade. Mas nossas experiências de vida nos separaram. Eu viajei muito pelo mundo, enquanto você permaneceu trancado.

— Você viajou bastante mesmo?

— Mais do que você — falou Ekon — e por onde andei eu sempre vi pessoas morrendo de fome e sofrendo. Somente a

crença em Deus as fazia continuar. Nesse momento eu percebi que havia algo muito poderoso nesse mistério.

— Eu respeito a crença em Deus — falei — acho bonita. Mas tem certeza que isso pode me tornar um mago mais forte?

— Tenho — disse Ekon — por enquanto, você pode tentar crer em Deus apenas pela esperança de se tornar forte. E para ter o poder de defender quem ama. Conforme o tempo passar, quem sabe essa sua fé se transforme em outra coisa ainda mais poderosa.

Parecia uma boa aposta. O que eu teria a perder?

— Muito bem — falei — vamos tentar.

— Com licença — disse Ekon.

Ele segurou o meu colar.

— O quê...? — perguntei.

Eu não disse nada sobre o colar para ele. Mas acho que a pedra de coração chamava a atenção. Ou talvez ele tenha sentido a energia.

— Onde conseguiu isso? — perguntou Ekon.

— A Dama Chiamaka me deu — informei.

— Esse é um amuleto de proteção — informou Ekon.

— Eu sabia! — exclamei, irritado — meus amigos no mosteiro estavam desconfiados que fosse alguma coisa ruim.

— A fonte dessa proteção é divina — falou Ekon — ela existe para aumentar sua fé em Deus. E para que o Deus supremo te proteja.

Não gostei. Chiamaka só falou que era um amuleto de proteção da DAL. Ela não falou nada sobre Deus.

— No seu mosteiro havia igrejas, não havia? — perguntou Ekon.

— Sim — falei — nós tínhamos aulas nas capelas e igrejas.

— Então a força da energia do mosteiro é divina — falou Ekon — existe uma diferença entre magia com fonte divina e com origem em outros lugares.

— Já estudei isso — falei — mas não exatamente dessa forma. Eu aprendi que as magias de origens diferentes não são boas ou ruins. Elas apenas diferem em grau.

— Há várias teorias — falou Ekon — mas eu te informo agora, caso você não saiba, que há uma magia poderosíssima nesse amuleto.

— Qual?

— Ele te protege da morte — disse Ekon — se alguém tentar te matar, esse colar pode te salvar.

— Como? — perguntei.

— Com um milagre — explicou Ekon — esse tipo de amuleto foi fortalecido por muitas orações de magos fortes e pode invocar um milagre. Um tipo de Deus ex machina que pode te salvar no último instante. Eis seu propósito.

Em vez de me sentir confortado, achei assustador.

— Talvez você não esteja vivo até hoje por acaso — falou Ekon.

— Eu estava com Haji — falei — ele me salvou.

— Mas por que ele escutou? — perguntou Ekon — por que ele chegou a tempo? Ele já te salvou várias vezes, não foi? Será que o amuleto o chamou? Foram milagres pequenos. Nós geralmente só damos bola para os grandes. Talvez o milagre maior ainda esteja por vir.

Eu fiquei apavorado diante daquelas palavras.

— Eu tenho medo de me envolver com essas magias — falei — vou ter que pagar um preço por ela?

— Não — falou Ekon — foi um presente. Dama Chiamaka já deve ter cuidado de tudo.

— Por que ela me deu algo tão poderoso? — perguntei — ela nem se lembrava quem eu era. Não estava preocupada se eu vivia ou morria. Não se interessou em me treinar.

— Não sei — disse Ekon.

Voltamos para a casa dele. Sentamos na grama do pátio.

— Preciso aprender a usar a magia da lembrança das vidas passadas do Deus dentro de mim — falei — Taj viu algumas coisas que me preocuparam. Eu gostaria de confirmá-las. Mas meu professor no mosteiro recomendou que eu não usasse essa magia até que eu me livrasse da minha doença.

— Posso olhar? — perguntou Ekon.

— Você consegue? — perguntei, surpreso — mesmo sem ser Deus?

— Talvez. Posso tentar.

Eu permiti. Ekon tocou a parte do meu braço que havia sido cortada por ele pela manhã. Por lá era mais fácil captar minha energia.

Ele permaneceu de olhos fechados por uns dez minutos. Quando os abriu, ele franziu a testa.

— Não pode ser — disse Ekon.

— O que foi? — perguntei.

— Tanto a sua mãe como o seu pai eram Deuses e reis — informou Ekon.

Aí estava uma informação nova.

— Eu sabia que minha mãe era rainha, mas não uma Deusa! — falei — então foi por isso que ela conseguiu matar o Deus. O meu pai...

Eu parei de falar. O rei de Maior Sonho não era meu pai de sangue. Então o meu pai biológico, o Deus, também foi rei? Eu suspeitei que ele era da nobreza. Por isso a cor da minha pele.

— O que mais você viu? — insisti.

— Eu vi coisas que não posso revelar ainda — disse Ekon.

— Por que não? — perguntei, com preocupação.

— Um dia você vai descobrir — falou Ekon — mesmo que eu não conte.

Dez meses se passaram desde o início do treinamento.

Eu estava com 23 anos. Estava intrigado porque nenhum caçador de Deuses apareceu naquele período.

— Quanto mais forte você fica, mais os caçadores se assustam — explicou Ekon — a maior parte não vai ter coragem de desafiá-lo quando sentirem sua energia.

Então era assim que funcionava. Mais um motivo para aumentar meu poder.

Eu já conseguia repelir golpes de olhos fechados. Ekon me ensinou. Eu estava mais silencioso para me mover e conseguia esconder minha energia.

Ekon também me ensinou como manejar facas de maneira mais habilidiosa.

Chegou a época do próximo Torneio dos Deuses. Eu queria muito assistir.

Dessa vez ele ocorreria na arena de Trilha dos Heróis. Mandei uma mensagem para a rainha Feechi e ela conseguiu um ingresso para mim e para Ekon.

Infelizmente Haji ficaria sem ingresso dessa vez. Eu queria muito que Ekon visse o torneio pelo menos uma vez e Haji já tinha assistido no ano anterior.

Haji recebeu o recado e veio me buscar de carruagem. Eu me desculpei por não ter conseguido para ele um ingresso.

— Não faça tanta questão assim de ver o torneio de novo — falou Haji.

Imaginei que não. O torneio do ano anterior tinha sido meio traumático.

Haji nos levou de carruagem até Trilha dos Heróis. Lá eu visitei rapidamente meus ex-colegas Kaikura e Hasani. Infelizmente, nenhum dos dois tinha conseguido ingresso dessa vez. Os ingressos andavam muito disputados.

Haji nos aguardaria do lado de fora.

Entramos somente eu e Ekon. Nós nos encontramos com a minha prima nas arquibancadas. Sentamos ao lado dela.

Eu apresentei Ekon para a rainha. Ekon foi bastante cortês. Assim como Haji, ele era um perfeito cavalheiro. Às vezes eu achava que algumas pessoas com nascimento comum agiam de forma mais respeitável que muitos nobres por aí.

Meu coração já estava acelerado antes mesmo de começar o torneio. Eu tinha medo de ver mais mortes e mutilações. Eu queria assistir para testemunhar o poder dos Deuses mais fortes e não para ver um show de horrores.

Mas Ekon me disse que aquilo fazia parte. Que o sangue e as mortes precisavam ser vistos. Eu precisava me acostumar.

— Não precisa ter medo de se tornar indiferente — falou Ekon — você vai ter mais coragem para defender aqueles que ama quando tolerar melhor todas essas mortes.

Aquilo fazia sentido. Eu precisava me acostumar a não temer ser mutilado ou morto. Assistir aquilo também era um treinamento.

Mas era muita adrenalina. E eu nem iria participar da luta, só assistir. Comecei a imaginar o dia que eu seria o desafiante daquela arena e senti um arrepio.

Aquilo estava longe de acontecer. E se fosse acontecer um dia, talvez só dali uns dez anos. Até o presente momento, eu conhecia somente pouco mais que o básico de magia. Já me sentia capaz de me defender de caçadores fracos, mas isso era tudo.

Eu estava tão nervoso que nem reparei em um rapaz mais ou menos da minha idade sentado não muito longe de mim.

Ele me chamou a atenção porque me pareceu familiar. Mas... não podia ser.

Ele tinha um rosto bonito e sério. Ao seu lado estava um homem de cerca de cinquenta anos, com trajes muito elegantes. Ele tinha uma barba e um bigode num corte perfeito. Ele respirava nobreza da cabeça aos pés.

Eu o reconheci de imediato: o grão-duque de Bokassa.

Então aquele rapaz ali ao seu lado só podia ser...

— Issa? — eu me dirigi a ele.

O rapaz me fitou. Ele me olhou franzindo o cenho.

— Dakarai? — ele perguntou.

Eu sorri. Nós nos levantamos e nos abraçamos.

— Pensei que você estava morto! — exclamou Issa.

— Não, graças a você — falei — você me salvou naquele dia. Por que fez aquilo? Pensei que também me quisesse morto.

— No começo eu queria — falou Issa — mas depois eu comecei a achar Shaka meio idiota. Ele queria me convencer a odiar os Deuses. Inicialmente eu concordei com ele, mas depois eu quis pensar por mim mesmo.

— Onde está Shaka? — perguntei.

— Tornou-se um caçador de Deuses — informou Issa — ele é o líder da Flecha Dourada.

Aquela era uma famosa Ordem de caçadores de Deuses. Até eu já tinha ouvido falar.

— Líder? — perguntei — já?

— Ele vem de família de caçadores — falou Issa — então é claro que a família dele deu um empurrãozinho.

— A Dama Chiamaka matou os pais dele — falei — imagino que ele queira se vingar.

— E ele deve querer se vingar de você também — disse Issa — foi por causa da sua perseguição que eles morreram. Ah, pai. Lembra-se de Dakarai?

— Vossa Alteza! — disse o grão-duque.

Apresentei os dois para a rainha e para Ekon também.

— Vossa Majestade — falou o grão-duque — eu ouvi falar de você também, Mestre Ekon. Você é um mago famoso. Já assisti a um de seus torneios. Foi bem impressionante.

— Obrigado, Vossa Graça — disse Ekon.

A apresentadora entrou na arena. Não fiquei surpreso ao descobrir quem era: Sabra, como da outra vez.

Mas em vez de usar um vestido verde brilhoso, dessa vez ela usava um vestido vermelho brilhoso. E com salto alto. Ela pretendia lutar daquela forma? Do jeito que ela era forte, não devia fazer diferença.

— Sejam bem-vindos! — exclamou Sabra — é um prazer tê-los conosco hoje para mais um torneio. A desafiante de nossa primeira luta já lutou no ano passado. Siyanda perdeu o braço na luta contra Rajabu, mas retornou esse ano. Isso sim que é vontade de entrar para a DAL!

Lá estava Siyanda sem seu braço. Eu duvidei que eu teria aquela coragem. Se perdesse um braço numa luta, acho que eu iria acompanhar meu avô em seu retiro nas florestas.

O Número 10 entrou com uma imensa salva de palmas e gritos. Ele tinha mesmo muitos fãs.

— Aqui está o Kendi gostoso com o mesmo penteado do ano passado! — berrou Sabra, empolgada — quem quer comer o Kendi, gente? Quem quiser, grite bem alto!

Houve muitos gritos femininos. E alguns masculinos também.

— Teremos uma maravilhosa refeição essa noite, hã? — disse Sabra — sem mais delongas, que a batalha se inicie!

Não foi necessário o anúncio. Siyanda já tinha atacado Kendi com sua espada de lâmina curva. A mesma do ano anterior, cheia de entalhes.

Era emocionante assistir ao torneio por mais de um ano e ver os desafiantes retornando. Até mesmo uma desafiante mutilada. Aquilo fazia meu sangue ferver e me enchia de coragem.

Se uma pessoa de carne e osso era capaz daquilo, eu também poderia ser.

Kendi retirou sua espada da bainha e as duas lâminas se chocaram. A multidão berrou e meu coração explodiu no meu peito.

Houve mais choques de espadas. A batalha estava esquentando. No começo, eles lutaram de igual para igual, mas depois Siyanda pareceu cansada. Ela não conseguia acompanhar o ritmo.

Além do mais, agora ela tinha apenas um braço. Talvez tivesse dificuldade de manter o mesmo equilíbrio de antes. Ela teve um ano para treinar. Teria sido o bastante? Agora ela lutava com o braço esquerdo. Não devia estar acostumada.

Até que, para a surpresa de todos, Kendi fez um único movimento vigoroso que fez o braço esquerdo dela voar.

O braço foi decepado e caiu no chão. Siyanda ajoelhou-se e deu um grito.

Muitos berros. Senti uma sensação ruim na garganta.

— Isso é... odioso — falei — Kendi não precisava ter feito isso.

— Acabou — disse Ekon — somente assim para fazê-la parar de desafiar os membros da DAL. Senão ela iria perder e retornar no próximo ano.

Eu até entendia o que Kendi tinha feito. Mas era mesmo necessário?

— Kendi conquistou o direito de ter o braço — anunciou Sabra — e usá-lo para produzir uma arma mágica. Kendi foi misericordioso e não matou sua adversária.

Ainda assim, médicos a buscaram na arena. Ela receberia atendimento imediato.

— A segunda batalha! — anunciou Sabra — mais um desafiante do ano anterior: Idi!

Meu coração disparou. Meu companheiro do mosteiro, Idi!

Ele não era exatamente meu companheiro. Eu só o tinha visto duas vezes. Mas porque ambos tínhamos estudado no Mosteiro dos Deuses e porque éramos ambos Deuses Malditos eu me sentia conectado a ele.

Eu estava torcendo para que ele vencesse. Mas como ele poderia? Os membros da DAL eram muito fortes.

Ao menos eu torcia para que Idi não morresse.

Informei para Ekon e Issa que eu conhecia Idi e de onde o conheci.

— Então essa luta vai ser boa — comentou Ekon — ele é um desafiante à altura.

— Olufemi irá enfrentá-lo — anunciou Sabra — ela também está na moda esse ano!

Olufemi, assim como no ano anterior, estava vestida de forma elegante, com suas botas de cano alto.

Idi, por outro lado, usava roupas pretas confortáveis, que facilitariam a luta.

A batalha se iniciou. Os dois começaram trocando golpes de espadas. Até que a espada de Idi quebrou a lâmina de Olufemi.

A plateia vibrou. Olufemi não se incomodou e tirou uma faca de dentro das vestes.

Os dois travaram uma batalha feroz. Ambos foram atingidos. Ele já estava com alguns cortes no rosto e nas mãos. Mas ela tinha mais cortes que ele.

Até que, com um movimento vigoroso e decisivo, Idi decapitou Olufemi.

A cabeça caiu. E depois o corpo tombou.

Houve muitos urros e gritos impressionantes. Algumas vaias, logo encobertas por palmas estrondosas.

Eu nunca tinha visto a plateia reagir daquela forma antes. Eu senti medo. Eu tive medo que alguns da plateia se levantassem para trucidar Idi ali mesmo.

Olufemi devia ter sido muito amada. Ela tinha muitos fãs. Ninguém aceitava que uma pessoa qualquer chegasse e não somente tirasse o título dela, mas também sua vida.

Até mesmo a apresentadora perdeu a fala. Sabra demorou alguns segundos para voltar a falar.

— Olufemi perdeu o título... e a cabeça! — exclamou Sabra, completamente aturdida — vitória de Idi!

Mais gritos.

— Idi conquistou o direito de usar a cabeça e o corpo de Olufemi como artefatos mágicos — informou Sabra — ele agora se tornou oficialmente um membro da DAL.

Finalmente eu me recuperei e gritei junto. Eu comemorei.

Eu estava chocado com a morte de Olufemi. Aquilo foi horrível. Mas a minha alegria pela vitória de Idi era maior.

Eu me senti culpado por comemorar. Mas era aquilo que eu sentia que devia fazer: meu companheiro do mosteiro. Meu companheiro Deus Maldito. Mais um Deus Maldito para a DAL!

Senti como se a vitória dele também fosse minha vitória. Idi entrou para a DAL na segunda tentativa. Era muito rápido.

Ele devia ter apenas uns trinta anos. Era considerado novo para ser membro, embora houvesse outros membros com aquela idade.

Aquele acontecimento surpreendente interrompeu um pouco o fluxo das batalhas, que geralmente aconteciam uma após a outra, com pouquíssimos intervalos.

Não era em todo torneio que um membro da DAL perdia seu título. E era ainda mais raro que um deles fosse morto.

Ekon estava fascinado. E Issa também. Eu vi a expressão dos dois.

Notei que Issa também estava com medo. Eu dei tapinhas no ombro dele.

— Vai ficar tudo bem — eu disse para Issa — Deus irá guardar a alma dela no céu.

Não sei porque eu disse aquilo. Apenas tive vontade de dizer. Issa assentiu.

— Sim — disse Issa — espero que sim.

Os duelos seguintes ocorreram sem maiores problemas.

Não houve mortes ou mutilações. Os membros da DAL de 8 a 3 defenderam seus títulos.

Até que chegou a vez da Número 2: Chiamaka.

A desafiante era uma moça nova, com um black power. Assisti ao duelo com toda atenção.

Chiamaka se movia de modo inacreditável. Eu torcia para que ela não usasse de novo a magia de ossos.

Porém, ela usou. A desafiante foi decapitada e a cabeça dela voou numa velocidade impressionante até a arquibancada.

A cabeça não passou muito longe de nós. Ela atingiu uma mulher da nobreza que estava ali perto.

A mulher da plateia morreu na hora.

Um pouco de sangue espirrou em mim. Eu estremei.

Eu não tinha pensado nisso: nós, que assistíamos a tudo da arquibancada de uma distância relativamente segura, também tínhamos risco de morrer caso o mago usasse uma magia muito poderosa. E aquilo tinha acontecido naquele dia.

Senti uma sensação horrível. Lágrimas correram dos meus olhos.

Ekon me abraçou.

Eu queria ir embora. Não queria assistir a disputa de Sabra. Eu tinha quase certeza que ela mataria ou mutilaria alguém.

Porém, para a minha surpresa, a luta de Sabra foi tranquila. O rapaz que a desafiou se rendeu rápido. Fiquei aliviado.

Mas se ele não tivesse se rendido, desconfiei que teria havido um banho de sangue.

Nove membros da DAL defenderam seu título. Idi era o novo membro.

Descobri depois que ele se tornaria o Número Dez e Kendi passaria a ser o Número 9. Era assim que eles faziam: os novatos entravam em último lugar, independente de quem derrotassem.

E, conforme os membros da DAL fossem derrotados ano após ano, os Deuses que venciam iam subindo no ranking. Fez sentido para mim.

Isso significava que a Número 1 era mais impressionante do que imaginei. Também significava que Chiamaka só conquistaria o primeiro lugar se aparecesse um desafiante que derrotasse Sabra.

Pelo visto, os dez não lutavam entre si. Ao menos não naqueles torneios.

Quando tudo terminou, Issa quis conversar comigo em particular.

— Desculpe por tudo — disse Issa — como eu te tratei no colégio. Eu era muito novo e idiota.

— Está perdoado — falei.

— Sabe, Latrice nunca me perdoou — comentou Issa — por causa daquele tapa. Eu argumentei que eu tinha apenas onze anos e que dei aquele tapa porque um dia vi um tio meu fazer isso numa mulher. Eu imitei, porque achei que era uma forma de eu provar minha masculinidade. Foi uma bobagem.

— Sim, foi uma bobagem — concordei.

— Eu me arrependo amargamente — disse Issa — por que certas coisas na vida não têm mais volta? Eu sempre amei Latrice. Amo até hoje. Queria que ela fosse minha esposa. Mas ela se casou com outro cara. Um nobre enfadonho. Sinto ciúmes até hoje.

— Esqueça dela — sugeri — há outras mulheres no mundo.

— Eu sei — disse Issa — mas fiquei triste. Não quero mais fazer outra besteira como aquela.

Issa tinha mudado. Eu não sabia que as pessoas podiam mudar daquela forma. Algumas eram capazes disso.

— Eu também amei uma mulher que se casou com outro cara — contei a ele — não fui rápido o suficiente.

— Sinto muito — disse Issa.

Mas percebi que ele se sentiu um pouco melhor porque confiei nele para compartilhar isso.

Será que isso era amizade? Talvez ela se tornasse mais forte nos momentos de dor do que nos de alegria.

E aquele foi um dia de dor. Aquele torneio também foi doloroso.

Será que eu aguentaria retornar para assistir uma terceira vez no próximo ano? Mas eu precisava retornar. Se eu aspirava um dia ser membro da DAL.

Pedi que a rainha usasse sua influência para que eu conseguisse falar com Idi. Idi estava num lugar junto aos outros membros da DAL. Eu me apresentei a ele.

— Dakarai — ele repetiu meu nome — sim, eu me lembro. O outro Deus Maldito. Nós nos encontramos na igreja.

Fiquei lisonjeado que ele se lembrasse.

— Embora você ainda não seja forte, eu vejo potencial em você — falou Idi — não desista. Gostaria que você fosse da DAL também.

— Por quê? — perguntei.

— Não sei — disse Idi — eu só gostaria. Isso não é o bastante?

— É sim — falei — obrigado.

E se um dia eu tivesse que lutar contra ele? Aquele pensamento era meio assustador.

Tomei coragem e pedi para conversar com Chiamaka.

Contei a ela que Ekon me treinou por quase um ano. Mas que o treinamento tinha chegado ao fim.

— Ele me ensinou quase tudo o que sabe — expliquei — e eu evoluí muito. Agora, eu gostaria de ser treinado por um Deus.

— Eu não vou treiná-lo — disse Chiamaka.

— Pode ser outro membro da DAL — insisti — Taj não tem tempo.

— Nós não somos uma organização de caridade — falou Chiamaka, de forma rigorosa — o seu nível ainda não é alto o bastante para que você faça um pedido como esse.

E agora?

Kendi passou um braço pelo meu pescoço.

— Eu treino você — ele me disse.

— Você está bêbado — falei.

— Não vou treinar agora — ele explicou — mas depois da ressaca de amanhã.

Por que não?

Capítulo 4: DAL

— Uma caçada? — perguntei.

— Sim — respondeu Kendi — nós fazemos isso de vez em quando. Vou com Reta dessa vez. Estou convidando para que venha conosco.

— Deuses caçando Deuses? — fiquei confuso.

— Não para matá-los — falou Kendi — você vai entender tudo quando chegarmos lá.

Lá estávamos nós três, montados em camelos no meio do deserto.

Eu já tinha medo de cair do cavalo, mas o camelo era ainda mais alto. Era um meio de transporte bem desconfortável. Em compensação, os camelos eram melhores no deserto. Eles aguentavam mais tempo sem água, eram mais resistentes.

Fizemos uma parada para descansar. Os dois pareciam bem despreocupados. Eu, por outro lado, estava tenso. Afinal, era provavelmente a primeira viagem que eu fazia sem Haji.

Eu sabia que eu não estava sendo racional: eu estava bem mais protegido na presença de dois membros da DAL do que com Haji. Mas...

— Agora você é o Número Nove — comentou Reta.

— Eu já fui o Nove uma vez — contou Kendi — já fui até o Oito. E fui derrotado. Então voltei para o Dez.

— Quem te derrotou? — perguntei.

— Rajabu — contou Kendi — mas foi uma belíssima luta.

— Claro que foi — concordou Reta — dois gostosos lutando. Quase desmaiei de prazer.

Kendi riu. Tomou um pouco de suco de seu cantil.

— Vocês dois são namorados? — perguntei.

Kendi e Reta riram.

— Perdão se estou me intrometendo — acrescentei.

— Não sei — disse Kendi — a gente é?

— Não sei — falou Reta — por que pergunta?

— Eu sempre vejo vocês dois juntos — falei — e vocês parecem se dar bem. Formam um belo casal.

— Eu não me importaria se namorássemos — falou Kendi.

— Eu também não — disse Reta — o problema é que eu não poderia sair com outros caras.

— Não tem muitos outros caras aqui no meio do deserto — observou Kendi — e essa nossa viagem vai ser meio longa. Talvez alguns meses.

— Meses? — perguntei, surpreso.

— Nós estamos caçando um Deus — disse Kendi — e é difícil encontrar Deuses sem corpos.

— Um Deus sem corpo? — perguntei, perdido.

— Eles às vezes se escondem em lugares ermos, na natureza ou em artefatos — explicou Kendi — nós, Deuses corpóreos, sentimos mais fortemente a energia de Deuses incorpóreos do que caçadores.

Eu assenti, embora não tivesse entendido completamente.

Eu já tinha ouvido falar que alguns Deuses morriam sem entrar em outro corpo. Então eles vagavam por aí.

Kendi tirou da bolsa um tipo de jogo de tabuleiro e o abriu na areia. Espalhou algumas peças sobre ele.

Eu já tinha jogado alguns jogos famosos com meus colegas do colégio, Fabumi e Jabari. Mas eu nunca tinha visto aquele antes.

Kendi notou minha curiosidade.

— É um jogo de Deuses — ele explicou — e que somente Deuses podem jogar.

— Como funciona? — perguntei.

— Você move as peças com sua energia — respondeu Reta.

Tentei mover uma das peças, mas era difícil. Eles me ensinaram como fazer.

Para minha surpresa, a peça se moveu alguns centímetros.

— Viu só? — sorriu Kendi — esse jogo é uma boa forma para treinar seus poderes de Deus e ao mesmo tempo se divertir.

Nós jogamos aquilo por cerca de meia hora. E foi exatamente como Kendi descreveu: ao mesmo tempo que era um bom treinamento, era divertido.

— Agora eu vou te mostrar um jogo de cartas — disse Kendi — chamado “Ache a Chave”. Eu coloquei minha energia numa dessas cartas, a chave. E você precisa descobrir qual é.

Ele me mostrou três cartas. Eu escolhi uma.

— Você acertou — disse Kendi — agora, escolha uma dentre essas cinco.

Acertei outra vez. Ele ficou surpreso.

— Uma entre dez — ele disse.

Dessa vez eu errei.

— Não fique triste — falou Kendi — você vai melhorar. Eu trouxe muitos jogos diferentes para brincarmos nos próximos meses.

Treinar com Kendi era bem diferente de treinar com Ekon. Ekon era rigoroso e me ensinava magias de batalha. Já Kendi me ensinava magia através de jogos.

Eram dois métodos bons, com resultados diferentes. Imaginei que eu devia estar preparado para agir sob situações de estresse: daí a utilidade das lutas.

Mas não era ruim treinar com jogos. Era uma forma agradável e relaxante de aprender. E eu vi que era bastante efetivo.

Um pouco depois daquilo, seguimos viagem.

Kendi prometeu que iria me treinar, mas ele só me arrastou com ele numa missão maluca da DAL: capturar um Deus incorpóreo. Então eles faziam coisas assim. É claro que eles não ficavam apenas na torre o ano inteiro.

Os dois estavam tranquilos, mas me garantiam que a viagem seria um tanto entediante. Afinal, capturar um Deus daqueles era um exercício de paciência. Teriam que visitar muitos lugares suspeitos nas próximas semanas. Era como uma caça ao tesouro, embora não tão interessante.

— Não tem nenhum baú cheio de ouro nos aguardando — explicou Kendi.

— Mas um Deus é como uma mina de ouro — falei — pensei numa coisa agora. Tem algum Deus que venda seu próprio sangue para manter seu sustento?

— Tem, mas não é bem visto — falou Kendi — assim como não é bem visto vender o próprio sangue para pessoas que precisam fazer cirurgias. É pelo princípio da coisa. Você entende?

— Acho que sim — respondi — assim como vender o corpo para sexo, embora dê um bom dinheiro, não é bem visto.

— É um pouco diferente — explicou Kendi — nesse caso, acho que até vender o corpo seria mais bem visto do que um Deus vender seu sangue.

— É tão ruim assim? — perguntei.

— É — disse Kendi — porque seria considerado uma traição à causa dos Deuses. Um Deus que vende seu sangue por aí se vendeu aos caçadores. Não passa de um mercenário.

Eu nunca precisei de dinheiro, então será que eu podia julgar um Deus que vendesse o próprio sangue por necessidade financeira?

Eu também não sabia se eu tinha dentro de mim aquele orgulho dos Deuses. Para mim, ser Deus sempre foi um problema, principalmente ser um Deus Maldito. Eu não achava que aquilo que os outros Deuses faziam tinha algo a ver comigo.

Mas Kendi era da DAL. Ele devia se sentir conectado à causa dos Deuses de forma especial.

Eu desejei ter um pouco daquele orgulho. Eu também queria aprender a me orgulhar do meu sangue: de quem eu era.

Uma semana se passou e nada de pistas sobre o Deus incorpóreo.

Aquela viagem não estava me fazendo bem. Eu estava acostumado a viajar pelos desertos dentro de uma carruagem, e não em cima de um camelo desconfortável, sentindo o vento forte e areia na cara.

Meus ouvidos estavam doendo. Meu traseiro estava doendo. Minhas costas. Eu não aguentava mais.

Em certo ponto, tive que pedir para pararmos. Eu estava com febre.

Para minha sorte, Reta trouxe alguns remédios consigo. Minha febre baixou um pouco.

— Você está doente desde que iniciamos essa viagem — observou Reta — então você é mesmo...?

— Sim, eu sou maldito — confirmei, tossindo algumas vezes — e eu estou tão enjoado que acho que vou vomitar.

Graças ao remédio, não vomitei. À noite eu já estava melhor.

Reta ficou preocupada e cuidou de mim durante a semana seguinte. Já estávamos viajando há duas semanas. Eu estava me apegando um pouco a ela.

Nunca tive uma presença feminina para tomar conta de mim. Nunca conheci minha mãe. Não tive irmãs ou amigas. O máximo que tive foi Mabelle. Mas eu só a via poucos minutos por dia antigamente.

Desejei que existisse um propósito maior na minha existência: um motivo para eu ter nascido Deus e ter que suportar aquela doença horrível e aquela perseguição.

Eu queria poder ajudar alguém: salvar a vida de alguém. Mas eu ainda não tinha a força para isso.

Era insuportável ser fraco. Era doloroso não poder defender ninguém e apenas ser defendido.

Estando doente, eu precisava da ajuda das pessoas o tempo todo. Ser perseguido também significava a necessidade de guarda-costas dia e noite.

Um dia eu queria me livrar da minha doença. Um dia eu queria ter a força de me livrar dos meus perseguidores sem ajuda. Somente assim, quando eu me libertasse daquilo, eu poderia ajudar outros.

Ou será que eu não deveria pensar assim?

Talvez eu já pudesse ajudar outros no momento presente. Mesmo sendo fraco. Mesmo estando doente.

Nunca pensei nisso antes. Sim, eu já podia fazer alguma coisa. Eu não queria passar minha vida toda eternamente

esperando o momento que eu fosse forte o bastante para fazer diferença na vida de alguém.

— Talvez eu já fizesse diferença. Mas não da forma que eu queria. Eu queria fazer mais.

Um dia eu conversei com Kendi sobre isso. No começo, ele apenas escutou em silêncio.

— Acho que você é muito idealista — falou Kendi — você vai ter que matar. Espero que saiba disso.

— Eu sei — falei — é horrível pensar nisso, mas estou tentando aceitar.

— Quanto mais rápido aceitar, melhor para você.

Eu o fitei.

— Por que você cortou o braço daquela desafiante? — perguntei — você destruiu as esperanças dela. Ela ainda está viva, mas não tem mais braço nenhum.

— Se ela for mesmo a coisa real, vai voltar o ano que vem, mesmo sem braço — garantiu Kendi — e finalmente vencerá.

Eu duvidava que isso acontecesse.

— Você espera muito das pessoas... Sir Kendi — pronunciei.

Ele riu do “Sir”.

— Talvez eu espere mesmo — falou Kendi — sou muito rigoroso comigo mesmo. Então talvez eu espere demais dos outros.

— Você não parece rigoroso — observei.

— Ninguém entra para a DAL por acaso — falou Kendi — não há acaso naquelas lutas.

— Você disse que ia me treinar — falei — mas só está jogando jogos comigo nas últimas duas semanas.

— Estou medindo seu poder através desses jogos — falou Kendi — e eu gosto do que vejo. Através deles também posso ter uma ideia do seu potencial.

— Por que vocês não treinam pessoas de fora com mais frequência? — perguntei — ganhariam um bom dinheiro.

— Ninguém está na DAL pelo dinheiro — falou Kendi — e não queremos concorrentes! Ninguém se importa muito em te

treinar porque os membros da DAL não te veem como uma ameaça.

— Você vê?

— Ainda não — falou Kendi — você ainda vai precisar de muitos anos de treino para começar a ser uma ameaça. Mas para falar a verdade, eu não ligo muito se um dia você ou alguém me vencer e eu sair da DAL. Eu já saí uma vez e depois voltei. Não é o fim do mundo. Não tenho medo dessas coisas.

— Não tem medo de morrer nesses torneios? — perguntei.

— Todo mundo tem medo de morrer — falou Kendi — mas você não pode viver apenas se escondendo e tremendo de medo da morte. Você tem que fazer o que acha que deve ser feito: o que acha certo. E dar sua vida por isso.

— Eu ainda não decidi se devo dar minha vida pela DAL — falei.

— Se você não decidir dar sua vida por alguma coisa, nunca vai ficar forte — disse Kendi — ou se ficar, será apenas uma força cega. Assim que tiver medo, você vai inventar uma desculpa qualquer e desistir de tudo, porque é mais confortável.

— Eu queria ajudar alguém — falei — dar minha vida por alguém. Se eu me tornasse rei, eu poderia ajudar muita gente.

— Então o mais importante são os números? — perguntou Kendi — ajudar uma pessoa ou milhares de pessoas. Isso faz diferença?

— É claro que faz — respondi, de imediato — e talvez mesmo como membro da DAL eu não ajude tanta gente quanto eu ajudaria sendo rei.

— Isso é o que você sente? — perguntou Kendi — do fundo da sua alma?

— Não sei — respondi — para ser sincero, meu coração diz uma coisa, mas minha cabeça diz outra. Minha lógica diz que ser rei ajuda um maior número de pessoas. Mas qualquer um pode ser rei. É só sentar no trono e fazer qualquer coisa. Mas poucos são capazes de entrar para a DAL. Somente quem realmente se dedica a anos de treino. Então parece mais importante.

— Na verdade, ser membro da DAL é mais importante por outra razão — explicou Kendi — é porque sendo rei você não está arriscando sua vida. É verdade que qualquer um pode te assassinar para tomar seu trono, mas é diferente. Como membro da DAL, você sempre está colocando sua vida contra uma lâmina.

A rainha Feechi afirmou que salvou minha vida dezenas de vezes, mandando matar dezenas de caçadores. Por outro lado, Haji salvou minha vida três vezes, matando ele mesmo três caçadores.

Então por que eu me sentia mais grato a Haji do que a Feechi? Pela lógica, eu devia agradecer a rainha bem mais. Porém, eu me sentia mais em dívida com Haji, porque ele arriscou sua vida para me salvar.

Arriscar a vida. Então era aquilo que fazia diferença e não o número de pessoas salvas. Era o sacrifício que você estava disposto a fazer.

Qualquer rei ou rainha podia mandar matar um monte de gente, sem tirar a bunda do lugar e sem nem mesmo suar. Mas um guerreiro ou mago arriscando sua vida, esse sim era digno de palmas e louvor!

— As pessoas vivem fofocando sobre política, principalmente na nobreza — falou Kendi — porque elas possuem a falsa crença de que somente a política pode mudar o mundo. Mas não é bem assim. O poder real não é mandar matar e sim ter o poder de tirar ou dar a vida você mesmo. Você já ouviu falar no Deus supremo?

— Já — respondi — meu mestre Ekon me levou a um templo e me ensinou que há a crença nesse Deus.

— Por que você acha que ele é chamado de Deus supremo? — perguntou Kendi — por ele ter poder político? Porque ele é bom em criar leis ou dividir as riquezas? É claro que não. O Deus supremo é chamado assim porque ele tem poder sobre quem vive e sobre quem morre. Por isso nós, membros da DAL, somos o mais próximo que há do Deus supremo. Um

Deus corpóreo que se envolve somente em intrigas políticas não está cumprindo plenamente seu destino como Deus.

— Meu destino como Deus — repeti — então eu nasci para tirar e dar a vida?

— Sim — falou Kendi — quando você morrer, será responsável pelo nascimento de outro Deus, através do ritual. Como Deus, você pode conquistar o poder de tirar a vida, mas também de dá-la. Já treinou magias de cura?

— Não — respondi.

— Reta é boa nelas — falou Kendi — peça para que ela te ensine. Se curar te deixa mais confortável do que matar, pode ser um bom começo.

Nas semanas seguintes, enquanto seguíamos viagem, Reta me explicou algumas magias de cura.

Dentro de sua bolsa ela tinha muitas ervas, poções e outros medicamentos. Ela me explicou como tinha energizado cada uma.

— Eu vou te ensinar como estancar o sangue rapidamente — falou Reta — Kendi, dê uma facada nele.

— Por que eu? — perguntou Kendi.

— Eu vou curá-lo, então não quero ser também a pessoa responsável por causar o ferimento — disse Reta — o psicológico de uma pessoa conta muito. Quero que ele associe essa magia a algo bom.

Kendi deu de ombros e, sem cerimônia, enfiou uma faca na minha barriga!

Por essa eu não esperava. Eu nunca tinha levado uma facada na barriga. Muito menos uma tão profunda.

Eu cuspi sangue. Quase desmaiei.

Porém, no mesmo instante Reta encostou em mim. Ela me abraçou. Colocou uma mão na minha barriga e o sangue parou de correr. O ferimento também se fechou um pouco.

A ferida não foi curada completamente. Para completar, ela aplicou um tipo de óleo. Depois, adicionou algumas bandagens.

Eu queria reclamar que Kendi tinha rasgado minha camisa. Mas eu estava fascinado demais para falar qualquer coisa.

Quando consegui romper meu silêncio, o que eu disse foi:

— Por favor, me ensine essa magia.

— É claro — disse Reta.

Já estávamos viajando juntos há dois meses. Levou um mês até que eu dominasse aquele tipo de magia de forma satisfatória. Mas eu tive que treinar muito.

— Até que você aprendeu rápido — disse Reta — devo ser uma boa professora.

— Esse conhecimento é precioso — falei — por que você não o compartilha com mais gente? Faria um bem imenso ao mundo.

— Essa magia exige certa habilidade — falou Reta — eu nunca entendi gente que se fascina tanto com feitiços de cura, mas nunca se interessou em aprender medicina ou farmacologia. Há centenas de livros disponíveis em qualquer biblioteca sobre diferentes métodos de cura.

Nunca pensei a fundo sobre isso. Acho que gastei muito tempo lendo os velhos livros de literatura do meu pai e não dei atenção aos grossos volumes sobre outros assuntos que pareciam monótonos. Agora eles já não pareciam tão chatos assim.

— Vou ler esses livros — observei.

Parando para pensar, eu não havia lido tantos livros assim sobre magia. E muito menos sobre Deuses.

— Você tem livros sobre Deuses para me emprestar? — perguntei, esperançoso — eles são meio difíceis de encontrar.

— Nós temos uma biblioteca na torre, mas ela é exclusiva para membros da DAL — explicou Reta — não podemos emprestar para quem é de fora.

Aí estava uma boa motivação para entrar para a DAL. Se até aquele dia eu não tive motivação suficiente, aí estava uma.

É verdade que eu gostava mais de ler durante a infância e a adolescência. Mas eu ainda me lembrava como era maravilhoso descobrir novos universos e adquirir novos conhecimentos através dos livros.

Por isso, eu desejei muito ler os volumes exclusivos da DAL. Eu iria me esforçar para isso.

Mais dois meses se passaram. Estávamos viajando há quatro meses. Os dois ficaram surpresos ao testemunhar o quanto eu me esforcei no treinamento durante aquele período.

Minha habilidade naquele joguinho de tabuleiro e de cartas aumentou muito. Kendi ficou bastante satisfeito com meu progresso.

Até que, finalmente, encontraram o tal Deus.

Sinceramente, eu tinha até me esquecido dele. Para fins práticos, aquela viagem estava servindo para meu treinamento. Mas a viagem foi iniciada para encontrar o Deus.

Ele estava enterrado. Os dois começaram a cavar. Eu cavei junto.

— Quem foi o idiota que escondeu o Deus aqui no meio do nada? — queixou-se Reta.

Kendi finalmente alcançou um objeto. Ele retirou a areia para ver melhor.

Tratava-se de uma garrafa de vidro com um pergaminho enrolado. Ele retirou a rolha e desdobrou o pergaminho.

— Há algo escrito — disse Kendi — deve ser um feitiço para libertá-lo.

— Ou uma armadilha — disse Reta — pode ser um feitiço para matar quem lê o pergaminho.

— Nós não viajamos por quatro meses em busca desse Deus para depois colocar o rabo entre as pernas — argumentou Kendi — que diferença faz lermos agora ou depois? Pelo menos se eu ler agora morreremos só nós três. E se eu ler na torre e ela vir abaixo com todos os membros da DAL?

— Nesse caso, haveria dez vagas disponíveis — falou Reta — algo único na história da organização. Teriam que fazer um torneio bem elaborado para preencher todas elas.

— Se eu ler agora, serão apenas duas — disse Kendi.

— É, você me convenceu — falou Reta — vá em frente.

Kendi respirou fundo e leu:

— “Cuidado com o buraco!”

Assim que Kendi terminou de ler isso, a areia se abriu e nós afundamos muitos metros.

Ali estava um feitiço bem deselegante. Ele nem mesmo foi escrito de forma poética. Quem o escreveu devia estar com um pouco de pressa ou não era muito dado a poesia.

O problema era que eu estava enterrado e tinha dificuldade de respirar. Eu tinha extrema dificuldade para me mover. Não conseguiria subir de novo.

Eu entrei em desespero. Entrei em pânico. Tentei usar alguma magia, mas foi tudo inútil.

Lá estava eu esperando para ser salvo outra vez.

Felizmente, eu não morri. Os dois usaram um feitiço e fui logo desenterrado.

Quando subi, eu estava cuspidando areia. Mas não tive tempo de agradecer.

Um vento enorme quase me fez voar. Havia um redemoinho assustador. Pelo jeito, o Deus estava lá.

— Precisamos capturá-lo! — gritou Reta.

Kendi pronunciou um feitiço para que o vento se acalmasse. Mas funcionou apenas por um tempo.

— Precisamos de um amuleto — falou Reta — uma pedra preciosa, um receptáculo para aprisioná-lo!

Reta olhou para mim. Sem cerimônia, ela arrancou o meu colar.

— Ei! — falei.

Reta pronunciou um feitiço. Finalmente, o redemoinho de areia se acalmou e o vento parou.

O Deus devia ter entrado no coração vermelho.

— Acabou? — perguntei, ainda com o coração aos pulos.

— Meus feitiços são bons — disse Reta — pode confiar.

Ela me devolveu o colar.

— Você quer que eu fique com isso? — perguntei, segurando o colar com muito medo — não tem um Deus aqui dentro?

— Tem sim — falou Reta — mas não se preocupe. Ele está inofensivo. Depois temos que conseguir uma grávida para colocar esse Deus nela. Até lá, pode ficar com ele.

Respirei aliviado.

A partir dali, iniciamos a viagem de volta. Mas não viajamos por muito tempo, pois estávamos exaustos após aquela situação.

— Foi sorte escaparmos sem um arranhão — falei.

— Muitos Deuses se ferem ou morrem nessas missões — explicou Kendi — mas não foi sorte. Nós somos habilidosos. O feitiço não era forte o suficiente, mas não importa. Se não houvesse um Deus que soubesse detê-lo, teria havido mortes iguais.

Eu fiquei quieto.

Minha doença piorou muito naquela madrugada depois de engolir tanta areia e ter tanto vento no rosto. Minha febre me deixou ao mesmo tempo tremendo e suando. Eu senti uma sensação terrível.

Não consegui dormir. Por um momento, pensei mesmo que fosse morrer.

Reta cuidou de mim de novo. Além da magia de cura, ela me deu para beber uma de suas poções.

Eu me senti muito melhor. Segurei na mão dela.

— Por favor, fique aqui mais tempo — eu pedi.

— É claro — ela disse.

Nos primeiros minutos, nós dois ficamos em silêncio.

— Eu ouvi falar que existe um método para curar minha doença — contei — ele envolve o contato de dois Deuses.

— Também já ouvi falar — Reta riu — você quer que eu faça sexo com você?

Eu ainda estava meio doente. Eu não tinha a menor vontade de fazer sexo naquele momento.

— Não agora — observei.

— Eu sei que não é agora — falou Reta — mas é isso que você ia pedir?

— Depende da sua disponibilidade e generosidade — respondi.

Ela riu outra vez.

— Essa não é necessariamente uma cura instantânea — explicou Reta — não há nenhuma garantia de que você será curado fazendo isso apenas uma vez. Isso também depende do poder do outro Deus.

— Você me parece poderosa o bastante — falei.

— Sabe, Dakarai — falou Reta — havia outras formas de você me pedir isso.

— Que outras formas?

— Você não precisava ter mencionado que era para curar sua doença — ela disse — podia ter ocorrido de forma natural. Você podia ter fingido que estava interessado.

— Estou interessado — garanti — eu não pediria para qualquer uma.

— Não me convenceu — falou Reta.

Fiquei desapontado.

— Então você não quer? — insisti.

— Primeiro entre para a DAL — disse Reta — e aí veremos.

— Você só transa com membros da DAL? — perguntei.

— Não é isso — ela disse — eu quero te dar mais uma motivação para que se esforce e entre para a DAL.

— Vou fingir que acredito que esse foi o seu motivo para recusar — falei.

Ela sorriu.

— Quero que você fique motivado — ela disse.

— Tem uma forma de você me deixar bem motivado! — eu insisti.

— Shhh! — ela disse — você vai acordar Kendi.

Eu tinha certeza que ela não hesitaria em trepar com ele. Talvez até já tivesse trepado. Mas eu não falei isso em voz alta.

Como eu já não sentia tantas dores, consegui pegar no sono.

Nós prosseguimos em nossa viagem de volta, que com certeza foi mais curta que a ida.

Chegamos até a torre da DAL.

Reta ficou lá definitivamente. Porém, Kendi me avisou que só iria ficar lá por algumas horas para tomar um banho, comer e pegar mais provisões. E depois ele seguiria viagem comigo.

— Para onde?

— Não importa — disse Kendi — eu disse que ia te treinar, não disse?

— Achei que essa viagem tinha sido o treinamento — falei.

— Foi só o começo.

Fiquei contente em saber que ele manteria sua promessa. Porém, mesmo que o treinamento dele fosse apenas a viagem, eu já teria ficado agradecido.

— Para onde quer ir? — ele me perguntou.

— Você é o mestre — falei — você decide.

Kendi parou para pensar.

— Já estivemos num deserto — ele disse — então dessa vez iremos para uma floresta. Não precisa ser longe. A Floresta de Lamentos fica há menos de uma hora de viagem. Podemos nos divertir lá.

Deixamos os camelos e pegamos dois cavalos.

Eu já tinha me acostumado com o camelo após quatro meses de viagem. Quase me apeguei ao bichinho.

Mas andar a cavalo não era ruim. Era com certeza mais confortável. Como sentar nele era bem diferente de sentar no camelo, senti como se estivesse faltando alguma coisa.

E quando eu estava quase me acostumando com o cavalo após 1h de viagem, nós chegamos no nosso destino.

— Aqui está bom — decidiu Kendi, quando chegamos numa clareira — vamos montar uma fogueira e comer algo quente.

— Podíamos ter feito isso na torre — falei.

— Que graça teria? — falou Kendi — não quero que seu treinamento seja monótono. Faremos muitos jogos. Já sei! Irei esconder coisas na floresta e você terá que encontrar apenas sentindo a energia. É uma boa forma de você treinar sua percepção mágica.

Ele chamava aquilo de divertido? Eu achava um saco caminhar. Preferia um treinamento mais tradicional e não aquele monte de experimentos alternativos.

Mas que escolha eu tinha? Ele era o mestre.

Depois de comermos, ele escondeu algumas coisas na floresta e me mandou procurar. Ele ficou lendo perto da fogueira.

E lá fui eu andar. Que aborrecedor!

Eu realmente caminhei pra caramba, mesmo estando exausto. Kendi me deu um mapa, porque achou que seria mais interessante dessa forma. Mas aquele mapa que ele desenhou estava me atrapalhando mais do que me ajudando.

Eu tinha uma bússola, então achei que não me perderia. Mesmo assim, era meio desesperador estar sozinho no meio da floresta.

Era desconfortável estar sozinho.

Uma coisa era estar sozinho no meu quarto no castelo, sabendo que estava protegido. Outra bem diferente era estar sozinho a céu aberto, quando estava quase anoitecendo.

Quando a noite começou a cair, pensei em retornar. Eu ainda não havia achado nenhum dos três objetos que Kendi escondeu.

Até que senti uma energia forte perto de um rio. Olhei para o mapa.

— Então isso é um rio! — exclamei, sozinho — Kendi, você desenha mal, hein!

Eu cavei nos arredores, mas não encontrei nada. Fiquei com muita terra embaixo das unhas.

Até que eu resolvi botar a mão dentro do rio. Tive que molhar o braço inteiro para alcançar.

Era uma pequena faca. Dava para ver que era de Kendi, pois havia um “K” entalhado.

Estranhamente, me senti muito feliz e orgulhoso de ter encontrado a faca depois de todo aquele esforço. Até que aquele método de treinamento não era assim tão ruim.

Eu senti a energia. Achei a faca porque senti. Eu coloquei a mão exatamente onde ela estava, sem olhar. Conforme cheguei mais perto, a localização ficou mais clara.

Entendi o que Kendi estava fazendo. Ele não estava me treinando somente para entrar para a DAL. Era mais que isso: ele já estava me treinando para ser capaz de localizar Deuses incorpóreos em artefatos!

Subitamente, senti-me muito orgulhoso pela confiança que Kendi depositou em mim. Considerei um elogio. Era quase como se ele soubesse que um dia eu entraria para a DAL, então ele já estava adiantando meu treinamento.

Mas não tive muito tempo para me sentir orgulhoso disso. Porque levei uma facada nas costas.

Meu coração disparou. Não, eu nem tive tempo de perceber meu coração disparado.

O tempo passou de forma diferente. Ficou devagar demais. Ou rápido demais. Eu não soube dizer.

Vi um vulto. O cara que me atacou usava uma capa negra com capuz.

Ele me deu outra facada, dessa vez na barriga.

Estranhamente, eu não senti tanto medo como nas outras ocasiões em que fui perseguido por caçadores. Isso porque agora a situação era outra.

Eu estava mais velho e mais forte. Eu sabia que eu tinha um amuleto de proteção que poderia me salvar da morte, mesmo que sua eficácia não fosse garantida.

Mas, acima de tudo, desde que vi Reta me curar de uma facada na barriga, eu entendi que mesmo que eu levasse uma facada num local crítico eu não precisava ter medo de morrer. Eu ainda poderia ser salvo.

Agora eu sabia tanto magias de cura como de ataque. Eu teria o controle da situação.

Ou pelo menos eu achei que eu tivesse. Tentei me curar ou contra-atacar. Eu não sabia o que fazia primeiro.

Até que eu levei uma terceira facada, no peito. Muito perto do meu colar.

Quando eu achei que poderia mesmo morrer, o coração do meu colar brilhou. E houve uma explosão.

Vento, areia e sangue.

Quando abri os olhos, o caçador de Deuses ao meu lado estava despedaçado. Reconheci a cabeça, um braço e uma perna, mas isso foi tudo.

Eu estava respirando rápido. Não sabia o que fazer.

Eu devia enterrar o cara? Deixá-lo lá? Jogar os pedaços no rio?

Não, eu precisava me curar antes. Ou morreria.

Era difícil alcançar o ferimento das costas e ele parecia ser menos grave. Então toquei minha barriga e meu peito.

Consegui estancar um pouco do sangue e fechar parcialmente a ferida. Fiquei maravilhado.

Porém, aquilo drenou muito da minha energia. Eu não estava acostumado a fazer magias de cura. Muito menos em mim mesmo.

Abri minha bolsa. Reta tinha me dado uma erva. Passei aquilo em mim, mas minha mão estava trêmula.

O Deus dentro do colar havia me salvado. Ou tinha sido o feitiço de proteção? Quem sabe a combinação dos dois.

Um pouco depois, Kendi chegou onde eu estava. Ele observou o corpo despedaçado.

— Não fui eu — expliquei — o Deus do colar explodiu o cara.

Mas ele não parecia muito preocupado com isso.

— Os seus ferimentos — ele disse.

— Usei uma magia de cura — expliquei.

Ele também usou uma magia de cura em mim, completando o que eu havia feito. E cuidou das minhas costas.

— Vamos voltar para a clareira — ele disse.

Kendi me ajudou a caminhar. Eu me apoiei nele.

Voltamos para perto da fogueira. Ele disse que conhecia uma magia de cura com fogo que me deixaria novo em folha.

— Não me queime! — eu disse — você não conhece nenhuma magia de cura com água?

— Não vou te queimar — ele disse.

Ele ferveu uma poção e misturou com ervas. Aquilo trouxe alívio imediato para a minha dor. Até me deixou meio sonolento.

— Você bateu a cabeça? — ele perguntou.

— Não — respondi.

— Então, aproveite que está com sono e durma um pouco — ele disse — isso vai ajudar na cicatrização das suas feridas.

Fiz como ele falou. Eu me deitei. E adormeci pouco depois disso.

Só acordei no dia seguinte, ao nascer do sol. Kendi ainda estava dormindo.

Verifiquei os curativos dos meus ferimentos. Troquei-os. Eu ainda sentia um pouco de dor. Porém, graças às magias de cura, eu não estava tão mal assim.

Fui dar umas voltas nos arredores. Era bom explorar a floresta de manhã cedo. Estava tudo silencioso e mágico.

Voltei só 1h depois. Esperei mais um pouco até que Kendi acordasse.

— Como se sente? — ele me perguntou.

— Novo em folha — falei.

Kendi acendeu a fogueira. Eu o ajudei a preparar nosso café da manhã.

— Só estou um pouco desapontado — acrescentei.

— Por quê?

— Porque o Deus do colar me salvou — falei — eu nunca consigo fazer as coisas sozinho. Afinal, por que esse Deus fora de mim me ajuda e o Deus dentro de mim me atrapalha?

— Deuses podem ser bem temperamentais — falou Kendi — ou às vezes eles só são idiotas ou meio burros. Assim como pessoas.

Eu sempre tentava buscar uma explicação profunda para as coisas. Mas às vezes as coisas eram só... aleatórias e estúpidas.

— Um dia você tem que me ensinar a lutar — falei.

— Nesse estado? — perguntou Kendi.

— Quando eu me curar dos meus ferimentos — eu disse.

Mas isso levou algum tempo. Só mais de um mês depois eu me vi em condições de voltar a batalhar.

Mesmo assim, Kendi pegou leve comigo. Diferente de Ekon, ele era muito gentil nas lutas. Tomava cuidado para não me ferir.

— Onde está o Kendi que decepou o braço daquela garota? — perguntei.

— Você quer que eu decepe seu braço? — perguntou Kendi.

— Não — falei, tentando me desviar da faca dele, que cruzou na minha direção — ainda não.

— Então você acredita que é seu destino ter um braço decepado? — perguntou Kendi — que é só questão de tempo?

— Eu já vi dois torneios — respondi — e entendi que devo encarar com seriedade a possibilidade de ser mutilado ou morto no futuro.

— Você aceitou isso?

— Sim.

Aquilo não era totalmente verdade. Eu ainda tinha medo.

Porém, eu precisava confessar que a cada mês que passava minha vontade de entrar para a DAL era maior.

Afinal, que outro destino eu poderia seguir? Eu não amava o poder político. Nunca ameí a realeza. E eu não achava mais que a política era a única forma de salvar o mundo.

Como Deus guerreiro, mago e herói eu poderia fazer muito mais. Poderia ser um exemplo. Poderia realizar mudanças efetivas com minhas próprias mãos em vez de mandar que outros fizessem o trabalho mais importante.

Eu não queria viver minha vida seguro e sentado numa cadeira. Em primeiro lugar, seria entediante. Em segundo, eu me sentiria um covarde, enquanto pessoas reais estavam vivendo vidas reais lá fora.

Mas, acima de tudo, eu não suportaria ficar trancado.

Eu só queria estar debaixo do céu.

Se houvesse mesmo um Deus supremo em algum lugar e eu quisesse me assemelhar a ele, eu achava que aquele Deus era muito mais parecido com um mago forte do que com um rei

que só mantinha seu traseiro sentado numa cadeira e participava de jantares chiques.

Para que eu admirasse esse Deus, ele precisava ser corajoso. Ele mesmo iria para a guerra. Ele mesmo seguraria a espada. Jamais seria um covarde. Esse Deus arriscaria a própria vida. Se ele não morresse por um ideal supremo, não seria um Deus digno de ser admirado.

À noite, enquanto jantávamos alguns peixes que pescamos no rio, após a luta de facas, eu perguntei para Kendi:

— Você acredita em Deus?

Kendi riu.

— Que Deus? — perguntou Kendi — eu sou um Deus. Eu tenho um Deus dentro de mim. Eu acredito nisso. Ou você está falando daquele Deus perfeito para quem as pessoas fazem oferendas nos templos?

— Sim, é desse que eu estou falando — respondi.

Kendi agitou seu próprio peixe.

— Se esse Deus está tão longe assim, para que ele serve? — ele perguntou — eu gosto de nós, Deuses de carne e osso. Porque nós não somos inatingíveis. Eu gostaria de um Deus supremo que fosse um pescador.

— Por que um pescador?

— Eu queria um Deus que tivesse que pescar e preparar seu próprio alimento — explicou Kendi — um Deus que sofresse e morresse como a gente. Esse seria um Deus digno de ser louvado.

— Talvez — falei.

— Um Deus de verdade precisa matar — prosseguiu Kendi — porque os humanos devem matar para viver. Eu não queria um Deus que fosse rico como um nobre. Um nobre não precisa matar, porque os outros matam para ele.

— Um Deus que sujasse as mãos — falei.

— Isso mesmo. Um Deus canibal.

Dessa vez quem riu fui eu.

Mais sete meses se passaram. Eu não estava acreditando que eu tinha ficado tanto tempo naquela floresta com Kendi.

Lá não era ruim. Era bonito e conseguíamos arranjar alimento. Então eu não sofri muito.

É claro que era desconfortável. Havia muitos mosquitos no fim da tarde. No começo eu sofri.

Mas depois... eu apenas aceitei.

Afinal, eu queria ficar forte. E um dia eu sofreria muito mais nos torneios da DAL.

Um dia Kendi me informou, como quem não quer nada:

— O torneio da DAL é amanhã.

— Amanhã! — exclamei — você vai precisar correr para chegar lá!

— Relaxa — disse Kendi — estamos a apenas uma hora da torre. E dessa vez o torneio será em Delírio Suave.

— Mesmo assim...

— Vou te conseguir um ingresso.

Fiquei contente. Dessa vez eu não precisaria pedir para a rainha.

Na manhã seguinte, retornamos para a torre dos Deuses. Estavam todos se preparando.

— O torneio começa à 1h da tarde — Kendi me avisou — na Arena Suave. Se quiser, pode ir na frente.

O nome da arena não me tranquilizava.

Fui sozinho de cavalo até a arena. Lá estava eu: sozinho! Aquilo era novidade.

Mas não demorei para chegar lá. Encontrei-me com a rainha nas arquibancadas e me sentei ao lado dela.

— Como está seu treinamento? — ela me perguntou.

— Razoável — respondi — Kendi está me treinando.

Eu estava com 24 anos, assim como a rainha. Certamente ela queria me incentivar a treinar e entrar para a DAL. Assim sua posição no trono continuaria segura.

— Aquele não é seu ex-colega? — ela apontou para a arena.

Idi já estava lá, assim como seu adversário. Sabra começou a narrar o duelo.

— Ele não é bonito como Kendi e Taj — comentou a rainha — ele não tem dentes.

— Idi perdeu metade dos dentes de forma honrada, em batalha — falei — ferimentos de batalha são honrosos.

A rainha não respondeu.

Idi foi misericordioso com seu adversário. Ele venceu sem feri-lo gravemente e sem mutilá-lo.

— Os novatos não são ferozes como antigamente — criticou a rainha.

Quando Kendi entrou na arena, eu me surpreendi ao ver quem seria sua adversária: era Ramla.

Além de mim e de Idi, Ramla era a única Deusa Maldita no mosteiro, no período em que fui aluno.

Mais que isso: Ramla inicialmente foi da minha turma. Eu sabia que ela era forte, mas me surpreendi ao descobrir que era poderosa o bastante para desafiar um membro da DAL.

Kendi estava tranquilo como sempre. Ramla tinha a mesma expressão séria e entediada que eu me lembrava.

Ramla estava com 28 anos. Era nova para ser uma desafiante. Era sempre impressionante ver um desafiante com menos de 30 anos. Eles geralmente perdiam.

Eu só esperava que Kendi não a matasse. Eu conhecia a força de Kendi. Ele era meu mestre. É claro que Ramla não tinha chance.

Eu conhecia a força da Ramla de antigamente, mas eu não acreditava que ela teria mudado tanto nos últimos anos.

Infelizmente, eu não teria tempo de explicar para Kendi que aquela era minha ex-colega do mosteiro e que eu não gostaria de vê-la morta. Era realmente lamentável. Eu também torcia para que ele não a mutilasse.

Eu assisti àquele duelo com crescente tensão.

Sabra o narrava com muita animação. Dessa vez ela usava um vestido rosa choque com mais brilhos que todos os outros. E um penteado com um black power, também cheio de brilhos.

Como ela tinha peitões, sempre caprichava no decote. Era belo de se ver. Tanto mulheres como homens eram unânimes em reconhecê-la como uma maravilhosa apresentadora dos torneios. Eu já não imaginava os torneios sem ela.

Como ela era a Número 1, suspeitei que ela continuaria a ser a apresentadora por um longo tempo.

— A novata está em dificuldades! — exclamou Sabra — e já está bem machucada. Por quanto tempo ela vai aguentar?

No começo, Kendi pegou leve. Mas quando viu que sua adversária era boa, Kendi começou a ficar sério.

Era a primeira vez que eu o via sem seu sorrisinho enquanto lutava. Ele parecia estar pegando pesado naquela luta. Fiquei com medo.

— Ramla desistiu da faca e usou uma magia — declarou Sabra — mas que magia é essa?

A magia que Ramla usou fez surgir uma espécie de espiral negra. Parecia uma magia bem pesada.

Eu senti uma dor no peito. Era uma magia usada por uma Deusa Maldita. Ramla havia revelado sua natureza, para tentar garantir sua vitória.

Aquele não era um método muito elegante de vencer. Os Deuses Malditos geralmente eram discretos sobre sua origem. Mas era verdade que existiam magias próprias que só os Deuses Malditos podiam usar e que eram mais difíceis de prever.

O próprio Kendi ficou bem surpreso com o ataque. Acho que ele não esperava que ela fosse uma Deusa Maldita.

Até que Ramla soprou um vento negro sobre ele.

Não consegui ver nada por alguns instantes. Até que, quando a nuvem sumiu, vi Kendi deitado no chão, desmaiado.

Ele não parecia estar fisicamente ferido. Mas foi totalmente incapacitado.

Sabra perdeu a fala.

— Vitória de Ramla! — exclamou Sabra — meu Deus, Kendi perdeu sua posição na DAL. Outra vez! Mas não se preocupem. Ele já voltou para a DAL uma vez. Então ele retornará no ano que vem.

— Espere... o quê? — perguntou a rainha — aquela menininha venceu Kendi?

Eu também estava pasmo. Ramla havia entrado para a DAL em sua primeira tentativa. Sem ser mutilada. E sem mutilar ou matar ninguém.

Os outros oito duelos transcorreram sem maiores problemas. Os outros Deuses defenderam seus títulos. Ninguém foi morto.

Aquele torneio foi classificado como “morno”. Não houve violência e nem batalhas admiráveis com grandes reviravoltas. Foi tudo bastante previsível.

A única anomalia foi o Número 9 ter perdido o título.

Agora Idi era o Número 9. E Ramla a Número 10. A nova guarda estava avançando. E era composta por Deuses Malditos. Isso significava que naquele momento já havia três malditos na DAL. Um número considerável.

Achei que eles não estavam lá por acaso. Provavelmente a condição dos dois como Deuses Malditos foi o que permitiu aquele progresso tão rápido.

Então por que eu não avançava tanto? Eu era mais novo que eles, mas pessoas da minha idade já tinham entrado para a DAL. Eu não podia mais usar a desculpa da idade. Só a desculpa da minha doença.

Aquela magia manteve Kendi incapacitado por quase 24 horas. Só consegui conversar com ele no dia seguinte.

— Que humilhação, hã? — mas Kendi riu quando me disse isso — por essa eu não esperava. Aquela garota deve ter refinado muito aquela magia exótica para essa luta. Não consegui senti-la ou prevê-la. Ela apenas me derrubou.

— Eu senti — falei.

— Porque você também é um Deus Maldito — completou Kendi — e não é que ser um de vocês tem suas vantagens?

— Você já se sente bem? — perguntei — eu estava me perguntando quando iríamos retomar meu treinamento.

— Quanto a isso — disse Kendi — me desculpe, Dakarai. Mas agora que cáí fora da DAL, não vou mais poder te treinar.

— Por que não? — perguntei, desapontado — eu não me importo que você não seja mais membro da DAL.

— Não é isso. Eu irei desafiar a DAL no torneio do próximo ano. Então eu vou precisar me preparar a sério ao longo desse ano. Não terei tempo de te treinar.

Aquele foi um golpe forte, mas eu aceitei. Era um motivo compreensível.

— Entendo — falei — obrigado por ter me treinado até hoje.

— Boa sorte — ele disse — aproveite que é um Deus Maldito e tente usar uma dessas magias malditas malucas quando for participar do torneio.

Eu não tinha nenhum plano de desafiar a DAL no próximo ano. Eu precisava de mais anos de treino.

Agora era ainda mais importante que eu conseguisse um mestre poderoso. Depois daquele ano sendo treinado por Kendi, eu sentia que estava mais forte. Então eu tinha que achar alguém mais forte que eu para me treinar.

Pensei nos membros da DAL. Seria perfeito ser treinado por um Deus Maldito, mas eu sabia que Taj ainda estava ocupado.

Restavam duas opções: Idi ou Ramla.

Fui falar com Idi após o torneio. Parabenizei-o por sua bela e misericordiosa vitória. E depois de algumas bajulações, pedi para que ele me treinasse.

— Sinto muito, Dakarai — disse Idi — estou na DAL há apenas um ano. Eu preciso treinar muito para conseguir manter minha posição no torneio do próximo ano.

Esse era o problema de fazer aquele pedido para recém-chegados. Eles ainda eram muito inseguros. Enquanto Sabra apresentava a partida de mini saia e salto alto.

Na verdade, eu nunca havia pedido formalmente para que Sabra me treinasse. Mas eu não queria fazer aquilo, até que eu estivesse desesperado.

Não é que eu não gostasse de Sabra. Eu apenas não me sentia muito à vontade perto dela. Eu tinha quase certeza que ela zombaria do meu título, da minha idade, da minha virgindade, da minha condição de Deus Maldito e até da minha doença.

Valia a pena se submeter a isso para ser treinado pela Número 1, mas eu não queria adicionar mais dificuldades para a minha vida.

Por isso, resolvi falar com Ramla.

Eu já esperava uma recusa. Por isso, me surpreendi.

— Está bem — ela disse — vou te treinar.

— Mas você acabou de entrar para a DAL — argumentei — não quer ficar um pouco na torre?

— Na torre? — ela perguntou — por quê? Que chatice! Vamos sair para explorar.

E nós dois partimos, cada um com um cavalo.

Era fim da tarde, mas ela não se importou. Avisou para os membros da DAL que ficaria algumas semanas fora.

— Você não tem deveres? — perguntei.

— Não me importo — disse Ramla.

E ela parecia não se importar mesmo.

Após cavalgarmos por uma meia hora, paramos para descansar.

— Eu não entrei para a DAL por dinheiro, fama ou poder — ela explicou — não me importo se eles me expulsarem.

De certa forma, admirei a despreocupação dela.

— Isso não é meio irresponsável? — perguntei.

— Também não é meio irresponsável participar desses torneios? — ela me perguntou.

— Com certeza — eu sorri — você é corajosa. E muito forte.

— Pare de me elogiar — disse Ramla — eu só vou te treinar porque estou com pena. Você já era digno de pena desde a época do mosteiro. Sempre se lamentando pelos cantos. Sempre odiei isso em você.

Ramla era muito sincera. A personalidade dela até lembrava vagamente a de Chiamaka. Ela dizia as coisas na sua cara, sem preocupações.

Mas Chiamaka parecia do tipo mais irritada, enquanto Ramla fazia mais o tipo quieta e entediada. Ou ao menos ela era assim no mosteiro. Talvez tivesse mudado naqueles últimos anos.

Observei-a. Ramla estava vestida com uma roupa marrom bem bonita. Botas marrons de cano alto e uma capa.

Ela tinha a pele negra, mas não tão escura. Os olhos castanhos escuros. Os cabelos crespos presos num penteado bonito.

Ramla estava mais bonita e mais madura do que a lembrança que eu tinha dela no mosteiro.

— Obrigado por ter aceitado me treinar — resolvi mudar de assunto — como ficou tão forte? Que tipo de treinamento fez?

— Eu apenas treinei sem parar — ela disse — obsessivamente. Sozinha.

— Sozinha? — perguntei, surpreso — sem mestre?

— Meu mestre foi o Deus dentro de mim — explicou Ramla — por que você não tenta desafiar seu Deus?

— Porque eu fico doente quando faço isso — respondi.

Ramla arregalou os olhos.

— Ainda está doente? — perguntou Ramla — qual a sua idade?

— Vinte e quatro.

— Você já é velho — disse Ramla.

— Eu não sou velho! — protestei.

— Para estar doente sim — falou Ramla.

Ramla me ensinou alguns exercícios simples de magia naquele fim de tarde. Mas não achei que adiantariam muito.

— Confie em mim — disse Ramla — eu sei do que estou falando.

Ter mestres diferentes tinha suas vantagens e desvantagens. Era legal ser desafiado com estilos diferentes de treinamento. Eu aprendia de formas diversas. Em compensação, não havia uma continuidade no meu treinamento. Às vezes eu sentia que começava do zero e às vezes ficava confuso com os conselhos conflitantes.

Afinal, eu devia ou não desafiar meu Deus? Devia ser gentil ou violento? Devia treinar com facas até cansar ou meditar? Um pouco de cada, talvez? Mas aquilo era muito vago.

Um conselho do tipo “use o que funciona” eu nem sempre podia aplicar, pois alguns treinamentos só começavam a mostrar resultados a longo prazo.

No dia seguinte, viajamos a cavalo numa distância maior. Eu não sabia para onde ela queria me levar.

Até que eu me dei conta que eu estava perto da cidade de Mablevi. Eu não o havia encontrado lá da última vez que fui porque ele tinha “partido numa jornada”. Eu nunca o tinha visto assistir aos torneios tampouco. Então eu não fazia a menor ideia do que ele andava fazendo.

— Podemos parar em Santo Amor? — perguntei.

— Pode ser — concordou Ramla — preciso pegar mais água.

Contei para Ramla que Mablevi morava lá, mas ela não se importou. Portanto, fui visitar a casa da família dele enquanto ela ia para outro lugar arranjar água.

Bati na porta. Quem atendeu foi um homem que parecia ter mais de trinta anos.

— Dakarai?

Ele me reconheceu. Mas eu não o reconheci.

Mablevi era apenas dois anos mais velho que eu. Atualmente, estava com 26 anos. Mas ele parecia muito mais velho.

Ele tinha deixado a barba crescer. Os cabelos também estavam mais longos. Mablevi sempre teve uma aparência meio rústica de “andarilho do deserto”, mas atualmente ele tinha um aspecto bem selvagem.

— Mablevi?

Nós sorrimos e nos abraçamos.

— Você está fedendo! — eu disse a ele.

— Acabei de voltar de viagem — disse Mablevi — eu quase nunca paro em casa. Você deu sorte. Só vim pegar algumas provisões.

Ele me convidou para entrar. Serviu-me pão e leite. Enquanto comíamos, conversamos.

Achei que eu tinha muito que contar. Mas ele tinha muito mais. Perto das aventuras dele, descobri que minhas aventuras não eram tão incríveis.

Mablevi havia viajado sozinho para treinar em muitas florestas distantes e lugares ermos. Teve alguns mestres magos e Deuses que viviam isolados em florestas que ficavam literalmente no fim do mundo. Fiquei surpreso que ele tivesse ido tão longe.

— Eu quase morri de fome e de sede várias vezes — ele me disse — mas acho que isso também fazia parte do meu desafio. Eu fiquei mais forte. E foi uma forma de desafiar o Deus dentro de mim. Eu descobri que quando um Deus Maldito está perto da morte, o Deus interior desperta todo seu potencial.

Não gostei da notícia.

— Isso significa que para eu ficar forte terei que enfrentar situações de quase morte? — perguntei.

— Sim — disse Mablevi — eu fiquei muito forte. Talvez eu conseguisse desafiar os membros da DAL no torneio, mas eu não ligo pra isso.

Eu ri. Já tinha contado a ele que Idi e Ramla eram membros.

— Mas espere — falei — você não é um Deus Maldito. Então como você sabe de tudo isso?

— Eu já tive mestres que eram Deuses Malditos — ele explicou — e eles me ensinaram a treinar dessa forma. É verdade que o resultado é mais efetivo para os malditos. Mas estar perto da morte também ajudou a despertar meu potencial. Acho que isso desperta o potencial de qualquer pessoa, mesmo que não seja um Deus.

— Mas é muito arriscado — observei — é um preço grande a pagar.

— Eu queria ficar forte — disse Mablevi — para defender o meu povo. Essa é uma cidade pequena. Qualquer idiota pode chegar e saquear a qualquer momento. Mas se eu estiver aqui para defendê-la, não vou permitir.

— Mas você está sempre fora treinando — argumentei.

— Por enquanto — falou Mablevi — estou quase atingindo o nível de força que desejo. Sempre continuarei treinando, mesmo aqui. Mas sinto que meu treinamento lá fora ainda não terminou.

Eu peguei uma faca e cortei minha própria palma.

— O que está fazendo? — perguntou Mablevi.

— Faça o mesmo — falei.

Mablevi fez. Eu segurei na mão dele depois disso.

Sentimos o poder um do outro de forma bem direta. Eu me assustei.

— Você está tão forte quanto um membro da DAL — eu concluí.

— Não falei? — disse Mablevi — eu sei do que estou falando. Mas você também está forte. Se treinar mais um pouco, talvez possa entrar para a DAL um dia.

Não senti muita confiança naquelas palavras. “Se treinar” e “talvez”. Eram muitas incertezas.

— Se alguém da minha família ficasse doente e eu precisasse de dinheiro para o tratamento, por exemplo, talvez eu entrasse para a DAL — falou Mablevi — temporariamente. Mas não quero me vender dessa forma.

— Entrar para a DAL não é se vender — argumentei — nossos professores do mosteiro estavam errados. Ser membro da DAL é uma profissão honrada.

— Eu também poderia vender meu próprio sangue, mas eu jamais faria isso — falou Mablevi — aliás, você sabe que isso que acabamos de fazer é algo bem íntimo?

— É? — perguntei.

— Deuses só costumam tocar o sangue um do outro em batalha — falou Mablevi — agora, tocar diretamente sangue com sangue dessa forma que fizemos... tem que haver muita confiança.

— Mas somos amigos de longa data — falei.

— É verdade — disse Mablevi.

— Aliás, você se lembra daquela velha teoria de Machelle de que se um Deus Maldito fizer sexo com outro Deus a doença vai embora? — perguntei.

— Sim — falou Mablevi.

— Eu ia pedir para Machelle, mas ela já está casada e com um filho — falei — então pensei em pedir para você.

Mablevi riu.

— Você quer me comer? — ele perguntou — sério?

— Não consigo pensar em outra pessoa de confiança — falei.

— Ramla está te treinando agora, não está? — perguntou Mablevi.

— Eu não confio nela — falei.

— Não precisa confiar — falou Mablevi — se esse é o remédio para curar sua doença, apenas faça e acabe com isso.

— E por que não pode ser com você? — insisti.

— Porque eu te vejo apenas como amigo — explicou Mablevi.

— Pois Ramla nem como amigo me vê! — exclamei — ela disse que só está me treinando porque está com pena de mim. Acredita nisso?

— Vindo dela, eu acredito — falou Mablevi — se bem que ela costumava ser mais gentil antigamente. Mas eu a entendo. O mundo não é gentil com os Deuses. O mundo nos estraga.

— Não quero mais culpar o mundo — falei — o mundo não é cruel apenas com Deuses.

De qualquer forma, fiquei contente de me encontrar com Mablevi. Era inspirador ver o quanto ele ficou forte.

Mas o conselho dele me assustava. Se eu queria ficar forte teria que “assustar” o Deus em mim com situações de quase morte. Pensando bem, os caçadores que nos atacavam já desempenhavam esse papel.

Seria por isso que os Deuses se matavam no torneio? Para assustar os Deuses dentro de si e se tornarem mais poderosos. Para colocar-se em situações de quase morte. Agora fazia mais sentido.

Será que eles capturavam o Deus morto? Além de usarem os pedaços de corpos como artefatos.

Quando saí de lá, me encontrei novamente com Ramla. Ela já tinha conseguido a água.

— Tem certeza que não quer cumprimentar Mablevi? — perguntei.

— Não — ela disse, friamente — ele foi seu amigo no mosteiro e não meu amigo.

Éramos tão poucos no mosteiro que para mim não fazia diferença se a pessoa foi ou não da minha turma. Eu já considerava Idi um amigo só porque por um momento ele estudou no mosteiro enquanto estive lá.

Nós rumamos para outra cidade. Mas fizemos outra parada no meio do caminho.

Paramos para comer e descansar. Já caía a noite. Fizemos uma fogueira. Era bom também para se aquecer e espantar mosquitos.

— Por que entrou para a DAL? — perguntei.

— Porque eu estava a fim — respondeu Ramla — eles são arrogantes. Queria derrotar um desses arrogantes.

— Você prejudicou uma pessoa que realmente queria estar lá.

— Isso não é problema meu. Já fui gentil por poupar-lhe a vida.

Viajamos por cerca de um mês para diferentes lugares. Eu apenas acompanhava Ramla sem opinar para onde iríamos.

— Não está na hora de você voltar para a sede da DAL? — perguntei.

— Eu direi quando for a hora — falou Ramla, secamente.

Ela havia me treinado durante aquele mês. Todo dia fazíamos alguns exercícios. Eles incluíam meditações e lutas, mas nunca jogos. Eram treinos rigorosos que frequentemente me deixavam exausto.

Ramla viu minha doença piorar. Eu estava quase sempre com febre, tosse e dores no corpo. Às vezes tinha dor de

garganta, nariz escorrendo, dificuldade de respirar ou chegava até a cuspir sangue.

Ramla expressou desagrado.

— Sua doença é irritante — ela me disse um dia.

— Não é minha culpa!

— É sua culpa sim! — ela afirmou — você não está levando seu treinamento a sério.

— Bem, se os boatos forem verdadeiros, minha doença só vai sumir quando eu fizer sexo — falei, com raiva.

— E por que ninguém quer fazer sexo com você? Já se perguntou isso? Eu digo o motivo. Você é só um riquinho arrogante e mimado! Vive se gabando por ser príncipe, por ter a pele escura, por ser Deus Maldito, por sua doença! Isso é insuportável, é irritante. Sabe quantas pessoas trocariam para estar em seu lugar?

— Eu trocaria de lugar com elas — afirmei.

— Ah, é mesmo? — zombou Ramla — trocaria de lugar com pessoas morrendo de fome? Morrendo desidratados com diarreia, com pústulas pelo corpo?

— Minha doença também não é agradável — argumentei.

— Sabe de uma coisa? — ela perguntou — eu já me cansei das reclamações da sua doença. Estou farta!

— E vai fazer o quê? — perguntei — vai parar de me treinar?

— Não — ela disse — vou fazer sexo com você, para que cale a boca!

E eu calei a boca mesmo, de tão surpreso que fiquei.

— Aqui, no meio do deserto? — perguntei.

Estávamos literalmente no meio do nada. Não tomávamos banho há alguns dias. Havia somente uma fogueira ao nosso lado.

— Onde você quer fazer? — ela perguntou — numa cama de cetim do seu castelo?

— Eu preferia — argumentei.

— Talvez eu tenha perdido a vontade até chegarmos lá.

— E você está com vontade agora? — perguntei.

— Não — ela disse — mas eu aceito fazer qualquer coisa para parar de ouvir suas reclamações idiotas.

Após dizer isso, ela me deu um beijo na boca.

Eu gostei daquele beijo. Eu a agarrei com vontade. Já tinha treinado agarrando Machelle um pouco no mosteiro, mas nunca fomos longe demais.

Ramla não perdeu tempo. Foi logo tirando a roupa e arrancando a minha.

— Calma! — falei.

— Você é muito lento — ela disse — no sexo e na magia. Você é um fracasso como Deus e como ser humano. Já disseram isso pra você?

— Não, é... a primeira vez — observei.

Por algum motivo, nada do que ela dizia me aborrecia.

Fiquei muito surpreso. Ramla parecia saber exatamente o que estava fazendo. Parecia ser bem experiente.

Nunca imaginei que dois corpos fedorentos no meio do deserto poderiam fazer algo tão bom. Não achei que aquilo seria agradável. Mas, inexplicavelmente, foi.

Quando aquilo tudo terminou, eu estava dócil como um cordeirinho.

Ramla ainda parecia meio irritada, mas menos. Porém, eu estava sorrindo.

— Por que está sorrindo? — ela me perguntou, enquanto recolocava a roupa.

— Porque você é linda — eu falei, como um idiota.

— E você é um imbecil!

— Eu sei — falei — pode me xingar mais. Eu não me importo.

— Por favor, não me assuste — disse Ramla — eu preferia você quando estávamos discutindo. Bem, eu vou dormir agora. Boa noite.

Ela apenas se virou. Nem quis dormir comigo, depois de tudo.

Mesmo assim, eu dormi como um bebê.

Quando acordei, ainda estava agindo que nem bobo.

— Bom dia, Ramla — falei — lindo dia, não é mesmo?

— Madame Ramla para você! — ela disse — hoje você vai preparar o café da manhã e eu só vou assistir sem fazer nada.

Eu concordei. Fiz questão de preparar o melhor café da manhã do mundo. E mesmo assim ela criticou minha comida.

A partir daí, iniciamos um relacionamento perigoso.

Nós fazíamos sexo praticamente toda noite. Ela com aquela mesma má vontade de sempre. E eu virei praticamente seu escravo.

Em troca do sexo, ela exigiu que eu cuidasse da caça, da pesca, da coleta de vegetais, da lavagem das nossas roupas no rio, em suma: eu cuidaria de tudo e a única coisa que ela faria seria me treinar e fazer sexo.

— Só pelo treinamento você já devia ser meu empregado para me pagar — ela disse — mas como estou até fazendo sexo, exijo um preço mais alto.

— Sim, mestra — eu disse.

Não sei como eu aguentei me submeter a isso por tanto tempo. Mas ficamos naquele relacionamento estranho por um ano: até o Torneio dos Deuses seguinte.

Há várias possíveis explicações para isso.

Uma delas é que eu queria ser curado da minha doença. Então estava disposto a fazer quase qualquer coisa.

Porém, cerca de seis meses após Ramla começar a me treinar, eu já estava completamente curado da minha doença. Mas eu quis manter aquele ritual.

Por quê? Eu queria me certificar que a doença não voltaria, mas não era só isso.

Eu estava viciado em fazer sexo com aquela mulher. Era uma das melhores coisas do mundo.

Sim, talvez aquilo fosse mais importante que ficar forte ou descobrir o objetivo da vida. Sim, sexo era o objetivo da vida!

Numa noite, expliquei minha teoria para Ramla em detalhes. Eu disse a ela que não havia nada mais belo ou elevado do que propagar a espécie e por isso todos deviam fazer muito sexo.

— Meu Deus — ela disse — eu criei um monstro.

A verdade era simples: eu era uma pessoa muito influenciável. Eu era facilmente moldado por aqueles ao meu redor.

E com Ramla ao meu lado, me lembrando tão fortemente da personalidade de Chiamaka, eu baixei totalmente minhas defesas. Eu me torneio o cachorrinho dela, o escravo. Eu fazia tudo que ela queria com um sorriso no rosto. Até mesmo aqueles treinamentos ridiculamente difíceis.

Eu nunca reclamava, porque eu queria garantir meu sexo no fim do dia.

— Hã... Dakarai? — ela perguntou — é esse seu nome, não é? Ou será que seu nome é Totó?

— Au, au! — imitei.

Ela riu. Era a primeira vez que eu a via rir. Fiquei tão feliz que lati mais.

— Seu treinamento acaba hoje, seu imbecil! — ela exclamou — depois de amanhã já começa o próximo Torneio dos Deuses. Ele será em Luar Minguante. Vamos levar quase um dia de viagem para chegar lá, então teremos que partir bem cedo pela manhã.

Fiquei desapontado.

— Acabou o treinamento pra sempre? — perguntei — e o sexo também?

— Sim! — ela exclamou, furiosa — eu tenho mais o que fazer do que passar a eternidade com você trepando no deserto!

— Eu acho que seriam excelentes planos — eu disse — por que não nos casamos?

— Eu não quero casar — informou Ramla — quero ser livre e independente.

— Então podemos ser livres e independentes juntos — sugeri.

— Desculpe, Dakarai, mas não quero ser livre e independente com você.

— E se eu me tornar rei? — perguntei — e se eu me tornar o Número 1 da DAL?

— Eu não ligo para essas coisas.

Ela não ligava mesmo.

Existem pessoas que não podem ser compradas. Essas são as mais difíceis de lidar.

— OK — eu me conformei — vamos iniciar nossa viagem de volta amanhã cedo.

E assim fizemos.

Só chegamos em Luar Minguante no dia seguinte. Pedi para que ao menos Ramla me conseguisse um ingresso.

— Eu te dou um — ela disse — se você me prometer que não irá tentar me convencer a retomar o treinamento após o torneio.

— Eu prometo — falei.

E consegui meu ingresso.

Foi só quando eu já estava sentado nas arquibancadas da arena completamente sozinho que eu finalmente acordei.

Aquele ano havia passado tão rápido como um sonho. Nem parecia real.

Provavelmente foi ao mesmo tempo o melhor ano da minha vida e o mais horrível da minha vida. É claro que foi mágico fazer sexo todo dia com uma mulher gostosa como aquela.

Porém, Ramla também tinha um lado sombrio. Ela me usou. Eu servi de empregado dela por um ano. Ela foi cruel. Ela me tratava como se eu fosse um pedaço de lixo.

É verdade que ela tratava a todos dessa forma. Mas ela exagerou um pouco.

Eu não a odiei por isso. Eu me sentia grato pelo sexo e pelo treinamento. Devido ao rigor do treinamento, eu havia ficado assustadoramente forte ao longo daquele ano.

Eu estava tão forte que pela primeira vez passou pela minha cabeça desafiar os membros da DAL no próximo ano.

Eu estava com 25 anos. Com mais um ano de treino, eu já me sentiria completo.

E foi com esse espírito que eu assisti ao torneio daquele ano.

Olhei para os lados. Não vi a rainha em lugar algum. Pela primeira vez, eu assistiria ao torneio totalmente sozinho. Não teria ninguém para comentar os duelos.

O primeiro duelo foi o da própria Ramla. Ela duelou com uma mulher extremamente habilidosa.

A batalha das duas foi belíssima. Mas eu só tinha olhos para Ramla. Ela se movia de um jeito fenomenal.

Eu conhecia aquele corpo. Eu conhecia Ramla como pessoa e também como maga. E me senti orgulhoso de tudo isso.

Até que Ramla foi atingida no peito pela lâmina de uma espada. Ela caiu.

Ramla não morreu. Porém, ela não foi capaz de defender seu título. Ela estava fora da DAL.

Imaginei que Ramla não daria a mínima para isso. Talvez até achasse bom.

Eu achei uma pena. Queria que Ramla continuasse na DAL.

— Zemora venceu! — anunciou Sabra, em seu vestido com as cores do arco-íris.

Quando eu achava que o visual de Sabra já tinha sido espalhafatoso o bastante no ano anterior, ela sempre se superava no ano seguinte.

Comecei a me perguntar se eu tinha me apaixonado tão loucamente por Ramla apenas porque ela me recordava um pouco Chiamaka. Era uma boa teoria.

Isso porque eu tinha medo de me aproximar de Chiamaka. Então Ramla foi sua substituta quase perfeita.

Eu ainda me sentia tão hipnotizado pela experiência do ano anterior que eu ainda me sentia um pouco distraído ao assistir aos duelos.

Idi venceu seu adversário sem matar e defendeu seu título.

Kalifa, a Número 8, também defendeu seu título. Porém, quando chegou a vez de Reta, a Número 7, a situação se complicou.

Ela lutaria contra Kendi. Não sei se a escolha das lutas dos desafiantes era aleatória ou foi escolhido de propósito. Mas achei muito azar.

— Essa será a luta do século! — anunciou Sabra — os dois queridinhos da DAL!

Tanto Reta quanto Kendi eram muito famosos. A plateia gritou bastante. E os dois não desapontaram o público.

A luta que os dois travaram foi extraordinária.

Eles conheciam as técnicas um do outro, então foi quase um espetáculo coordenado.

Kendi fez sua espada pegar fogo e atacou Reta. Por sua vez, Reta resolveu invocar uma lança de gelo.

Os dois se moviam muito rápido. Era difícil acompanhar. Eles pareciam dançar.

Ao mesmo tempo que pareciam estar lutando a sério, eles queriam agradar ao público. Eles sorriam ou até mesmo riam. Pareciam orgulhosos pela honra de enfrentar um ao outro.

No entanto, em certo momento da luta a coisa começou a ficar séria. Reta começou a lutar a sério e Kendi fez o mesmo.

Eles estavam se atingindo. Estavam sangrando. Na verdade, eu não sabia que um ser humano podia sangrar tanto.

Mas eles eram Deuses. Deviam estar usando magias de cura num nível absurdo. Mas não era fácil atacar e curar ao mesmo tempo. Em algum momento um dos dois iria se cansar.

Até que, sem que eu esperasse por isso, a cabeça de Kendi voou.

Ninguém esperava aquele desfecho. Nem mesmo Sabra.

Reta não sorriu. Ela segurou a cabeça de Kendi pelos cabelos.

— Vocês gostavam desse penteado, não é? — berrou Reta — agora essa cabeça é minha!

Por que ela estava tão furiosa? Eu não entendia.

Enquanto a multidão urrava, alguns de horror e outros de fascínio, eu chorei.

Kendi me treinou durante um ano. Meu peito doía. Era doloroso.

Eu não queria mais fitar aquela cabeça.

Será quem um dia alguém iria segurar minha cabeça decapitada naquela arena?

A dor não parava. Eu finalmente fui despertado do meu transe.

Maldição!
Eu queria mesmo entrar para a DAL? Droga!
Aquilo era muito cruel.
— Reta defendeu seu título! — bradou Sabra — mas eu estou triste.
Ela pareceu sincera. Parecia mesmo um pouco cabisbaixa.
Ela não narrou o duelo seguinte com muito entusiasmo. Parecia arrasada.
Eu sabia o que ela estava sentindo. Bem, ela o conheceu por mais tempo que eu.
Rajabu, o número 6, também defendeu seu título. Assim como os outros.
Apreciei as lutas de Taj e Chiamaka. Eles lutaram bem.
No entanto, Chiamaka decepou a mão de sua adversária. Eu não conseguia olhar para aquilo. Por que eu precisava ver aquelas coisas?
Até que, para meu assombro, vi quem seria o adversário de Sabra.
A Número 1 enfrentaria Mablevi. Meu coração quase parou.
O que aquele desgraçado estava fazendo ali?
Um ano atrás eu havia conversado com ele. E Mablevi garantiu que não se importava com a DAL.
Então, que raios? Algum membro da família dele havia ficado doente? Ele precisava de dinheiro para alguma coisa? Ou estava apenas entediado?
Mas Mablevi não era disso. Ele era um cara sério.
Eu sentia a energia dele. Ele era forte. Talvez para vencer alguns membros da DAL, mas nunca a Número 1.
Sabra não ficou preocupada. Sentiu a energia dele, mas batalhava tranquilamente como sempre.
Ela usou uma bola de ferro com uma corrente e a agitava de forma elegante.
Até que Mablevi atingiu Sabra no rosto com uma espada.
Sabra não gostou. Ela ficou furiosa.
— Eu não vou te deixar vivo, menino — garantiu Sabra — eu vou te despedaçar!

Era aquilo: a magia de ossos!

Eu nunca tinha aprendido magia de ossos. Ninguém tinha me ensinado, porque ela era muito perigosa. Só era usada por magos de altíssimo nível.

Sabra estava controlando o corpo de Mablevi. Ele se movia conforme ela desejava.

Sabra gargalhou. Abraçou Mablevi, para provocá-lo.

— Eu tenho você aqui — ela disse, tocando o dedo indicador na palma da própria mão.

Ela deu um beijo na boca de Mablevi.

A plateia gritou. Eu também. Achei que ele morreria naquele instante.

Porém, Mablevi recuperou os movimentos. Cuspiu um jato do próprio sangue na boca de Sabra.

O sangue de um Deus era poderoso e podia até queimar uma pessoa por dentro. E foi esse o efeito do sangue: queimou a garganta e a boca de Sabra.

Ela gritou. Porém, antes que ela fizesse qualquer coisa, Mablevi usou magia de ossos nela.

Era como se o corpo de Sabra fosse fogos de artifício: cada pedaço voou para um lado. Uma perna, um braço, um intestino, um cérebro. Os pedaços dela atingiram muita gente na arquibancada. Eu fui atingido por um dedo ensanguentado.

Não havia ninguém para narrar a vitória de Mablevi. Por isso, Chiamaka, que era agora a Número 1, entrou na arena.

— Vitória de Mablevi! — ela pronunciou — eis o novo Número Nove!

O público urrou admirado.

Fiquei muito chocado com a morte de Sabra. Por que Mablevi tinha feito aquilo?

Ele derrotou a Número 1 da DAL! Como se não fosse nada! Mablevi estava cagando para a DAL. E ele chegou assim, matando.

Mablevi estava sério.

Duas mortes de veteranos da DAL tinham ocorrido naquele dia: a morte de Kendi e a de Sabra. Aquilo era mortalmente sério.

Havia também dois novos membros: Zamora, a Número Dez, e Mablevi, Número Nove. Aquilo era surreal.

Se Mablevi derrotou a Número 1, então eu também podia ser capaz de entrar para a DAL um dia. Não é mesmo?

Não necessariamente. Foi só naquele momento que descobri a força absurda de Mablevi.

Aquilo não era normal. O treino dele tinha sido excepcional.

Ele me disse que se colocou seguidamente em situações de quase morte para fortalecer o Deus dentro dele. Então aquele era o segredo?

Quase morrer de fome ou sede incontáveis vezes. Ou quase morrer em batalha seguidas vezes.

Mas aquele tipo de treino era perigosíssimo. Eu estaria disposto a fazê-lo?

Eu senti medo. Por que eu não me tornava rei e acabava com aquilo? Eu poderia ter uma vida confortável e segura no castelo.

Não! Eu era um Deus. Eu não devia pensar assim!

Mas eu estava triste. Eu não sentia vontade de parabenizar Mablevi.

Eu tinha vontade de xingá-lo. Tinha vontade de bater nele. Por que ele tinha matado Sabra? Ela parecia gostar muito de ser da DAL. Ela narrava os torneios com entusiasmo.

Nunca fui muito fã de Sabra. Porém, eu a respeitava.

Imaginei que alguns membros da DAL odiariam Mablevi. Principalmente Taj, já que ele e Sabra foram amantes.

Mas... eu não tinha mais nada a ver com os membros da DAL!

Meu antigo mestre, Kendi, tinha sido morto. Ramla perdeu sua posição e deixou claro que não me treinaria mais.

Era o fim para mim. Se eu ainda queria entrar para DAL, era melhor eu começar a treinar sozinho, como Mablevi fez.

E agora eu não tinha mais minha doença. Podia usar a famosa magia de olhar as vidas passadas do meu Deus.

No entanto, eu ainda não me sentia preparado para aprender a magia de ossos. Eu não sabia se um dia teria coragem de aprendê-la, após ver tanta coisa horrível envolvendo aquela magia. Parecia que corpos de despedaçavam, de propósito ou por acidente, quando a magia era usada de forma excepcional ou errada.

Não achei que Mablevi cometeu um erro. Ele parecia saber o que estava fazendo. Isso era o mais assustador.

Bem, eu precisava conversar com ele, querendo ou não. Eu exigiria esclarecimentos. As ações dele não condiziam em nada com o que ele havia me dito um ano atrás.

Fui até o local em que estavam os membros da DAL após o torneio, depois que todos na plateia já tinham saído.

— Você não pode entrar — um guarda me barrou.

— Pode deixar — disse Reta — eu o conheço.

Recebi permissão para entrar. Mas não olhei Reta com bons olhos.

— Por que você matou Kendi? — perguntei — pensei que gostassem um do outro. Ou que ao menos fossem amigos.

— Amizade não tem nada a ver com duelos — explicou Reta — aquela era uma batalha séria.

— Você estava preparada a matar um amigo só para manter sua posição na DAL? — perguntei, indignado.

— Sim! — exclamou Reta — é assim que as coisas funcionam por aqui.

— Kendi não se importava tanto com a DAL — falei.

— Porque ele era fraco — disse Reta — e por isso ele morreu.

Resolvi não responder. Minha discussão com ela tinha terminado.

— Não vim aqui para falar com você — comentei, secamente.

— Deixe-me adivinhar — disse Reta — Chiamaka?

— Não — falei — quero falar com Mablevi.

— Ah, o novato que não sabe usar magia de ossos — falou Reta, com desagrado — fique à vontade para falar com ele, já que ninguém mais quer falar.

E ela se afastou. Pelo visto, ela também estava furiosa com Mablevi.

Não demorei muito para encontrá-lo. Ele estava num canto tirando o excesso de sangue das vestes e de sua arma.

Pronunciei o nome dele e Mablevi olhou para trás.

— Não sabia que estava na plateia — comentou Mablevi.

Mas ele não sorriu e nem me abraçou. Não parecia muito contente. Ótimo, porque eu também não estava.

— Por que fez aquilo? — perguntei — achei que não ligasse para a DAL.

— Eu não ligo — afirmou Mablevi — mas preciso de dinheiro.

— Para quê? — zombei — um membro da sua família ficou doente?

— Sim! — exclamou Mablevi, com raiva — minha família toda morreu! Quase todo mundo na minha cidade morreu! Sabia disso?

Eu fiquei quieto. É claro que eu não sabia. A cidade dele ficava no fim do mundo.

— Imaginei que não soubesse — disse Mablevi — a peste chegou na minha cidade. Eu quase morri também. Só sobrevivi porque usei uma magia de cura muito poderosa que aprendi. Mas consegui salvar poucas pessoas com isso. Existem seres nesse mundo ainda mais poderosos que humanos ou Deuses.

— Sinto muito — falei — eu ouvi rumores distantes sobre a peste. Não sabia que tinha chegado por aqueles lados.

Mablevi continuava furioso.

— Isso é tudo o que tem a dizer? — perguntou Mablevi — como se você não tivesse nada a ver com isso.

— E eu tenho? — perguntei, confuso.

— Você é o príncipe! — berrou Mablevi, descontrolado — vá falar com sua prima! O que a rainha está fazendo para conter a peste? Posso saber?

— Será que é por isso que ela não veio assistir ao torneio hoje? — perguntei.

— Talvez — disse Mablevi — mas o que quer que ela tenha feito, não foi o bastante.

— Ela é apenas a rainha de Maior Sonho — falei — ela não tinha como alterar o destino da sua cidade.

— Ela tinha! — exclamou Mablevi — a realeza faz alianças. Tem contatos. Ninguém fez absolutamente nada para salvar minha cidade. Deixaram todos para morrer, como cães!

O que eu podia dizer diante disso?

— Meu pai morreu! — berrou Mablevi — minha mãe morreu. Minha avó morreu. Meus irmãos morreram. Meus primos morreram. Meus amigos. Meus vizinhos. Meu Deus, eu estou desesperado!

— Isso eu posso ver — falei — você simplesmente chegou aqui e explodiu a Número 1 em mil pedaços. Posso saber o que ela tinha a ver com a peste?

— Esses imbecis da DAL! — gritou Mablevi — o que eles estão fazendo com todo o dinheiro e influência que têm? Eles ficam trancados naquela porcaria de torre. Partem em missões inúteis. Treinam para seus torneios. Enquanto tem um monte de gente morrendo, de peste e de fome!

— Espera, calma aí — falei — sempre existiram pessoas morrendo de fome e de doenças. Você quer que todo mundo pare o que está fazendo e dê um jeito nisso?

Mablevi me fitou, estupefato.

— É óbvio que sim! — falou Mablevi — você não quer? Eu só fui treinar no mosteiro para aprender a me defender. Eu não seria de ajuda para ninguém estando morto. Aprimorei meu treinamento para defender minha família e minha cidade. Tentei fazer o que estava ao meu alcance. Qual não foi a minha surpresa ao ver meu poder de Deus ser subjugado dessa forma! E eu não podia fazer nada!

Mablevi estava louco. Estava tomado pela fúria.

Outros membros da DAL estavam mais ou menos perto e escutaram. Até os guardas da porta ficaram curiosos com os gritos.

— Por que não se tornou rei? — perguntou Mablevi, irritado — para fazer alguma droga de diferença nesse mundo. Enquanto tem gente morrendo de fome, você está aí, assistindo os torneios ridículos da DAL!

— Eu também tenho meus sonhos — falei — e minha liberdade. Ser rei é uma prisão.

— Então me bota na droga do trono! — berrou Mablevi — mesmo sem gostar do poder, eu vou mudar esse mundo!

— Bem, se você quiser casar com minha prima, eu posso te apresentar para ela — sugeri.

Mas Mablevi não estava no humor para aquele tipo de conversa. Ele estava muito mais irritado do que eu jamais o vi.

— Eu estou louco! — ele confirmou minhas suspeitas — eu fiquei maluco vendo minha família e meus amigos morrendo, sem poder fazer nada! Você sabe o que é isso?

— Sim — afirmei, seriamente — meu pai morreu na minha frente e eu não pude fazer nada. E eu não conheci minha mãe, porque ela morreu no parto.

— Pelo menos seu pai morreu rápido — disse Mablevi — minha família agonizou por dias, alguns por semanas.

— Mablevi — falei — eu não queria que nada disso tivesse acontecido. No que eu posso ajudar?

— Nada! — ele disse — agora você não pode fazer nada! Sobrou pouquíssima gente viva na minha cidade. Vou usar o dinheiro que eu receber na DAL para dar a eles, porque acabou a comida. A peste acabou com tudo.

— Vou falar com a rainha — eu disse — verei se ela pode fazer alguma coisa pela sua cidade.

— Obrigado.

Mas ele não olhou para mim quando agradeceu. Ele não sorriu. Parecia morto por dentro. Completamente destruído.

Fiz uma longa viagem até Maior Sonho. Eu não me importava mais de viajar sozinho. Eu teria o poder para deter os caçadores mais fracos, se eles me atacassem no caminho.

Quando cheguei no castelo, encontrei Haji no pátio.

— Há quanto tempo! — disse Haji.

Fiquei um pouco feliz de revê-lo, apesar da situação.

— Senti saudades, Haji — falei — sabe dizer se minha prima está no castelo?

— Ela está — ele disse — anda muito ocupada. Com toda a situação da peste.

Será que eu era o único que não sabia daquilo? Bem, no último ano eu fiquei apenas treinando e fazendo sexo no deserto. Eu não fazia a menor ideia do que estava acontecendo com o mundo.

Fui até o quarto da minha prima. Sem cerimônia, escancarei a porta.

Ela estava na cama nua, cavalgando em um desconhecido aleatório.

— Meu querido primo! — Feechi sorriu, sem parecer nem um pouco embaraçada — só vou terminar aqui e já falo com você. A não ser que queira se juntar a nós.

— É meio urgente — falei.

— Nesse caso... — ela saiu de cima do sujeito — pode sair, meu bem. Outra hora a gente continua isso daqui.

O cara saiu enrolado num lençol. Nem vi quem era e nem estava interessado. Ele fechou a porta por trás de si.

Minha prima continuou sentada na própria cama, enrolada em seus lençóis.

— Pode se sentar onde quiser — ela disse.

— Pode deixar — falei — ficarei em pé.

— Desculpe não aparecer no torneio desse ano — falou Feechi — eu tive que ficar presa no castelo por causa daquelas reuniões idiotas sobre a peste.

— Era sobre isso que eu queria conversar — falei — ouvi dizer que a peste já dizimou algumas cidades.

— Parece que sim — ela disse — por isso iremos fechar Maior Sonho. Ninguém entra e ninguém sai. Se alguém fizer isso sem autorização será morto.

— Boas medidas — zombei — há um amigo meu chamado Mablevi. Ele foi meu colega no mosteiro. A cidade dele foi arrasada pela peste.

— Coitado.

— Os habitantes da cidade que sobraram vivos precisam de ajuda financeira. Estão morrendo de fome.

— Qual é a cidade dele?

— Santo Amor — respondi.

A rainha gargalhou.

— Essa cidade nem existe! — ela disse — é tão pequena que nem deve estar no mapa.

— Nunca teve muita gente morando lá e agora tem menos ainda — falei — tem como enviarmos algum auxílio financeiro? Ou pelo menos comida?

— É claro que não — disse Feechi — o que eu ganho com isso? Nada! Eu só ajudo as cidades se nosso reino ganhar algo em troca. A realeza não é uma organização de caridade. Nós temos muitos gastos aqui no castelo. Muitos funcionários para pagar. E temos os gastos com nossa própria cidade.

— É para isso que servem os impostos, que já são muito elevados — falei — nós não precisamos de tantos funcionários assim no castelo.

— Quer que eu demita essas boas pessoas? — zombou Feechi.

— Não vai te custar praticamente nada enviar um pouco de comida para Santo Amor! — exclamei — se você me der algumas dezenas de sacos de arroz, eu e Haji podemos levar para lá.

— Você tem um pouco de dinheiro para seus gastos pessoais — disse a rainha — então tire de seu próprio bolso e ajude-os.

— Acho que vou fazer isso mesmo — falei — mas não vou ter o bastante para ajudar outras cidades atingidas pela peste. Por que você não está fazendo nada?

— Porque eu não tenho nada a ver com essas cidades pobres! — disse a rainha — tenho meu próprio reino para cuidar. E meus gastos no castelo. Eu já estou com dor de cabeça por causa de todas essas reuniões. Não me meta mais nessas questões de pobres.

— Sabe quanta gente está morrendo para a peste porque os governos dos outros reinos estão cagando para as cidades pobres atingidas? — perguntei.

— Não sei e não quero saber — ela disse — eu vou fechar a minha cidade para que a peste não chegue aqui. É melhor que esses miseráveis doentes nem cheguem perto daqui ou irei mandar matar todos.

— Nós temos médicos sobrando aqui no reino! — exclamei — ao menos envie alguns para ajudar essas cidades!

— Não quero matar nossos médicos — falou Feechi — o que vamos ganhar com isso?

Eu estava pasmo.

— Pare com toda essa conversa entediante sobre pobres — falou a rainha — você me aborrece. Você não falava disso antes. Quem foi que te estragou? Foi aquele seu amigo pobre?

— Meu amigo pobre se inscreveu no torneio e venceu — comentei, secamente — ele matou Sabra, a Top 1 da DAL. Agora ele é o Número 9.

Dessa vez Feechi ficou interessada.

— Então ele é poderosíssimo! — disse ela — preciso conhecê-lo! Pensando bem, acho que vou dar a ele uns sacos de arroz...

Eu senti nojo da minha prima.

— O que foi? — ela me perguntou — que cara é essa?

— Eu sabia que você não prestava — falei — sempre soube. Mas sempre fiquei quieto, porque não era da minha conta. Mas agora é.

Ela riu.

— Você não é diferente de mim! — ela afirmou — você é um riquinho mimado que anda de carruagem para lá e para cá com seu criado. A única coisa que você faz é assistir a torneios e

fingir que está treinando para aprender magia, pagando os professores mais caros e mais fortes para te treinar. E depois sou eu que sou superficial?

Eu odiava admitir, mas ela estava certa.

O que eu tinha feito de bom para o mundo até aquele dia? Absolutamente nada. Eu só tinha existido. E tinha visto alguns torneios em que pessoas eram despedaçadas, como se aquilo fosse divertido. Eu estava até mesmo aprendendo magias para talvez no futuro matar pessoas naqueles torneios estúpidos.

Eu estava apenas fingindo que um dia faria algo de bom para o mundo. Mas Mablevi estava certo. A DAL era uma palhaçada. Não importava os discursos bonitos que eles faziam.

Eles diziam que estavam lutando pela causa dos Deuses, fortalecendo uns aos outros com os torneios. Mas na prática eles proporcionavam espetáculos violentos para a nobreza. Recebiam uma salva de palmas com o show sangrento. Eles só estavam lá pela fama, poder e dinheiro.

Por que eu acreditei naqueles idiotas?

— Você está certa, prima — falei — acho que cansei de assistir aos torneios e brincar de ser Deus. Está na hora de fazer o que nasci para fazer: ser rei.

O sorriso de Feechi sumiu.

— Está falando sério? — ela perguntou.

— É claro — falei.

— Então você vai casar comigo?

— Não — falei — não quero casar com você. Infelizmente, você terá que abdicar do trono. Não se preocupe. Pode continuar morando aqui no castelo. Ainda terá todas as suas mordomias e seu dinheiro. Você apenas perderá seu poder.

Ela não gostou.

— Eu não gosto de lidar com as questões políticas chatas — ela disse — mas não desgosto de ser rainha. Queria continuar a ser.

— Infelizmente isso não será mais possível — falei — eu sugiro que você abdique do trono por vontade própria.

— E se eu não abdicar? — ela perguntou — você vai me matar?

— Talvez — respondi.

Feechi retirou uma espada da bainha. Pelo visto, ela tinha uma espada escondida naquela enorme cama de casal de tecidos vermelhos finos.

Eu não tinha uma espada, mas eu tinha uma faca longa o bastante. Também a tirei da bainha.

— Eu te dei lições de espada — ela disse — você não é páreo para mim.

— Eu treinei um pouco desde aquele dia — falei.

Eu não havia treinado apenas luta de espadas. Também recebi treinos de magia. E aquilo faria toda diferença.

Além do mais, Feechi não poderia me matar. Eu tinha um poderoso amuleto de proteção divino e um Deus dentro dele.

Mas a rainha não ligou para isso. Ela ficou de pé, mesmo completamente nua, e me atacou.

Eu desviei facilmente dos ataques dela. Ela me atacou dezenas de vezes, mas o resultado foi o mesmo.

“Foi o treino de Ekon” pensei, no mesmo instante.

Ele me ensinou a sentir a energia do adversário se aproximando, até mesmo de olhos fechados. Ele me treinou muito para duelar.

E naquele momento eu entendi o quão forte tinha me tornado. Era como se eu lutasse contra um boneco, contra um brinquedo. Ela não tinha a menor chance.

— Pare — falei — não vê que perderá?

— Jamais! — ela gritou.

— Eu vou te matar — ameacei — se continuar com isso...

— Então me mate, covarde! — ela berrou.

Será que eu tinha coragem para matar uma pessoa?

Eu tinha o poder. Mas eu seria capaz disso?

Feechi era um perigo. Ela não podia continuar no poder. Ela era uma imbecil perigosa.

Eu queria fazê-la desmaiar e removê-la de lá. Levá-la para uma ilha deserta ou algum local bem afastado, para que ela não pudesse retornar.

Mas eu não conhecia nenhuma magia para fazê-la perder a memória. Não importava para quão longe eu a levasse, eu sabia que um dia aquela idiota ia retornar e querer se vingar. Ela poderia me matar durante o sono. E transformar o reino e o mundo num inferno.

Ela só não tinha feito isso ainda porque não queria. Mas ela teria o dinheiro e o poder para tanto. Bastava que ficasse suficientemente entediada ou enfurecida.

Então era melhor eu dar um fim naquilo o quanto antes.

Aquilo era uma droga. Eu não queria que as coisas fossem daquela forma.

Mas Mablevi não matou Sabra por desespero? Pelo ideal em que acreditava? Eu não queria matar pessoas e nem ele.

Então por que brandimos a espada? Por que fizemos aquela besteira, que também era uma salvação?

Enfiquei a faca na barriga de Feechi. Ela caiu.

Perdeu muito sangue e desmaiou. Ela morreu um pouco depois disso, de tanto sangue que perdeu.

Aquela era a primeira pessoa que eu matava. Imaginei que não seria a última. Era só o começo.

Então era isso que a família real fazia? Matava parentes para tomar o poder. Dando uma desculpa qualquer de que estavam fazendo aquilo para ajudar o povo.

Tomei a coroa dela e coloquei na cabeça. Bem, aquele reino sempre foi meu por direito e por nascimento, desde o princípio.

Fui até o pátio. Haji e outros funcionários do castelo ficaram surpresos ao me ver com a coroa na cabeça.

— Haji, eu matei minha prima — comentei, como se não fosse nada — tem como se livrar do corpo dela? Eu sei que essa não é sua função, mas...

Haji me fitou com assombro.

— Imediatamente, Vossa Majestade — pronunciou Haji.

Ele fez uma medida e saiu.

Era por isso que eu gostava de Haji. Não precisei explicar muita coisa e ele entendeu imediatamente.

Haji conhecia minha prima. Sabia o tipo de pessoa que era, talvez até melhor que eu, já que tinha que conviver com a maldita diariamente. Ele devia saber que ela tinha passado do ponto dessa vez, se cheguei a matá-la.

Haji não pareceu muito preocupado com a notícia. Ele se livrou do corpo bem rápido. Mas ele me deixou claro que o corpo teve um destino digno e respeitoso. Haji ligava para essas coisas, mas eu não me importei tanto com esses detalhes.

— Você sempre quis que eu fosse rei — falei — agora realizei seu desejo.

— Não quer realizar uma cerimônia formal de coroação? — perguntou Haji.

— Bobagem — falei — tem muita gente passando fome, Haji. Muitos estão morrendo por causa da peste. Nós vamos dar um jeito nisso. Sim, vamos fechar nosso reino para protegê-lo. Mas enviaremos muitas comitivas para outras cidades, para ajudar no que pudermos.

Convoquei os cidadãos no dia seguinte e dei um discurso pela janela do castelo. Pedi por doações de todos que pudessem ajudar. Expliquei a situação urgente e descrevi como tantos estavam morrendo de peste.

Fiquei surpreso pelo número de voluntários que surgiram. Muitos doaram dinheiro, comida e medicamentos para ajudar as outras cidades. Alguns corajosos se prontificaram a ir até essas cidades para distribuir os suprimentos e cuidar dos doentes.

Porém, eu também fiquei surpreso com as pessoas que não deram a mínima. Alguns comentaram que aquele era um gasto absurdo.

— O dinheiro dos impostos é para ajudar o nosso reino! — gritou alguém — eu não tenho nada a ver com o reino dos outros!

Na verdade tínhamos a ver sim, pois quanto mais gente ficasse doente nas outras cidades, maior a possibilidade de

chegar alguém doente em Maior Sonho e iniciar um surto mortal.

Eu ajudei nas doações. Doei um monte de tapeçarias, prataria e coisas bonitas e caras desnecessárias que havia no castelo. Afinal, para que servia aquele monte de porcaria?

Alguns funcionários começaram a fofocar que o novo rei era um fresco, um defensor dos pobres, um fraco. Demiti todos os que falaram mal de mim. Eu poderia até ter um lado bom, mas eu não era tão bonzinho assim.

Alguns meses depois, a peste chegou na nossa cidade. E muita gente começou a morrer.

Colocaram a culpa em mim. Disseram que a peste chegou porque algumas das comitivas que mandei para as outras cidades voltaram contaminadas.

Talvez tenha sido isso mesmo. Eu não planejei muito bem a logística da coisa. Cometi erros básicos no meu desespero de ajudar os outros reinos. Infelizmente, eu trouxe a peste para a minha cidade.

Estavam todos morrendo: ricos e pobres. Achei que nossa cidade tinha muitos médicos. Mas de repente todos eles começaram a morrer também.

Até que a peste chegou no castelo.

— Hmm... Haji?

— Sim, Vossa Majestade?

— Hora de fugir — informei a ele.

— Mas como assim? — ele perguntou, escandalizado — o senhor é o capitão do navio! Vai deixar sua tripulação para trás?

— Eu não vou morrer junto com todos, apenas para ser herói — falei — eu posso fazer muito mais pelas pessoas um dia estando vivo do que se eu morresse agora.

— Isso é verdade. Mas...

— Eu sei, Haji — eu o interrompi — eu sei que você é um galã corajoso de livros antigos. Eu sei que você gostaria de continuar aqui e morrer junto com todos os nosso amigos e cidadãos. Sei que teria feito isso bravamente se eu não o mandasse embora. Mas você serve a família real. Eu sou o seu

rei e estou ordenando que você pegue minha carruagem para nos tirar daqui imediatamente. Fui claro?

— Sim, Vossa Majestade...

Haji provavelmente estava desapontado com minha covardia, mas obedeceu.

Em poucas horas estávamos fora da cidade.

— Para onde vamos agora? — perguntou Haji.

— A peste está em todo lugar — falei — não há cidade segura. Então nós iremos para alguma floresta distante.

Haji consultou seus mapas.

— Essa não fica longe — ele apontou.

— Então começaremos indo lá — decidi.

Em mais algumas horas chegamos na tal floresta. Pelo menos era muito mais fácil sobreviver em florestas do que em desertos. Numa floresta podíamos achar rios para beber água e animais para caçar. O deserto era morte certa. Agora não podíamos viajar de uma cidade para outra para conseguir água e comida.

Eu peguei bastante dinheiro, água e comida antes de sair do castelo. Mas a carruagem não era tão grande assim. Aquilo duraria por no máximo um mês. Depois disso, eu e Haji teríamos que começar a filtrar a água do rio, pescar e caçar nossa própria comida.

— Você sabe caçar, Haji?

— Um pouco, Vossa Majestade.

— Há algo que você não saiba fazer?

— Eu não tenho seus poderes de Deus.

— Somente porque é espiritualmente impossível — eu disse — senão aposto que você os teria arranjado também.

Não fiquei preocupado nos primeiros dias. Eu pelo menos estava com a consciência tranquila, porque ajudei financeiramente a cidade de Mablevi e outras cidades atingidas pela peste.

Mas de que adiantava se com isso eu trouxe o caos para nosso próprio reino? Ou será que não foi culpa minha? Talvez fosse apenas questão de tempo até sermos atingidos. Afinal, a

peste chegou em praticamente todos os lugares, com exceção daqueles muito isolados.

— Não terei nada para fazer aqui — falei — então vou treinar magia. Você sabe mais ou menos quanto tempo dura uma epidemia?

— Depende — disse Haji — dois anos, seis anos, dez anos... varia.

— Mesmo se forem apenas dois anos, é muito tempo — falei — precisaremos nos preocupar com a questão da água e da comida.

— Para os cavalos também — falou Haji.

— Sim, para os cavalos — concordei.

Durante mais ou menos um ano, eu apenas treinei. Haji me ajudou a treinar luta com facas, mas o conhecimento dele sobre magia tinha limites. Eu já estava muito poderoso em poder mágico. Tive que me virar sozinho no resto.

— Que bom que está curado de sua doença — falou Haji.

— Agora eu já posso usar a magia de ver as vidas passadas — falei.

Mas eu fui um covarde. Fui usá-la somente um ano depois, pois tive medo do que veria.

Infelizmente eu não assistiria ao torneio da DAL daquele ano. Talvez tivessem até cancelado o tal torneio, por causa da peste. Quem sabe até algum membro da DAL tivesse morrido pela peste. Aquilo tudo devia estar um caos.

Mablevi estava certo: éramos Deuses, mas não éramos invencíveis.

Resolvi encontrar consolo vendo as memórias do meu Deus, que também era meu pai de sangue. Pelo menos seriam memórias de uma época sem peste, em que as pessoas podiam interagir umas com as outras.

Infelizmente elas interagiam demais naquela época, porque houve uma guerra. Não era esse tipo de interação que eu queria ver.

Pulei a parte das memórias da guerra. Achei muito doloroso.

Mesmo com todo o poder que eu tinha, ainda não era capaz de usar a magia das lembranças das vidas passadas direito. Mas fiz o que pude e me foquei no que eu queria ver.

Vi uma cena da minha mãe e do meu pai. Os dois eram Deuses da DAL. Naquele momento, ela era a Número Nove e meu pai era o Número Dois.

Os dois estavam conversando e rindo. Tentei me convencer que pelo menos um dia eles foram amigos.

Eu queria saber o que aconteceu exatamente. Mas no fim, não tive coragem de ver. Eles deviam ter brigado feio.

Tentei ver o rosto do meu pai. Mas havia algo parecido com uma névoa e não consegui enxergar direito.

Mas eu vi um pouco. Estranhamente, não consegui sentir raiva dele. Porque naquela memória ele apenas sorria de forma bonita e feliz para minha mãe, que também sorria.

Prestei mais atenção no rosto dela. A névoa se desfez um pouco.

Minha mãe era muito bonita. Aquele sorriso era lindo. Qualquer um se apaixonaria.

Os dois tinham a pele tão escura quanto a minha. Bem, os dois eram da realeza. Fiquei emocionado ao reparar na pele deles, tão parecida com a minha.

De repente, minha mãe pareceu estranhamente familiar. Onde eu já tinha visto um rosto parecido com o dela? Provavelmente em algum parente próximo meu. As famílias reais tinham tantos parentes que eu já tinha perdido a conta dos meus.

Mesmo assim, fiquei intrigado. Onde será que eu já tinha visto alguma mulher muito parecida com a minha mãe?

Quando saí do meu transe, fui conversar com Haji.

— Você sabia que minha mãe era Deusa naquela época? — eu perguntei para ele.

— Não — respondeu Haji, intrigado — eu sou apenas um cocheiro.

— Mas você sabia que ela era membro da DAL? — perguntei — você disse que já a levou para assistir a um torneio.

— Bem, quanto a isso — falou Haji — eu não assistia aos torneios. Eu ficava do lado de fora. Não sabia o que ela fazia lá dentro. Achei que, por ser da realeza, ela recebia ingressos especiais para assistir. Nunca desconfiei de nada. Até porque ela sempre retornava de lá tão bela quanto entrou. Não parecia que tinha duelado.

— Ahá! — falei — você acabou de admitir que minha mãe era bonita!

Haji ficou bastante constrangido com o comentário. Eu dei tapinhas nas costas dele.

— Que é isso, Haji — eu disse — eu estava só brincando. Pode falar que minha mãe é bonita. Eu sei que ela era. Eu vi nas minhas memórias. Você tem bom gosto. Sabe, eu preferia que você fosse meu pai em vez desse Deus desgraçado.

— Eu agradeço, Vossa Majestade.

— Para com isso de Vossa Majestade. Estamos só nós dois aqui no meio desse nada. Vamos facilitar nossa vida e remover os títulos e as reverências.

Mais um ano se passou. Eu estava com 27 anos.

— Ô Haji, será que você pode dar uma olhada em como está a situação? — eu pedi — pega um cavalo e vai até a cidade mais próxima. Não precisa levar a carruagem. Eu fico aqui com ela e com o outro cavalo. Depois você volta e me diz a quantas que anda o negócio da peste.

Ele concordou. A cidade mais próxima não era tão próxima assim. Ele só retornou no dia seguinte.

— Tenho más notícias — informou Haji.

— Droga — falei — a peste ainda está a toda?

— A situação tinha melhorado, mas teve uma segunda onda — falou Haji.

— Bem, já estamos há dois anos nesse buraco — falei — não faz mal ficarmos mais dois anos.

— Trouxe umas provisões — disse Haji — mas não pude trazer muita coisa porque não levei a carruagem.

— Eu não pensei nisso — falei — sou um idiota.

Infelizmente, nos dois anos seguintes a situação piorou muito para nosso lado.

Houve muitas queimadas na floresta e outros desastres naturais. Muitos animais morreram. Inclusive alguns que costumávamos caçar.

Passamos muito tempo sem comida. Tínhamos apenas a água do rio e raramente conseguíamos algum peixe ou esquilo.

Eu e Haji passamos fome de verdade. Conteí a ele o que Mablevi me disse: passar fome poderia despertar os meus poderes de Deus.

— Que bom — falou Haji — infelizmente não sou Deus e a fome vai despertar apenas meus poderes de morrer.

Eu ri. Era maravilhoso viver ao lado de um cara tranquilo como Haji. Se fosse outro, já estaria se desesperando. Mas achei que para ele seria uma honra morrer ao meu lado.

Para ser sincero, eu também consideraria uma honra morrer ao lado de Haji. Havia umas poucas pessoas que eu admirava muito no mundo, como Haji, Mablevi, minha mãe que nunca conheci, o antigo abade do mosteiro, Ekon, Mabelle e alguns outros.

Bem, de uma forma inexplicável, eu também admirava Chiamaka, embora eu nunca a tivesse conhecido direito. Eu esperava que ela não tivesse morrido de peste. Achava mais provável que ela morresse assim do que ser derrotada no torneio.

Um ano se passou. Eu e Haji chegamos ao nosso limite. Ficou claro que, se ele não fosse buscar provisões na cidade mais próxima, ambos morreríamos em poucas semanas.

— Quer ir comigo? — perguntou Haji.

— Vou te esperar aqui novamente — falei — quero aprender a me virar.

Seria mais fácil viajarmos até outra floresta e procurar um local com um rio e animais para caçar. Mas tínhamos medo da peste. Naqueles tempos, até se mover de um lugar ermo para outro era um perigo.

É verdade que a visita que Haji faria até a cidade mais próxima também representava um risco. Mas tratava-se de uma cidade muito pequena. Era um risco que valia a pena correr. Afinal, quando havia um risco real de morrer de fome, o risco da peste já não nos assustava tanto.

Haji retornou no dia seguinte com a carruagem farta, cheia de comida e água. Eu fiquei maravilhado. Comi sem parar.

— Por que não fomos buscar isso antes? — perguntei — por que esperamos tanto tempo?

— Porque você queria desenvolver seus poderes de Deus passando fome — respondeu Haji.

— Espero que eu já tenha desenvolvido, porque eu não quero passar por isso de novo — falei.

Somente então eu entendi um pouquinho mais o que sofria aquele monte de gente passando fome por causa da peste. Mas o que eu podia fazer naquele momento?

Eu estava apenas me escondendo como um covarde. Fazia três anos que eu havia me enfiado na floresta. Por que eu não estava lá fora arriscando minha vida para salvar os outros?

Eu ouvi falar que mais da metade das pessoas que contraíam aquela peste morriam. Aquilo era bem assustador. Eu sabia que Haji não se importava com isso. Que se dependesse somente dele, Haji estaria lá fora tentando salvar vidas até morrer.

Mas eu não era um herói. Eu era um covarde miserável!

Eu estava com 28 anos. Senti vergonha de mim mesmo. Eu já era velho o bastante para ter superado meu medo infantil e irracional da morte.

Não achei que eu tinha sido um rei tão ruim nos breves meses em que governei. Eu tinha feito minha parte e até um pouco mais. Vendi as tralhas caras do castelo e doei para comprar comida para quem passava fome nos outros reinos.

Mas eu fui somente até aí. Minha gentileza só ia até o ponto em que minha própria vida não estivesse em risco. No momento em que houvesse ameaça à minha integridade física, eu não era mais gentil.

Mas eu não era assim desde criança? Meu pai me ensinou a ser um covarde. Ele queria me esconder dos caçadores. Então ele me ensinou a viver escondido, tremendo de medo da morte.

Eu queria botar a culpa nele pela minha covardia. Ele me educou de forma errada. Mas ele não fez isso por amor?

Ele disse que não me amava. Ele fez aquilo somente porque amava minha mãe.

Mas o que minha mãe sentia pelo rei de Maior Sonho?

Vasculhei minhas memórias. Eu encontrei cenas em que ele estava com minha mãe. Eles se beijavam. Ela parecia feliz.

Então o que aconteceu depois?

Ela entrou para a DAL. Os dois se afastaram um pouco por causa disso.

Ela conheceu meu pai de sangue. Eles se tornaram amigos. Mas não vi nenhuma cena na minha memória que comprovava que minha mãe tivesse traído o rei de Maior Sonho com meu pai de sangue.

Mas eu não queria mais saber. Não importava mais.

Mais dois anos se passaram.

Quando eu completei 30 anos, não aguentei mais.

— Haji, eu quero sair daqui — falei — já estou há cinco anos nessa floresta. Eu treinei magia como um condenado. Acho que estou tão forte que eu derrotaria até Chiamaka, a Número Um da DAL. Eu não aguento mais ficar nessa floresta, nem que eu morra lá fora de peste!

Meu avô era um eremita que morava numa floresta. Como será que ele aguentava? Eu nem sabia se ele ainda estava vivo, mas eu não estava no clima para procurá-lo. Eu não queria mais saber de florestas por um bom tempo.

— Então vamos voltar — concordou Haji — para onde quer ir?

— Para casa — falei.

Fizemos uma longa viagem.

Quando retornamos para Maior Sonho, descobrimos que já não havia mais peste. Ela havia praticamente desaparecido há

cerca de seis meses. Mas não sem deixar um rastro de morte pelo caminho.

Na estrada para a cidade, havia corpos empilhados.

Quando passávamos pelas ruas havia cadáveres infestados de ratos, moscas e larvas. Aquilo estava fedendo.

— Por que não tiram os corpos? — perguntei.

— Eles não querem tirar por medo do contágio — falou Haji.

— Mas é muito pior deixá-los apodrecendo nas ruas! — falei — vai aumentar o contágio muito mais.

— Infelizmente, acho que quase todos os coveiros devem ter morrido também — falou Haji.

Realmente, a cidade estava deserta. Não é que a peste tivesse acabado. Talvez não tivesse sobrado praticamente ninguém vivo. Ou quem sobrou vivo se mandou.

Entrei no meu castelo. Havia pouquíssimos funcionários, mas eles nos reconheceram.

Alguns pareciam irritados. Eles não me olhavam com bons olhos.

Bem, o rei deles tinha fugido. Será que Feechi teria fugido também numa situação como essa? Ela teria sido tão covarde quanto eu? Eu jamais saberia.

Tive que me informar sobre a situação. Sim, a peste tinha acabado. Sim, o reino de Maior Sonho tinha se tornado uma cidade fantasma. Sim, tinha comida para o jantar.

Convidei Haji para comer comigo na mesa de jantar, como eu costumava fazer no breve período em que fui rei.

— Quem é o rei agora? — perguntei, curioso.

— Não há rei... — alguém do castelo me respondeu — um tio seu de terceiro grau assumiu, mas ele morreu. Outro parente seu assumiu e morreu também. Seus parentes preferiram salvar a vida do que morrer como reis. Assim como Vossa Majestade.

— Cale-se! — berrei.

O funcionário do castelo desapareceu na mesma hora.

Eu me sentei e tentei me acalmar. Enfiei um pedaço de carne na boca.

— Ele tem razão — falei para Haji — sou uma desgraça!
— Todos temem a morte, Vossa Majestade — falou Haji.
— Mas eu sou o rei! — falei — preciso dar o exemplo!
— Realmente, todos seguiram o exemplo do senhor e saíram da cidade.

— Vou deixar passar essa, Haji — brinqueei.

Eu não ligava de ser criticado por Haji.

— Desculpe por te deixar vivo — acrescentei — eu sei que você queria ter morrido de peste aqui com os cidadãos, de forma honrada.

— Estou feliz por estar vivo — falou Haji.

Eu sabia que aquilo não era mentira. Mas também tinha certeza que Haji teria morrido de forma heróica se eu não o tivesse mandado sair.

Haji já tinha salvado minha vida três vezes. Eu salvei a vida dele uma vez. Mas não era a mesma coisa.

Aquela peste miserável me fez parecer um palhaço. Eu me sentia envergonhado. Eu, que estava começando a tomar coragem para competir no torneio. Eu estava me preparando para matar e morrer. E tive medo de uma peste!

Tentei descobrir o que tinha acontecido com a DAL. E recebi as notícias.

Chiamaka estava viva e ainda era a Número Um. Taj era o Número 2. Rajabu o Número 3. Reta a Número 4. Idi o Número 5.

Isso era tudo. Eu não conhecia os novos números 6 a 10. Isso significava que talvez eu pudesse derrotá-los. Contanto que eu não tivesse azar de competir contra os primeiros.

Decidi me inscrever para o torneio que ocorreria dali um mês.

— Tem certeza? — perguntou Haji, surpreso.

— Para que eu treinei tanto na floresta? — perguntei — não foi para o maldito torneio? Já sou forte o suficiente para derrotar caçadores. Não faz mais sentido eu treinar tanto se não for para desafiar os membros da DAL.

— Pensei que tivesse resolvido ser rei — falou Haji — porque assim iria ajudar mais gente do que sendo da DAL...

— Continuarei sendo rei — falei — se eu entrar para a DAL, depois eu decido o que faço. Mas primeiro eu preciso vencer.

Imaginei que Mablevi tinha pulado fora da DAL assim que conseguiu o dinheiro que precisava. Não achei que ele tivesse sido derrotado ou morto. Não um cara que derrotou a Número 1 e a matou na primeira tentativa.

Haji me levou de carruagem para a cidade em que ocorreria o torneio daquele ano. Aquela porcaria de cidade também estava cheia de cadáveres pelas ruas. Nossa carruagem até atropelou um por acidente.

Não havia muita gente na plateia naquele ano, porque a maior parte tinha morrido de peste. Pelo menos assim eu não ficaria tão nervoso.

Resolvi ir vestido de rei, inclusive com a coroa. Achei que assim tinha mais chance de intimidar meu adversário.

Consegui um ingresso para Haji. Ele iria me assistir da arquibancada.

Eu tinha um pouco de pena de Haji. Ele daria um excelente rei. Infelizmente, ele precisava servir um idiota como eu. E lá estava eu fazendo outra coisa idiota.

Pelo menos havia uma coisa boa em mim: eu era bem autoconsciente. Eu sabia que eu era um idiota. Aquilo não era para qualquer um!

Tentei ser herói. Tentei fazer bonito distribuindo minhas riquezas para os pobres e ajudando as outras cidades. Mas no final, coloquei o rabo entre as pernas e fugi.

E lá estava eu na arena. Fingindo que era muito corajoso e que não tinha sido um covarde cinco anos atrás. Eu fugi para treinar na floresta, vejam só como sou corajoso!

Mas aquilo era uma mentira. E eu não enganava ninguém.

Para meu azar, eu não iria lutar contra os cinco mais fracos. Eu lutaria contra Reta.

Mesmo assim, era um alívio. Eu não queria duelar contra Idi ou contra Chiamaka. Então até que dei sorte.

Os cinco primeiros duelos foram bem mornos. O Número Oito foi derrotado por uma mulher, mas ele não morreu. Apenas perdeu o título.

Idi defendeu seu título, sem matar. Até que chegou minha vez.

Reta me reconheceu. Ela riu de mim.

— Por que está fantasiado de rei? — perguntou Reta.

— Porque eu sou um rei! — bradei, orgulhoso.

— Um rei covarde que abandona seu povo? — provocou Reta.

“Droga, ela sabe!” pensei, com desagrado.

— Mas vocês da DAL são um bando de fofoqueiros! — exclamei.

— Parem de bater papo e comecem a droga da luta! — exclamou Chiamaka, sem paciência — senão daqui a pouco vão receber vaias.

Eu não achava que ia receber vaias. Havia só meia dúzia de pessoas na plateia. Fora Haji, eu não me importava com o resto.

Chiamaka, porque era a Número 1, carregava o fardo de narrar as partidas. Ela não parecia gostar muito de fazer isso. Ela era bem direta e falava somente o mínimo: “O nome desse cara é X, agora X morreu, levem o cadáver”, etc.

Reta me atacou com uma espada de fogo. A mesma espada de fogo que Kendi havia usado quando ela o matou. Achei isso ofensivo.

Mas joguei o jogo dela. Botei fogo na minha espada também e tivemos uma luta feroz. As poucas pessoas da plateia vibraram.

— Eu ouvi falar que Ramla, antiga Número Dez, te iniciou na modalidade “sexo no deserto” — comentou Reta, enquanto batalhava — mas depois ela te deu um pé na bunda. Aposto que se Ramla fosse te visitar no castelo você não teria fugido como um covarde. Teria ficado lá com ela na cama real até serem os dois mortos pela peste. Estou errada?

Bem, eu não podia dizer que ela estava totalmente errada. Talvez eu tivesse feito isso mesmo.

Se eu estivesse na cama com Chiamaka ou Mabelle, por exemplo, talvez eu tivesse topado morrer de peste no castelo, porque teria valido a pena.

Mas Reta mencionou Ramla. Eu não queria mais me envolver com Ramla, porque ela era encrenca. Ela me tratava mal. Eu não teria morrido de peste com ela.

— Quem te contou isso? — eu rosnei.

— A própria Ramla — revelou Reta.

— Vocês meninas são fogo! — falei — bando de lavadeiras fofoqueiras!

— Que machista! — Reta se ofendeu — eu sou uma boa lavadeira mesmo. Eu vou te lavar com seu próprio sangue!

Naquele momento, Reta fez um corte na minha barriga e o sangue escorreu.

Na verdade, uma parte das minhas tripas caiu junto. Eu precisei juntá-las com os braços e as botar para dentro outra vez.

Fiquei nervoso, mas usei uma magia de cura. Costurei minha barriga de qualquer jeito e as tripas voltaram mais ou menos para o lugar. Ou eu assim esperava.

Reta riu. Eu não gostei. Eu também a atingi com a espada: no peito.

Dessa vez Reta também teve que segurar seus órgãos nos braços.

— Perdeu alguma coisa, Reta? — zombei — acho que alguma coisa caiu no chão. Ah, é apenas o seu coração....

Recolhi o coração dela, que havia caído no chão, e o esmaguei na minha mão.

Reta caiu morta no chão.

Muitos gritos.

— Kendi, agora você foi vingado! — berrei.

— Vitória de... Daka... qual é o seu nome mesmo?

— Dakarai! — berrei, irritado.

Aquilo me trouxe uma memória irritante de uma conversa que tive com Mabelle.

Meu nome não era tão difícil assim. Por que as pessoas erravam tanto? Algo me dizia que erravam de propósito, para me aborrecer.

— Que seja — disse Chiamaka — esse cara aqui venceu.

Fiquei desapontado pela falta de animação de Chiamaka. Ela nem mesmo se surpreendeu.

Eu era o novo Número 9, já que outro membro da DAL tinha sido derrotado antes naquele dia.

Finalmente eu não precisaria mais pedir licença para entrar no local de descanso dos membros após a plateia ir embora. Agora eu estava achando uma pena que a plateia fosse tão pequena e tão poucos tivessem testemunhado minha vitória. Por outro lado, se não fosse a peste, eu duvidava que eu tivesse feito um treino tão intenso de magia na floresta.

Promovi Idi para o Número 4. Ele veio me agradecer e me parabenizar.

Mas naquele momento eu só queria conversar com uma única pessoa: Chiamaka.

Pedi para conversar reservadamente com ela. Para minha surpresa, ela aceitou.

Estávamos os dois sozinhos numa sala. Ambos estávamos de pé. Ela estava de braços cruzados, aguardando o que eu tinha para dizer.

— Esse amuleto que você me deu me salvou dezenas de vezes — falei — acho que eu teria morrido de fome pelo menos umas cinco vezes. Meu mestre Ekon disse que ele tem proteção divina. Você é religiosa?

Chiamaka arrancou meu colar. Ela o despedaçou em suas mãos.

Fiquei em choque.

— Não há nada nesse amuleto — ela disse — nunca houve. Nenhuma magia. Eu apenas te dei um colar qualquer para te dar confiança. Você mesmo o carregou, com sua fé no poder de proteção do colar.

Eu não conseguia acreditar.

— Mas Kendi colocou um Deus dentro dele! — argumentei.

— É claro que não colocou — ela disse — isso tudo foi somente seu poder. Acha que teríamos deixado um Deus valioso com você?

Pensando bem, teria sido estranho. Provavelmente Kendi botou o Deus em outro lugar.

Então eu mesmo tinha matado o caçador que me atacou na floresta. Fiquei surpreso.

— Então eu já sou forte há um bom tempo — concluí.

— Eu já sabia disso — falou Chiamaka — sabia que cedo ou tarde você entraria para a DAL. Mas você foi covarde. Teve medo da morte e demorou a nos desafiar.

Aquilo era verdade.

Chiamaka continuava belíssima. Ela tinha envelhecido um pouco. Notei rugas no rosto e alguns cabelos brancos. Mas isso dava a ela um ar mais maduro e imponente.

Ela devia ter quase o dobro da minha idade. Mas e daí? Eu sentia que a amava. Era um sentimento muito poderoso.

Ela tinha salvado minha vida, mas não era só por isso. E também não era pelo colar. Era algo mais que eu sentia que nos conectava.

Eu precisava descobrir o que era.

Eu era um Deus Maldito. Eu tinha o poder de olhar para o Deus dentro de mim.

Mas e se... eu espiasse o Deus dentro dela?

Eu só precisava tocá-la. Eu estava forte o bastante. Sequer precisaria do sangue dela.

Eu a abracei. Para minha sorte, ela não me empurrou imediatamente.

— O que está fazendo? — ela perguntou.

— Eu queria te agradecer — falei — por ter salvado minha vida. Por ter me dado aquele colar falso. Por ter se preocupado. Por ter cuidado de mim.

Enquanto eu a distraía, tentava espiar as memórias dela usando magia. Acho que ela não reparou.

— Nós já tivemos essa conversa antes — ela disse — não foi generosidade. Eu apenas cumri o meu dever.

— Não era seu dever me entregar aquele colar falso — falei — mas eu gostei muito dele. Eu o guardei até hoje e sempre o usei. Até que você o destruiu.

Estava difícil olhar as memórias. Eu precisava de um contato mais profundo.

— Então eu preciso de um novo presente — pronunciei.

Tomei coragem e dei-lhe um beijo na boca.

Estávamos muito perto. Eu sentia o corpo dela contra o meu. O toque dos seios dela no meu peito. Eu me senti excitado.

Porém, ela me empurrou de imediato quando eu fiz isso.

— Você cometeu um erro grave — ela disse.

— Por quê? — perguntei, desapontado.

— Você tentou espiar minhas memórias. Achou que eu não teria percebido? Não me subestime. Eu não nasci ontem.

— Eu apenas...

— Gostou do que viu? — zombou Chiamaka — você deve ter dado uma boa olhada.

Realmente, eu olhei as memórias dela. Eu fiquei um pouco perturbado. Eu não era muito bom em olhar memórias.

— Devo ter cometido algum erro — falei — eu vi as memórias do meu Deus em vez disso. Eu vi imagens da minha mãe...

— Isso porque eu sou sua mãe — disse Chiamaka.

Fiquei pasmo. Eu ri.

— Minha mãe morreu no parto — falei — toda mulher que dá à luz um Deus Maldito morre.

— A não ser que você seja a Número Um da DAL — ela disse — eu já era forte desde aquela época. Eu não permiti que o Deus me matasse.

Não acreditei.

— Você me disse que era pobre e passou fome no passado — argumentei.

— Eu menti. Aquelas eram as memórias de Sabra.

— Isso não faz sentido — falei — então por que você me abandonou?

— Porque eu percebi a besteira que eu tinha feito — disse Chiamaka — eu queria matar seu pai, mas eu o fiz reviver. E eu te odiei, porque você tinha a carne e o espírito dele. Mas não tive coragem de te matar. Então te deixei com seu outro pai.

— E você me odeia até hoje — concluí — e deve me odiar ainda mais pelo que acabei de fazer. Em minha defesa, devo lembrá-la que eu não sabia que você era minha... mãe.

Quando pronunciei essa palavra, senti lágrimas nos olhos. Mas Chiamaka não se comoveu.

— Você me salvou porque sou seu filho — concluí — você estava preocupada, me observando de longe.

— Talvez — admitiu Chiamaka.

— Como Haji não a reconheceu? — perguntei — ele viu o torneio uma vez.

— Eu usei um feitiço — disse Chiamaka — esse feitiço é ativado quando se aproximam pessoas que me conheceram no passado.

— Por que você deixou o rei de Maior Sonho morrer? — perguntei.

Chiamaka não respondeu imediatamente.

— Não sei — ela disse — inicialmente eu tive medo de me aproximar. De vocês dois.

— Por quê?

— Hoje em dia eu odeio Deuses — admitiu Chiamaka — odeio toda essa comoção em torno de Deuses.

— Então você odeia a si mesma? — perguntei — você é a Número 1 da DAL. Isso não faz sentido!

— Eu só estou na DAL porque considero essa Ordem a forma mais efetiva de matar Deuses — explicou Chiamaka — é a isso que quero dedicar minha vida. Por isso me tornei uma caçadora de Deuses.

— O quê?! — perguntei, chocada.

— Isso mesmo que você ouviu — disse Chiamaka — meu objetivo é matar o maior número de Deuses possível. E por isso agora eu irei te matar.

— Não! — exclamei — espere! Eu quero entender! O que está acontecendo? Não quero morrer sem saber porque fui morto!

— Eu causei a peste! — exclamou Chiamaka — eu queria exterminar os Deuses. Achei que era a única forma de matá-los. Mas morreram muitos humanos no processo.

— Isso tudo é uma grande mentira — falei — por que está mentindo? Você me salvou quando eu tinha onze anos. Não iria me matar agora...

Chiamaka se aproximou e segurou o meu pescoço.

— Você era apenas uma criança — ela disse — eu senti pena. Mas não sinto mais. Pensei que Reta iria te matar hoje. Como ela não matou, eu farei o serviço.

— Isso tudo é por ódio ao meu pai? — perguntei, angustiado.

— Talvez — ela disse — as pessoas nem sempre precisam de uma razão para fazer as coisas. Às vezes, elas apenas são loucas.

Lembrei que Haji já tinha me dito algo parecido. Será que foi minha mãe quem disse para ele?

Naquele momento, quem entrou na sala foi ninguém menos que o próprio Haji.

— Eu senti a energia — explicou Haji — não acredito!

— Você me reconhece, Haji? — perguntou Chiamaka.

— Sim, Vossa Majestade — disse Haji — mas naquela época você se chamava Madame Lehana. E sorria bem mais.

— Sinto saudades daquela época — disse Chiamaka — quando andávamos somente nós dois de carruagem, para todos os lados. Mas eu era tola. Eu me importava com coisas como sangue azul. Eu me encantava pela realeza. Senão, eu não teria te deixado escapar, meu querido. Eu teria ficado com você.

— Bem, a senhora ainda pode ficar comigo — disse Haji — contanto que me prometa que não matará seu filho, pois nesse caso teremos problemas.

— Teremos? — perguntou Chiamaka.

Chiamaka me largou. Sem cerimônia, ela me jogou no chão.

Depois disso, ela foi até Haji, empurrou-o contra a parede e deu-lhe um beijo bem intenso na boca.

Eu não esperava por isso.

Depois que ficou satisfeita, Chiamaka simplesmente saiu da sala.

Eu e Haji ainda ficamos imóveis e em silêncio por alguns segundos.

— Minha mãe já era assim naquela época? — eu perguntei.

— Ah, você não faz ideia — disse Haji — ela era ainda pior.

— Mas você sempre disse que ela era um doce! — protestei.

— Ela era — confirmou Haji — principalmente quando bebia. Ou quando todos faziam o que ela queria. Mas ela sempre teve seus momentos explosivos. Sempre achei encantador, mas...

— Mas não quando ela tenta matar alguém — completei — você ouviu o que ela disse? Ela é uma caçadora de Deuses. E ela quer me matar.

— Eu já tinha ouvido falar que sua mãe talvez fosse uma caçadora de Deuses — comentou Haji — por isso achei estranho quando você me disse que ela era uma Deusa também. Provavelmente ela se infiltrou na DAL desde antes de você nascer para poder matar Deuses mais facilmente. Ela teria contato direto com eles e faria com que suas mortes parecessem acidentes.

— Agora faz mais sentido — falei — mesmo assim, isso é bem assustador. A Número 1 da DAL é uma caçadora de Deuses. Ela está na Ordem que supostamente deveria ser a mais poderosa defensora dos Deuses.

— Eu acho melhor sairmos daqui — disse Haji — eu senti a energia de alguém morrendo aqui perto. Você não sentiu isso?

— Agora que você falou...

Nós dois saímos da sala. No caminho, encontramos cadáveres. E não eram velhos cadáveres apodrecidos, mortos pela peste. Eram cadáveres frescos.

Eram corpos de membros da DAL.

Eu contei: exatamente oito corpos. Estavam todos mortos. Inclusive Taj, Rajabu e Idi.

— Acho que sua mãe está braba — comentou Haji.
— Haji, não é o seu estilo fazer piadas numa hora dessas — falei.

— Aprendi humor negro com Madame Lehana — confessou Haji.

— Você é um cara legal e nossa família só o estraga — comentei.

Eu fiquei chocado ao ver o corpo de Idi. Na verdade, fiquei furioso.

— Haji — eu me dirigi a ele seriamente — se a minha mãe te matar... eu juro que irei matá-la para te vingar.

— Eu não sou um Deus — disse Haji — ela não teria motivos para me matar.

— Isso é verdade — falei — mas eu vou matá-la mesmo se ela te matar por acidente. Afinal, você é a pessoa que eu mais amo no mundo.

Haji ficou surpreso quando eu disse isso.

— Juro que irei protegê-lo com minha vida, senhor — Haji assumiu um ar solene — não permitirei que ninguém o mate. Nem mesmo a madame.

— Isso não é novidade nenhuma, Haji — eu sorri — você sempre me protegeu com sua vida. Nem precisa jurar. Eu acredito, porque já fui testemunha.

Nós saímos de lá. Foi só então que eu percebi que talvez os membros da DAL não tivessem sido mortos apenas por minha mãe.

Havia outros caçadores de Deuses na arena. Eles usavam o símbolo da Ordem da Flecha Dourada.

Eles se vestiam com roupas douradas e berrantes, com uma capa esvoaçante. Cada um tinha uma espada e um arco e flecha.

Fiquei chocado quando vi dois rostos conhecidos: Shaka e Fabumi.

Na verdade, não fiquei tão surpreso ao ver Shaka. Issa já tinha me contado que ele era o atual líder da Flecha Dourada. Pensando bem, Chiamaka devia ser a líder em segredo. Ele era apenas o líder público.

Mas eu fiquei chocado ao ver Fabumi. Então era verdade que ele tinha virado a casaca e me traído.

— Olha só quem está aqui! — Shaka deu um sorrisinho — o rei covarde!

Meu Deus, até Shaka ficou sabendo da minha humilhação! Eu queria enfiar a cabeça num buraco e sumir.

É por isso que quando uma ocasião para morrer com honra se apresenta você tem que se apressar e morrer. Senão vão passar o resto da sua vida te jogando sua covardia na cara.

Será que eu me importava demais com o que os outros pensavam de mim? Ah, como eu era um imbecil inútil!

Shaka estava ainda mais alto e mais forte. Ele era muito musculoso. Por outro lado, Fabumi estava ainda mais gordo. Sinceramente, os dois eram enormes e assustadores. Não importava quanto poder eu tivesse, eu me senti intimidado.

Além do mais, havia algo no rosto deles que me fazia recuar. Eles tinham uma expressão aterrorizante. Como se já tivessem matado centenas de vezes. Como se fossem especialistas em matar Deuses. Porque eles eram.

Eles deviam conhecer meus pontos fracos. Então eu precisava usar magia de Deuses Malditos para confundi-los. Eles não deviam enfrentar malditos com tanta frequência, simplesmente porque eles eram mais raros: um brinquedo da realza, como se dizia por aí. Um experimento de reis.

Eu era o resultado do experimento da minha mãe: uma abominação. E agora ela queria se livrar do seu brinquedo defeituoso.

— Por que minha mãe não vem aqui e me mata ela mesma? — desafiei.

— Ela tem mais o que fazer — explicou Shaka — então ela deixa os mais fracos conosco.

— Eu sou um membro da DAL! — exclamei.

— E daí? — perguntou Shaka.

— Minha mãe é uma Deusa! — argumentei — vocês são caçadores de Deuses! Como podem aceitar que sua líder seja ela mesma uma Deusa?

— Deuses caçam outros Deuses por tempos imemoriais — explicou Shaka — eu já estudei a história dos caçadores. Venho de família de caçadores.

— Eu sei disso — comentei, de saco cheio — e você, Fabumi? Shaka fez sua cabeça?

— Eu me tornei caçador porque eu quis — disse Fabumi — porque percebi que era o correto a ser feito. Deuses causam um mal para o mundo.

— Shaka te enganou — falei.

— Os Deuses mais inteligentes e poderosos também matam Deuses — explicou Shaka — assim como sua mãe.

— Há muitos Deuses que fazem coisas boas para o mundo — argumentei.

— Quem? — perguntou Shaka — eles são arrogantes. Estão preocupados demais amando a si mesmos. Principalmente os membros da DAL.

— Minha mãe causou a peste, tentando exterminar os Deuses, mas matou muitos humanos! — exclamei.

— Sacrifícios são necessários em nome de um bem maior — disse Shaka.

— Odeio essa conversinha — falei.

Uma flecha voou. A flecha de Fabumi. Ela não me atingiu por pouco.

— Já acabamos aqui? — perguntou Shaka — está preparado para morrer?

— Eu sempre estive preparado — falei — desde que nasci.

— Não parece — disse Shaka — pois você apenas foge. Foi a única coisa que fez até hoje. Me responda uma coisa: você já enfrentou um caçador de Deuses diretamente alguma vez?

Não. Eu nunca tinha enfrentado. Eu vivi apenas com o fantasma deles me assombrando. E com Haji e outras pessoas me salvando.

— Você nunca enfrentou — disse Shaka — por isso não sabe como podemos ser terríveis.

Shaka disparou sua flecha.

Haji pulou na minha frente. Ele foi atingido pela flecha no peito.

— Haji! — berrei.

Eu precisava usar uma magia de cura nele urgentemente. Porém, aqueles dois não me permitiram. Eles atiraram mais flechas.

Fiquei enfurecido. Como eu não lembrava de jamais ter ficado.

Aquela minha fúria me lembrou um pouco da fúria de Mablevi: a fúria de perder entes queridos.

Por isso, eu fiz uma besteira: usei magia de ossos, sem saber usar. Era minha primeira vez. Ninguém jamais me treinou naquela magia.

Direcionei toda minha vontade nisso. Shaka resistiu, mas Fabumi caiu no chão, se contorcendo.

Shaka me atacou com sua espada. Eu a repeli com minha faca. Nós trocamos alguns golpes, mas ele era muito melhor em lutas do que eu.

Só me restava uma escolha: vencer com magia. Eu tinha que usar a magia mais perigosa do mundo.

Os dedos das mãos de Shaka caíram. Ele gritou.

— Você se rende? — perguntei.

— Jamais! — urrou Shaka — eu não sou um covarde como você!

Shaka mordeu meu braço e arrancou um pedaço. Entendi que aquela luta só terminaria com um de nós dois morto.

Usei a magia de ossos. Os braços de Shaka caíram. Ele gritou mais. Eu não suportei ver aquilo. Não queria torturá-lo.

Então eu cortei a cabeça dele.

Quando Fabumi viu isso, começou a chorar.

— Desculpe, Dakarai — disse Fabumi — eu me rendo.

— Não sei se aceito sua rendição — eu o provoquei.

— Por favor.

— Não se humilhe! — falei — nós fomos amigos. E você me traiu.

Porém, para minha surpresa, a própria Chiamaka apareceu e cortou a cabeça de Fabumi.

— Eu não pretendia matá-lo — eu disse.

— Então você é burro — concluiu Chiamaka — ainda não entendeu como o mundo funciona. Sabe, fui eu que causei a Primeira Guerra dos Deuses. Eu queria que eles morressem. Mas não fui capaz de exterminá-los totalmente.

— Você causou aquela guerra horrível? — perguntou Haji — meus irmãos morreram nela...

Haji falou com dificuldade, pois tinha uma flecha atravessada no peito.

— Sinto muito, Haji — disse Chiamaka — eu não queria te envolver nisso.

Eu nem mesmo o avistei chegar.

No segundo seguinte, ele chegou por trás de Chiamaka e encostou a lâmina de uma faca na garganta dela.

— Minha querida nora — disse o homem — achei que podia me retirar para as florestas em paz, mas você tem causado muitos problemas.

— Não te vi chegando — disse Chiamaka.

— É claro que não — disse o homem — minhas décadas de treino na floresta tinham que ter servido para alguma coisa. Lá eu caço minha comida. Eu corto o pescoço dos animais com essa faca. Eu te garanto que ela é bem afiada.

— Droga — disse Chiamaka.

— Existem pessoas que você não quer matar, mas precisa matar — ele disse — porque se tornaram um problema tão grande para o mundo que superam o tabu do próprio assassinato.

— Se essa besteira foi tudo que a floresta te ensinou, foi um desperdício ficar lá — disse Chiamaka.

Quando ela disse essas palavras, o homem passou a faca. Chiamaka caiu morta.

— Eu mato animais todos os dias para comer — disse o homem — mas os animais não têm culpa nenhuma. Frequentemente, há seres humanos que são muito piores que

animais. Por que eu hesitaria em passar a faca? A floresta não me tornou mais compassivo. Ela me tornou mais cruel. Mas isso foi mesmo crueldade?

— Vovô — falei — você está filosofando como um velho.

— Isso porque eu sou um velho! — ele exclamou — eu tenho mais de noventa anos, rapaz!

Nós nos abraçamos.

— Não devia ter matado minha mãe, seu sábio louco! — exclamei.

— Mas ela ia te matar — ele disse — se eu fosse você, me preocuparia com seu cocheiro, porque ele está morrendo.

Eu quase me esqueci de Haji diante daquela comoção.

Eu corri para curá-lo. Removi a flecha e estanquei o sangue.

Depois que ele se recuperou, ele abraçou meu avô. Os dois se conheciam. Mas era a primeira vez que eu via meu avô monge.

Dei-me conta que ele não era meu avô de sangue. Ele era o pai do meu pai que me criou no castelo.

Mas aquilo não importava. Ele sempre foi meu avô, porque mesmo sem eu jamais tê-lo conhecido, eu cresci ouvindo lendas sobre ele: sobre como ele se retirou para as florestas depois que sua esposa morreu.

— Por que você veio aqui hoje? — perguntei.

— Eu saí da minha floresta na época da peste — ele explicou — porque a peste chegou até lá. Hoje eu vim aqui comprar uns produtos no mercado.

— Que monge mais fajuto! — falei — você não disse que caçava?

Mas eu estava chorando.

— Por que está chorando, meu neto?

— Não sei — falei — porque minha mãe morreu. Porque meus amigos e meus inimigos morreram. Estão todos mortos.

— E o que você vai fazer sobre isso? — perguntou meu avô.

— Nada — falei — eu não vou fazer absolutamente nada.

Meu avô retornou para sua floresta.

Eu e Haji retornamos para o castelo.

Eu ainda era o rei de Maior Sonho. Mas a DAL não existia mais. Estavam todos mortos. E eu governava uma cidade fantasma.

— Haji — falei — e agora? O que eu faço? Eu sinto que eu deveria matar todo mundo...

— Quem? — perguntou Haji — não sobrou ninguém.

— Sobrou você — concluí.

— Se me matar vai te trazer alguma paz de espírito, vá em frente — disse Haji.

Haji se ajoelhou diante de mim.

Porém, em vez de matá-lo, eu tirei a coroa da minha cabeça e botei na cabeça dele.

— Não faça isso...! — disse Haji.

— Haji — eu segurei nas mãos dele — por favor, aceite. Eu não estou preparado para ser rei. Mas você, Haji, somente você, provou incontáveis vezes que será o melhor rei desse mundo.

— Você não pode fazer isso! — protestou Haji.

— É claro que eu posso — eu sorri — vou viver na floresta com meu avô. Eu acabei de decidir. Eu... não aguento mais esse mundo.

— Eu entendo, Vossa Majestade — disse Haji — há muito sofrimento. Há muita desgraça. Esse é um mundo cruel. Mas, apesar de tudo, eu ainda o amo.

— É por isso que você tem que governar — concluí — porque você ama esse lugar. Seu lugar é aqui. Eu odeio esse mundo. Então meu lugar é na floresta. E não me chame de Vossa Majestade! Vossa Majestade é você agora!

Batidas na porta.

— Estamos no meio de algo importante aqui, mas pode entrar — falei.

Para minha surpresa, quem entrou foi Ramla. Eu não a via há muito tempo. Ela ainda estava com a mesma expressão entediada de sempre.

— Você não vai para a floresta! — ela protestou — pode deixar o seu cocheiro como rei aqui no castelo. Mas você vai para a minha casa!

— Como é? — perguntei.

Ramla estava segurando um menininho de pele escura de uns cinco anos pelo braço.

— Quem é essa criança? — perguntei, confuso.

— Seu filho — ela disse — nosso filho. Nem pense em fugir.

Eu fiquei boquiaberto. Fitei meu filho, emocionado. Haji também o fitou com alegria.

— Um pequeno Dakarai! — disse Haji.

— Realmente — falei, fascinado — tem um Deus dentro dele?

— Sim — disse Ramla — o Deus que estava dentro do seu colar.

— Mas Chiamaka disse que... eu não devia acreditar no que minha mãe diz! — exclamei.

— Vem comigo pra minha casa, então? — perguntou Ramla.

— Tudo bem — respondi — parece que acabei de encontrar uma missão na vida. Haji, você pode ser rei e tomar conta do castelo? Sempre achei que ser rei era muito chato. Prometo que venho te visitar de vez em quando.

— Nesse caso, eu aceito — falou Haji.

— Você vai precisar de um cocheiro — falei — e eu preciso de um emprego. O que acha?

— Bem... — disse Haji.

Eu sorri.

— Estou brincando — falei — acho que você precisa se livrar de mim por um tempo. Eu vou te deixar em paz. Ramla, eu aceito ir com uma condição: você precisa me tratar bem.

Ramla tapou os ouvidos da criança.

— Só se na cama eu puder te tratar mal — ela disse.

— Combinado! — falei — como é o nome dele?

— Kofi — respondeu Ramla, tirando as mãos dos ouvidos dela.

— O mesmo nome do meu pai — comentei, impressionado — do rei de Maior Sonho. Você sabia disso, Ramla?

— Fiz meu dever de casa — ela disse.

Abri a mão de Haji e coloquei nela uma pedra no formato de coração.

— Minha mãe destruiu o colar — falei — mas eu guardei essa parte.

— Obrigado, Vossa Majestade — disse Haji.

— Se Vossa Majestade me chamar assim de novo...! — ameacei.

Nós dois rimos.

Peguei na mão do meu filho.

— Quem é você? — perguntou o pequeno Kofi.

— Eu sou o seu pai — respondi.

— Minha mãe disse que meu pai era um covarde — disse Kofi — que ele fugiu do castelo bem quando todos estavam morrendo de peste.

— Ai meu Deus... — falei.

— Eu sou um Deus, sabia pai? E você é um Deus também?

— Isso realmente não importa — respondi.

FIM